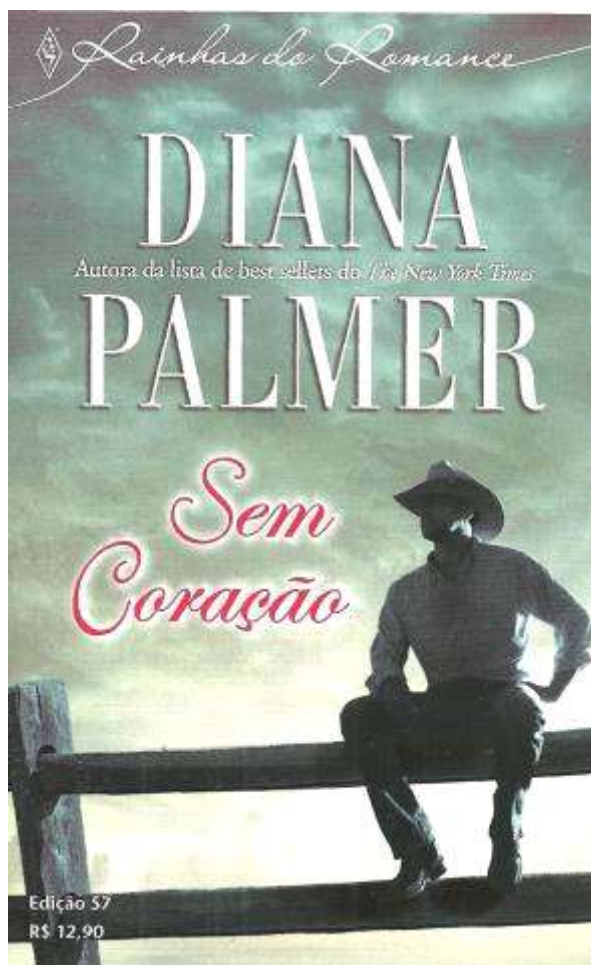


Sem Coração

Heartless

Diana Palmer



Segredos transbordam em um rancho no Texas...

Quando adolescente, Gracie adorava o filho de seu padrasto, Jason, um caubói forte e caladão que saiu de casa cedo em busca da sorte. Agora rico proprietário do rancho Comanche Wells, ele finalmente voltou para casa e descobriu que aquela doce menina havia crescido. Em um momento de intensa paixão, Jason percebeu que estava se afeiçoando por Gracie. Mas ela guardava um vergonhoso segredo que a fazia temer profundamente o amor. Sentindo-se rejeitado, Jason parte outra vez, determinado a colocar o passado, e Gracie, fora de seu caminho. Gracie acreditava ter perdido Jason para sempre, mas quando o perigo a ameaça, sua única esperança é que ele volte para salvá-la.





Autoras e histórias consagradas nas principais listas de best sellers internacionais.



Diana Palmer

Autora de mais de 95 romances, traduzidos para vários idiomas e publicados em todo o mundo, Diana já foi laureada com diversos prêmios, incluindo o Romantic Times, o Affair de Coeure o Rita Award.

Tradução Celina Romeu

Harlequin

2011

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V/S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: HEARTLESS

Copyright © 2009 by Diana Palmer

Originalmente publicado em 2009 por HQN Books

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55XX21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A.

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55XX 11) 2195-3186/2195-3185/2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capítulo Um

O celular de Gracie Marsh explodiu com o tema do mais recente filme de ficção científica. Assustou-se e pulou, e a lama da terra onde limpava seus canteiros de flores se espalhou pelo moletom amarelo, até então impecável.

— Ah, droga — resmungou, limpando as mãos no velho jeans antes de mergulhar uma delas no bolso para pegar o instrumento barulhento.

— De onde vem esta música? — perguntou a sra. Harcourt, a governanta, da varanda da frente, onde organizava os pés de amores-perfeitos numa enorme jardineira.

— E apenas o meu celular, sra. Harcourt — garantiu Gracie.

— E provavelmente é Jason... Alô? — atendeu com um arquejo.

Houve uma pausa divertida.

— Não me diga. — Veio a voz profunda, lenta e masculina. — Você está mergulhada até o pescoço na terra e agora seu bolso e seu celular estão cobertos com ela.

Grace riu apesar da frustração. Seu irmão de criação a conhecia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo.

— Sim — admitiu.

— Eu estaria praguejando.

— Eu disse "droga" — replicou.

Ele suspirou.

— Vou ser obrigado a cuidar da sua educação, Gracie. Algumas situações exigem alguma coisa mais elegante e descritiva do que "droga".

— Você saberia — respondeu, lembrando-se que ele praguejava com eloquência em duas línguas. — Especialmente quando um de seus caubóis faz alguma coisa de que não gosta. — Franziu a testa. — Onde você está?

— No rancho.

O rancho era sua propriedade em Comanche Wells, onde ele criava gado Santa Gertrudis puro-sangue. e uma linhagem japonesa igualmente pura, que era a base para o famoso bife Kobe. Jason Pendleton era um milionário, mas raramente ficava na mansão da família em San Antônio, onde Gracie vivia a maior parte do tempo. Jason apenas ficava lá quando os negócios exigiam, mas o seu coração estava em seu imenso rancho Santa Gertrudis, onde vivia a maior parte do ano. Era capaz de conviver com a elite internacional, fazer negócios com ela, participar da diretoria de diversas empresas de renome, administrar imensas corporações e dar festas incríveis, com a ajuda de Gracie como anfitriã. Mas se sentia em casa apenas no rancho, vestido com jeans, botas e chapéu de caubói, cuidando do gado.

— Por que está me ligando? Precisa de alguém para ajudá-lo a marcar o gado? — brincou, já que ele lhe ensinara a fazer isso... e muitas outras coisas ao longo dos anos. Ela se sentia tão em casa no rancho como ele.

— Estação errada — respondeu. — Temos filhotes na primavera e agora é fim de agosto, quase outono.

Ela franziu a testa.

— Então o que está fazendo?

— Principalmente reunindo os touros, mas agora estou me preparando para participar do leilão de gado em San Antônio, para fazer uma compra. Quero algumas novilhas Santa Gert que eles têm — acrescentou, referindo-se à linhagem nativa pura

Santa Gertrudis do Texas, que havia sido criada pelo mundialmente famoso King Ranch, perto do litoral do Texas.

— Novilhas substitutas capazes de procriar na próxima primavera.

— Ah. — Ela tentou se lembrar do significado do que ele dizia.

Ele suspirou alto.

— Novilhas são vacas jovens que ainda não procriaram — explicou de novo. — Vão substituir vacas que tive de separar do rebanho e vender, porque elas não produziram filhotes este ano.

— Desculpe — ela murmurou. Não queria enfatizar seus problemas de memória.

Ela esquecia coisas, pulava degraus de escadas, perdia o equilíbrio nos lugares mais inesperados. Havia um motivo físico para aqueles lapsos, um motivo que não revelara a Jason desde que ela e a mãe se mudaram para a casa onde ele e o pai viviam quase doze anos antes. Sua mãe mantivera desesperadamente o segredo do passado das duas, fizera Gracie jurar que ficaria em silêncio. Cynthia Marsh chegara até a dizer a todos que Graciela era sua enteada, não sua filha, para garantir que nenhuma investigação sobre Graciela revelasse informações sobre a filha e sobre ela mesma e o falecido marido, o que poderia afetar negativamente o lugar de Graciela na família Pendleton. O pai de Graciela, um viúvo com uma filha pequena, morrera na Guerra do Golfo, contara Cynthia muitas vezes. Era um herói de guerra. Não era verdade, é claro, a verdade era muito mais traumática.

— Um dia você vai aprender — disse ele tranquilo. Era paciente com ela, ao contrário de outras pessoas que haviam feito parte de sua vida.

— Por que está me telefonando se não precisa de mim para trabalhar no rancho como ajudante? — perguntou alegre.

— Pensei que talvez gostasse de ir ao leilão comigo — disse ele com bom humor. — E então lhe pago um almoço quanto terminarmos.

Ela sorriu.

— Adoraria.

Não só gostava de sua companhia como também adorava a atmosfera do galpão de leilões. Era sempre cheio, sempre divertido. Gostava de ouvir as palavras incrivelmente rápidas do leiloeiro, enquanto incentivava os compradores a darem lances cada vez mais altos pelos diversos lotes de gado. Apreciava a companhia dos outros criadores de gado que sempre freqüentavam os leilões, muitos deles de Comanche Wells e de Jacobsville, que ficava a poucas milhas de distância de Comanche Wells.

Havia um grupo seletivo de rancheiros profundamente dedicados à proteção do meio ambiente, ao qual Jason pertencia. Plantavam gramados antigos que não afetavam a terra, melhoravam o solo e forneciam os *habitats* adequados à fauna silvestre. Usavam métodos modernos de produção de alimentos que não agrediam a ecologia e eram

fanáticos pelo tratamento adequado e compassivo de seu gado puro-sangue. Jamais usavam hormônios para o crescimento dos animais e aceitavam antibióticos apenas quando eram necessários, particularmente aqueles que preveniam desordens pulmonares bovinas. Não usavam produtos químicos perigosos para controlar ervas daninhas ou pragas. Cy Parks apresentara a idéia de usar predadores de insetos para controlar muitas pragas e a sua sugestão fora aceita pelo grupo. A falta de substâncias venenosas nas plantas ajudara a aumentar as colônias de abelhas, essenciais para a polinização das culturas de grão e outros alimentos.

Nenhum dos rancheiros do grupo ambientalista de Jacobs County criava gado para abate. Todos eram produtores de touros reprodutores, touros para rodeio, vacas e novilhas, que vendiam para melhorar outros rebanhos. Algumas vezes tinham problemas com produtores de carne para consumo, que queriam lucros mais imediatos. No passado, houvera lutas físicas durante conferências de gado, e Jason se envolvera numa delas. Gracie tivera que tirá-lo da prisão sob fiança e caíra na risada quando o vira, todo desarrumado e sangrando, sorrindo como um gato Cheshire enquanto saía da cela. Ele adorava uma boa briga.

— Eu disse que a apanharei em vinte minutos — repetiu, quando ela não respondeu.

— Certo. O que devo vestir?

— Jeans e camiseta. Se formos com roupas de estilistas, os preços subirão pelo menos vinte dólares a cabeça muito antes de nos sentarmos. Não quero ser reconhecido.

— Grande chance de não ser se chegarmos no seu Jaguar — comentou Gracie com a voz lenta.

— Vou dirigir uma das picapes do rancho e usar roupas de trabalho — respondeu Jason com a mesma voz lenta.

— Tudo bem, termino de limpar meus canteiros de flores mais tarde.

— Como seja não tivéssemos o bastante desses malditos bulbos espalhados por todo o jardim da frente. Você está preparando o solo para plantar mais este outono, não está? E aposto que pediu à Harcourt para replantar as jardineiras da varanda.

Ele a conhecia bem demais.

— São apenas amores-perfeitos... Vão durar até o fim do outono. E não plantarei bulbos até outubro. Mas ficam lindos na primavera, Jason.

— Por que pago um jardineiro para fazer o trabalho externo?

— Porque ele faz o trabalho pesado que a sra. Harcourt e eu não conseguimos — disse ela atrevida. — E agora vou desligar.

— Não me faça esperar, mal conseguiremos chegar na hora como está. Fiquei preso por um acidente.

— Você não se feriu, não é? — perguntou preocupada. Houve uma leve pausa.

— Não — respondeu suavemente. — Eu não. Um dos meus caubóis foi pisado por um touro. Quebrou o pé, mas vai ficar bem.

Ela deixou escapar a respiração que estava prendendo sem perceber. Jason era a vida dela, mas não sabia como ela se sentia sobre ele. De qualquer maneira, seria impossível. Ela jamais poderia fazer todas aquelas coisas com homens que as mulheres modernas faziam. Lembrava-se de sua mãe saindo do quarto, o sangue manchando sua camisola. Fez uma pequena careta.

— Pensei que havia contratado um novo funcionário para participar dos leilões como representante do rancho, para comprar o gado para você.

— E contratei, mas ouvi algumas coisas sobre ele que eu não gostei. Ele vai participar deste leilão e, assim, poderei ver por mim mesmo.

— Ele vai reconhecê-lo.

— Nas minhas roupas de trabalho? De jeito nenhum! Além disso, ele me viu apenas uma vez, sentado atrás de uma escrivaninha de terno e gravata.

— Faça como achar melhor. Estarei pronta quando chegar.

— Melhor que esteja mesmo ou eu mesmo a vestirei — advertiu.

— Jason!

Mas eleja havia desligado.

— Sra. Harcourt, precisamos dizer a Manuel que termine de limpar estes canteiros para mim — disse ela enquanto subia a escada — Jason vai me levar a um leilão.

— Tudo bem, querida — disse a mulher grisalha com um sorriso.

Era alta e robusta, com olhos negros e um sorriso adorável. Trabalhava para a família desde antes do nascimento de Jason e era considerada parte dela, assim como a criada, Dilly, e o motorista, John. Havia outros empregados de meio período, mas os antigos empregados ficavam na casa o tempo todo. Para Jason e Gracie, eram sua família.

Gracie adorava viver na grande propriedade em San Antônio. Ela e os criados permanentes ocasionalmente iam para o rancho em Comanche Wells, para passar algumas semanas, especialmente quando Jason recebia hóspedes. Mas não eram os mesmos amigos da sociedade local que convidava para a mansão de San Antônio. Com frequência, eram líderes mundiais que precisavam de uma folga da intensa pressão de suas vidas, políticos ou funcionários de alto escalão do governo fugindo de escândalos e até mesmo um ou outro bilionário que queria privacidade por alguns dias.

Jason escolhia seus amigos pelo caráter, não pela riqueza. Era uma das muitas coisas que Gracie gostava nele. Tinha um coração grande e sempre se comovia com pessoas que passavam por dificuldades financeiras. Contribuía muito para associações beneficentes.

Mas não parecia a espécie de homem que era fácil abordar, pois era introvertido. Tinha dificuldade de se conectar com pessoas e, por isso, parecia intimidador para muita gente, inclusive seus hóspedes, que tinham dificuldade de conversar sobre assuntos pessoais com ele.

Conseguia relaxar e ser ele mesmo apenas com Gracie. Ela achava que era uma questão de confiança. Sentia-se seguro com ela, como ela se sentia com ele.

Sua amiga Barbara, que dirigia uma cafeteria em Jacobsville, repetia sempre que era uma pena que Jason e Gracie se vissem como irmão e irmã quando tinham tanto em comum. Gracie lhe lembrara que não havia laços de sangue entre eles.

O pai de Jason, Myron Pendleton, havia se casado com a mãe de Gracie e, apenas duas semanas depois do casamento, ela morrera num acidente de carro. Myron Pendleton mantivera Gracie, que não tinha outros parentes vivos, em sua companhia e logo lhe dera outra irmã de criação, Gloryanne Barnes... agora sra. Rodrigo Ramirez... quando se casara com a mãe de Glory, Beverly, alguns meses mais tarde. Glory e Gracie tinham mais em comum do que a maioria das pessoas pensava. Eram grandes amigas e,

quando estavam na escola, eram as duas contra o mundo, já que ambas tinham cicatrizes emocionais de suas infâncias e não se sentiam bem na companhia de rapazes. Raramente tinham encontros e haviam sido objeto de perseguição de estudantes valentões, situação a que Jason pusera um fim com rara eficiência, rapidez e discrição. E Glory, apesar de casada e tendo uma vida própria, continuava a ser o mais próximo que Gracie tinha de uma irmã.

Gracie tomou um banho rápido de chuveiro, lavou e secou o cabelo e se vestiu com um jeans muito feminino, com uma faixa bordada de rosas cor-de-rosa na lateral de uma das pernas e uma camiseta também cor-de-rosa. Impulsivamente, escovou o longo cabelo de um louro muito claro, trançou-o e prendeu a trança num rabo de cavalo.

Olhou para si mesma no espelho, e seus olhos cinzentos brilharam. Tinha uma pele suave e brilhante. Não era linda, mas era bonita, a seu modo tímido. Franziu a testa, perguntando-se se seria adequado usar rabo de cavalo na idade dela. Algumas vezes fazia coisas que as pessoas consideravam estranhas. Aquela pequena falha no cérebro causava danos sérios a seu ego de vez em quando.

Bem, era tarde demais para se preocupar com aquilo. Colocou a mochila leve nas costas e calçava as botas sobre as meias grossas quando ouviu a buzina impaciente do lado de fora. Jason, como sempre, com pressa. Desceu a escada correndo e quase caiu. Lembrou-se que deixara o celular no quarto. Hesitou, então pensou, que diabos, Jason tinha o dele. Continuou a descer a escada e saiu pela porta da frente.

— Vou almoçar fora! — gritou.

— Está bem, querida — gritou de volta a sra. Harcourt.

Jason estava batendo os dedos no volante e olhando-a com irritação enquanto ela descia a escada da varanda da elegante mansão de tijolos e corria pela entrada pavimentada e circular para carros até a picape preta do rancho que a esperava com a porta aberta. Ela entrou, desajeitada, ao lado dele e bateu a porta.

— Eu sei, eu sei, estou atrasada, mas precisei tomar um banho — explicou enquanto tentava fechar o cinto de segurança. — Não podia sair com toda aquela terra no meu cabelo!

Ele lhe lançou um olhar sob a aba larga do chapéu Stetson creme. Não sorriu, mas seus olhos sim. Também vestia jeans com grandes abas de couro, velhas botas marrons muito estragadas, com as pontas dobradas para fora por terem sido molhadas muitas vezes e com manchas por toda parte. A camisa de cambraia era velha e desbotada e, apesar da limpeza imaculada das mãos bonitas e bronzeadas, parecia um caubói pobre e trabalhador.

Céus, ele era sexy, pensou Gracie enquanto o observava sob os cílios. Alto e de ombros largos, com aquele tipo de físico raramente visto fora de um filme de faroeste de Hollywood, cabelo negro com um corte curto e uma pele levemente bronzada, um legado, como os olhos negros, de um avô espanhol. Não era bonito da maneira convencional, mas tinha um rosto muito masculino, magro e com o queixo quadrado, com olhos fundos e maçãs do rosto salientes. A boca era tão sensual que fazia Gracie sonhar coisas estranhas. Jamais a beijara. Bem, não da maneira como um homem beija uma mulher. Não tinham este tipo de relacionamento, e ele não era mulherengo. Tinha mulheres, ela sabia, mas jamais as levava para casa.

— Pensamentos profundos, pequenina? — perguntou, sorrindo com dentes retos e muito brancos.

— Estava pensando em como você é bonito — deixou escapar, então ruborizou e

riu nervosa. — Desculpe, minha boca e meu cérebro estão desligados um do outro.

Ele não sorriu. Os olhos negros lhe percorreram o rosto e voltaram para a estrada.

— Você também não é nada má, garotinha. Ela brincou com o cinto de segurança.

— A turma de Jacobsville irá ao leilão?

— Cy Parks, J. D. Langley e Leo Hart — disse ele. — Os Harts estão à procura de outro daqueles touros japoneses, para produzir o bife Kobe. Estão começando programas de novas linhagens.

— Não me diga que Leo vai deixar de criar touros Salers! Ele riu.

— Não completamente. Mas, quando se considera como a carne japonesa, vende bem, não é de surpreender. É macia e magra, e os compradores adoram. Estamos numa competição feroz de mercado, tentando conquistar os consumidores e lutando para estabelecer novos métodos de produção e técnicas de marketing para superar a queda nas vendas.

— Você não dirige mais o comitê de marketing da associação pecuarista?

— Tive que desistir, esse maldito negócio alemão está me consumindo.

Ela se lembrou que ele estava disputando com outra empresa uma fábrica de informática de Berlin, que produzira um tipo novo de microchip. As negociações para uma fusão já estavam na terceira semana, e os donos relutavam, discutiam, faziam propostas, depois as retiravam e não definiam se queriam ou não vender pelo preço que Jason oferecia.

Ele já sabia que logo teria que passar algum tempo no exterior, para cuidar pessoalmente da compra e talvez fazer uma tomada hostil, porque o homem a quem delegara a tarefa estava se demitindo. Sua esposa era inglesa, e ele queria se mudar para Londres. Jason teria que substituí-lo, mas não havia tempo para isso agora. A negociação era delicada demais para um novato, e o próprio Jason teria que fazer o trabalho.

— Você podia mandar Grange para a Alemanha e deixar que ele faça o negócio para você — murmurou, com um sorriso malicioso, referindo-se a seu novo capataz.

Grange trabalhara para o grupo Ballenger, mas Jason gostara dele e o convidara para liderar os funcionários do rancho com um salário bem mais alto. Grange se mostrara uma preciosa aquisição. Seus antecedentes militares fizeram dele um capataz perfeito. O ex-major do exército não via nenhum problema em dar ordens e ter certeza de que seriam cumpridas. Jason fez uma careta para Gracie.

— Grange negocia como um militar, e você sabe que não é permitido viajar de avião com armas de fogo.

— Grange é grande demais, é capaz de intimidar aqueles alemães sem armas.

Ele lhe lançou um olhar frio. Não gostava quando ela falava sobre Grange. Não gostava do interesse de Grange por Gracie. Não que demonstrasse claramente, apenas garantia que Grange estivesse ocupado em algum ponto distante quando ela estava na casa do rancho. Seus olhos negros lhe percorreram o corpo esguio no jeans e camiseta apertados. Sua mão no volante se contraiu violentamente, mas Gracie não percebeu. Estava com o rosto voltado para a janela, sorrindo diante de um grupo de crianças brincando no pátio de terra de uma casa velha ao lado da estrada.

O celeiro do leilão estava cheio. Gracie andava atrás de Jason, parando quando ele parava para cumprimentar ou conversar com pecuaristas que conhecia e que se sentavam no caminho. O leiloeiro viu Jason no momento em que ele chegou e apenas acenaram um para o outro. Jason não viu os pecuaristas de Jacobsville, mas havia uma enorme multidão e poderiam estar do lado oposto da arena. Os únicos lugares vagos ficavam encostados à parede, mas ele não se importou.

Cumprimentou educadamente um pecuarista desconhecido que usava um terno de grife e botas novas e muito bem engraxadas. O homem o olhou com ligeiro desagrado, observando a roupa gasta de trabalho de caubói, as chapas de couro na calça e a velha camisa de cambraia.

— Um dia agradável para um leilão — disse Jason cordial. O homem fez uma expressão de zombaria.

— Para aqueles de nós que podem comprar alguma coisa, com certeza é. Você trabalha para algum rancho local? — Lançou a Jason um olhar de desprezo. — Eles certamente não pagam bem aos funcionários.

E então deu as costas a Jason.

Gracie ouviu a troca de palavras e sorriu para Jason, mas ele não sorriu de volta. Seus olhos negros estavam severos e zangados.

Sentaram-se e esperaram que o barulho diminuísse e o leilão começasse. Ela se debruçou e aproximou a boca da orelha de Jason.

— Quem é ele? — sussurrou, indicando o homem sentado na fileira à frente da deles.

Jason não respondeu, apenas fez um gesto em direção ao leiloeiro que estava no pódio e batia no microfone. Deu as boas-vindas aos pecuaristas, fez um resumo do que estava à venda e começou com um lote de novilhos puro-sangue Black Angus. Jason se recostou na cadeira, apenas observando, quando os lances começaram.

Gracie adorava participar daqueles leilões com Jason. Era uma de suas mais agradáveis lembranças da adolescência, seguindo-o pelos leilões e aprendendo o negócio do gado. No começo, isso o irritara, depois o divertira. Finalmente compreendeu que não eram os negócios que a atraíam, mas a novidade de ficar na companhia dele. Era distante, até mesmo fria com rapazes da idade dela e com homens de qualquer idade, mas adorava Jason e demonstrava.

Com a passagem dos anos, recebeu um apelido: a sombra de Jason. Ele não pareceu se importar. Glory jamais demonstrara interesse no gado, mas Gracie sempre se sentira fascinada pelos animais. Mesmo agora, ele raramente convidava qualquer outra pessoa além de Gracie para acompanhá-lo quando ia a leilões ou procurava novos equipamentos ou até mesmo para um passeio de carro por sua propriedade. Era um solitário na maioria do tempo, mas ficava totalmente à vontade com ela,

Gracie estudou o programa e lhe tocou a mão. Ele olhou para onde ela apontava no programa e acenou.

Era o lote seguinte, um grupo de novilhas puro-sangue Santa Gertrudis. Jason mantinha novilhas de reserva, como qualquer pecuarista, caso houvesse a necessidade de fazer cortes no rebanho depois da estação de reprodução, mas as novilhas em oferta eram excepcionais. Eram originárias de uma divisão do King Ranch, com uma linhagem impecável. Jason queria melhorar seu rebanho reprodutor, e as novilhas estavam sendo oferecidas por um bom preço.

O leiloeiro deu o valor básico do grupo e abriu os lances. O rancheiro todo elegante

diante deles ergueu a mão e aceitou o preço. Houve um aumento de dez dólares por cabeça. Jason cocou a orelha e o preço aumentou vinte dólares por cabeça.

— Eu lhes disse que sabiam que eu viria — disse o pecuarista na fileira à frente da deles, com um ar de satisfação evidente. — E também que os preços aumentariam quando os lances começassem.

Jason não disse uma palavra, mas seus olhos estavam friamente divertidos. O pecuarista em frente a ele aumentou o preço em dez dólares por cabeça e Jason dobrou o lance. O preço subiu para cem, quinhentos, mil, dois mil dólares.

— Quem diabos está fazendo lances contra mim? — resmungou o pecuarista em frente a eles para o homem que o acompanhava enquanto olhava em torno. — Ninguém aqui parece capaz de pagar por uma vaca comum, muito menos por uma puro-sangue Santa Gerts!

— Dê um lance maior — sugeriu o companheiro dele.

— Está maluco? Estou no meu limite. Queria poder entrar em contato com meu patrão, mas ele não está no escritório. Não ficará feliz se eu deixar outra pessoa comprar estas novilhas, parecia ansioso por elas.

O lance foi dado de novo, e o homem da fileira da frente ficou sentado, mudo e furioso. Jason coçou a orelha e o leiloeiro deu uma, duas, três vezes e, então, bateu o martelo, gritando:

— Vendido!

Não indicou o comprador, como Jason havia combinado anteriormente, antes de o leilão começar. O leiloeiro tinha um cheque em branco de Jason e sabia para onde mandar as novilhas e como. Jason e Gracie se levantaram e saíram do celeiro para a luz do dia. O pecuarista que se sentara à frente deles também saiu, ocupado com uma ligação no celular. Distraído, esbarrou em Jason com força.

— Olhe para onde anda, inferno! — disse ríspido a Jason e continuou a caminhar.

Jason olhou para o homem com raiva no olhar escuro, mas depois de um minuto se espreguiçou confortavelmente e olhou para Gracie.

— Com fome?

— Poderia comer uma vaca. — Os dela brilharam. — Até mesmo uma Santa Gert!

— Bárbara — ele riu. — Vamos.

Estava dirigindo uma das picapes comuns do rancho. Eram bons carros, mas não topo de linha. Cortava custos onde podia. O pecuarista irritado e seu companheiro entraram num carro de luxo e saíram. Era um belo carro, mas nem se comparava ao grande Jaguar de Jason.

— Espero que não encontremos aquele rancheiro almofadinha que estava sentado à nossa frente — resmungou Gracie. — Ele tem um grande problema de atitude.

— Logo será consertada — disse Jason tranquilamente.

— Gentil da parte dele vir aqui e nos mostrar como pecuaristas de verdade se vestem para um leilão — comentou Gracie enquanto entrava na picape e fechava o cinto. Olhou-o de forma significativa. — Você está nos envergonhando vestido assim para um leilão de ricos!

— Fale por si mesma — respondeu Jason enquanto passava a marcha do carro. — Você não é exatamente a rainha da festa.

— Estou confortável. Você disse para não me enfeitar.

Os olhos escuros se voltaram para ela e a estudaram de tal maneira que ela se sentiu toda quente.

— Você ficaria bem vestida com um saco de farinha, doçura — disse ele solene. — Mas gosto do rabo de cavalo. Ela riu nervosa e mexeu no cabelo.

— É jovem demais para mim, acho, mas não consegui pentear o cabelo para cima esta manhã.

— Gosto assim.

Ele pegou a estrada e dirigiu até um restaurante de carnes nas imediações, do qual gostava muito, e estacionou ao lado. Ele e Gracie andaram até a varanda exatamente quando o carro de luxo parou no estacionamento em frente, e Jason lhe lançou um sorriso divertido.

— Bem, pelo menos ele tem bom gosto para comida.

— Aposto que alguém precisou lhe dizer que é um bom lugar para se comer — comentou Gracie de volta.

A garçonete os levou para uma mesa no momento em que o pecuarista e seu companheiro entraram.

— Vejam o que o gato arrastou da rua — disse lentamente Cy Parks enquanto Jason e Gracie se sentavam a uma mesa diante da dele.

— Cuidado com o que está dizendo, Parks — respondeu Jason ao insulto brincalhão.

— Como está Lisa? — perguntou Gracie.

As sobranceiras de Cy se ergueram e se abaixaram.

— Grávida — disse ele, com um sorriso de orelha a orelha. — Estamos maravilhados.

— Uau — disse Gracie. — Parabéns.

— Nosso filho precisa de um companheiro para brincar — explicou. Ergueu o olhar quando J. D. Langley, Harley Fowler, que era o capataz de Cy, e Leo Hart voltaram para a mesa com os pratos cheios de salada. Ele lhes lançou um olhar de desprezo. — Salada! Deus do céu, nunca pensei que veria o dia em que rancheiros se sentariam diante de comida para coelhos!

— Estamos nos juntando ao grupo vegetariano — disse Leo rindo. Então se virou — Oi, Jason, Gracie, foram ao leilão?

— Sim — respondeu Jason. — E não vimos vocês lá.

— Estávamos do outro lado do celeiro — J. D. olhava em direção à mesa onde o almofadinha e o seu acompanhante estavam prestes a se sentar. — Evitando as pestes em ternos de grife.

— Quem é ele? — perguntou Gracie. Harley Fowler sorriu para ela.

— Você devia saber.

— Eu? — exclamou perplexa. — Eu o conheço?

— Bem, pelo menos o sr. Pendleton deveria conhecê-lo — acrescentou Harley.

Jason olhou para Harley com a expressão fechada.

— O sr. Pendleton era o meu pai. Harley ruborizou de leve.

— Desculpe.

— Ele não gosta de cerimônia — disse Gracie, sorrindo para o homem mais jovem.

— Não fazemos este tipo de jogo.

— O diabo que não fazemos — disse Jason, e seus olhos brilharam de raiva quando o pecuarista visitante se aproximou deles. O grande corpo de Jason ficou tenso.

— Jason — disse Gracie num aviso suave. Não gostaria de uma briga naquele lugar, e Jason tinha o pavio curto. Aquele rancheiro de terno de grife já o aborrecera demais.

— Se não é o grupo de Jacobsville — disse o visitante com um sorriso sarcástico.

— Babás de vaca, em pessoa.

Jason se recostou na cadeira, esticando as longas pernas.

— Não há nada errado em tratar bem o gado — disse deliberadamente.

O homem lhe lançou um olhar de desprezo.

— Desculpe, mas não me lembro de pedir sua opinião. Pode trabalhar com gado, filho, mas tenho certeza de que não sabe nada sobre o assunto. Agora por que não cuida de seus negócios e deixa os pecuaristas de verdade conversarem sobre gado?

Os olhos negros se fixaram no rosto do homem com uma expressão que teria alertado alguém com a pele menos grossa.

— Você não conseguiu comprar aquele lote de novilhas Santa Gertrudis que queria, conseguiu? — perguntou Cy Parks pensativo. O homem fez uma careta.

— Pode tripudiar, sei que foi você que deu o lance mais alto.

— Não, não fui eu. Estava lá pelo lote de novinhos Santa Gert e os consegui. — Os olhos verdes de Cy estreitaram. — Soube que o seu chefe o mandou lá para comprar aquelas novilhas. A boca do homem endureceu.

— Me mandou lá com a metade do dinheiro de que precisava para dar os lances — disse furioso. — E me disse para não aumentar o preço. Diabo de chefe, aposto que não distinguiria uma novilha de um touro, sentado lá em seu escritório, dizendo a um pecuarista de verdade como comprar gado! Cy avaliou o homem com frieza. — Essa atitude não o fará subir muito na organização Pendleton.

— Não é culpa minha se o chefe não sabe como fazer lances por gado. Terei que lhe ensinar.

Houve um silêncio coletivo cheio de significado. Ao lado da mesa, Jason ergueu as sobrancelhas. Estava começando a se divertir.

— Sabe quem cobriu meu lance por aquelas novilhas? — perguntou o homem, curioso.

Todos à mesa de Cy Parks apontaram para Jason Pendleton e Gracie também.

O pecuarista visitante se virou para o homem a quem tratara mal tantas vezes. Jason tirou o Stetson, e os olhos negros se fixaram no rosto chocado do homem.

— Você comprou aquelas novilhas? Com o quê? — exclamou o pecuarista arrogante, lançando um olhar para Gracie. — Você não parece ter dinheiro para comprar um novinho doente e sua garota certamente não tem dinheiro. Então para quem você trabalha?

Jason não gostou do comentário sobre Gracie e sua diversão se transformou em fúria pura.

— Posso lhe fazer a mesma pergunta? — disse com a voz gelada.

— Trabalho para a organização Pendleton. Os olhos de Jason brilharam.

— Não mais.

— E quem você acha que é para me dizer isso? Os olhos negros brilharam ainda mais.

— Jason Pendleton.

O rancheiro elegante olhou para o caubói mal vestido com descrença evidente. Mas então, lembrou-se da pintura no escritório do presidente da Pendleton Corporation, acima da escrivaninha. O homem no retrato era idêntico ao que o olhava da outra mesa.

— Você é o sr.... sr. Pendleton? — gaguejou, o rosto vermelho. — Não o reconheci!

Jason brincava com sua xícara de café, os olhos presos no rosto do outro homem.

— Pena — a voz baixa era fria.

O almofadinha perdeu, ao mesmo tempo, a pose e a arrogância.

— Eu não sabia... — gaguejou de novo.

— É evidente — respondeu Jason, áspero. — Queria saber como você agia antes de soltá-lo como meu representante e fiz bem. Você gosta de humilhar pessoas, não gosta? Bem, não vai fazer isso na minha folha de pagamento. Pegue o seu último cheque no escritório. Preciso dizer as palavras?

O queixo do almofadinha ficou rijo.

— Não pode fazer isso comigo! Inferno, ninguém demite um homem por perder um lance...! — começou beligerante.

Jason se levantou. Era uma cabeça mais alto do que o outro homem e parecia perigoso. Os pecuaristas da mesa próxima ficaram tensos.

— Eu disse — começou Jason em tom lento e ameaçador. — Para pegar o seu último cheque. — As mãos grandes começaram a se curvar em punhos fechados nas laterais do corpo.

O companheiro do rancheiro almofadinha percebeu e segurou o braço do amigo, quase o arrastando para longe. Conhecia o temperamento de Jason Pendleton muito melhor do que o ex-empregado.

Gracie puxou gentilmente a mão de Jason. Ele abaixou o olhar para ela e se acalmou um pouco, então se sentou de novo, mas continuou a olhar, furioso, para as costas do homem que se afastava. O companheiro dele falava sem parar e acenava em direção a Jason Pendleton. O pecuarista lançou um olhar para trás, para os pecuaristas de Jacobsville, e fez uma careta. Mas não se dirigia para uma mesa, na verdade, estava saindo do restaurante.

— Quem é ele? — perguntou Gracie.

— E, ou melhor, *era*. — Havia um desprezo total na voz de Jason. — O homem que contratei recentemente para fazer compras para mim em leilões. O nome dele é Barker, aquele de quem lhe falei, que estava se comportando com arrogância. Foi bom ter verificado pessoalmente. Ele nos faria perder negócios com aquela atitude. Não gosto de homens que julgam pessoas pela aparência. A riqueza não é medida de caráter.

— Então foi por isso que fez lances tão superiores aos dele. Jason acenou.

— Precisava lhe dar bastante corda para ver como reagia. O leiloeiro sabia o que eu estava fazendo, assim não terei que pagar o preço mais alto. Fiz um negócio justo antes do leilão.

Gracie assobiou.

— Oh, cara!

— Aposto que não é isso que Barker está dizendo agora — disse Harley Fowler contente. — E isso é o que se ganha por avaliar as pessoas pela aparência. Nada errado em usar roupas confortáveis — sorriu para Jason e se voltou para Gracie. — Acho que não tem encontros com administradores de ranchos, srta. Gracie, mas, se tiver, adoraria levá-la ao Shea's e lhe mostrar como dançamos bem... — parou porque agora Jason estava olhando para ele com olhos ainda mais gelados do que os que dirigira para o pomposo pecuarista. — Uh, desculpe, melhor eu terminar meu almoço e voltar ao trabalho. — E, com um sorriso sem graça, voltou a atenção para o seu prato.

Perplexa, Gracie olhou para Jason e só desviou o olhar quando suas saladas e bebidas chegaram.

— O que foi aquilo? — perguntou mais tarde, hesitante, quando voltaram para a picafe.

— Barker? — perguntou Jason distraído.

— Não, Harley.

O queixo dele enrijeceu.

— Harley é um garoto. Ela ficou desconcertada.

— É um bom garoto.

Ele não respondeu, e ela se mexeu no banco, a testa franzida. Jason estava muito estranho ultimamente. Não compreendia por que havia tanta raiva dentro dele. Provavelmente ainda estava zangado com aquele homem Barker, decidiu, e o deixou entregue a seus pensamentos.

Jason permaneceu calado durante toda a viagem para casa, o que era muito incomum, e deixou o rádio ligado o tempo todo. Gracie não entendeu sua atitude com relação a Harley. Não combinava com ele falar com aspereza com subalternos, especialmente caubóis, e já deixara muito claro que não gostava de homens que humilhavam pessoas mais pobres. Não conhecia Harley muito bem, mas parecia simpatizar com ele. Ou, pelo menos, parecera até aquele dia. Era quase como se estivesse com ciúmes do interesse de Harley por Gracie. O que era bobagem, é claro. Era afetivo com ela, mas não havia nada de extraordinário em seu comportamento. Ela apenas gostaria que houvesse, era apenas um sonho. Gracie fez uma pequena careta, pensando em como reagiria se algum dia Jason a olhasse como um amante. Amor era uma coisa, mas sexo... Bem, era apavorante. Não tinha certeza se podia agir como mulher, nem mesmo com Jason, e ele tinha sido o único homem em sua vida e seu coração por anos.

Capítulo Dois

Dois dias depois, Gracie estava de volta a seus canteiros de flores. Dessa vez, podava algumas plantas trepadeiras agressivas que haviam crescido demais, depois da passagem do furacão Fay, e sufocavam as suas roseiras. As chuvas haviam sido torrenciais, e tudo crescera demais com o excesso de água. Depois de meses de seca, era maravilhoso ver tudo verde de novo.

Era sexta-feira e seria a anfitriã de uma festa importante que Jason daria aquela noite. Eram apenas negócios, Jason odiava festas. Mas estava de novo fazendo contatos na esperança de incluir uma nova e criativa empresa de software da Califórnia a seu grupo empresarial. Os dois proprietários eram jovens, na casa dos vinte anos, e loucos por futebol, assim Jason convidara jogadores das seleções do Brasil e dos Estados Unidos para a festa. Era típico de Jason conhecer os maiores anseios de suas presas e oferecê-los a eles quando queria alguma coisa.

Distraída, perguntou-se se era assim tão determinado na conquista de mulheres que queria, e aquilo doeu. Não ousava pensar em Jason de maneira sexual, já que o resultado seria apenas mais sofrimento. Sua mãe a advertira contra o sexo, e ela mesma vira os resultados quando era muito pequena.

Seu pai só conseguia se satisfazer ferindo a esposa com selvageria. O sangue nas camisolas era uma testemunha constante da brutalidade de homens ardentes. Toda a infância de Gracie havia sido um pesadelo de medo pela mãe e por si mesma. Quando criança, rezara para que a mãe não morresse e a deixasse à mercê do pai. Só Deus sabia o que o homem poderia fazer a ela, embora nunca a tivesse molestado. Era seu temperamento feroz que temia, especialmente quando bebia... E bebia muito. Era mais violento quando estava embriagado.

Estremeceu, ouvindo de novo os soluços da mãe enquanto as lembranças a tomavam. Tentara consolar a mãe pouco antes da morte do pai, ajudando-a a lavar o sangue e cuidar dos cortes e outros ferimentos. A mãe lhe ensinara que os homens eram gentis e atenciosos até levar a mulher para a cama, então, por trás das portas fechadas, a verdade se revelava. O que o cinema, a televisão e os livros mostravam eram mentiras. Aquilo era a realidade: sangue e lágrimas. Graciela precisava se lembrar e jamais permitir ser atraída para o casamento. Precisava se manter casta e segura.

Gracie ouviu os pneus de um carro cantarem na estrada próxima e fez uma careta enquanto sua mente voltava ao presente. Algum pobre motorista quase arrebentara o carro em alguma coisa. Sabia como era aquilo, não era a melhor motorista do mundo. Jason se preocupava quando ela se sentava atrás do volante de um carro, porque já escapara de muitas batidas. Não que fosse realmente péssima ao volante, o trauma físico de tantos anos atrás lhe causara alguns danos pequenos no cérebro. O médico que a tratara dissera que seu cérebro compensaria as deficiências, já que era tão inteligente. Mas isso não a confortava muito, quando as pessoas a consideravam distraída, com a cabeça no ar, desajeitada. A pobre Gracie Pendleton, comentara uma mulher, que conversava com uma amiga sem perceber que Gracie estava ouvindo, era o pássaro-dodô da sociedade local.

Riu amargamente, lembrando-se do comentário que ouvira num chá apenas duas

semanas antes. Certamente a mulher não a conhecia bem, e Gracie sabia que, se Jason tivesse ouvido aquela avaliação cruel, teria encontrado uma forma de fazer a mulher lamentar ter aberto a boca para dizer aquelas palavras. Era extremamente protetor das pessoas de quem gostava.

Sua primeira experiência com o cavalheirismo dele ocorrera pouco depois da morte da mãe de Gracie. Seu padrasto, Myron, que parecia não lamentar nem um pouco a perda da esposa, se casara logo com Beverly Barnes, uma mulher que tinha uma filha entregue pela justiça à adoção temporária. Jason salvara Gloryanne Barnes de uma situação perigosa e levava Gracie, ainda menina, para consolar a outra menina, quatro meses mais nova do que ela. Se não fosse o envolvimento de Jason, ela e Gloryanne provavelmente não teriam se ligado com tanta facilidade.

Jason, pensou enquanto lutava com os galhos grossos das plantas rasteiras, era um enigma. Vivera com ele por doze anos e ainda sentia que não sabia nada sobre ele. Myron Pendleton morrera um ano depois de Beverly Barnes, sua terceira esposa, que sofrera uma embolia cerebral.

Na ocasião, Gracie e Glory tinham dezesseis anos. Jason ficara com a guarda das duas meninas e cuidou muito bem delas até terminarem o ensino médio. Na verdade, mimara-as terrivelmente e ainda as mimava. O presente de Natal de Gloryanne do ano anterior tinha sido um Jaguar XK verde. O de Gracie fora um meteorito, uma pedra incrivelmente cara vendida no leilão de uma propriedade.

Gracie era louca por fósseis e meteoritos e tinha uma bela coleção. Não gostava muito de jóias e detestava peles, mas amava pedras, e Jason lhe dava muitas.

Era indulgente até mesmo com a sua mania por decorações de Natal, que começava a espalhar pela casa antes mesmo do dia de Ação de Graças, em novembro. Jason nunca lhe perguntara por que era tão obcecada com o Natal, e Gracie tinha a esperança de que nunca perguntasse.

Faltavam três meses para o dia de Ação de Graças, mas Gracie já encomendara grinaldas de azevinho e pinheiro, além de três árvores de Natal e uma caixa de ornamentos.

Esperava com ansiedade as ocasiões em que Jason deixava seu amado rancho e vinha para San Antônio a negócios. Isso acontecia quando ele decidia viver de acordo com o que se esperava de um magnata do Fortune 500 e pedia a Gracie para ser a anfitriã de suas festas sociais, para as quais convidava astros e estrelas de Hollywood e heróis de diversas modalidades de esporte, com quem os associados de Jason se misturavam.

Essa associação com os famosos freqüentemente lhe dava uma vantagem. Muitas pessoas do mundo das artes e dos esportes ficavam lisonjeadas com a amizade de Jason. Ele não era apenas dinâmico e atraente, era rico além dos sonhos de ganância de qualquer um e não se importava de gastar. E mulheres solteiras o perseguiram.

Quando não estava na companhia dos outros Fortune 500, usava jeans e botas, couro e um grande chapéu Stetson para trabalhar com o gado ao lado dos seus caubóis. E continuava generoso, cuidando de seus homens se precisassem de ajuda.

Como era introvertido e não se misturava bem com outras pessoas, não parecia o tipo de homem com um enorme coração e uma disposição gentil. Mas havia muito mais nele do que as pessoas imaginavam. Tinha um diploma de Administração de Empresas da Universidade de Harvard, mas não se gabava e poucos m disso. Sua renda anual se igualava ao orçamento de dois ou três pequenos países mais pobres.

Deixava a socialização para Gracie, mas ela gostava tão pouco disso quanto ele. Passava seu tempo em atividades beneficentes e descobrindo projetos para ajudar pessoas. Jason não sabia, mas tinha um bom motivo para levantar fundos para abrigos para mulheres vítimas de violência doméstica, para doação de alimentos e atividades comunitárias para melhorar a vida das pessoas mais pobres.

Gracie sabia que as pessoas se perguntavam por que uma irmã e um irmão passavam todo o tempo juntos, mas ela e Jason não haviam se casado e aparentemente nenhum dos dois jamais se casaria.

Gracie não queria, de modo algum, um relacionamento físico. Jason tinha namoradas, mas nunca era sério o bastante para levar ao casamento. Ele não levava mulheres para casa, tinha o que Gracie chamava de atitude medieval sobre relacionamentos modernos.

Gracie não dormia com ninguém e não gostava de homens, ou mulheres, que tinham esse tipo de comportamento. Jason aceitava seus preconceitos, mas ela sabia que isso não o impedia de fazer o que queria fora de sua esfera de influência. Afinal, era um homem.

Fez uma careta quando viu uma nova mancha de terra em seu moletom branco, velho mas limpo. Usava jeans velho, relíquia de um fim de semana que passara no rancho com Jason enquanto ele ensinava um dignitário estrangeiro a montar, e Gracie ensinava a mulher dele. Jason se divertia com a paciência dela e com sua habilidade sobre um cavalo.

Gracie também sabia que ele gostava de sua falta de vaidade. Quase sempre usava seu cabelo longo e de um louro muito claro amarrado num coque ou num rabo de cavalo. Seus suaves olhos cinzentos dominavam-lhe o rosto oval, e sua pele delicada e perfeita não precisava de maquiagem para se destacar. Seus lábios eram um arco cheio e macio, naturalmente rosados. Ela nem mesmo se dava ao trabalho de usar batom, a menos que fossem a algum lugar realmente chique, como uma ópera, uma sinfonia ou um balé. Tinham gostos parecidos para música e teatro e concordavam com questões relacionadas a política e religião. Tinham coisas demais em comum para se tornarem um casal incomum. Mas ela e Jason eram como irmã e irmão, lembrou a si mesma com firmeza, mesmo não tendo qualquer relação de sangue.

A roseira que podava estava meio torta, o que despertou a sensação da própria inadequação. Perguntava-se, de vez em quando, por que sua mãe se dera a tanto trabalho para garantir que a história pessoal de Gracie fosse mantida em segredo até mesmo do padrasto e do irmão de criação. Mas não duvidava que Cynthia tivesse bons motivos. Talvez tivesse medo da reação de Myron Pendleton se soubesse a verdade sobre a linda mulher que conhecera atrás do balcão de uma loja masculina.

Era mais fácil, e mais seguro, mentir e lhe contar que o marido morrera quando participara de um ataque de uma unidade de infantaria na operação Tempestade no Deserto e que Graciela Marsh era sua enteada, não sua filha de sangue. A mentira fora elaborada para garantir que Cynthia e a filha escapassem da pobreza extrema em que viviam.

Mas a mentira não a seguira até o quarto de dormir. Cynthia soluçara nos braços de Gracie no dia em que morrera, enquanto confessava que não permitira que Myron a tocassem desde que haviam se casado. Myron havia ficado furioso e magoado, mas Cynthia não conseguira superar sua total aversão ao sexo desde o casamento anterior. Dissera que não podia continuar a viver uma mentira.

E, na tarde daquele mesmo dia, morrera num aparente acidente de carro. Gracie

sabia que não havia sido um acidente, mas não podia contar a verdade sem explicar o motivo para o suicídio da mãe e não poderia fazer isso.

Gracie passou as costas da mão pelo rosto para afastar uma mecha solta do cabelo e só então percebeu que estava coberta de terra. Riu suavemente ao imaginar como seria sua aparência depois daquele gesto.

— Pelo amor de Deus, não me diga que está limpando mais terreno para plantar mais flores — a voz profunda e divertida soou às costas dela. — Pensei que havia terminado no dia em que fomos ao leilão.

Gracie se virou, erguendo o olhar para os olhos escuros sob as sobrancelhas franzidas. Ele não estava sorrindo, o que raramente fazia, mas os olhos no rosto áspero, magro e bronzeado tinham uma expressão divertida.

— Naquele dia estava abrindo espaço para plantar bulbos no outono, hoje estou podando as roseiras — disse ela jovialmente.

Ele olhou para as roseiras que ultrapassavam o pequeno canteiro e fez uma pequena careta.

— Você plantou roseiras demais, umas sobre as outras, doçura. Vai precisar transplantar algumas delas.

Gracie suspirou.

— Bem, fiquei sem espaço e tinha muitas mudas que sobraram nesta primavera. Tudo cresceu junto, e a chuva tornou as coisas piores. Acho que posso preparar outro canteiro — murmurou para si mesma, procurando um espaço vazio no terreno em torno.

— Gracie — disse ele paciente. — Nossos convidados vão chegar em duas horas.

— Duas horas? — olhou para ele perplexa — Ah. Certo! Não tinha esquecido — mentiu.

Jason se sentou na larga balaustrada de pedra que acompanhava a escada externa. Usava calça escura e botas, com um suéter branco de gola alta e um blazer azul. Parecia rico e elegante, muito diferente do caubói com roupa de trabalho que a levava ao leilão de gado dois dias antes.

— Sim, você esqueceu — corrigiu, balançando a cabeça. Respirou fundo e olhou em torno, para a paisagem formal e luxuriante. — Odeio este lugar — resmungou.

— Você sempre odiou. Não é o rancho — concordou.

— O que posso dizer? — Deu de ombros. — Gosto de gado e odeio a alta sociedade.

— Que pena que você nasceu no colo dela — riu Gracie.

Ele a estudou com os olhos entrefechados. Era bonita, de uma forma tímida. Gracie não era mais extrovertida do que ele, mas podia organizar uma festa melhor do que qualquer pessoa que conhecia. Era uma anfitriã graciosa, trabalhava sem descanso por suas obras beneficentes e se vestia maravilhosamente. Ninguém tinha uma cabeça mais fria numa emergência. Admirava-a e não apenas por seus talentos sociais. Os olhos negros descansaram por um tempo um pouco longo demais nos seios firmes sob o moleton, então se desviaram.

— O procurador-geral do estado fez uma observação politicamente incorreta sobre nós.

— Simon Hart? O que ele disse?

— Meu primo acha que passamos tempo demais juntos — contou com tranqüilidade. — Ele diz que um de nós deve se casar e começar a produzir bebês.

Ela o olhou com a expressão calma.

— Não quero me casar. Ele franziu as sobrancelhas.

— Por que não quer se casar?

Ela desviou o olhar.

— Apenas não quero.

— Simon é casado e feliz — lembrou ele. — E tem dois filhos.

A voz dela ficou tensa.

— Melhor para eles, mas eu não quero me casar.

— Você tem 26 anos — lembrou Jason calmamente. — Não sai com ninguém. Não me lembro de quando teve um namorado. E, por falar nisso, teve apenas um namorado firme nos quatro anos da faculdade em Jacobsville, onde se diplomou em História. E no fim, descobrimos que era gay. — Havia uma tensão estranha em sua voz quando fez o comentário.

Gracie se lembrou que Jason havia sido abertamente hostil ao jovem, o que era surpreendente, já que era o mais tolerante dos homens que conhecia no que se referia a questões sociais controversas. Era freqüentador da igreja, como Gracie, e repetia com freqüência que o fundador da religião deles não daria as costas a ninguém, independentemente de sua classificação social. Certamente não poderia ter sentido ciúmes, não é?

— Era confortável ficar com Billy — disse ela, depois de um minuto.

— Sim, mas presumo que ele não se sentia tentado a realizar atividades tórridas com você no nosso sofá.

Ela ruborizou e olhou para ele furiosa.

— Não tenho atividades tórridas com ninguém.

— Percebi — disse ele apenas. — E Simon também.

— Não é da conta de Simon a maneira como vivemos — disse ela defensiva. — Ou é?

— É claro que não — respondeu Jason asperamente. — Mas ele tem razão, Gracie. Nenhum de nós está ficando mais jovem.

— Especialmente você — provocou. — Vai fazer 35 anos no seu próximo aniversário.

— Não me lembre.

— Você apenas fica mais bonito, Jason — disse ela com afeição. — Jamais será velho para mim.

Ele lhe segurou o olhar por alguns segundos e sorriu.

— Obrigado.

Ela virou a cabeça para olhá-lo com mais intensidade.

— Talvez você deva se casar — disse ela, perguntando-se porque doía tanto pensar naquilo. — Quero dizer, quem herdará tudo isto quando você morrer?

Ele respirou fundo e olhou para o pátio.

— Também estive pensando nisso.

O coração dela perdeu uma batida.

— Você... Pensou em alguém, tem alguma noiva em perspectiva? — Sentou-se sobre os calcanhares enquanto perguntava.

Ele balançou a cabeça.

— Houve aquela advogada com quem costumava sair, aquela amiga de Glory — disse Gracie.

— Ela queria fazer doutorado em Direito, e eu era capaz de lhe conseguir uma bolsa de estudos — disse ele, com mal disfarçado desprezo.

— E depois houve aquela política a quem Simon o apresentou.

— Ela quer concorrer ao Senado, e eu tenho dinheiro — desdenhou.

— Jason, nem toda mulher quer sua ajuda financeira — lembrou Gracie. — Você é bonito e tem um coração enorme, mas amedronta as pessoas.

— Não amedronto você. Ela riu.

— Você costumava me apavorar.

— Sim, logo que você se mudou para a nossa casa — lembrou com afeição. — Eu a atraí para fora do quarto com chocolates Lindt, um de cada vez. Levou meses. E sempre me olhava como se esperasse que crescessem chifres e um rabo em mim.

— Não era pessoal — explicou, um pouco zangada. — Além disso — acrescentou com um sorriso malicioso — depois que passei a conhecê-lo, me acostumei com os chifres.

Jason fez uma careta para ela, mas os olhos entrecerraram, pensativos.

— Você não saiu com ninguém até eu pressioná-la, quando estava no último ano do ensino médio. Foi convidada para o baile de formatura, mas não queria ir, e tive que insistir. Pensava que era tímida demais, sem necessidade.

— E então eu fui com o primeiro rapaz que me convidou — lembrou venenosa.

Ele fez uma careta.

— Bem, ele parecia gentil.

— Parecia mesmo?

Os olhos dele brilharam.

— Soube que seus novos dentes da frente parecem quase naturais.

Ela estremeceu com a lembrança. A violência ainda a abalava muito. Mas o rapaz ficara bêbado e insistente. Ele a deixara toda arranhada na tentativa fútil de despi-la, e Gracie tivera que ligar para Jason no celular.

Ela se trancara no carro do rapaz, e ele, do lado de fora, jogava pedras pesadas contra a janela do passageiro para obrigá-la a abrir a porta. Mas, antes que conseguisse quebrar o vidro, Jason chegou de carro, parou e desceu. Mesmo agora, tantos anos depois, Gracie podia ver o medo súbito no rosto do rapaz quando viu o homem alto e furioso se aproximar dele. Jason era elegante e geralmente tinha um temperamento ameno, mas podia se mover como uma cobra ao dar o bote quando estava zangado. O rapaz também era alto, um musculoso astro do futebol americano da escola. Mas não

durara dez segundos com Jason. Aqueles grandes e poderosos punhos o derrubaram numa batida de coração e a violência do confronto deixara Gracie doente.

Mas Jason a salvara. E não tinha sido a única vez em que a protegera de problemas. No rancho Rocking Spur, se dizia que, qualquer caubói que quisesse uma viagem rápida para a sala de emergência do hospital, tinha apenas que dizer alguma coisa desagradável sobre Gracie diante de Jason.

Depois que a resgatara naquela noite, havia tanto tempo, levava-a para casa num silêncio tenso. Mas quando chegaram em casa e ele percebera o quanto estava amedrontada, até mesmo dele, acalmou-se imediatamente e se transformara de novo no afetivo irmão de criação.

Agora ele lhe era tão familiar como o jardim florido no qual estava trabalhando. Mas ainda havia aquela distância entre eles, especialmente depois que ele passara a evitar ficar muito tempo na mansão de San Antônio. Ultimamente a olhava de um jeito que ela achava muito perturbador e, algumas vezes, também ficava de mau humor, como se a vida o estivesse desapontando.

Enquanto pensava, ela cortou o último galho de uma roseira que sufocava os crisântemos do outono, que estavam apenas começando a crescer. Alisou-os com a mão, sorrindo e pensando como seriam lindos dentro de poucos meses, dourados e brilhantes, enquanto o clima frio se instalava. Seus bulbos precisariam ser desenterrados e separados, mas isso podia esperar pelo frio. Plantara alguns no rancho também, no último outono, mas o grande pastor alemão de Jason os desenterrara e os comera. Furiosa, ela dissera a Jason que o cachorro era um esquilo, que nenhum cachorro que se respeitasse comeria um bulbo indefeso. Ele quase se dobrara de tanto rir da raiva dela. Mas substituíra os bulbos e até mesmo lhe emprestara, com relutância, um caubói para ajudá-la a plantá-los; um de seus caubóis mais velhos e mais feios. Também fazia tudo para afastá-la do capataz do rancho, Grange.

— Em que está pensando? — perguntou Jason.

Ela riu, muito consciente de si mesma.

— Em quando Baker comeu meus bulbos no último outono. Ele sorriu.

— O pobre cachorro desenvolveu um gosto tão grande por eles que precisei mandar cercar seu canteiro de flores.

— Uma cerca? — perguntou ela lamentando.

— Uma linda cerca de madeira branca — garantiu. — Uma coisa estética.

Ela relaxou.

— Você é gentil.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Sou?

Ela colocou no chão a tesoura de poda e se levantou, espanando a terra do moletom. O resultado foi uma grande mancha.

— Droga — resmungou Gracie. — Isso nunca mais vai sair.

— Harcourt consegue tirar qualquer mancha. Ela tem produtos químicos escondidos na despensa.

Ela lhe lançou um olhar e riu, deliciada.

— Sim, mas é Dilly que lava a roupa.

— Dilly também tem produtos químicos.

Ela olhou para os pés, seus tênis estavam cobertos de lama.

— Não posso atravessar a casa com esta sujeira nos pés — gemeu. Tirou os tênis e ficou só de meias, também manchadas.

— Oh, droga!

— Preciso lhe ensinar a praguejar — disse ele pensativo.

— Você faz isso bem demais para nós dois e em duas línguas — lembrou ela. O espanhol dele era elegante e fluente. Ele riu.

— Faço mesmo.

— O chão está frio — disse ela distraída.

Ele se levantou, se aproximou e, de repente, ergueu-a nos braços poderosos, como se ela não pesasse nada. Ela arquejou com a força daqueles braços e se agarrou ao pescoço dele, como medo de cair. Jamais gostara de ser carregada, embora sentisse uma agonia de excitação quando era Jason que a tinha nos braços. Ficou toda trêmula por estar tão perto dele. Dessa vez, o corpo dela traiu a fascinação que sentia por ele. O hálito de Jason, perfumado pelo café que acabara de tomar, lhe roçou o rosto enquanto ele a erguia ainda mais. Sentiu seu leve cheiro de colônia e sabonete caro e percebeu que os músculos do peito se moveram.

A ânsia que havia começado a consumi-la se tornou quase dolorosa, a mente se encheu de pensamentos estranhos e perigosos. Devia ficar imóvel, devia se afastar, pensou, ao mesmo tempo que se aninhava ainda mais na força quente de Jason e enterrava o rosto no seu pescoço. Pensou que o sentira estremecer, mas aquilo era duvidoso. Jamais conhecera um homem tão controlado como ele.

— Eu sei, você não gosta de ser carregada — disse ele, a voz rouca, então riu suavemente. — Mas não pode passar pelo tapete branco com essas meias manchadas e sujas, docinho — acrescentou. Puxou-a ainda para mais perto dos músculos quentes e rijos. — Apenas fique deitada sem se mover e pense na Inglaterra.

Ela franziu a testa enquanto ele a carregava pela escada e para dentro da casa, mudando seu peso por um instante para abrir a porta da frente. Depois de passar, fechou-a com um pontapé e se dirigiu para a escadaria que levava para o segundo pavimento da enorme mansão.

— Inglaterra? — ela perguntou, perplexa com o comentário dele.

Ele a levou pela escada sorrindo.

— Pense nela.

— Inglaterra — jamais estivera na Inglaterra, tinha certeza. Ele parou diante da porta do quarto dela, os olhos negros se prenderam aos de Gracie.

Estava perto demais. Podia sentir seu hálito limpo no rosto. A sensação dos braços dele em torno dela, de sua força quente tão perto de seu corpo, a fez se sentir eufórica e sem fôlego. Não queria se mover, queria que ele ficasse ainda mais perto.

— Aqueles filmes antigos, quando as mulheres se sacrificavam pelo bem de seu país — lembrou, ainda sorrindo, mas os olhos eram provocantes, sábios, insinuando coisas sobre as quais Gracie nada sabia.

— Que filmes antigos? — perguntou, distraída, já que sua mente estava absorta no batimento acelerado do coração.

— Não tem importância — disse ele pesadamente. Colocou-a no chão de modo abrupto, parecendo frustrado.

— Não vejo filmes antigos, Jason — disse ela, tentando acalmá-lo. — Não temos nenhum.

— Vou comprar alguns — disse ele com tom baixo. — E talvez alguns documentários também.

— Documentários? Sobre o quê? — perguntou sem entender nada.

Ele começou a dizer alguma coisa, achou melhor continuar calado e fechou a boca numa linha fina.

— Não pense mais nisso e não se demore.

— Não vou me demorar — hesitou. — O que devo vestir? — Queria acalmá-lo. Ele gostava quando lhe pedia conselhos e parecia zangado com ela por algum motivo.

Ele fez uma pausa. Seus olhos lhe percorreram o corpo com uma estranha lentidão.

— Use o vestido dourado que lhe trouxe de Paris, ele lhe cai muito bem.

— Não é formal demais para um coquetel?

Ele se aproximou mais dela. Era tão alto, Gracie pensou, que topo de sua cabeça lhe chegava apenas até o queixo. Jason olhou dentro dos olhos perplexos de Gracie.

— Não — respondeu, tocando-lhe o cabelo desarrumado. — E deixe seu cabelo solto pelo menos dessa vez. Para mim.

Ele a fez se sentir quente e inquieta, uma nova e estranha sensação. A voz dele era profunda e lenta, tão suave como veludo. Os lábios dela se abriram em antecipação enquanto lhe fitava os olhos.

Ele lhe ergueu o queixo com o polegar e o indicador. O polegar se moveu subitamente, acariciou-lhe a boca, e ela perdeu o fôlego. Seus olhos grandes e negros se entrefecharam de repente e o queixo enrijeceu enquanto olhava para os olhos cinzentos perplexos de Gracie.

— Sim — disse ele suavemente, como se ela tivesse dito alguma coisa. Soltou-a muito lentamente e desceu a escada.

Ela o observou se afastar, fascinada. Os dedos se ergueram para a boca sensível e a tocaram de leve. Seu coração batia tão depressa que ela pensou que poderia sair do peito. Não conseguia respirar. Jason a havia tocado de uma forma nova, diferente da maneira como sempre a tocara antes. Não ousava pensar muito profundamente naquilo, não naquele momento. Virou-se e entrou no quarto.

Havia muita gente na mansão, pensou Gracie enquanto descia a escadaria longa e curva e observava a multidão de convidados bem vestidos. Não era necessário ter uma inteligência privilegiada para encontrar os sócios da empresa de informática, estavam usando ternos que não lhes serviam bem, pareciam peixes fora d'água, desconfortáveis.

Gracie, veterana em reuniões da alta sociedade, compreendia bem como se sentiam. Levava muito tempo para se acostumar com carros de luxo, roupas de estilistas e festas como esta. Sentia-se, de muitas maneiras, muito mais confortável com os caubóis de Jason do que nessa mistura elegante de profissionais e multibilionários. Mas tinha

certeza de que estava bem no vestido dourado justo, que cobria todo um braço e deixava o outro ombro e o braço atraentemente nus. O vestido lhe chegava aos tornozelos e, nas costas, um decote ousado chegava até a base da espinha, deixando nua a pele lisa e cor de mel. O cabelo louro lhe cobria os ombros numa cascata macia. Usava um colar de ouro de anéis interligados e brincos que combinavam. Estava linda e parecia muito mais jovem do que realmente era.

Andou em direção ao jovem que parecia ser o sócio principal, um homem magro, de cabelo vermelho e com o rosto coberto por sardas, e sorriu.

— Você tem tudo de que precisa? — perguntou gentilmente. Ele abaixou o olhar para ela e ficou ruborizado.

— Eu, uh, bem... isto é... — gaguejou.

Seu sócio, de rosto redondo e pele escura, limpou a garganta.

— Estamos nos sentindo meio fora do lugar aqui — começou.

Gracie passou os braços pelos deles e levou-os em direção ao salão de baile, onde uma banda tocava, e os dirigiu até o bar.

— Ninguém faz cerimônia aqui — explicou, a expressão e a voz gentis. — Somos apenas pessoas comuns, como todo mundo.

— Pessoas comuns com jatos particulares e astros de futebol como amigos — disse o ruivo, olhando ao redor.

— Sim, mas um dia vocês também estarão na mesma posição — disse ela sorrindo. — Jason diz que vocês dois são gênios e criaram um software que vai revolucionar a indústria de jogos por computador.

Os dois olharam para ela.

— Você é a irmã dele — adivinhou o moreno.

— Bem, irmã de criação, sou Gracie Marsh.

— Sou Fred Turnbill — disse o jovem de rosto redondo. — E ele é Jeremy Carswell. Somos da Shadow Software.

Ela apertou a mão de cada um deles.

— Prazer em conhecê-los.

— Seu... irmão de criação — disse Fred com um aceno em direção ao homem alto e elegante com uma flute de champanhe numa das mãos, conversando com um ator famoso. — É muito agressivo. Nem estávamos interessados em vender, mas ele continuou a fazer propostas. Ofereceu-nos o controle da criação, posições executivas e até bônus — riu nervoso. — É difícil dizer não a um homem como ele.

— Sei o que quer dizer — disse ela.

— Ele parece muito à vontade aqui — Fred suspirou. — E acho que está, considerando seu status financeiro.

Ela lhes entregou flutes de champanhe.

— Escutem — disse num tom confidencial. — Ele faz o que os negócios exigem, mas veriam um homem muito diferente se pudessem observá-lo derrubando novilhos ou montando a cavalo. — Os olhos dela ficaram sonhadores. — Nunca vi nada tão bonito na minha vida do que Jason sobre um cavalo a galope.

Ambos olharam para ela com expressões curiosas.

— A cavalo? — murmurou Fred.

— Derrubando novilhos? — acrescentou Jeremy. Ela sorriu, ainda olhando para Jason.

— Ele tem um rancho de gado Santa Gertrudis em Comanche Wells. Quando não está negociando aquisições de empresas, está ocupado trabalhando com gado ao lado de seus homens.

— Bem! — exclamou Fred. — Então ele não é só um homem de negócios ambicioso tentando ser dono do mundo.

— De jeito nenhum — disse Gracie suavemente. — Ele vai a extremos para ser ambientalmente responsável. Nem mesmo usa pesticidas no rancho.

Naquele momento, Jason pareceu sentir-lhe o olhar, porque virou a cabeça e os olhos negros penetraram os dela através de toda a largura do salão de baile. Mesmo a distância, os joelhos, de Gracie enfraqueceram, e ela pareceu parar de respirar. Era a primeira vez que ele a olhava daquele jeito. Como se, pensou ela distraída, pudesse comê-la viva. Afastou o olhar do dele como uma risada curta e nervosa.

— Ele não é o que parece.

Fred mordeu o lábio e trocou um olhar com Jeremy.

— Isso dá uma nova dimensão às coisas — disse ele. — Um homem que trabalha com seus empregados não é a imagem que tínhamos do sr. Pendleton. Acho que todos somos vítimas de idéias preconcebidas.

— Não devem presumir nada sobre Jason. Quando Deus o fez, jogou fora o molde. Não há outro igual a ele no mundo. Quando Jason dá sua palavra, ele a mantém, custe o que custar. E é o homem mais honesto que já conheci.

Jeremy sorriu para ela.

— Bem, você nos convenceu e acho que vamos nos unir à corporação.

— Vocês vão se unir à família — corrigiu. — Jason acredita em bônus de férias, bons pacotes de benefícios e de cuidar de seu pessoal.

Jeremy ergueu a taça e Fred também.

— A um futuro próspero.

Gracie também ergueu a dela e bateu nas deles.

— Vou beber a isso.

Então pediu licença e foi cumprimentar os outros convidados. Poucos minutos mais tarde, viu que Jason estava conversando com os dois rapazes da pequena empresa de software e sorrindo. Ela riu suavemente. Não era a primeira vez que o ajudava a fechar um negócio, e estava ficando boa naquilo.

Por volta da meia-noite, ela e Jason se encontraram, por acaso, à mesa de bebidas. Casais dançavam ao som de uma suave e romântica melodia.

— Quer dançar? — perguntou Gracie sorrindo.

Ele balançou a cabeça em negativa.

O que não foi realmente uma surpresa. Ele dançara com diversas mulheres durante a noite, entre elas, uma senhora idosa que fora à festa sozinha. Mas não dançava mais com Gracie havia meses, por mais que ela insistisse.

Ela franziu a testa.

— Você dança com outras mulheres.

Ele abaixou o olhar para ela.

— Não vou dançar com você.

Ela se sentiu abalada com a recusa. Não compreendia por que ele estava assim. Podia ser desajeitada, mas era boa numa pista de dança. Pegou uma flute de champanhe e a encheu, mas não comentou nada.

— Não fique magoada — disse ele em tom breve. — Tenho motivos, bons motivos. Apenas não posso discuti-los.

Ela deu de ombros.

— Sem problema — disse ela, e abriu os lábios no seu sorriso de festa.

Ele se virou para olhar para ela, o queixo rijo. Os olhos negros tinham um brilho estranho quando encontraram os cinzentos magoados.

— Você olha, mas não vê, Gracie — disse apenas.

Ela ergueu os olhos com uma expressão infeliz.

— Não compreendo.

Ele suspirou.

— E isso é dizer um pouco demais — disse Jason baixinho.

Ela tomou um gole de champanhe. Uma das mãos finas e belas de Jason se ergueu e tirou-lhe a flute dos dedos. Ergueu-a e tocou os lábios no ponto exato onde ela havia bebido, olhando-a o tempo todo.

A ação foi deliberada, sensual, provocante. Os lábios de Gracie se abriram para deixar escapar a respiração trêmula, enquanto ele mantinha os olhos nos dela numa prisão da qual ela não conseguia escapar. Gracie sentiu uma explosão de sensações tão intensa que ficou sem fala.

— Chocada, Gracie? — perguntou, enquanto lhe devolvia a flute.

— Eu... não sei.

Os dedos dele subiram e traçaram uma linha da maçã do rosto ruborizada até o canto dos lábios. Olhou-os com intensidade.

— Você fechou o negócio.

— Que... negócio?

— Do software. Eles aceitaram graças a você. Nem precisei apresentá-los aos jogadores de futebol. — Os dedos dele fizeram uma trilha suave sobre os lábios dela. — Impressionante, esse dom que você tem de deixar as pessoas à vontade, fazendo-as sentir que são parte da família.

— Um dom — repetiu num sussurro, sem realmente ouvir o que ele dizia. O que ele fazia com sua boca era muito erótico, e ela se aproximou mais dele. A cabeça de Jason estava abaixada para que ninguém pudesse ouvir o que estava dizendo. A reação dela a ele era eletrificante, e Jason estava em chamas.

— Gracie — debruçou-se ainda mais sobre o rosto dela. — Posso ouvir seu coração batendo.

— Pode...? Os olhos dela estavam na boca firme e sensual, os lábios entreabertos a centímetros sobre os dela. O corpo alto ficou tenso de desejo por ela, a atração era

quase insuportável. Então as mãos de Gracie subiram para sua camisa e se pressionaram nela. O coração de Jason disparou no mesmo instante.

— O que vai fazer se eu me debruçar mais dois centímetros e tomar sua boca com a minha? — perguntou Jason num tom rouco e sensual.

Ela não o ouvia, não conseguia ouvir nada. Podia apenas ver a boca de Jason, que lhe enchia a mente de imagens tão doces e eróticas que as suas pernas começaram a se dobrar sob seu peso. Os dedos de Gracie se contraíram na camisa dele, e ela sentiu os pelos e os músculos sob o tecido limpo e engomado.

— Poderia dobrá-la sobre meu braço e segurá-la tão perto que você não conseguiria respirar, a menos que eu também respirasse — continuou o sussurro tentador. — Beijá-la com tanta intensidade que os seus lábios ficariam inchados!

Ela estava nas pontas dos pés, sentindo os músculos de Jason se contraírem através do tecido fino da camisa, enquanto os pequenos seios se apertavam com força no peito dele. A boca estava erguida, implorando. Sentia-se tensa, quente e todo o corpo doía. Tremia e sabia que ele percebia, mas não tinha importância.

Nada tinha importância a não ser a sua proximidade cada vez maior. Queria que a beijasse até seu corpo se desmanchar em chamas, até que a dor aguda que ele despertava nela fosse apaziguada, até que a tensão que ameaçava lhe quebrar a espinha parasse de lhe percorrer o corpo esguio...

— Jason — disse, a voz embargada, apertando-lhe ainda mais o peito.

— Ei, Jason — surgiu uma voz exuberante atrás dele. — Pode explicar aqui ao Ted como funciona aquele novo software? Ele quer participar do negócio com aqueles técnicos da Califórnia que você está tentando absorver.

Jason enrijeceu e o corpo ficou ereto. Parecia ter acabado de levar um tiro. Teve que se esforçar para se controlar, antes de se virar abruptamente, afastando-se de Gracie, para o homem de negócios em pé atrás dele, segurando um grande copo de uísque.

— Vamos encontrar os inventores e pedir a eles que lhe conte — disse Jason com um sorriso forçado. — Vamos lá.

Não olhou para Gracie, mas o homem sim, franzindo a testa diante da expressão estranha nos olhos dela. Porém, já havia bebido muito e atribuiu o pequeno tête-à-tête que acabara de testemunhar ao excesso de uísque. Afinal, Jason não beijaria a sua irmã de criação em público!

Capítulo Três

Jason pareceu tão aliviado quanto Gracie por não ficarem mais juntos. Ele não a procurou ou até mesmo olhou para ela pelo resto da noite. Deu-lhe boa noite depois que os convidados saíram, mas de uma forma curta e indiferente, como se o interlúdio que ocorrera antes o tivesse constrangido.

Tinha parecido uma tentativa deliberada de sedução, pensou Gracie, mas agora começava a sentir que ele perdera involuntariamente o controle. Falara com ela de uma forma que havia mudado de modo permanente o seu relacionamento. Talvez ele tivesse bebido demais e depois se arrependera do que dissera.

Mas Jason jamais bebia uísque, bebia vinho branco ou champanhe e, mesmo assim, muito pouco. Quando estivera tão perto dela, não sentira nenhum cheiro de álcool em seu hálito. Assim, Gracie não sabia o que pensar. Ficou mortificada ao revelar sua atração sem esperanças por ele, uma coisa que jamais desejara que ele percebesse. Seria como fazer promessas que não poderia cumprir. Mas fora o comportamento de Jason que a abalara.

Subiu para o seu quarto e realmente trancou a porta. Ainda estava sob o choque que Jason lhe provocara antes de serem interrompidos. Não suas ações, mas a própria reação a elas. Ela... o quisera, realmente o quisera. Pensara em fazer amor com ele. Era a primeira vez em sua vida adulta que sentia o desejo físico. Pensara por muito tempo que era assexuada, que nunca sentiria desejo nenhum.

Agora seu corpo havia despertado, e se sentiu angustiada com o que descobrira sobre si mesma: não era invulnerável a homens, não mais. Era vulnerável, e Jason sabia.

As advertências de sua mãe ecoaram em sua mente cansada enquanto vestia uma longa camisola de algodão e se deitava na cama de dossel, encolhendo-se sob os lençóis brancos e bordados. Olhou para o tecido do dossel acima da cabeça, à luz do abajur ao lado da cama, ainda estremecendo sob o impacto da provocação de Jason. Sabia que jamais seria capaz de esquecer a fome nos olhos dele, em seu toque. Era um estranho a esse respeito, um homem que não conhecia de maneira nenhuma. Teria ele tido a intenção de ir tão longe? Ou apenas perdera o controle de si mesmo? Não era hábito dele ser tão ousado com qualquer mulher em público, menos ainda com Gracie.

Compreendia melhor agora por que mulheres lindas o cercavam como satélites. Não era o seu dinheiro, de jeito nenhum, era o homem... o homem sensual, terno, que lhes despertava o interesse.

Gracie se sentia perplexa com sua mudança de atitude com relação a ela e também com o motivo pelo qual ele se recusara a dançar com ela. Não tinha sido a primeira vez. Por mais de dois anos, Jason evitara qualquer contato físico com ela.

O que havia acontecido para mudar aquela postura no espaço de um dia? Não, pensou, não fora apenas naquele dia, estivera diferente também quando foram ao leilão de gado. Era a forma como a olhava, de um jeito quase predador. Ele parecia um grande gato fazendo um esforço enorme para se livrar da trela. O que aconteceria se ele se soltasse? Uma pequena parte dela ansiava por descobrir, mas a parte maior tinha medo, mesmo de Jason, daquela maneira.

Dormiu mal, virando-se inquieta na cama a noite toda, ansiosa para ver Jason de novo e, ao mesmo tempo, com medo de encontrá-lo. Como poderia ser ela mesma com ele de novo depois do que acontecera?

Arrastou-se pela escada na manhã seguinte, sem maquiagem, com o cabelo amarrado num rabo de cavalo, vestindo um velho jeans, camiseta e tênis. Queria parecer o menos possível com uma sereia, caso se encontrasse com Jason.

Mas a camuflagem não adiantou, porque ele não estava à mesa do café da manhã quando ela se sentou. Ao desdobrar o guardanapo e se servir de uma xícara de café,

percebeu que havia apenas um lugar à mesa. A sra. Harcourt entrou na sala com uma pequena travessa de bacon e ovos.

— Jason não está aqui? — perguntou à governanta.

— Não, querida, ele saiu como um furacão esta manhã, antes que eu colocasse os biscoitos no forno. — Sua testa estava franzida. — Parecia tenso como uma corda esticada e de mau humor. Saiu naquele grande carro como se estivesse sendo perseguido. Não é de admirar que o chamem de Jaguar, parecia um gato selvagem ferido quando desceu a entrada de carros.

Tradução: estava zangado. Tinha a tendência de gastar seu mau humor na estrada, uma falha que resultara numa infinidade de multas de trânsito. Não dirigia descuidadamente, mas corria demais.

Serviu-se lentamente dos ovos e bacon. Não sabia qual era a sensação mais forte: alívio ou desapontamento. Na verdade, era apenas um adiamento da explicação. Certamente não poderiam voltar ao antigo relacionamento depois do que acontecera entre eles.

— Você está muito desanimada esta manhã — a sra. Harcourt falou com gentileza, os olhos escuros sorrindo enquanto aproximava de Gracie os pratos de comida. — Festa desagradável?

— O quê? Ah, não, realmente não — disse suspirando. — Apenas muito longa e barulhenta. — Sorriu para a idosa governanta. — Na verdade, não sou uma pessoa festeira.

— Jason também não — a voz da sra. Harcourt era serena. — Ele prefere viver no rancho e ser apenas um caubói.

— Como é que ele conseguiu aquele rancho? — perguntou Gracie de repente.

A sra. Harcourt pareceu estranhamente abalada, mas logo se controlou, e seu rosto perdeu a expressão confusa.

— Jason o comprou da minha família — a informação foi uma surpresa para Gracie. — Era do meu avô, mas não estava nas boas condições de agora. Tinha medo de que fosse comprado por um empreendedor que o dividisse em bairros ou fizesse ali um shopping center. Estou muito contente por não ter acontecido isso.

Gracie tomou um gole de café pensativa.

— Ele o comprou no ano anterior à morte do pai — lembrou.

— Sim — a voz suave da sra. Harcourt ficou tensa de repente.

— O sr. Pendleton não acompanhou as mudanças do tempo, não é? — perguntou Gracie, enquanto colocava a xícara de café sobre a mesa. — Odiava o rancho e não suportava que Jason trabalhasse nele. Dizia que estava abaixo de um Pendleton fazer trabalho manual.

— Ah, ele dava importância demais às diferenças de classes e de posição social — disse a sra. Harcourt com amargura. — Recusou-se a deixar o primeiro capataz que trabalhou para Jason no rancho entrar pela porta da frente e disse a ele que serviços entravam pelos fundos.

— Que coisa ridícula!

— Ele e Jason tiveram uma briga terrível sobre isso mais tarde, e Jason venceu — A sra. Harcourt riu. — Jason pode ter algumas faltas, não muitas, mas certamente não é um esnobe.

— Ele amava o pai? — E então Gracie riu, muito consciente de si mesma. — Que pergunta idiota, é claro que amava. Nunca vou esquecer do dia em que fomos ao escritório do advogado para a leitura do testamento do pai. Ele deixou bens para Glory e para mim, mas o advogado ficou a sós com Jason para discutir o resto do testamento, e depois Jason bebeu muito, lembra? — Suspirou. — Nunca vi Jason nem mesmo um pouco alto em todos os anos que o conheço, a não ser naquele dia. Ele não chorou no enterro do pai, mas ficou louco depois de ver o testamento. Acho que levou alguns dias para a ficha cair, para ele perceber a perda, quero dizer. Com a mãe morta há tanto tempo, o pai desaparecido para sempre... sra. Harcourt! Está se sentindo bem?

A governanta havia deixado a cafeteira virar sobre a própria mão. Gracie pulou da cadeira e puxou-a até a pia da cozinha.

— Fique parada bem aí — disse ela, colocando a mão queimada sob o jato de água fria da torneira.

Gracie dirigiu-se rapidamente para o banheiro, abriu o armário de remédios e pegou tudo o que precisava. Voltou depressa e colocou os objetos sobre a bancada ao lado da pia.

— Srta. Gracie, posso fazer isso — reclamou. — Não está certo você cuidar de mim.

— Não comece — resmungou Gracie. — Não há esse negócio de patrões e empregados nesta casa. Você, Dilly e John são nossa família — disse com firmeza. — Todos cuidamos uns dos outros.

Lágrimas nublaram os olhos da velha senhora, e Gracie não sabia se eram causadas pela emoção ou pela dor, mas sorriu com gentileza enquanto tratava da queimadura.

— Honestamente, não sei o que faríamos sem vocês.

— E tão gentil de sua parte dizer isso, srta. Gracie.

— Gracie — corrigiu. — Você não chama Jason de "sr. Jason".

— Chamo, quando ele está por perto — corrigiu a governanta.

— E leva uma bronca. Ele não gosta quando você o trata como patrão. — Hesitou enquanto colocava a atadura no lugar. — Ele está... Muito estranho ultimamente, não consigo compreendê-lo.

A sra. Harcourt pareceu prestes a explodir, tentando não dizer nada. Mas perdeu a luta.

— Ele apenas tem muita coisa na cabeça. Há aquela empresa de computadores na Alemanha que o está perturbando, porque compete com a sua linha e pode prejudicá-lo no mercado. Ele diz que espera não precisar viajar para lá, mas os donos estão relutantes em vender, e talvez tenha que cuidar do assunto pessoalmente.

— Que Deus os ajude se ele for lá. — Gracie riu. — Jason é como um bulldozer quando quer alguma coisa.

— E mesmo — concordou a sra. Harcourt. — E obrigada por cuidar de mim.

— Ah, tenho outro motivo — disse Gracie. — Preciso da sua ajuda para contrabandear mais algumas decorações de Natal. Precisa me ajudar a levar as caixas para o sótão para que Jason não as veja se estiver por aqui quando elas chegarem.

A governanta hesitou, claramente perturbada.

— Ele apenas resmunga — lembrou Gracie. — Não diz que não posso arrumar árvores e grinaldas de azevinho. — Franziu a testa. — Por que ele odeia o Natal? — perguntou a si mesma e não pela primeira vez, mas jamais perguntara diretamente à sra. Harcourt.

A sra. Harcourt fez uma careta.

— O pai dele não se importava se eu armasse uma árvore, mas jamais comprou presentes. Dizia que o feriado era apenas uma justificativa do comércio para aumentar as vendas. De qualquer maneira, nunca estava aqui no Natal, nem uma vez durante toda a vida de Jason. — Havia amargura em seu tom de voz. — Quando Jason era criança, eu comprava pequenos presentes para ele ou tricotava toucas, cachecóis ou cobertas para a sua cama — a voz ficou suave. — Dilly, John e eu tentávamos compensá-lo. Foi uma criança muito solitária.

— Que coisa horrível — murmurou Gracie.

— E por que você gosta tanto do Natal?

— Nunca tive permissão para celebrar o Natal quando era criança — confessou Gracie. — Nem mesmo ter uma árvore. — Ficou ruborizada, não tivera a intenção de revelar aquilo.

A governanta estava claramente chocada.

— Mas você vai à igreja com Jason e enfeita tudo... Até Baker, uma vez, com chifres falsos...!

— Meu pai era... ateu, não nos deixava ir à igreja ou celebrar o Natal.

— Ah, querida — a sra. Harcourt abraçou-a com força e segurou-a enquanto Gracie soluçava. A não ser por esta mulher idosa, Gracie não sabia o que era uma demonstração de afeição desde a morte da mãe. Myron Pendleton havia sido gentil de uma forma impessoal, não era do tipo de abraçar. E, na verdade, Jason também não.

— Você não vai contar a Jason, vai? — perguntou Gracie, enquanto se afastava para enxugar os olhos num lenço de papel que a sra. Harcourt lhe entregou.

— Não, sou boa para guardar segredos. — Seu sorriso parecia estranhamente cínico. — Mas por que não quer que ele saiba?

— Minha mãe me ensinou a jamais falar da minha infância, especialmente depois que viemos para cá.

A sra. Harcourt sentiu que havia muita coisa que aquela jovem jamais partilhara com ninguém.

— Venha e termine o seu café da manhã — sugeriu. — E mais tarde eu lhe farei um excelente bolo de chocolate.

Gracie riu, muito consciente de si mesma.

— Você me estraga com mimos, sra. Harcourt. Sempre fez isso comigo e com Glory também.

— Sinto falta de filhas — disse ela. — Meu marido era estéril.

— Eu não sabia, lamento.

A sra. Harcourt sorriu com tristeza.

— Eu o amava, mas era um homem de convivência difícil. Domava cavalos para Jason e levou um coice na cabeça de um mustang. Morreu instantaneamente, bem no curral. Eu não tinha para onde ir, não tinha família, então fiquei aqui.

— Estou feliz por ter ficado, você transformou esta casa num lar e ainda faz isso.

A sra. Harcourt sorriu feliz.

— E por estas palavras você ganhará um bolo de chocolate com cobertura de creme.

— Meu favorito!

A sra. Harcourt riu.

— Eu sei e, agora que já estou com a queimadura tratada, vou começar a fazer o bolo. Vá terminar de tomar o seu café da manhã.

— Sim, senhora.

Gracie voltou para a mesa, pensando que a vida era difícil para todo mundo. Pobre sra. Harcourt, viúva e sem filhos para consolá-la na velhice.

Era um dia de pouco movimento para o almoço no Barbara's Café. A proprietária se sentava a uma mesa com Gracie, que comia uma salada. Era doze anos mais velha do que Gracie, tinha cabelo louro basto e olhos lindos. Todo mundo da cidade a conhecia e a amava.

Há muito tempo, era viúva, mas tinha uma família. Adotara Rick Marquez, o detetive de homicídios da polícia de San Antônio, quando era adolescente, e agora era a alegria de sua vida.

— Por que não tenta a sorte com Rick? — provocou Barbara. — Ele é jovem, solteiro e incrivelmente bonito, mesmo se sou eu que diz.

— Ele anda por aí com um revólver — disse Gracie.

— E seu irmão de criação também — replicou Barbara.

— Sim, quando está no rancho, mas Jason não passa a vida ao redor de cadáveres.

— Quando dois de seus caubóis do Rocking Spur almoçaram aqui na semana passada, podia discutir isso. Eles disseram que tinham acabado de tirar gado preso na lama e pareciam ter acabado de morrer.

— Jason também fica assim quando ajuda a juntar o gado ou resgatá-los de lamaçais.

— Quem diria, um multimilionário trabalhando com gado — Barbara suspirou, balançando a cabeça.

— É onde prefere estar o tempo todo se pudesse.

Barbara sorriu.

— Lembro-me de quando comprou o rancho, parecia que tinha acabado de ganhar na loteria.

— Aposto que teve que pagar muito dinheiro por ele — disse Grade. — É enorme.

— Mas ouvi dizer que ele o herdou. Gracie riu.

— De jeito nenhum, pertencia a um parente da sra. Harcourt, que o vendeu para Jason.

Barbara deu de ombros.

— Então devo ter me enganado. Por falar no diabo, como está Jason?

Gracie se mexeu na cadeira.

— Não sei.

Alguma coisa no tom de voz de Gracie fez Barbara ficar tensa.

— Por que você não sabe?

— Há dias que não o vejo ou recebo notícias dele. Planejei um jantar para dois de nossos amigos que vão se casar, e ele ainda não disse se virá ou não.

Barbara se surpreendeu.

— Vocês brigaram? Não, você e Jason jamais brigam, mesmo sobre aquelas centenas de decorações de Natal que você pendura por todo lado da casa, começando no dia de Ação de Graças, e que o deixam louco...

— Apenas tivemos um desentendimento — Gracie não suportaria contar o que realmente acontecera. — Ele foi embora sem se despedir quando esteve aqui pela última vez.

Barbara estendeu a mão sobre a de Gracie, que repousava sobre a mesa.

— Devia ir ao rancho e conversar com ele — disse ela. — De vez em quando, ele é desajeitado com as pessoas, como todo solitário. Talvez ele queira fazer as pazes e apenas não sabe como.

Gracie se alegrou um pouco.

— Você é sensível — disse ela. — Sim, ele é desajeitado com pessoas. Não consegue se aproximar, sair da casca e pedir desculpas, mas fica rodeando a pessoa até que ela compreenda o que ele pretende. Guarda as coisas dentro de si, não se abre. — Suspirou. — Minha irmã de criação, Glory, costumava dizer que Jason ficava com os sentimentos feridos com mais frequência do que percebíamos, mas jamais demonstrava, pois considerava uma espécie de fraqueza.

— Isso foi obra do pai dele — o tom de voz de Barbara era frio. — Ele amava mulheres, no plural, mas nunca foi bom em compromisso. Apenas se casava com mulheres que não conseguia levar para a cama de nenhuma outra maneira... Por desejo, nunca por amor. Não amou nenhuma delas. Ensinou a Jason que o amor é uma fraqueza, dizia que as mulheres usavam o sexo como uma arma para tirar dinheiro dos homens.

— Deus do céu! — exclamou Gracie. — Como você sabe disso?

— Um dos meus primos trabalhou para Myron Pendleton, e um dia o ouviu falando sobre mulheres com Jason. Ficou absolutamente revoltado e até abandonou o emprego. Disse que não trabalharia para um homem que não respeitava nem as mulheres da própria família.

Gracie balançou a cabeça.

— Vivi com ele todos esses anos e não sabia disso.

— Você vive sob a proteção dele, doçura, não sob seu teto — disse Barbara. — Você e Glory estavam fora, fazendo faculdade, mas quando voltavam para casa, nas férias, Jason vinha para cá e deixava vocês duas em San Antônio com Harcourt e os outros. Nunca percebeu como era?

Gracie não tinha se dado conta. Estava apenas começando a entender que, embora Jason as mimasse e protegesse, ao mesmo tempo, ficara distante delas.

— Realmente não sabe o que está errado com Jason? — perguntou Barbara com um tom peculiar.

Gracie lhe lançou um olhar perplexo.

— O que quer dizer?

Barbara soltou a mão de Gracie e desviou os olhos.

— Nada, estava apenas pensando alto. Provavelmente alguma coisa relacionada a negócios que o deixa de mau humor, não acha?

Gracie relaxou.

— Sim, imagino que seja. — Tomou um gole do café. — Sabe, acho que vou passar no rancho a caminho de casa. Ele não pode perder o jantar.

— É assim que se fala. — Barbara olhou pela janela e fez uma careta. — O tempo vai ficar ruim de novo. Provavelmente aquela tempestade tropical está se dirigindo para cá. Olhe aquelas nuvens negras!

— É melhor eu sair logo, está escurecendo também.

— Você não vai querer estar na estrada à noite com chuva, não é? — Barbara pareceu preocupada. — A estrada para o rancho não é pavimentada nem tem iluminação, pode jogar o carro numa vala. Não é seguro. Além disso, tem havido sequestros por aqui ultimamente, e você seria um bom alvo para esses criminosos horríveis.

— Dirijo um VW — Gracie se mostrava confiante. — Não vou cair em vala nenhuma! Quanto aos seqüestradores... isso é Jacobsville, nada assim acontece por aqui.

Trinta minutos mais tarde, sentada na lateral da estrada no escuro, com a chuva batendo no teto do carro que estava meio enterrado meio de lado numa vala, teve que engolir o que dissera. Pegou o celular, ligou para o rancho, e Grange, o capataz de Jason, atendeu.

— Grange, pode dizer a Jason que estou presa numa vala na lateral da estrada para o rancho? — perguntou aflita. — Perdi o controle do carro.

— Claro que posso. Ou prefere que eu vá buscá-la numa picape?

Ela hesitou. Antes, teria dito sim, mas agora, com Jason agindo de maneira tão estranha, não queria colocar Grange numa situação desagradável.

— Acho que é melhor chamar Jason dessa vez.

— Sem problema — disse ele gentilmente. — Você está bem?

— Estou ótima.

— Vou entrar em contato com ele. Está fora com os rapazes, tirando gado preso na lama, assim pode demorar alguns minutos. Fique onde está.

— Com certeza. Obrigada — desligou o celular. Meu Deus, se Jason estava no meio de um trabalho, ficaria furioso com ela. Quisera apenas fazer as pazes com ele, mas agora as coisas tinham piorado.

O tempo pareceu se arrastar enquanto ela agarrava a bolsa no colo e tentava não escorregar pela janela do passageiro do carro pequeno, caído num ângulo estranho na vala. Fora uma decisão impulsiva dirigir até o rancho, devia ter esperado uma ocasião melhor. Gracie olhou pelo para-brisa, para a água que subia e chegava ao capo do carro,

e rezou para Jason chegar logo. Então se sentiu culpada por obrigá-lo a sair do rancho para resgatá-la novamente. Era tão desajeitada, pensou aborrecida. Nada do que fazia terminava bem, era um desastre ambulante. Se apenas não fosse tão incompetente, se apenas...

OuvIU o ronco forte do motor de um carro e ergueu os olhos para ver uma das grandes picapes do rancho se dirigindo depressa em sua direção. Ele sempre dirigia em velocidade alta demais. A estrada de terra estava enlameada e cheia de água corrente, e Gracie viu surgir em sua mente a imagem do desastre se ele parasse depressa demais. Podia sentir a raiva dele pela maneira como jogou a picate para o lado da estrada e a parou sem derrapar. Sempre estava em total controle de si mesmo, mesmo quando tomado pela fúria.

Ela suspirou, trêmula. Ficaria bem, Jason estava sempre lá para salvá-la de si mesma, mesmo quando não gostava de ter que fazer isso.

Um carro reboque parou atrás da picate. Jason saiu apressado do carro e falou com o motorista do reboque, então andou em direção à Gracie com passos longos e zangados, o chapéu de abas largas abaixado sobre os olhos, a capa de chuva amarela batendo nas botas.

O carro estava caído num ângulo, e Gracie estava sentada de lado. Jason abriu a porta com força e olhou-a com os lábios cerrados, os olhos brilhando de raiva.

— Venha — disse áspero, com as duas mãos estendidas.

Ela hesitou. Ele não podia saber o motivo pelo qual não gostava de ser erguida nos braços de um homem, mesmo se estivesse acostumado com suas idiossincrasias.

— Venha — repetiu, dessa vez com mais gentileza. — Gracie, sei que não gosta de ser carregada, mas não há outra forma, a menos que queira que tiremos o carro da vala com você dentro dele. Mas esta coisa maldita pode virar.

Ela mordeu o lábio inferior. Aquilo era ainda mais apavorante.

— C... certo.

Ela ergueu os dois braços, o queixo cerrado. Jason os pegou e puxou-a sem esforço até poder tomá-la nos braços para carregá-la. Tirou-a do carro. Gracie não estava usando uma capa de chuva... Outro esquecimento estúpido... E ficou logo ensopada enquanto ele a levava para a picate, andando pela lama vermelha e pesada, sentando-a no banco do passageiro.

— Aperte o cinto — disse curto, e bateu a porta.

Falou de novo com o homem do reboque e apontou em direção à autopista, não do rancho. Evidentemente estava mostrando ao motorista que queria que o carro dela fosse levado para a mansão em San Antônio. Não queria Gracie no rancho, e aquilo a feriu.

Ele voltou e se sentou ao lado dela, ainda molhado, ainda furioso, ainda calado. Fechou o cinto, assegurou-se de que ela havia fechado o dela, ligou o motor e virou a picate em direção à autopista, a caminho de San Antônio.

— O rancho fica para lá — disse ela, a voz quase inaudível enquanto apontava para trás.

— Vou levá-la para San Antônio, você não vai passar a noite no rancho.

Ela não ousou perguntar o motivo. Virou os olhos para a estrada e desejou que tudo fosse como no passado, antes que ele dissesse coisas que nenhum dos dois jamais esqueceria.

— Que diabos estava fazendo na estrada para o rancho na chuva? — A voz era rascante.

Ela mexeu na bolsa em suas mãos.

— Esperando que pudéssemos consertar as coisas entre nós.

— Ah.

Ela lançou um olhar ao perfil severo e não conseguiu ver nada naquela expressão fechada. Ele apenas não lhe daria uma chance.

— Certo, eu sei. — Deixou escapar um longo suspiro. — Estraguei tudo de novo. Devia ter esperado por um dia ensolarado. Talvez haja um mercado para mulheres que não conseguem fazer nada certo. Poderia tentar o teatro.

Ele deixou escapar um som áspero e divertido no fundo da garganta.

— Eu me lembro de sua única vez no palco.

Ela fez uma careta. Sim, quando estava na décima série. Participava de uma peça, num papel menor. Quando andava em direção ao seu lugar marcado no palco, tropeçou, bateu com força em outro ator, e os dois caíram juntos no piso. A platéia caiu na risada, mas, infelizmente, a peça era uma tragédia, e ela faria um monólogo... que ficou sem ser dito... sobre a morte. Saiu do palco chorando, sem falar suas linhas, e fora expulsa da peça na mesma noite por um diretor furioso.

Jason tinha ido falar com o homem e imediatamente ele pusera Gracie de volta na peça e até, pedira desculpas. Ela nunca tivera coragem de perguntar por que se desculpava. Olhou para o colo.

— Talvez possa trabalhar como manequim — sugeriu. — Você sabe... ficar em pé, imóvel, numa boutique, e usar coisas diferentes todos os dias.

Ele lhe lançou um olhar.

— Talvez pudesse tomar lições de caratê.

— Caratê? Eu?

— Ensina autoconfiança — sorriu de leve. — Precisa muito.

— Eu daria um golpe de caratê em alguém, atingira um órgão vital e terminaria numa prisão federal por assassinato — disse ela, com um suspiro profundo.

Ele a olhou, mas não respondeu e ligou o rádio.

— Quero ouvir o noticiário sobre o mercado, você se importa?

— É claro que não. — Importava-se, mas não podia forçá-lo conversar se não queria. Assim, ouviram os preços das ações até ele virar o veículo para a entrada de carros da mansão em San Antônio e parar junto à escadaria externa. Jason desligou o motor, saiu, rodeou a picafe e abriu a porta do lado dela. A chuva os seguira, estava forte, e a entrada estava coberta pela água.

— Posso andar — disse ela rapidamente.

Ele ergueu uma sobrancelha e apontou para a poça funda de água que se formara no caminho.

Ela estava molhada, mas não queria estragar seus sapatos novos. Mordeu o lábio com força, enquanto ele a olhava, uma expressão perplexa nos olhos.

— Algumas mulheres ficam excitadas quando são carregadas, mas com você, parece que a estou levando para a guilhotina cada vez que preciso carregá-la.

Ela engoliu com força, desconfortável.

— É apenas... que me lembra de uma coisa ruim, especialmente quando há uma tempestade.

— O quê?

O rosto dela ficou tenso.

— Apenas... Uma coisa que aconteceu há muito tempo.

Ele a estudou, enquanto a chuva forte lhe batia no chapéu e na capa. Então percebeu que não sabia absolutamente nada sobre a vida de Gracie antes de a mãe dela se casar com o pai dele. Lembrava-se que tivera que atrair Gracie para fora do quarto com chocolates porque sentia tanto medo dele quando tinha quatorze anos. Levava meses para conquistar a sua confiança. A expressão do rosto dele se fechou. Seu pai jamais falara sobre ela com ele, a não ser para lhe dizer que Gracie sempre precisaria de alguém para cuidar dela, para protegê-la. Na época, aquilo não fizera muito sentido.

— Você guarda segredos, Graciela — disse ele, a voz profunda, usando seu nome completo, o que raramente fazia.

O som do nome dela nos lábios dele era sexy, doce. Despertava-lhe sensações que não queria ter. Não tinha nada a oferecer, e ele não sabia. Jamais poderia deixar que nada... romântico... acontecesse entre eles. Nunca, mesmo se quisesse. E queria, desesperadamente. E mais ainda desde que ele lhe sussurrara aquelas observações excitantes, carregadas de sensualidade, na noite da festa.

Ela conseguiu sorrir.

— Você também não guarda segredos? Ele deu de ombros.

— Apenas sobre o meu programa de criação de gado — disse secamente, referindo-se à feitiçaria genética e às habilidades tecnológicas que praticava para produzir os melhores touros puro-sangue.

E sobre mulheres também, quase disse Gracie, mas não ousou invadir sua vida particular.

— Alguns segredos nunca devem ser revelados — disse apenas.

— Faça como achar melhor. — Os olhos brilharam. — Você trabalha para a CIA, é?

Foi a primeira iniciativa de Jason para a paz, e ela riu, deliciada.

— Claro, tenho uma capa de chuva, uma venda para os olhos, uma pílula de cianido e o número do telefone de um agente russo da KGB na bolsa. — Então arquejou — Jason, meu carro!

— O reboque está bem atrás de nós, mas vem bem mais devagar. Eu lhe disse para trazer o carro para cá e mandar a conta para o rancho. Vamos, querida, tenho trabalho a fazer antes do dia terminar. — Suspirou — Estava procurando gado atolado, supervisionando dois novos caubóis que não distinguem um touro de um novilho castrado quando uma cerca foi derrubada pela enchente e o gado fugiu e se espalhou. Tenho uma equipe completa tentando juntá-los e levá-los de volta, mas é preciso vigiar os novos funcionários.

— Você contrata homens para trabalhar com o gado e, então, faz isso você mesmo.

Ele deu de ombros.

— Não sou do tipo de ficar sentado a uma escrivaninha.

— Eu percebi.

Ele estendeu os braços e os passou sob os joelhos e as costas la, então tirou-a da picafe como se ela tivesse o peso de uma pena.

— Você é uma verdadeira gatinha, Gracie — observou. — Toda cheia de curvas e tão leve. Não come o suficiente.

— Nunca tenho fome.

— Você precisa se esforçar mais para se alimentar bem. — Virou-se em direção à casa.

De repente, um relâmpago cortou o céu escuro e chuvoso bem perto deles e assustou Gracie, que se agarrou Jason e escondeu o rosto no pescoço dele, trêmula.

— Ai, odeio, relâmpagos! — gemeu, enquanto o som do trovão ecoava em torno deles.

Ela mexeu o rosto de novo exatamente quando ele virou a cabeça, e a boca de Gracie roçou a dele sem querer. Foi tão perfeitamente sincronizado que pareceu que ela havia planejado aquela pequena e doce carícia para tentá-lo.

O corpo alto de Jason se contraiu violentamente, e ele parou. Não disse uma palavra, mas Gracie percebeu que sua respiração acelerava. O suave contato a deixara em chamas, e se perguntou se ele fora afetado da mesma forma.

Logo se tornou evidente que sim. A luz da ampla varanda, ele a olhou com fogo nos olhos negros, que se estreitaram quando desceram para a boca de Gracie.

Houve outro relâmpago e um trovão, mas Gracie não os percebeu. Via apenas o rosto de Jason enquanto ele a olhava com intensidade crescente. Podia sentir o peito largo se movendo contra seus seios, como se ele tivesse dificuldade de manter a respiração estável. O coração de Gracie disparou. O leve toque sedoso de sua boca na dele agira como um fósforo aceso na lenha seca.

— Jason? — sussurrou, constrangida pela expressão intensa do rosto dele. Parecia extremamente zangado pelo que havia acontecido. — Desculpe! Não tive a intenção de...

— Não teve? — perguntou entre os dentes cerrados enquanto mergulhava os olhos nos dela.

Os braços dele, quentes e rijos, se contraíram com força em torno do corpo de Gracie, os dentes se fecharam enquanto seu olhar descia para a boca suave. Ele hesitou, como se estivesse lutando contra os próprios instintos, mas perdeu a batalha. Gracie viu, com um choque crescente, a dor faminta nos olhos negros que começaram a se estreitar e brilhar enquanto a tempestade rugia em torno deles.

— Que diabos — ele resmungou enquanto abaixava a cabeça. — Estou amaldiçoado de qualquer jeito!

E, de repente, a boca de Jason tomou a dela, com força e paixão, e lhe abriu os lábios, tão urgente como o relâmpago, tão assustador como a tempestade, enquanto ele se entregava ao impulso de um desejo tão quente que não conseguia respirar. Seus braços se contraíram, famintos, apertando os seios pequenos de Gracie contra a parede musculosa e firme do seu peito. Ele gemeu contra os lábios dela e apertou-a ainda mais, como se quisesse fazer o corpo pequeno de Gracie se tornar parte do grande corpo dele. O rosto era uma máscara de necessidade agonizante, enquanto a boca se movia

insistentemente sobre os lábios dela, abrindo-os.

Gracie não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Amava Jason, sempre o amara, mas jamais vira este lado dele. A paixão e a habilidade do beijo estavam a mundos de distância das advertências aterrorizadoras de sua mãe sobre o que acontecia entre homens e mulheres.

Involuntariamente, seu corpo reagiu à sensação da paixão dele, do contato entre eles. Sua boca correspondeu à necessidade furiosa dos beijos dele. Sentiu um choque de prazer além de qualquer coisa que já conheceria enquanto a boca de Jason se tornava ainda mais exigente.

Mas lutou contra aquilo. Era apenas como começava, lhe dissera a mãe, com uma necessidade feroz que cegava uma mulher sobre a realidade dos desejos de um homem. Começava assim, mas terminava em dor e humilhação e, no fim, em tragédia.

Tragédia. Tiros e o gosto metálico de sangue...

E então, de repente, a boca quente e dura de Jason deslizou por seu pescoço até seu seio, pressionando com tanta força que ela entrou em pânico.

Lembranças do passado lhe surgiram na mente, apavorando-a. A boca de Jason era insistente em seu seio, mexendo-se sobre ele. Em alguns segundos, sabia, os dentes dele a morderiam e ela ficaria como sua mãe, sangrando...!

Empurrou o peito largo de Jason, combatendo as imagens em sua mente com tanta determinação como lutava contra esta inesperada perda de controle de um homem cujo lugar em sua vida tinha sido sempre marcado pelo controle de aço. Não conhecia este Jason, com os braços contraídos furiosamente em torno do corpo dela e a boca se abrindo, como sabia que se abriria para feri-la...! Então o empurrou com toda a força que tinha, desesperada de medo e choque.

De repente, Jason percebeu o que estava fazendo e levantou a cabeça. Um estremecimento lhe percorreu o corpo enquanto o de Gracie se movia, frenético, contra o dele. Mas ela não estava tentando se aproximar mais dele, estava lutando para se afastar dele.

— Jason, não! Ponha-me no chão! Por favor! — gritou Gracie, o pânico no rosto e na voz chocada. Empurrou-o de novo. — Me solte! Me solte!

— Maldita, você começou isto! — disse ele, os dentes cerrados, tão chocada por sua frenética perda de controle como pela rejeição dela por ele como homem.

— Eu sei, mas eu... Não tive a intenção! Não queria... isto! Sinto muito — soluçou.

Ele a colocou de pé abruptamente e a soltou. Ela o olhou com olhos angustiados, chocados. Ele deu um passo para trás, o queixo rijo e abaixou para ela olhos negros cheios de fogo num rosto mais duro do que uma pedra. Havia violência e uma paixão quase descontrolada em sua expressão. Olhava-a como se a odiasse.

Um soluço forte lhe escapou. Ela começara aquilo, embora tivesse sido accidental, e agora Jason estava furioso com ela. Era culpa dela, odiava-a por tentá-lo...!

Antes que Jason pudesse dizer uma palavra, ela fugiu para dentro de casa, correndo como uma louca em direção à escadaria. Olhou-a com emoções turbulentas, o corpo tenso e dolorido. O desejo desapareceu lentamente e foi substituído por constrangimento pelo seu comportamento errado com Gracie, entre todas as mulheres.

Estava furioso consigo mesmo, furioso com ela, pela provocação que o excitara e o toque deliberado da boca na dele que despertara sua paixão e o fizera cruzar a linha que traçara para si mesmo. No começo, ela permitira a intimidade e, então, quando a paixão

aumentara apenas um pouco, ela o empurrara como se o achasse totalmente repulsivo.

Repetiu o episódio na mente, e a raiva cresceu a partir do constrangimento, aliada à rejeição, à humilhação e ao orgulho ferido. Demonstrara seu desejo por ela, e Gracie tinha se mostrado... repugnada. Vira aquilo no rosto dela.

A dor o atingiu como um raio. A princípio, sentiu-se ferido, depois enfurecido. Maldita! Por que tentá-lo a agir como um homem descontrolado e, então, se comportar como se ele fosse o responsável?

Virou-se e voltou para a picape. Naquele momento, não se importava se a visse de novo pelo resto de sua vida. Amaldiçoou-a em todo o caminho para Comanche Wells, tão transtornado que nem viu o reboque passar por ele em direção a San Antônio. Jamais se sentira tão ferido. Agora ela corria dele, apavorada. Nunca seria capaz de apagar da mente deles aquele episódio tão doloroso. Num piscar de olhos, haviam se tornado inimigos.

Apertou o pé no acelerador. Não se importava de receber uma multa, de arrebentar o carro. Nada mais importava, não agora.

Em seu quarto, Gracie ficou na escuridão, tremendo. Lembranças odiosas lhe enchiam a mente. Gritos vindos do quarto da mãe, lágrimas, ferimentos, medo e sangue na camisola da mãe. Sua mãe chorando, o pai gritando, brutal, acusador.

Outras lembranças, do rapaz que a levava para casa muito tarde por causa de um pneu furado. Seu pai, arrancando-a do carro e jogando-a contra a parede com toda a força. Ela caíra, tonta, machucada e aterrorizada, e o vira se aproximar, tirando o cinto, dobrando-o e batendo-o no chão enquanto chegava perto dela. O som alto, mesmo sobre o barulho da tempestade... O horror dos golpes, o sangue...

Acendeu a luz, foi ao banheiro e se viu no espelho. Seu rosto, como o de sua mãe tinha sido, estava coberto de lágrimas, vermelho, angustiado. O rapaz jamais voltara para buscá-la para sair.

Gracie foi levada para fora de casa, sangrando e soluçando, por sua mãe. As ameaças do pai as seguiram enquanto corriam para a casa ao lado em busca de ajuda. Sua mãe chegou, ela não, não fora rápida o bastante para escapar da fúria do pai. Ele a segurou, ergueu-a nos braços e a carregou à força para a casa deles, enquanto a mãe gritava e pedia ajuda no jardim da casa ao lado.

Luzes azuis brilhando, sirenes, homens numa van vestidos como soldados, mas todos de preto. Grandes armas, Gracie presa nos braços do pai, a pistola apertada em sua cabeça, o pai rindo. A mãe podia deixá-lo, mas Gracie morreria, e ela teria que viver com a morte da filha.

Atrevido, recusando-se a conversar com um negociador. Queria que a imprensa soubesse que a culpa era da mãe infiel e vadia de Gracie. Sua morte seria notícia do jornal das seis horas da televisão local! Gritou aquelas palavras para os policiais que estavam em pé na rua com as armas apontadas para ele.

Então ele moveu o dedo no gatilho e apertou. Um tiro, apenas um. Um som como o de um trovão. Um líquido desceu pelo rosto de Gracie, entrou em sua boca, metálico e espesso, uma dor lancinante na cabeça enquanto ela e o pai caíam no chão...

Obrigou a mente a voltar ao presente. Jason a havia beijado. Sua boca se comprimira com força no seio dela. Teria tido a intenção de mergulhar os dentes em sua

carne, como o pai fizera com sua pobre mãe? Ela dissera à Gracie para jamais se casar, que um homem atraía uma mulher para o casamento e, então, a espancava e torturava no quarto de dormir, porque era apenas assim que ele sentia prazer ou alívio. Gracie compreendia, o sexo era apenas para o prazer do homem, e uma mulher pagava com dor, sangue e gritos...

Gracie se segurou na ponta da bancada da pia e se sentiu enjoada. Correria para longe de Jason. Ele devia pensar que ela o considerava repugnante. Queria poder pedir desculpas, mas isso exigiria que admitisse a verdade sobre o seu pai e a sua mãe, mas não podia fazer isso. Se fizesse, Jason provavelmente a expulsaria de casa. Haveria um terrível escândalo se algum dia alguém descobrisse seu passado. Mas fora há muito tempo, e as pessoas tinham memória curta atualmente. Ninguém ligaria aquela notícia de jornal sobre a garotinha sangrando e chorando nos braços de um policial, ao lado do corpo do pai, do lado de fora da casa velha e pequena, com a mulher adulta que vivia numa mansão.

Especialmente quando sua própria mãe havia contado a todos que Gracie era apenas sua enteada. Ninguém sabia que seu sobrenome havia sido legalmente trocado, nos dias que se seguiram à morte do pai, para Marsh... o nome de solteira de sua mãe. Estava segura. Ela enxugou o rosto enquanto olhava para a mulher de olhos inchados no espelho. Sua mãe era linda, mas Gracie se parecia com o pai, que tinha um rosto comum. A boca era bonita e o corpo bem proporcionado, embora os seios fossem pequenos. Seu cabelo longo, preso num coque apertado, era o que tinha de mais bonito, se o deixasse solto. Mas era, como Gracie, amarrado com força, para que jamais pudesse escapar. Por dentro, Gracie estava presa por terríveis lembranças.

Agora Jason a odiaria, o que talvez fosse melhor. Não ficaria tentado a tocá-la de novo, a fazê-la se sentir tão fraca que aceitaria tudo o que ele quisesse. Teve uma sensação de perda profunda. Adoraria ser uma mulher normal. Jason era um homem bondoso, gentil e muito masculino, conhecia bem as mulheres e seria um marido e pai maravilhoso.

Mas Gracie tinha certeza que jamais entregaria seu corpo à dominação física de um homem. Tinha amigos homens... a maioria gay... mas jamais tivera o que chamavam de um "encontro quente". Nos seus círculos sociais, espalhara-se o rumor de que Gracie era fria como gelo. Gostava que as pessoas pensassem assim. Isso a salvava da humilhação de recusar o convite de qualquer homem que a visse como a sobremesa depois de um jantar e a protegia de avanços amorosos, especialmente agora. Jason acreditaria que era frígida, que não queria que a tocasse.

Doía deixá-lo pensar assim, mas era a única maneira de fugir do destino da mãe. Mesmo Jason, tomado pela paixão, seria igual ao pai. Não tinha sentido sua boca lhe apertando o seio macio? Não usara os dentes... mas então, ela o empurrara a tempo, bem a tempo.

Afastou-se do espelho. Sentia-se morta por dentro.

Capítulo Quatro

Jason andou, distraído, em meio à multidão sofisticada de Nova York que participava do coquetel. Estava atormentado pelo que havia feito com Gracie. Ela jamais o perdoaria, mesmo se fosse culpada por provocá-lo tanto que ele precipitara as coisas. Estava tentando esquecer que cruzara a linha com ela antes de ela cair na vala da estrada, na chuva.

Tudo começara na festa, dois dias depois do leilão. Ele ultrapassara a linha na ocasião. Quase a beijara. Na noite da chuva, não fora mais capaz de manter o controle. Seu desejo angustiado por ela o consumira naqueles poucos e apaixonados minutos na varanda da frente da mansão em San Antônio. Por alguns preciosos segundos, Gracie havia se agarrado a ele, respondendo à fome de sua boca. Mas, então, começara a lutar contra ele, a empurrá-lo. Sua rejeição tinha sido total, sua expressão, horrorizada. Olhara para ele como se fosse o próprio demônio.

Estava terminando sua segunda dose de uísque da noite... uma anomalia para um homem que jamais tomava bebida forte. Ficara bêbado apenas uma vez, quando o advogado da família lhe dera a carta selada que fora deixada junto com o testamento do seu pai. Nela havia uma revelação que quase o destruíra. Seu pai tinha sido um esnobe, mas nem Jason esperara que ele pudesse ser tão cruel e insensível.

A carta dizia que não deixava nada para os empregados da casa porque eram de nascimento inferior e, acrescentara, especialmente a sra. Harcourt. Jason se lembrava de todos os sacrifícios que a sra. Harcourt fizera por ele durante anos, que fora sua mãe substituta depois que a própria mãe morrera quando tinha apenas cinco anos de idade. Ela fora, seu conforto, a sua segurança. Cuidava dele com devoção sempre que adoecia. Inferno, cuidara da mesma forma de seu pai esnobe quando ele adoecera.

E, como recompensa, nada recebera no testamento, porque era de nascimento inferior. Jason ficara tão indignado, sentira uma repulsa tão grande que jamais mostrara a ninguém o conteúdo daquela carta. Apenas se embebedara, impressionado com a insensibilidade do pai.

Glory e Gracie não tinham relações de sangue com ele, mas deixara-lhes dinheiro. Por que demonstrara deliberadamente tamanho desprezo pela sra. Harcourt? Talvez tivesse ciúmes da atenção que dava a Jason e da afeição que ele sentia por ela ou considerara aquele relacionamento inadequado. Só Deus sabia a verdade.

A dor que aquela carta lhe causara ainda o atormentava tantos anos depois. Agora juntava-se à agonia do seu desejo por Gracie. Era um desejo mórbido, não correspondido, que ameaçava destruí-lo como homem. Por dois longos anos, queimara como uma chama que não se apaga dentro dele, ansiando pela liberação.

Tudo o que conseguira para alimentá-lo fora aquele longo e angustiado beijo. Seria o único. Gracie jamais o deixaria tocá-la de novo. Sua expressão lhe dissera isso quando corra dele. Aparentemente, sentira repulsa ao ser beijada apaixonadamente por um homem que considerava um irmão. Mas não eram parentes, não tinham a menor ligação de sangue. E isso não tinha importância, Gracie jamais lhe perdoaria pelo que havia feito. E agora, em resposta à sua fome infinita por ela, haveria nos olhos dela o nojo por ele quando se encontrassem de novo. Gemeu baixinho enquanto tomava mais um gole da bebida.

Uma ruiva linda e viva se aproximou dele à mesa de bebidas, onde ele preparava outra dose de uísque e gelo.

— Oi — cumprimentou. — Você é o milionário recluso do Texas sobre quem todo mundo está falando? — perguntou sorrindo.

Os olhos dela eram de um azul muito pálido num rosto lindo e delicado. Um longo cabelo vermelho lhe descia pelas costas quase até a cintura, com ondas ondulando como o mar em sua extensão sedosa.

— Devo ser — disse ele, a voz lenta. — Estou usando as roupas dele.

O olhos dela brilharam.

— Dizem que você tem um rancho.

Ele deu de ombros.

— Doçura, todo homem do Texas tem um rancho, um cavalo e um revólver.

— E uma corporação de âmbito mundial que fabrica computadores e softwares de última geração? — provocou.

— Não, isso talvez não — concordou. Tomou um gole da bebida, olhando em torno para as pessoas bonitas e alegres desta cobertura na cidade de Nova York. Dirigiu-se para a janela e observou toda a Manhattan iluminada até o rio Hudson. — Isto E mesmo alguma coisa digna de ser vista. — Parecia pensar em voz alta.

— Aposto que o Texas também é. Pena que nunca estive lá.

— É mesmo uma pena — murmurou, abaixando o olhar para sorrir para ela. — Em que você trabalha?

— Sou modelo — disse ela, com uma expressão ofendida. — Certamente você lê revistas de trajes esportivos. Poso sempre em trajes de banho.

Ele lia e se lembrou de vê-la numa delas... Era uma mulher sexy, de pernas longas, com olhos de "venha cá". Estava olhando-o daquele jeito agora, e Jason se sentia enfraquecer. Seu ego estava no chão e precisava se lembrar que algumas mulheres o consideravam um homem atraente.

— Com quem você está? Ela riu.

— Com ninguém, rompi com meu último namorado há um mês.

— Que pena — comentou seco.

— Você é casado? — A voz era suave, mais parecia uma gata ronronando.

— Graças a Deus, não! O sorriso dela cresceu.

Ele não se lembrava muito do resto da festa, apenas de começar seu terceiro copo de uísque com gelo e de resmungar que Gracie era um peixe frio, então tropeçou. A ruiva o levava para a porta, descera com ele, e entraram num táxi. A última coisa de que se lembrava foi de afundar numa cama enorme e macia.

Mas, quando acordou, as coisas subitamente ficaram claras. Estava deitado sob os lençóis com sua boxer de seda. Ao lado dele, estava uma ruiva muito nua que dormia em seus braços.

Não precisava que ninguém lhe dissesse o que havia acontecido. A angústia o

tomou em ondas. Bebera demais, sua cabeça latejante lhe dizia isso. Em seu desespero para esquecer o que havia acontecido entre ele e Gracie, fora para a cama dessa mulher estranha sem pensar. Embora não se lembrasse de nada, estava certo, pelo menos, de que se esquecera de usar proteção, porque não levava nenhuma com ele. Esta linda criatura enrascada em seus braços obviamente o achara irresistível e agora enfrentava a perspectiva de tê-la engravidado por sua falta de controle.

Virou-se de costas com um gemido. Havia muito tempo que não tinha uma mulher, desde que sua paixão por Gracie havia se tornado uma obsessão. A abstinência funcionara como um afrodisíaco, pensou amargamente. Era rico, e esta mulher certamente queria seu dinheiro. Tinha sido uma presa fácil. E agora o que faria?

Nada nunca mais seria a mesma coisa em casa. Gracie o culparia por aquele beijo furioso e o odiaria. Nunca a teria como sua. Tinha 34 anos de idade e enfrentava um futuro solitário que se estendia diante dele como um abismo.

Não queria voltar sozinho para casa. Não queria enfrentar Gracie como estava, com o orgulho em cinzas e o ego despedaçado por sua rejeição. Por outro lado, não pretendia deixar esta mulher longe de sua vista. Se tivessem feito sexo sem proteção, ela podia ter ficado grávida por causa de sua falta de controle. Encolheu-se, pensando como afastara Gracie de sua vida de repente e de forma permanente com aquele ato de luxúria. E se houvesse um bebê...

Um filho, o seu filho. Sorriu ao pensamento. Poderia ter um filho, alguém seu, alguém para amar e por quem ser amado. Virou a cabeça e olhou para a mulher adormecida, linda, jovem, maleável. Importava se fora imprudente? Por que não se casar com ela e ter uma família? Não podia ser pior do que uma dezena de cavadoras de ouro que o haviam perseguido por anos. Pelo menos, esta era linda e desejável e, de certo modo, até famosa.

Imaginou-se entrando na mansão em San Antônio de braços com esta mulher e vendo o rosto chocado de Gracie. Ela não o queria, mas esta mulher obviamente sim. Não pensaria no futuro, não se permitiria considerar as consequências de sua decisão impulsiva. Já passara dos limites de uma porção de maneiras. Podia muito bem deixar que o destino o levasse para onde quisesse. Nada mais restava de seus sonhos. Aceitaria o que lhe fosse oferecido. Deitou-se de novo e fechou os olhos.

Gracie precisou de diversos dias para se recuperar. Lamentava ter estragado tudo com Jason de novo. Quando fora ao rancho, tinha a esperança de que pudessem, pelo menos, voltar ser amigos como antes. Em vez disso, conseguira apenas afastá-lo ainda mais.

Era o dia do aniversário da sra. Harcourt, e Gracie havia contratado um serviço de bufê, como uma forma de poupar a sra. Harcourt do trabalho de preparar seu próprio jantar. Pelo menos, pensou, mesmo se Jason não participasse da celebração, como fazia com frequência, Glory e seu marido, Rodrigo, participariam. Mas, no último minuto, Glory telefonou e cancelou. Rodrigo fora chamado a Washington, D.C., a respeito de um assunto urgente, e ela iria com ele. Não podia deixá-lo viajar sozinho, explicou à Gracie. Estavam casados havia um ano, mas não suportava ficar longe dele. Rodrigo estava trabalhando no escritório do DEA de San Antônio, e Glory era uma promotora assistente do promotor distrital de Jacobsville, Blake Kemp. Vivam em Jacobsville, mas visitavam com frequência a mansão Pendleton. Glory enviara à sra. Harcourt uma bolsa linda com um cartão, em que pedia desculpas por não poder participar da celebração.

A medida que a hora do jantar se aproximava, Gracie se sentia cada vez mais incomodada com a expressão no rosto da sra. Harcourt. Gostava muito de Jason, o que não era de se espantar, já que o acompanhara durante toda a vida dele. Ficaria muito magoada se Jason decidisse não comparecer por causa do que havia acontecido.

A sra. Harcourt estava preocupada.

— Jason não deixou uma mensagem na secretária eletrônica enquanto estávamos fora da sala?

Gracie balançou a cabeça. Sentia-se culpada e esperava que a sra. Harcourt não percebesse.

— Grange disse que ele está em Nova York para um encontro de negócios. Está lá há mais de uma semana, mas Grange não informou quando ele voltaria.

A sra. Harcourt olhou para a mesa muito bem posta.

— Tudo está pronto na cozinha — disse ela infeliz. — Toda aquela comida...

— Mandaremos o que sobrar para uma das cozinhas de sopas para os pobres — disse Gracie gentilmente.

A sra. Harcourt sorriu.

— Isso é gentil.

— Sim, é. Eu... — Fez uma pausa. Um automóvel estava se aproximando pelo caminho de carros. Talvez fosse Jason!

— Acha que ele veio, afinal? — perguntou a sra. Harcourt cheia de esperança.

— Vou ver.

Gracie quase correu até a porta da frente. Ele a perdoara! Voltariam a ser amigos, finalmente, e tudo ficaria bem.

Abriu a porta com um grande sorriso e, de repente, ficou imóvel como uma estátua de pedra. Porque Jason não estava sozinho.

Estava sorrindo e havia uma linda ruiva ao lado dele. Ela lhe apertava a mão e o olhava como se tivesse ganhado na loteria. Quando Jason olhou em direção à porta e viu Gracie, o sorriso desapareceu de seu rosto.

— Oi, Gracie — disse com frieza. — Viemos para o aniversário da sra. Harcourt.

Gracie parecia tão chocada e magoada como ele esperara e parecia estar desapontada também. Mas era tarde demais.

Ela se esforçou para recuperar a compostura e colocou no rosto seu sorriso de festa.

— Oi — disse para a ruiva. — Sou Gracie Marsh...

— Sim, a irmã de criação — disse a mulher num tom divertido e condescendente. — Não pude acreditar quando Jason me contou. Imagine, uma mulher da sua idade ainda vivendo em casa!

Gracie deu um passo para trás enquanto entravam, e a brisa suave lhe beijou o rosto antes de ela fechar a porta. Sofrera o maior choque de sua vida adulta, e a dor reverberava dentro dela.

— Sra. Harcourt, venha aqui, por favor — Jason chamou.

A mulher em pé ao lado da mesa da sala de jantar, usando um lindo vestido, meias

e sapatos sem salto, foi até eles, trocando um olhar com Gracie, que estava se sentindo arrasada.

— Quero que vocês duas conheçam Kittie Sartain — disse ele suavemente. — Minha noiva.

Gracie não desmaiou, mas, por um terrível momento, sua visão escureceu. A sra. Harcourt se aproximou rapidamente para distrair os dois recém-chegados, para que não percebessem como Gracie estava transtornada.

— Sou a sra. Harcourt, a governanta — disse ela. Kittie ignorou-a e andou alguns passos.

— Que sala de jantar linda. — Kittie olhava em torno. — E uma louça adorável. Estou faminta!

— Vamos jantar num instante — gaguejou a sra. Harcourt sem olhar para Jason.

— Que bom — disse Jason agradável. — Tivemos um viagem difícil. O voo atrasou por causa de um alerta falso e tivemos que esperar dentro do avião por mais de uma hora.

— Detesto vôos comerciais — o tom de Kittie era de desprezo. — Meu último namorado tinha um Learjet. Você devia comprar um, Jason, evita essas situações desagradáveis.

— Vou pensar no assunto — disse ele com um sorriso frio. — Onde estão Glory e o marido? — acrescentou.

— Rodrigo teve que ir a Washington a trabalho, e Glory foi com ele — disse Gracie num tom baixo.

— Compreendo.

— Que diabos são todas essas decorações de Natal? — explodiu Kittie, atônita ao ver as duas caixas de guirlandas que estavam no hall... Tinham acabado de chegar, e Gracie não tivera tempo de levá-las para o sótão. Na verdade, não esperava que Jason aparecesse na mansão aquela noite.

— Gracie gosta de decorar a casa para os feriados — começou a dizer a sra. Harcourt.

— Vermelho e verde, que coisa comum — resmungou Kittie enquanto olhava dentro das caixas. Estava usando um conjunto de seda branca que parecia muito caro e que lhe destacava o corpo bonito muito bem. — Nenhum dos meus amigos e conhecidos celebra mais o Natal... É tão antiquado!

Gracie não sabia o que dizer. Ninguém jamais lhe falara de maneira tão grosseira. Olhou para Jason, mas ele estava observando a ruiva com evidente admiração.

— Fiz um bolo de chocolate — começou de novo a sra. Harcourt.

— Não para mim, obrigada. Estou de dieta. Espero que não use manteiga e gordura para cozinhar — continuou Kittie. — Jamais como coisas gordurosas!

— Faremos algumas mudanças — disse Jason tranquilamente. Sentou-se à cabeceira da mesa. — Feliz aniversário — disse à sra. Harcourt num tom mais gentil e empurrou uma caixa de jóia para ela.

A sra. Harcourt estava claramente aturdida, mas conseguiu abrir a caixa e tocou o broche bonito com dedos suaves.

— Pérolas e rubis, meus, favoritos! Obrigada, Jason, vou usá-lo quando for à igreja

aos domingos.

— Igreja! — Kittie rolou os olhos.

A sra. Harcourt pareceu angustiada. Jason olhou para Kittie e franziu a testa.

Ela viu sua expressão e imediatamente enrijeceu a postura.

— Ajudei Jason a escolher o broche — disse alegremente. — Estou contente por ter gostado.

— É muito bonito — gaguejou a sra. Harcourt.

— Pode trazer a comida agora? — perguntou Jason. — Não comemos nada no avião.

— Claro, o pessoal do bufê preparou a refeição, e está tudo pronto para nós — disse a sra. Harcourt.

Enquanto falava, John e Dilly entraram na sala. John era alto, tinha cabelo branco e era motorista da família havia décadas. Usava suas roupas comuns, como Gracie lhe dissera para fazer. Assim como Dilly, que fazia o trabalho pesado da casa. Era uma garota grande, alguns anos mais velha do que Gracie, com ossos largos e um rosto sem beleza. Usava calça comprida e um suéter.

— Estes são John, nosso motorista — apresentou Gracie. — E Dilly, que ajuda a sra. Harcourt com o trabalho da casa.

Kittie olhou para eles perplexa.

— Eles vão ajudar a servir o jantar?

Os olhos de Gracie se abriram.

— Eles são da família, sempre comem conosco em ocasiões especiais.

Kittie lançou a Jason um olhar significativo, e ele o ignorou.

— Não me importo de ajudar a servir — disse Dilly constrangida.

— Eu vim apenas para lhes dizer que não posso ficar. Meu irmão está na cidade e quer me ver — mentiu John, pensando depressa. — Estou com meu celular se precisarem de mim. Feliz aniversário, sra. Harcourt.

— Obrigada, John — a sra. Harcourt se encolheu diante da expressão dele.

Dilly olhou para John com ansiedade, como se quisesse fugir também mas estivesse presa.

— John, Dilly, esta é Kittie, minha noiva — Jason lhes apresentou a ruiva. — Ela é uma das principais modelos do país. Vocês provavelmente já viram o rosto dela em capas de revistas.

Se é que não em cartazes espalhados nos correios, pensou Gracie maliciosamente, mas não disse nada.

— Sim, sou muito ocupada — disse Kittie num tom superior. — Na verdade, estou cheia de compromissos para os próximos três meses. Vou fazer fotos por toda parte do mundo. Você terá que viver sem mim, querido — provocou Jason.

Ele sorriu de volta para ela, mas apenas com a boca. Os olhos eram vazios.

— Parabéns — disse John a ele. — Espero que sejam felizes.

— Obrigado.

John parou por um momento, então se virou e saiu da sala. O coração de Gracie estava se partindo. A família deles, seus leais amigos e empregados estavam sendo tratados como se fossem hóspedes indesejáveis. Aquela ruiva horrível os desprezava, e Jason estava tão frio que Gracie nem mais o reconhecia. Ficara fora apenas duas semanas, pelo amor de Deus, como podia ter ficado noivo tão depressa sem nem mesmo contar a ninguém!

— Não vamos comer? — perguntou a ruiva a Jason, passando a mão sedutoramente sobre a dele em cima da mesa. — Estou com tanta fome, Jason.

Gracie empurrou a cadeira para trás e se levantou.

— Vou ajudar — disse à sra. Harcourt e Dilly e se dirigiu à frente delas para a cozinha.

— Imagine só, convidar empregados para se sentar à mesa e jantar com você — queixou-se Kittie. — E você deixa sua irmã de criação viver com você, na idade dela? O que as pessoas devem pensar?

Gracie puxou as duas mulheres até a cozinha, fechou a porta e se encostou nela com os olhos fechados. Só podia ser um pesadelo.

— Quem é ela? — exclamou Dilly horrorizada.

Gracie respirou fundo para se acalmar.

— Você ouviu, é a noiva de Jason. — A voz estava tão abalada pela dor que as outras mal a ouviam. — Vai se casar com ela.

Dilly parecia doente, assim como a sra. Harcourt, que estava com o rosto pálido e que demonstrava todo o seu sofrimento.

Houve uma batida na porta, e Jason a abriu, acidentalmente empurrando Gracie. As três mulheres olharam para ele com expressões que variavam do choque ao desespero. O que lhe parecera uma boa idéia em Nova York se revelara um pavor no Texas. Sentiu-se culpado e escondeu a sensação sob a raiva.

— Vocês se acostumarão com ela — disse severamente. — Não é tão ruim como parece, apenas não conhece vocês.

Ninguém disse uma palavra, e os olhos negros de Jason apertaram.

— Não importa como se sentem, espero que todas vocês a tratem com respeito e a façam se sentir bem-vinda.

— E claro, Jason — disse Gracie sem olhar para ele. — Afinal, é a sua casa.

— Sim — disse secamente. — É a minha casa. — Voltou para a sala de jantar.

— Se tivermos juízo — disse Dilly à sra. Harcourt com tristeza. — Devemos começar a procurar outro emprego, apenas como prevenção.

Gracie concordava, mas nunca tivera um emprego e não tinha certeza se poderia conseguir e manter um, com os seus problemas de falhas mentais. Mas de uma coisa tinha certeza, não podia viver sob o mesmo teto com aquela mulher depois que Jason e ela se casassem.

— Este vai ser um aniversário infernal, sra. Harcourt — disse Dilly com pesar, enquanto procurava um avental.

Gracie concordou em silêncio. Olhou para a pobre sra. Harcourt, que já estava com os olhos cheios de lágrimas. Queria abraçá-la e lhe dar conforto, mas nada ajudaria agora, nada mesmo.

Fora um dos piores dias da vida de Gracie. Kittie se queixou de tudo, beliscou a salada, tomou café preto e resmungou sobre a qualidade da comida. Depois da refeição, ela e Jason foram para a sala de estar, onde ela se aninhou no colo dele e passou o resto da noite beijando-o.

A sra. Harcourt preparou um quarto para ela, embora esperasse com amargura que a ruiva quisesse dormir no quarto de Jason. Ele cortou a possibilidade com mais energia do que uma surpreendida Kittie antecipara.

— Você é mesmo antiquado — provocou ela. — Especialmente depois do que aconteceu em Nova York — acrescentou.

Gracie estava infeliz até o fundo da alma. Jason deixara claro que não se sentia romanticamente interessado nela. Se estivesse, aquele noivado não existiria.

Dera demasiada importância a um beijo. Era uma mulher, ele era um homem, e ela começara tudo, como ele a acusara. Apenas tirara vantagem de um oferecimento, como qualquer homem. Mas ela tivera a esperança de acertarem tudo, de que tudo voltasse a ser como era antes. Agora percebia como sua esperança era sem fundamento.

Kittie tratou todos da casa com rispidez, especialmente Gracie. Usava um enorme anel de diamante no dedo anular e jamais ficava a mais de dez centímetros de Jason, exceto à noite.

Ficaram por uma semana e, durante todo o tempo, Gracie e as outras pessoas da casa encontraram motivos para não interagir com o casal. Jason levou a noiva para diversos eventos culturais, incluindo um bale e um concerto sinfônico.

Gracie ficou perplexa por Jason não levar Kittie ao rancho até ouvir a mulher manifestar sua opinião sobre o gado, que cheirava mal, e a casa, que não passava de uma cabana valorizada demais e estava sempre cercada por caubóis sujos.

Kittie não perdia uma oportunidade de dizer às mulheres da casa que haveria grandes mudanças quando ela voltasse para passar o dia de Ação de Graças. Primeiro, precisavam encontrar alguém que fizesse uma comida melhor do que a do dia de sua chegada e, segundo, a casa tinha uma decoração completamente gótica. Precisava urgentemente de uma reforma, principalmente o quarto de Gracie, acrescentou como uma ameaça, que era como o de uma criança, todo em renda e rosa e branco, precisando ser modernizado com urgência.

E claro, disse pela milionésima vez, era realmente muita bondade de Jason permitir que a irmã de criação vivesse com ele, mas Gracie não tinha idade para viver por conta própria? Quanto à sra. Harcourt, era velha demais, como o motorista. E Dilly era um constrangimento absoluto! Caipira demais para trabalhar numa mansão da categoria daquela.

Não que fizesse essas observações diante de Jason. Quando ele estava por perto, ela elogiava todo mundo, até Gracie. Assim, se alguém se queixasse a Jason, ele saberia que estavam mentindo.

Jason tolerava os avanços de Kittie, mas, se Gracie prestasse atenção, o que não fazia, poderia ter percebido que todas as iniciativas eram dela. Ele parecia estar fazendo um jogo de espera com a adorável modelo.

Não passou cinco minutos sozinho com Gracie, o que foi um enorme alívio para ela. Ainda estava em choque com o súbito noivado. Sempre pensara que um dia ele se

casaria, mas esperara que fosse com uma mulher que conhecia, alguém que partilhasse seu modo de pensar e de viver. Essa modelo era como alguém de outro planeta. Sim, era linda e culta e uma borboleta social, mas não tinha alegria. Gostava da mansão, mas apenas como uma posse. O sentimento não tinha lugar em sua vida, gostava de homens ricos e de dinheiro.

Gracie a ouviu se gabar com alguém no telefone sobre suas aventuras sexuais com muitos homens. Estava noiva de um homem que era dinamite na cama, disse ao ouvinte, assim, enquanto pudesse satisfazê-la, ficaria com ele. Mas havia um príncipe do Oriente Médio que também a queria e era muito mais rico do que Jason. Relacionamentos eram um aborrecimento, suspirou, homens apenas queriam sexo, mas se fossem ricos, não se importava. Podia fingir prazer enquanto os presentes que recebia em troca valessem a pena.

Gracie, que jamais conhecera um só homem intimamente, ficou chocada com a atitude da mulher. Era mesmo esse o significado da vida, fazer sexo com o maior número possível de homens para manter o status, uma posição de riqueza e de luxo? Parecia uma vida muito vazia para Gracie, que se sentia feliz com as coisas mais simples e não queria participar de orgias. Devia ser uma questão de criação, pensou Gracie. Então se lembrou da dela e estremeceu.

Gracie dirigiu até Jacobsville diversos dias depois do aniversário da sra. Harcourt, desesperada para fugir da visão constante de Kittie agarrada a Jason. Ela via também um fluxo permanente de visitas à mansão, a maioria de pessoas ricas e famosas que Jason conhecia e de quem Kittie também queria se tornar amiga.

Isso foi depois da orgia de compras no Neiman Marcus, das quais a ruiva voltara para casa com inúmeras caixas de roupas caras, sapatos, perfumes e jóias.

— Sim, sabemos sobre sua hóspede — disse Barbara solidária. Podia ver a infelicidade no rosto de Gracie. — Ele vai mesmo se casar com ela?

— Como sabem sobre ela? — perguntou Gracie.

— Jason a estava exibindo no balé. Rick também foi, como um guarda-costas para Keely Welsh quando ela esteve lá com Clark Sinclair.

Gracie suspirou.

— Bem, ela é linda.

— Rick não ficou impressionado. Sabe, ela o tratou com indiferença, porque ele não é rico.

— Pensei que ela seria assim, mas Jason parece estar muito feliz com ela.

— Lamento.

Ela deu de ombros.

— Era inevitável que ele se casasse algum dia. Mas não posso viver com ela. — Suspirou, infeliz. — Preciso arranjar um emprego e encontrar um lugar para viver.

— Gracie, não se apresse — disse Barbara com gentileza. — Há um longo caminho entre o noivado e o altar.

— Ela diz que eles se casarão no Natal — gemeu.

Barbara se encolheu.

— Talvez...

— Talvez não — engoliu. — Posso ensinar, você sabe. Sou formada em História pela faculdade. Talvez haja um emprego no curso noturno como professora adjunta da universidade comunitária. Poderia ensinar sem ter mestrado.

Barbara hesitou, então suspirou.

— Certo, conheço o reitor da universidade e lhe telefonarei esta noite. Gracie sorriu.

— Obrigada. E agora preciso encontrar um lugar para morar...

— Não, não precisa, pode ficar comigo

— Ah, não posso impor a minha presença — começou..

— Vou gostar de ter companhia. Ultimamente, Rick quase nunca vem para casa. Adoraria ter alguém com quem conversar.

— Como se você não tivesse pessoas com quem conversar todos os dias — provocou Gracie.

— Não é a mesma coisa que conversar com uma amiga. Quando quer começar?
— Gracie hesitou. — Posso fazer uma sugestão? Espere até o semestre da primavera, que começa em janeiro. Até então, você pode não querer ou precisar de um emprego.

— Ou posso precisar desesperadamente de um — replicou Gracie. — Preciso encontrar também alguma coisa para a sra. Harcourt, Dilly e John. Kittie vai mandá-los embora até mesmo antes de me expulsar.

— Jason não deixará que isso aconteça.

— Você não conhece aquela mulher — insistiu Gracie. — Ela os forçará a sair e dirá a Jason que foi decisão deles. É mestre em manipulação — pareceu preocupada. — Posso trazer Mumbles?

— Seu gato? Gracie acenou.

— Está internado na clínica veterinária há três semanas, para ser tratado de uma infecção dos rins. Ele é velho, você sabe, e não vai durar muito mais, mas não posso deixá-lo para trás.

— Pode trazê-lo, gosto de gatos.

O rosto de Gracie mostrou sua alegria.

— Você é a amiga mais gentil que tenho.

— Bem, posso devolver o elogio — replicou Barbara. — Agora pare de pensar em tristezas e vamos comer um pouco de torta!

Capítulo Cinco

E, por acaso, Jason conversou sobre o gato com Gracie pouco antes de ele e Kittie

serem levados para o aeroporto por um John sombrio. Gracie levava o velho Mumbles para casa, depois que sua infecção nos rins havia sido curada pelos veterinários. Era um felino enorme, com grandes olhos azuis e pontos alaranjados nas pontas das orelhas e no rabo. Seu pelo era longo e luxurioso, e Gracie o mantinha escovado. Com a coleira de cristais, Mumbles era o exemplar perfeito de um bichinho de estimação mimado.

Mas sua beleza não impressionou Kittie, que, assim que entrou na sala de estar onde o gato ocupava uma poltrona, começou a espirrar sem parar. Gracie o pegou para levá-lo para seu quarto com um pedido de desculpas, mas Kittie nem mesmo lhe respondeu. Lançou à Gracie um olhar que prometia vingança.

E aqui estava. Jason abaixou o olhar para ela com um brilho de raiva e o rosto fechado.

— Você terá que fazer alguma coisa a respeito de Mumbles antes de voltarmos para o dia de Ação de Graças, Gracie — disse ele calmo. — Kittie é alérgica a gatos.

Que ironia, pensou Gracie, mas não disse.

— O que quer que eu faça com ele, Jason? — perguntou preocupada.

— Ele não pode ficar na casa com Kittie — disse ele desviando o olhar. Aquele noivado estúpido já estava lhe custando muito caro.

— Ele tem doze anos e nunca ficou fora de casa em toda a sua vida — disse ela infeliz. — Não posso deixá-lo no pátio.

— Kittie é alérgica a gatos — repetiu severo. — Ontem ela só espirrou, mas geralmente fica cheia de erupções na pele quando há gatos por perto.

Gracie desviou o rosto, não podia deixá-lo ver as lágrimas que se formavam com abundância em seus olhos.

— Ah, pelo amor de Deus, é só um gato velho... não um bebê! — gritou, enfurecido demais com a possibilidade de lágrimas. Feri-la tanto assim o estava matando!

Ele lhe dera o maldito gato, e a maneira como ela reagira ao presente tinha sido uma revelação. Perguntara-se, na ocasião, se algum dia recebera um presente. E agora o gato tinha sido o motivo de uma grande briga com Kittie, que não aceitaria nada menos do que o desaparecimento do animal. Jason se viu no meio de uma confusão entre uma noiva que não queria e a mulher que queria de todo o coração, mas que não o queria. Estava furioso com a sensação de impotência que o dominava.

O chicote da voz poderosa fez Gracie realmente recuar para se afastar dele, o rosto branco como papel. Nunca tinha gritado assim com ela, nunca parecera tão enfurecido com ela. Era o fim de tudo. Kittie a detestava e estava procurando um meio de fazê-la sair de casa. Os empregados também estavam infelizes e já haviam se resignado a serem demitidos.

Lamentava a alergia de Kittie, mas o pobre Mumbles estava velho e doente e não tinha para onde ir. Agora Jason parecia estar contemplando a possibilidade de eutanásia!

— Ele está velho, Gracie — disse áspero. — Não tem muito tempo para viver de qualquer maneira. Pode ser um ato de misericórdia levá-lo para o veterinário e lhe dar uma injeção.

— Não vou deixar que ele seja morto! — exclamou, o lábio inferior tremendo. Não se lembrava de já ter enfrentado Jason assim, mas estava lutando por Mumbles agora, pela vida dele. Fechou os punhos nas laterais do corpo. — Se quer que deixemos sua casa, basta dizer.

— E você vai fazer o quê? — perguntou, a raiva brilhando nos olhos. — Conseguir um emprego? Que qualificações você tem, além de ser anfitriã de chás e festas, Gracie? — Apesar dos olhos enfurecidos, a voz era fria.

As palavras a atingiram como uma bofetada, e ele gostaria de ter mordido a língua antes de dizê-las.

— Não sou uma idiota, Jason. — A voz de Gracie passava pelos dentes cerrados. — E talvez possa fazer uma porção de coisas que você acredita que não posso!

Ele não disse nada, apenas olhou para ela.

E aquilo fora a última gota. Então era isso que ele realmente pensava dela, mas que nunca dissera antes. Nunca a havia humilhado assim. Ferida e furiosa, ela se virou e subiu correndo a escadaria em direção a seu quarto, como se os cães do inferno estivessem aras dela.

Uma vez segura no quarto, trancou a porta e se sentou junto a janela, o corpo todo estremecendo. Aquele era o único lar que conhecera, sentia-se segura naquela casa. Ela e os empregados gostavam uns dos outros, cuidavam uns dos outros. Mumbles tinha sido parte da alegria que sentia por viver ali por mais de doze anos, desde que Jason o dera a ela como um presente de Natal.

E agora, num piscar de um olho, tudo mudara desde que aquela ruiva má atravessara a porta. Para Gracie, tudo terminara,

Perdera tudo o que amava, sua família, seu lar, até mesmo seu gato. E especialmente Jason!

Houve uma batida forte à porta.

— Gracie! — chamou Jason com urgência. Ela não respondeu, seu coração estava se partindo. Ele tentou a porta, mas estava trancada e houve uma pausa.

— Gracie — chamou de novo, com menos raiva.

Ele resmungou alguma coisa, e um minuto depois ela ouviu seus passos desaparecendo. Então Gracie soube que não estaria mais lá quando ele e a noiva voltassem para o dia de Ação de Graças.

— Sua irmã de criação não vai nem nos dizer adeus? — perguntou Kittie em sua voz suave e rouca enquanto entravam na limusine.

O rosto dele endureceu.

— Ela está transtornada por causa do gato.

— É apenas um gato — disse ela animada. — Pode arranjar outro quando tiver a casa dela.

Ele franziu a testa.

— O que quer dizer... a casa dela?

— Bem, querido, não espera que ela viva conosco, espera? — exclamou horrorizada. — Quero dizer, o que as pessoas vão pensar? Além disso, não vou dividir você com outras pessoas, especialmente não com uma mulher dependente e gananciosa como aquela.

— Gracie não é gananciosa — disse ele, o tom áspero.

— Ela não está fazendo nenhum esforço para se sustentar, está? Todos esses anos vivendo às suas custas, deixando você pagar por tudo o que tem... até mesmo suas roupas. Não está certo. Garanto que as pessoas fazem mexericos sobre vocês dois.

Ele estava se sentindo totalmente enojado. Seu pequeno jogo de vingança havia destruído sua família. Viu o rosto pálido e sério de John no espelho retrovisor. Conversaria com o homem... e com Dilly... quando voltasse, para garantir a eles que teriam sempre um lugar em sua casa.

E especialmente a sra. Harcourt, pensou miserável. Ficara tão feliz por ele ter se lembrado do aniversário dela, até Kittie começar a tratá-la como uma criada. Fechou os olhos com uma onda de dor. Tivera tão pouco na vida. Fizera todos os sacrifícios pela família, e o pai dele não lhe deixara um centavo. Desde então, Jason tentara garantir que ela se sentisse querida. Devia ter dito alguma coisa quando Kittie a insultara.

E Gracie... Tinha ficado arrasada por causa do seu pobre e velho gato, e ele piorara as coisas ao despejar sobre ela a raiva que estava sentindo com toda a situação.

Kittie viu uma oportunidade e aproveitou-a.

— Sabe — disse ela, num tom confidencial, aproximando-se mais dele e brincando com seu colarinho. — Ela está na metade da casa dos vinte anos e solteira. Não lhe parece que ela não quer mudar a situação?

— Perdão?

— Bem, se ela se casar, perde tudo... não perde? Você certamente não vai continuar a sustentá-la de forma tão extravagante. Ela não pode se dar ao luxo de casar, pode?

A terrível sugestão o abalou. Jamais olhara para a situação sob essa perspectiva. Gracie era tão apegada ao seu estilo de vida que permanecia solteira não porque nunca encontrara um homem que pudesse amar, mas porque não seria mais tão bem cuidada por Jason? Certamente não era verdade! Sabia que não era uma mulher egoísta. Mesmo assim...

— Você está bem, querido? — perguntou Kittie preocupada. — Não parece bem.

Ele engoliu o orgulho que o estava sufocando.

— Estou trabalhando na compra de uma empresa de computadores da Alemanha — disse, cornos dentes cerrados. — Tem sido frustrante.

Ela se aproximou ainda mais e se enroscou nele.

— Posso cuidar de frustração — ronronou. — Apenas espere e veja.

Seria uma longa espera, pensou infeliz. Seu corpo não tinha o menor interesse nela, apesar de sua beleza fenomenal. Era incapaz de fazer amor com ela, um fato que conseguira disfarçar com justificativas. A viagem dela ao exterior lhe daria espaço para respirar, mas não tinha a esperança de honrar o compromisso com ela e no qual seu coração não se envolvera. Seu orgulho ferido pela rejeição de Gracie o entregara de bandeja à Kittie. Quanto à possibilidade de que a engravidara, era uma piada. Vira sua caixa de pílulas anticoncepcionais, que ela mantinha sobre a mesinha de cabeceira.

Ela achara graça do suposto encontro na noite em que bebera, quando ele encaminhara a conversa para o assunto, na esperança de descobrir se ficara grávida. Filhos, desdenhara, não eram para ela, tinha obsessão com o controle de gravidez. Sua carreira era a coisa mais importante de sua vida. Não queria trocar fraldas, dar mamadeiras e perder o corpo perfeito. Além disso, dissera, rindo, Jason nem mesmo fora capaz, desmaiara na cama, e ela o havia despido. Mais tarde, quando a ressaca havia passado, ela disse de um jeito bem malicioso, que ele poderia compensá-la pela abstinência forçada. Sabia que estava temporariamente incapaz pela pressão dos negócios. Isso acontecia aos homens de vez em quando, disse conhecedora. Na verdade,

seu último namorado sofrera aquela aflição algumas vezes, assim como seus outros amantes.

Jason sentiu uma onda de repugnância ao ouvi-la se gabar de suas muitas conquistas. Já ouvira homens jovens fazendo a mesma coisa e ficara enojado. Eles o lembravam de seu pai, que jamais fora fiel a nenhuma de suas esposas, e Jason jamais quisera ser como ele.

Kittie continuava a tentar seduzi-lo, mas pareceu perceber que ele não se sentia atraído por ela e, pior, parecia atribuir à Gracie a culpa por seu fracasso. Isso a tornara mesquinha e a levava a fazer comentários insultuosos que ele ignorara, mas não podia continuar assim indefinidamente.

Quando ela terminasse o trabalho no exterior, tentaria encontrar um meio de romper o noivado. Talvez com alguma coisa bem cara que ela ambicionasse. Já sabia que era sua riqueza que a mantinha ao lado dele. Ela dissera que Gracie ficava por perto pelo mesmo motivo. Não queria acreditar naquilo, mas o que realmente sabia sobre os antecedentes da mulher com quem partilhara seu lar por tantos anos? Seu passado era misterioso. Entrecerrou os olhos e decidiu que teria que fazer uma investigação para saber tudo. Não gostava de segredos.

Conseguiu conversar a sós com John no aeroporto, mas o motorista estava muito quieto e fechado e se recusava a encontrar-lhe os olhos.

— Vamos resolver essa situação até o Natal — prometeu Jason com firmeza.

Os ombros estreitos de John se ergueram e abaixaram.

— Não há nada para resolver, sr. Pendleton — disse educadamente. — Como sua noiva disse, somos todos velhos demais para continuar fazendo nosso trabalho. Tenha uma boa viagem.

— John!

Mas o motorista já estava no carro, se afastando. Jason praguejou com vontade e mal ouviu Kittie chamá-lo na entrada do terminal. E, quando Kittie foi ao banheiro, ele ligou para casa.

A sra. Harcourt atendeu.

— Não deixe John ir embora — o tom era severo. — E isso serve também para você e Dilly. Conversaremos quando eu voltar. Vou à Europa para resolver algumas questões de negócios, mas devo estar de volta dentro de uma semana ou duas. Depois disso, provavelmente terei que ir à Alemanha para solucionar os problemas, mas discutiremos algumas coisas na casa primeiro.

A sra. Harcourt hesitou.

— Está bem, sr. Jason. Ele se encolheu.

— Não me chame assim!

— Eu apenas trabalho para o senhor — disse ela calma. — Isso é tudo. O senhor precisa de criados que combinem com a espécie de amigos da srta. Kittie. — A voz era gentil. — Nós seremos apenas um constrangimento para o senhor. Talvez já sejamos. O sr. Myron jamais nos deixaria continuar no emprego se estivesse vivo.

— Não sou meu pai! Ela engoliu com força.

— Mesmo assim, podemos encontrar alguma outra coisa...

— Não! — Ela não respondeu. — Vamos conversar sobre isso quando eu voltar

para casa. Kittie abre a boca e as palavras apenas saem, sem consideração pelos sentimentos das outras pessoas. É como os amigos dela procedem. — Odiava pedir desculpas por Kittie. Respirou fundo e continuou: — Como está Gracie? — Ela continuou calada. — Sra. Harcourt?

— Ela está trancada no quarto, chorando — disse a voz triste.

Ele fechou os olhos.

— Santo Deus — gemeu. — Nunca tive a intenção de transtorná-la assim. Diga-lhe que faremos alguma coisa sobre o maldito gato, mesmo se eu tiver que construir um lugar no pátio para ele viver! Além disso, todos estamos presumindo coisas que podem não acontecer! Vamos esperar até o Natal.

— Eu direi a ela.

— Desculpe por ter estragado o seu aniversário — disse com gentileza. — Espero que tenha outros cinquenta, todos melhores do que este.

— Obrigada — disse ela, a voz mais suave. — Cuide-se nesses lugares perigosos para onde vai e volte em segurança para casa.

— Farei isso. Tome conta de Gracie — disse ele arrependido. — Sabe como ela fica quando está aborrecida. Gritei com ela e nunca tive a intenção de magoá-la assim.

— Eu sei.

— Não deixe que ela dê o gato para outra pessoa.

— Está bem.

— Telefonarei da Europa.

— Cuide-se.

— A senhora também.

Ela desligou, e ele fechou o celular, olhando para o terminal sem expressão nos olhos. Sua vida estava tão complicada que se perguntou se algum dia as coisas seriam como antes. E, no meio de tudo, a dor que sentia quando pensava em Gracie o torturava.

As semanas se passaram lentamente. Então Kittie telefonou e, de repente, não havia mais tempo. Gracie levou suas coisas para a pequena casa de Barbara e se sentiu imensamente grata por ela receber Mumbles também. Mas Gracie lhe perguntou, chorando, se devia considerar a eutanásia.

— Talvez Jason tenha razão, ele está velho e fica muito doente, vomitando em toda parte — disse Gracie soluçando. — E, além disso, ainda arranha a mobília.

— Vamos cuidar de tudo — disse Barbara com firmeza. — Gracie, você não pode mandar matar um bichinho de estimação que é como um membro da sua família apenas porque uma modelo estúpida não gosta de animais. Nem é a casa dela!

— Será — disse Gracie desanimada. — Kittie telefonou de algum país escandinavo na noite passada para perguntar se eu já me livrei de Mumbles. Mencionou que Jason estava furioso por eu ter discutido com ele. — Hesitou e fez uma pequena careta. — Ela disse que Jason queria me pedir para sair da casa anos atrás, mas sentiu pena de mim. E então insinuou que eu era com uma companheira paga ou qualquer coisa assim.

Barbara abraçou-a com força e a embalou.

— Você leva as coisas muito a sério, Gracie. Além disso, se Jason se sentisse dessa maneira, ele lhe diria diretamente. Não precisaria pedir a outra pessoa para fazer o seu trabalho sujo.

Gracie enxugou os olhos.

— Talvez você tenha razão, mas há alguma verdade em tudo. Nunca tentei ficar sozinha, andar com meus próprios pés. Vivi sob as asas dele esses anos todos. Deixei que fosse responsável por mim por tanto tempo que me esqueci que sou uma mulher adulta. — Afastou-se dos braços de Barbara, a expressão mais calma. — Todo mundo ri de mim, acha que sou cabeça de vento, desajeitada e incapaz de fazer qualquer coisa realmente importante. Até mesmo Jason finalmente admitiu que acha que eu não sou capaz de fazer nada, a não ser preparar suas festas e ser a anfitriã. Deixei que minha... minha deficiência me convencesse que isso era verdade, mas não é. Posso ganhar a vida sozinha, posso ser independente. E vou ser. — Seus suaves olhos cinzentos adquiriram o brilho de um metal prateado. — De jeito nenhum vou viver com aquela mulher!

Barbara gostou da nova decisão na expressão do rosto da amiga.

— Apenas ouça a si mesma! — provocou. — Nem parece a Gracie que conhecemos.

— Talvez eu possa ser alguma coisa a mais na vida — replicou, enxugando os olhos. — Talvez possa ensinar, comprar um carro, ser uma pessoa completa sem Jason para me amparar.

— Você já tem um carro — argumentou Barbara. Gracie cerrou os dentes com força.

— Não tenho mais, Kittie disse que Jason lhe deu permissão para usar o VW, já que pagou por ele.

— O quê?

Gracie inspirou, trêmula.

— Ela vai me deixar usar o velho Thunderbird de Jason para fazer as viagens até eu trazer tudo o que é meu para cá.

— Generosa, ela — desdenhou Barbara.

— Não tem importância, posso cuidar de mim mesma e vou fazer exatamente isso.

— Realmente pode — garantiu Barbara. — Você terá uma nova vida, Gracie.

— Uma nova vida.

Parecia uma moeda nova, recém-cunhada e cheia de promessas, mas apenas se pudesse esquecer Jason e aquela intrometida que o tomara dela. Não ajudava pensar que, se apenas tivesse abraçado Jason e o beijado apaixonadamente, podia não estar passando por aquele sofrimento. Mas, ao levar para casa a noiva, ele deixara claro que não estava interessado em Gracie. Apenas ficara zangado quando ela lhe roçara os lábios, acidentalmente ou não, e o tentara a se comportar de forma indiscreta. Assim, talvez tivesse sido melhor. Considerando seu passado, não podia esperar um futuro róseo com um homem, mesmo se o homem fosse Jason.

— Agora traga Mumbles para dentro de casa, e eu cuidarei dele enquanto você volta a San Antônio e embala o resto das suas coisas — disse Barbara.

— Eu disse a Kittie que traria Mumbles para cá hoje, antes que ela chegue. Foi quando ela me disse que usaria meu carro, e eu teria que pegar emprestado o velho Thunderbird de Jason — disse infeliz. — Ele levou as chaves do Mercedes, assim acho

que não queria que eu o dirigisse.

— Talvez ele tenha apenas esquecido — disse Barbara. — Você disse que ele está com a mente cheia com questões de negócios.

— Acho que sim.

— Escute, tente não dirigir por aí à noite — disse Barbara preocupada. — Você sabe que um dos vice-presidentes de Jason foi seqüestrado nesta região no ano passado e há novos casos todas as semanas de pessoas sendo tomadas como reféns para o pagamento de resgate. Aconteceu até com o marido de Glory, Rodrigo, ano passado. É bem sabido que Jason é muito rico. — Mordeu o lábio inferior, nervosa. — Rick diz que um dos irmãos Fuentes é agora um subalterno de um ditador sul-americano deposto, que está usando o seqüestro para juntar dinheiro para dar um golpe e recuperar sua posição. Você seria uma isca perfeita. Jason pagaria qualquer coisa para ter você de volta, e eles sabem disso. Eles têm pessoas colhendo informações desse tipo por toda parte.

— Não fique paranóica — se zangou Gracie. — Ninguém vai olhar duas vezes para aquele velho Thunderbird, mesmo se é um carro clássico reformado.

— Acredito que os seqüestradores conhecem cada carro dele e os números das placas — disse Barbara teimosa. — Estão fazendo milhões barganhando com vidas humanas.

— A maioria são pessoas do outro lado da fronteira, latinos ricos.

— O vice-presidente de Jason não era um latino rico. Nem seu cunhado, Rodrigo Ramirez, quando o seqüestraram para receber o resgate — lembrou a Gracie.

Gracie fez uma pequena careta.

— Certo, você tem razão. Mas, até agora, não pegaram ninguém daqui este ano. Até fazerem isso, me recuso a me preocupar.

— Certo, esconda a cabeça na areia. Gracie sorriu.

— Bom conselho, pretendo segui-lo. De qualquer maneira, tenho que me mudar depressa. Aquele gentil diretor da faculdade vai me dar um emprego, graças a você, e um amigo meu da escola fundamental me convidou para fazer conferências como professora convidada sobre história étnica — disse Gracie sorrindo. — E receberei pagamento por isso. Depois que lhe pagar o aluguel, a primeira coisa que vou fazer é uma visita a Turkey Sanders para comprar um carro para mim.

— Não! Turkey não! — lamentou Barbara. — Ele lhe venderá um chassis e lhe dirá que o motor é um extra!

— Posso lidar com Turkey, espere para ver — disse calma. — Trarei algumas roupas, mas não vou me preocupar com os vestidos de noite e coisas de luxo. Não terão utilidade para mim aqui — riu amarga. — Kittie usa o mesmo número que eu, espero que goste dos meus vestidos de Paris.

— Devia trazê-los com você. Há todo tipo de eventos de gala em San Antônio que começam este mês... concertos sinfônicos, a ópera, o Baile dos Barões do Gado...

— Tudo isso agora é passado. Não sou mais uma socialite com dinheiro para dar a entidades beneficentes. E não teria como chegar a San Antônio para participar de bailes. O que me lembra — acrescentou, com pesar — que tenho algumas pérolas e diamantes que estão na caixa de jóias da minha mãe, que Myron me entregou. Vou empenhá-las, isso me ajudará a comprar um carro e a lhe pagar o aluguel.

— Não quero que me pague aluguel — revoltou-se Barbara. Você é minha amiga.

— Você também é minha amiga — replicou Gracie. — Mas não vou deixar que me sustente, assim como não permitirei que Jason faça a mesma coisa no futuro. — Engoliu um nó na garganta. — Sinto vergonha de ter vivido tanto tempo às custas dele sem nem mesmo pensar como isso é errado.

Barbara queria poder dizer alguma coisa que a consolasse, mas podia ver que Gracie estava mergulhada na infelicidade e no medo do futuro.

E tinha razão. Apesar de seu otimismo, Gracie sabia que seria um caminho difícil em direção à independência financeira. Estava acostumada a comprar as coisas de que gostava sem pensar no preço, a comer nos melhores restaurantes e a dirigir carros caros. Teria que aprender a ser econômica e viver num nível social muito inferior. Podia fazer isso, mas levaria tempo. Esperava apenas que tivesse a coragem e a determinação para provar a Jason como estava errado sobre ela. Mudaria sua vida, não importava o quanto fosse difícil.

A sra. Harcourt argumentara contra a mudança e quase teve um ataque quando Gracie começou a fazer a última mala, deixando suas melhores coisas no closet.

— Mas o sr. Jason disse para você não ir embora, que resolveria o problema do gato — protestou.

— Aquela ruiva venenosa arranjará alguém para levar Mumbles para o veterinário e acabar com ele na primeira vez que eu der as costas — disse Gracie friamente. — Ela não vai mandar matar meu gato, e não vou viver aqui com Jason e a mulher dele.

— Mas os móveis de sua mãe, aqueles ornamentos antigos do Natal, suas roupas, e presentes!

— Pedi a John para me ajudar a colocar os ornamentos e a mobília no sótão, junto com algumas lembranças que deixei — explicou Gracie. — Acho que Kittie não vai querer subir lá para jogar tudo fora. Tem muita poeira, não é o tipo de lugar de que ela gosta. Mas se ela fizer isso, não será o fim do mundo. Agora não tenho outro lugar para guardar aquilo tudo — suspirou triste. — Além disso, Jason detesta meus ornamentos e decorações de Natal, não se importará se tudo for jogado fora.

A sra. Harcourt olhou, penalizada, para os lindos vestidos que Gracie deixava no closet.

— Não compreendo por que ficou noivo dela — disse a sra. Harcourt com pesar. — Ela não é o tipo dele de jeito nenhum. É tão vazia, Gracie. Não se importa com ninguém, nem mesmo com ele, de verdade. Apenas gosta do que ele compra para ela.

— Acho que não é a estrutura emocional dela que o atrai. — disse Gracie com os dentes cerrados. — Ela deve ser dinamite na cama. É isso que conta aos amigos dela quando lhe telefonam. E diz que Jason também é.

A sra. Harcourt se sentou na cama onde Gracie estava dobrando as roupas.

— Ele está confuso e acho que você também está. Ele não é seu irmão, você sabe.

Gracie ruborizou.

— Sim, eu sei — a voz era embargada, e sua expressão foi reveladora.

— Então é isso — disse a sra. Harcourt pensativa. — Alguma coisa aconteceu, ele a amedrontou, você correu, e ele pensou...

— Não leia mentes, não é agradável — resmungou Gracie.

— Não é preciso ler as mentes para compreender as pessoas que ama — disse a

governanta com um sorriso gentil. — Ela é a vingança dele, não é? Porque você fugiu e lhe feriu o orgulho.

Os olhos de Gracie se abriram muito. Não tinha pensado nisso como uma possibilidade. Desviou o olhar para a mala.

— Realmente não acho que seja por isso. Estava chovendo muito, a frente da casa estava coberta de água, e ele estava me carregando para a varanda, depois que caí na vala da estrada do rancho. Ele virou a cabeça para dizer alguma coisa, eu virei a minha ao mesmo tempo e nós... bem, eu o beijei. Ele ficou chocado e, então, me beijou de volta. Mas, quando o empurrei, ele ficou furioso — cerrou os dentes. — E disse que era minha culpa por provocá-lo daquele jeito. Estava transtornada e confusa e é claro que fugi. Teria pedido desculpas, mas ele já havia ido embora quando me levantei na manhã seguinte.

— Ele estava muito perto de você na festa, antes disso — disse a sra. Harcourt. — As pessoas comentaram que ele parecia interessado demais em você.

Gracie balançou a cabeça.

— Não compreendo nada disso.

— Ele não sabe nada sobre seu passado, Gracie — disse ela depois de uma pequena pausa. — Você devia ter contado a ele anos atrás.

Ela olhou para a sra. Harcourt chocada.

— Você não sabe — disse preocupada.. Ouviu um barulho leve de movimento no corredor e olhou para lá, mas não havia ninguém. Virou-se de novo para a sra. Harcourt. — Não pode saber sobre meu passado.

— Sua mãe me fez confidências — disse a sra. Harcourt. — Ela sabia uma coisa sobre mim que ninguém sabe. Nas duas semanas em que viveu aqui, partilhamos histórias tristes. — Apertou suavemente o ombro de Gracie quando ela empalideceu.

— Gracie, nem todos os homens não são como seu pai. Você tem vivido no passado, com medo de seguir em frente. Isso está destruindo sua vida, e você permite.

— A alternativa é contar a Jason toda a história e, se fizer isso, ele... — engoliu — ele nunca mais vai me olhar do mesmo jeito. Passei toda a minha vida aqui com medo de que tudo fosse revelado, de que ele se envergonharia de mim se as pessoas soubessem a verdade. Foi um pesadelo. — Fechou os olhos. — E éramos tão pobres, sra. Harcourt. Alguns dias não podia ir à escola porque não queríamos que as pessoas me vissem usando a mesma roupa todos os dias...!

A sra. Harcourt a abraçou, acalentou-a em seus braços enquanto Gracie chorava.

— Você precisa aprender a não dar importância ao que as pessoas pensam. Jason não dá e não a desprezará se descobrir a verdade. Não foi culpa sua, doçura. Como pode imaginar que foi?

— Papai estava tão furioso comigo. Se tivesse chegado em casa na hora, ele ainda estaria vivo. Morreu por minha culpa. — As lágrimas lhe desciam pelo rosto.

— As pessoas morrem quando chega a hora delas — disse calmamente a sra. Harcourt. — Isso é um assunto de Deus, não nosso. Gracie, se ele não tivesse enlouquecido com a bebida e ameaçado você ou se não tivesse sido tão brutal com sua mãe... Ele nem mesmo permitia que ela trabalhasse, com medo que fugisse dele. Era paranóico sobre ela, e ela jamais o traiu, a pobre mulher. Santo Deus, ela viveu um pesadelo horrível todos aqueles anos, brutalmente atacada e com medo de deixar seu pai por causa do que ele poderia fazer a você. — Balançou a cabeça — Não consigo imaginar como pode pensar que Jason a culparia.

— Ele acredita que sou de boa família, que meu pai morreu como um herói de guerra, que éramos da classe média e respeitáveis. — Deu uma risada fria e dolorosa. — Tudo é uma mentira, tudo. Minha mãe inventou a história de que era minha madrastra para desviar a atenção se alguém investigasse nossos antecedentes. A polícia matou meu pai com um tiro, como se ele fosse um cão danado, para impedir que ele me matasse. E ele teria me matado. Estava rindo e dizendo que ensinaria à minha mãe a não tentar deixá-lo.

— Conte a Jason — disse a sra. Harcourt com firmeza. — Deixe que ele saiba de tudo.

— Certo, conto a ele e perco até mesmo seu respeito. — Gracie balançou a cabeça. — Que dia de glória a imprensa teria com essa história.

— Teria mesmo, não é? — Uma voz macia comentou friamente da porta.

Assustadas, as duas mulheres ergueram os olhos. Kittie Sartain estava em pé lá num lindo conjunto azul de seda, com o cabelo vermelho empilhado em cachos em torno do rosto risonho.

— Então agora não preciso procurar um jeito de fazê-la partir, tudo o que tenho a fazer é contar a Jason o que acabei de ouvir!

Gracie se afastou da sra. Harcourt.

— Já estou partindo, arranjei um lugar para ficar. Só vou precisar do Thunderbird por duas semanas, enquanto me acomodo e compro meu próprio carro — disse, com a voz vazia. Seu orgulho estava em pedaços. Kittie não poderia escolher um momento melhor para entrar sem ser anunciada. — E meu gato já não está mais aqui.

— Isso lhe salvou a vida, eu estava pronta para levá-lo para o veterinário para você, para ele ser eliminado. Eu disse que você pode pegar emprestado aquele velho Thunderbird — disse Kittie com frieza. — Mas terá que trazê-lo de volta antes que Jason descubra que o carro não está aqui. Ele ainda está furioso, você sabe. Ficou louco de raiva por causa daquele gato.

— Não foi isso que ele me disse — replicou a sra. Harcourt com frieza, olhando com desprezo para a recém-chegada.

— Ah, quem se importa com o que ele lhe disse? — resmungou a ruiva. — Você é uma relíquia do passado, mantida aqui apenas por motivos sentimentais. Você também, vai embora — acrescentou com um sorriso frio.

— Não vou — disse a sra. Harcourt com calma. — O sr. Jason me disse para ficar e não gostará se Gracie for embora.

— Ele não gostará se ela ficar — disse a ruiva despeitada. — Se ela ficar, Jason vai ouvir uma linda história sobre sua doce irmã de criação.

Gracie empalideceu. Era o pior tipo de chantagem. Mas ficava doente até a alma ao pensamento de que Jason soubesse a verdade sobre ela. Ergueu uma das mãos quando pareceu que a sra. Harcourt estava prestes a discutir.

— Por favor, não, sra. Harcourt. Está tudo bem. Vou pegar o resto das minhas coisas e partir imediatamente. Mas você e os outros não precisam ir embora.

Kittie esperou no corredor até a sra. Harcourt sair do quarto de Gracie, fechou a porta e, prepotente, sorriu para a governanta.

— Acha mesmo que pode ficar? Percebi uma coisa sobre você e Jason que a irmãzinha dele de criação nunca viu. E um dos meus amigos de San Antônio conhece um detetive particular que fez uma pequena investigação para mim — sorriu de novo. —

Jason conhece toda a verdade sobre seu próprio passado, sra. Harcourt?

Para um tiro no escuro, foi certo. O rosto da sra. Harcourt ficou branco.

— É isso mesmo... Já pensei nas histórias que posso enviar para os tabloides, sobre Gracie e você? Acha que vale a pena?

— Não, não vale, vou embora — a voz da sra. Harcourt estava tensa. — Vai deixar Dilly e John ficarem no emprego?

— De jeito nenhum! Não quero dirigir uma casa de caridade. Já dei a eles o aviso-prévio. Aquele John quis discutir, mas sei coisas sobre ele que não quer que sejam reveladas, mas quer argumentar sobre isso? — O sorriso era uma máscara de maldade.

A sra. Harcourt queria, mas tinha um segredo e preferia morrer a vê-lo revelado a Jason.

— Tenho certeza de que nenhum de nós quer viver na mesma casa que você.

— É recíproco — a voz de Kittie era puro gelo. — Vocês todos têm dois dias para encontrar outro lugar. — Mostrou a ela um conjunto de chaves. — Jason me deu permissão para mudar a decoração da casa e vou fazer isso. Já contratei novos empregados, pessoas jovens, com mentes enérgicas e criativas, que combinarão muito bem com a casa quando Jason e eu nos casarmos. Fora com o velho, que venha o novo. — E sorriu de novo, com desprezo.

Virou-se e se afastou, pressionando alguns números do celular. Gracie saiu para o corredor com a mala, e ela e a sra. Harcourt trocaram olhares infelizes.

— Talvez, se eu pedir, ela os deixará ficar, pelo menos até Jason voltar. — A expressão de Gracie era de grande preocupação.

A sra. Harcourt estava apavorada. Não conhecera outro lar por 35 anos, mas não ousava ficar.

— Não, vou para Jacobsville com você — não deu explicações. — Barbara sempre precisa de uma boa cozinheira, e lhe pedirei um emprego. Vamos levar Dilly e John, encontraremos alguma coisa para eles também. E você — a voz se tornou firme. — Vai mostrar a Jason que é mais competente do que ele pensa. Não fará mal a ele ter suas convicções desafiadas, especialmente agora que destruiu sua vida se ligando àquele tubarão ruivo.

Gracie chegou a sorrir, alegre. Nunca ouvira a bem-humorada governanta falar daquele jeito sobre Jason. Sempre o defendera e jamais aceitara críticas sobre ele de ninguém. Talvez os dois se tornassem pessoas melhores com os desafios à frente. Não se permitiu pensar sobre como seria a vida sem Jason, não ousava.

— Não se preocupe sobre seu passado, srta. Gracie. — Havia gentileza na voz da sra. Harcourt. — Ela não lhe contará, ele a expulsaria de casa.

Gracie fez uma pequena careta.

— Você pode acreditar nisso, mas eu não. Vamos, precisamos conversar com os outros.

Conversaram apenas com Dilly, pois John já havia embalado suas coisas e partira sem dizer para onde, e Dilly revelou que ele parecia amedrontado. Gracie esperava que pudessem encontrá-lo mais tarde, mas, no momento, precisava tirar as duas mulheres da casa, e ela também iria embora. Se ficasse perto de Kittie mais um minuto, seria capaz de socá-la!

Gracie começou a trabalhar como uma conferencista especial para o sistema escolar do Jacobs County. Ficou apavorada no primeiro dia, mas quando se viu diante de alunos da quinta série e começou a lhes contar fatos poucos conhecidos sobre a batalha de Alamo, todos se sentaram imóveis nas carteiras e ouviram com atenção. Ela tornou viva a história da batalha e lhes entregou cópias de pinturas e documentos que enfatizavam os detalhes sobre os quais discorrera.

Quando terminou, os alunos se levantaram e a aplaudiram. Então sua confiança em si mesma cresceu. Apesar de ter um pouco de dificuldade com alunos mal comportados de vez em quando, tornou-se conhecida entre estudantes e professores como uma profissional competente e entusiasmada.

Pouco dias depois, foi convidada para fazer conferências também para alunos da nona série e do ensino médio. Encontrou sua fórmula para ensinar e esperava, com ansiedade, pelo semestre de primavera, que começaria em janeiro, quando poderia começar a ensinar história à noite a alunos adultos da faculdade local.

Também começou a procurar por um carro. Turkey Sanders era um charlatão, mas sentiu pena dela e disse que tinha exatamente o que ela precisava: um pequeno carro que era dez anos mais velho do que o que tivera e do qual Kittie se apossara. Pelo menos, gastava pouca gasolina, mas o preço estava além de suas parcas economias.

— Terei que voltar na próxima semana, depois que receber meu salário. — Era evidente o seu desapontamento. — Se ele ainda estiver aqui, posso tentar fazer negócio com você.

— Pode pedir a seu irmão de criação para dá-lo a você.

A expressão dela se fechou.

— Não tenho mais um irmão de criação, não tenho nenhuma família, estou sozinha no mundo.

Ele limpou a garganta.

— Desculpe, foi uma péssima idéia. Volte dentro de uma semana, srta. Marsh. Acho que o carro ainda estará aqui.

Ela conseguiu lhe dar um sorriso triste.

— Obrigada, sr. Sanders.

— Pode me chamar de Turkey — deu uma risada. — Todo mundo me chama assim.

Ela imaginou por que seria, mas realmente não queria perguntar.

Na semana seguinte, empenhou as poucas jóias de sua mãe na loja local de penhores. O dono ficou horrorizado e não queria aceitá-las, mas ela revelou, orgulhosa, que não tinha dinheiro e precisava comprar um carro para ir e voltar do trabalho. Ele parou de discutir e também lhe deu o melhor preço que podia. Além disso, prometeu-lhe que não venderia suas jóias por preço algum.

Gracie sentiu apenas uma vez como sua vida mudara quando começou a comprar um casaco que lhe chamara a atenção e então se deu conta, de repente, que não tinha dinheiro. Então saiu rapidamente da loja com o rosto vermelho. Precisava conseguir um

cartão de crédito em seu nome, decidiu. Um cartão que não dependesse do dinheiro de Jason. Mas antes precisava começar a ensinar à noite, não pretendia fazer dívidas.

Ela e Barbara se davam muito bem. Faziam companhia uma à outra, especialmente nos fins de semana, já que Rick estava trabalhando num difícil caso de homicídio em San Antônio e raramente ia para casa. Mumbles havia se acomodado muito bem e se tornou o gato de Barbara tanto quanto era de Gracie.

Quando recebeu, com enorme orgulho, o seu primeiro pagamento, pegou o dinheiro das jóias que empenhara e parte do contracheque e foi visitar a loja de Turkey Sanders, de quem comprou o carro, um velho fusca. Turkey até lhe deu um par de pequenos tapetes para o piso. Sentiu-se independente pela primeira vez na vida.

Então Kittie telefonou e deixou um recado para Gracie, dizendo que ela precisava devolver imediatamente o carro de Jason. Gracie ligou para a mansão em San Antônio e disse ao homem que atendeu que levaria o Thunderbird naquela noite se alguém a levasse de volta a Jacobsville. O homem pareceu, ao mesmo tempo, divertido e indignado. Disse, altivamente, que não eram um serviço de limusine. Certo, resmungou Gracie, ela pegaria um táxi!

Desligou furiosa e se perguntou, mais uma vez, para onde o pobre John havia ido, já que não conseguira encontrá-lo em lugar algum. A sra. Harcourt estava cozinhando para Barbara, e Dilly servia as mesas do café. As duas estavam morando na pensão da sra. Brown, e John não fizera contato com nenhuma das duas.

Gracie ligou para Barbara e disse que iria a San Antônio devolver o carro de Jason e pegaria um táxi para casa, mas Barbara não aceitou. Disse que a pegaria na mansão. Precisava apenas de alguns minutos, estava terminando de fechar o café para a noite.

Gracie concordou e disse que iria na frente, e Barbara poderia pegá-la em frente à mansão, já que não entraria na casa ocupada por Kittie!

Entrou no clássico Thunderbird, ligou o motor e se dirigiu para San Antônio. Mal tinha deixado os limites urbanos de Jacobsville quando dois carros emparelharam com ela. Um deles parou em frente ao Thunderbird, bloqueando sua passagem, e o outro parou bem atrás.

Três homens mascarados a puxaram do carro, colocaram um pano preto sobre sua cabeça e a jogaram no assento de trás de um carro. Segundos depois, suas mãos foram amarradas e lhe deram uma injeção. Ela perdeu a consciência antes que o carro estivesse fora de Jacobs County.

Capítulo Seis

Jason passara semanas viajando, tentando solucionar os problemas difíceis de sua corporação, resultados da crise econômica no país. Era a mesma coisa em todo o mundo, o declínio de um mercado alimentava a queda de outro.

Era necessário ter coragem, ousadia e um pouco de especulação para administrar um império financeiro em tempos como aqueles. Odiava a necessidade de tantas viagens,

especialmente quando sua vida pessoal estava tão confusa, como a economia mundial.

Passara algum tempo em casa um pouco antes do Halloween para resolver alguns problemas no rancho em Comanche Wells. Não viajara até San Antônio para ver Gracie, com medo de mais revolta com a situação doméstica. Sabia que ela não gostava de Kittie. Inferno, e/le mesmo também não gostava muito de Kittie, mas estava ferido com a rejeição de Gracie e tentava desesperadamente encontrar uma forma de lidar com aquilo.

Kittie havia lhe parecido uma boa idéia no começo, mas ela não fizera nada a não ser tornar pior uma situação ruim. Ficara contente quando o trabalho dela de modelo a fizera viajar para a Europa.

Enquanto ficou no rancho, ligou algumas vezes para Gracie, mas parecia não conseguir falar com ela, então desistiu, sem tentar visitá-la, e voltou para o exterior para se ocupar com seus interesses globais.

Já era novembro quando, cansado e mal-humorado com todas as viagens e encontros de negócios, finalmente conseguiu voltar para casa, para o Texas. Tinha sido um trabalho difícil, tentar convencer as diretorias da corporação que suas aquisições seriam de benefício para elas, mesmo se os preços das ações da corporação tivessem caído a princípio.

As aquisições de Jason, principalmente a nova empresa de software da Califórnia, tinham sido investimentos de risco naqueles duros tempos econômicos. Precisara ser agressivo em suas explicações, tivera que fazer promessas que apenas tinha a esperança de cumprir. O software que os dois gênios dos computadores haviam criado revolucionaria a indústria do videogame, um dos setores que se moviam com maior rapidez na economia de alta tecnologia. Permitiria um contato tátil real com personagens e objetos nos jogos, através de uma nova tecnologia que ele mesmo precisava se esforçar para compreender, apesar de sua excelente educação acadêmica e de não gostar de jogar.

Então havia a empresa de computadores da Alemanha que estava tentando comprar. O novo laptop que haviam desenvolvido oferecia módulos inovadores que se ligavam com toda a sorte de multimídias e era o topo do mercado para a geração seguinte de tecnologia móvel. Mas a empresa alemã melhorara seu desenho, adicionara um novo chip de computador e diminuiria seus preços. As opções eram apenas duas: absorver a empresa alemã ou perdê-la para os competidores e observar suas vantagens no mercado despencarem como uma pedra solta. Os proprietários da empresa alemã estavam agora dizendo que seus acionistas não aprovariam o acordo. Jason estava resignado a empreender uma tomada hostil da empresa, que estava em seus estágios iniciais.

Vira Kittie apenas uma vez enquanto estava no exterior. Fora a Londres para uma tomada hostil e passara pelo local das fotografias, em Dover, para saber o que ela estava fazendo. Terminaria antes do que esperava, disse a ele, porque haviam cancelado as fotos na Rússia e voltaria mais cedo para casa. Perguntou se podia ficar na mansão de San Antônio e fazer algumas reformas. Nada drástico, prometera, apenas queria modernizar um pouco as cortinas e a decoração. Tinha um amigo decorador em San Antônio que adoraria ajudá-la. Apenas um pequeno projeto, explicou. Ele não gostaria de mudar um pouco as coisas, apenas um pouco?

Ele concordara, distraído, a mente ainda no negócio da Alemanha, e a fez prometer não aborrecer mais Gracie e os empregados. Ora, é claro, ela prometera. Eles seriam a família deles, afinal, não seriam?

Ele não respondeu. Já estava doente de cansaço do noivado. O fotógrafo responsável pelo projeto para uma famosa revista de moda parecia muito íntimo de Kittie

e a tocava a qualquer oportunidade. Ela quase ronronou quando ele passou a mão no tra-seiro dela, e Jason não se sentiu surpreso ao perceber que aquilo não lhe causava a menor perturbação.

Podia estar noivo, mas não sentia nada por aquela mulher. Estava mais determinada do que nunca a terminar o noivado. Podia ser mais fácil se ela já estivesse em San Antônio quando ele voltasse para casa. Teriam tempo para conversar. Não queria pensar em como Gracie receberia a volta súbita da mulher, mas tinha certeza que ela faria as coisas certas. Afinal, era uma pessoa educada, por mais que estivesse zangada.

Tentara telefonar para ela umas duas vezes durante a volta para o Texas, mas ela não atendera os telefonemas em seu celular. Provavelmente, pensou infeliz, ela reconheceria seu número e decidira não conversar com ele. Teria que se acertar com ela, arrendia-se da maneira como a tratara. Se não pudesse tê-la como a queria, talvez pudessem voltar a ser amigos e não inimigos. Estava desesperado para tê-la de volta em sua vida de qualquer maneira. As- semanas que passara longe dela haviam sido agonizantes, e os seus olhos doíam de vontade de vê-la.

* * *

Jason deixara seu Jaguar estacionado no aeroporto, numa área de segurança para longos períodos antes de voar para o exterior pela segunda vez. Planejara dirigir-se diretamente para Comanche Wells e verificar como estavam as coisas no rancho; mas cedeu ao impulso de parar na mansão de San Antônio primeiro.

Queria ver Gracie e ter certeza de que Kittie não a aborrecera ou à sra. Harcourt. Também queria saber se Kittie não exagerara nas mudanças. Já lamentava ter concordado em permitir que ela fizesse qualquer reforma, o que apenas aborreceria Gracie ainda mais.

Pretendera telefonar para as duas mulheres de Londres e lhes dizer que Kittie estava chegando, mas ficara ocupado e se esquecera. Lamentava, mas era tarde demais agora. Apenas esperava que Kittie tivesse sido diplomática, mas, a julgar pelo seu passado, aquilo não era provável. Precisava se resignar a desempenhar o papel de pacificador.

A primeira coisa que notou quando subiu à varanda foi a ausência das jardineiras onde a sra. Harcourt gostava de plantar amores-perfeitos. Com a testa franzida, observou que os canteiros de flores de Gracie estavam cobertos por palha e estranhas estátuas modernas. Apreensivo, destrancou a porta com sua chave e entrou.

Não tinha certeza se estava na casa certa. O vestíbulo tinha sido reformado, com um piso de lajotas com um padrão branco e preto que odiou de imediato. Cobria o piso de carvalho que havia sido instalado pelo primeiro proprietário, e Jason sempre gostara dele.

Outros choques se seguiram logo. A mobília confortável da sala de estar havia sido substituída por peças modulares ultra-modernas, sem braços. Uma mesinha de café de vidro, enfeitada com uma única orquídea, estava no lugar da linda e antiga mesinha de cerejeira. As cortinas cor de aveia não estavam penduradas, estavam enroladas em torno de um mastro. Acima da cornija da lareira, onde ficava o retrato do pai, havia uma natureza morta com frutas dentro de uma tigela.

Um homem alto e jovem, de terno, entrou na sala de estar.

— Quem é você e como entrou aqui? — Havia um ar de petulância em toda a expressão do homem.

Jason se virou, os olhos negros brilhando.

— Entrei com minha chave, mas quem diabos é você?

— Sou o motorista.

— O diabo que é! Onde está John?

— Se quer dizer aquele velho que costumava trabalhar aqui, ele foi embora...

— Onde está a sra. Harcourt, da cozinha? — O tom era abrupto.

O jovem se mexeu desconfortável.

— Deve estar se referindo à srta. Gibbons... ela é a cozinheira.

— Dilly?

— A srta. Sartain a demitiu. Ela deixou que todos se fossem... Disse que eram velhos demais...

Jason se aproximou dele um passo, e o homem se calou, ruborizando.

— Não me importa quem você é. Esta casa é minha e não o contratei. Saia, encontre os novos empregados e leve-os com você. — Puxou a manga da camisa e olhou o Rolex. — Vocês têm trinta minutos para sair da casa ou eu chamarei a polícia, e vocês serão algemados e acusados de invasão criminosa!

— Nós... nós fomos contratados!

— Não por mim — o tom de Jason era frio e ameaçador. O homem recuou desconcertado.

— Você devia falar com a srta. Sartain.

— Onde ela está?

Houve uma comoção na escadaria, e Kittie desceu depressa, usando um conjunto de seda branca.

— Querido! — Atirou-se nos braços dele.

Jason se afastou depressa, os olhos brilhando de raiva.

— Onde estão os meus empregados? — O tom era severo.

Ela limpou a garganta.

— Bem, eu os deixei partir, Jason. Eram velhos, e aquela Dilly, francamente, era tão caipira...

— Você não tinha a maldita autoridade para contratar e demitir aqui! — A fúria era tão grande que as palavras saíam truncadas. — Eu disse que podia fazer uma pequena redecoração, não virar minha maldita vida de cabeça para baixo!

Ela deu um passo para trás.

— Precisava ser modernizado — começou.

— É a minha casa, Kittie, minha! Você não toma decisões por mim!

Ela o olhou enfurecida.

— Vamos nos casar...

— O diabo que vamos!

Ela hesitou e piscou os olhos, como se não estivesse entendendo o que estava acontecendo.

— Você me deu um anel.

— Fique com ele e com as roupas, mas saia da minha casa agora!

Ela riu nervosa.

— Jason, você só está aborrecido, eu compreendo. Certo, fui um pouco longe demais. Posso ligar para aqueles velhos e pedir que voltem...

Ele teve um pensamento súbito e inquietante.

— Onde está Gracie?

Kittie estava realmente nervosa agora.

— Ela e eu tivemos uma longa conversa. — A lentidão das palavras mostrava como sua mente tentava encontrar justificativas. — E ela concordou que precisa se sustentar...

— Onde? — Estava prestes a perder o controle.

— Não sei! Ela pegou emprestado o seu velho Thunderbird e foi para Jacobsville com aquele gato estúpido e algumas outras coisas do quarto dela. Eu lhe disse para trazer o carro de volta, mas por algum motivo, ainda não trouxe. Mas tenho certeza de que está tudo bem.

No entanto, por algum motivo, Kittie achava aquilo perturbador, porque Gracie sabia como ele gostava daquele carro velho. Sendo assim, por que Gracie não o devolvera quando ela pedira?

O quarto dela, o quarto de Gracie... Jason teve uma sensação gelada e, virando-se, subiu a escada em curva de dois em dois degraus. Chegou ao quarto de Gracie e abriu a porta. O que viu o revoltou. O lindo quarto vitoriano de Gracie era um pesadelo em vermelho e negro, parecia um bordel. A mobília, tudo o que lhe restara da família dela, também desaparecera. Abriu o closet e nenhuma de suas roupas estava lá, nem mesmo o lindo vestido dourado de noite que ele lhe trouxera de Paris. Nada de Gracie continuara ali. Ele olhou sem acreditar para a ruína diante dele.

— Este quarto era horrível — Kittie estava bem atrás dele. — Rosa e branco! Que tipo de mulher ainda quer um esquema de cores como este? É saído diretamente do século XVIII...!

Jason se virou e olhou para ela com olhos tão gelados que ela sentiu frio.

— Onde estão as roupas dela, sua mobília? — O tom era baixo e ameaçador.

Ela cruzou os braços sobre o peito e fez beicinho.

— Bem, ela levou algumas das roupas. — A voz falhou. — E eu dei o resto.

Os punhos se fecharam nas laterais do corpo, que quase vibrava de raiva.

— Ela estava no meu caminho! — Finalmente explodia, os olhos azuis brilhando para ele. — Você era obcecado por ela! Tudo o que falava era Gracie, Gracie! Não conseguia nem me beijar! E aqui estava ela, vivendo com você, gastando o seu dinheiro, mimando aqueles velhos que nem conseguiam fazer direito o trabalho. Sim, eu a expulsei! Ela nem mesmo discutiu, disse que estava contente por ir embora! — Não acrescentou que usara de chantagem para conseguir a partida de Gracie.

Jason não confiou em si mesmo para falar, e Kittie percebeu, mas não se importou.

— Se não fosse por ela, você teria se casado comigo, e eu estaria acomodada pelo resto da vida. — A explosão continuava. — Estou cansada de ser modelo, queria voltar para casa e me misturar com as pessoas certas, ter dinheiro para gastar, comprar o que

quisesse sem precisar olhar o preço, sempre os mais recentes e melhores carros. Queria ser rica! E tudo o que você queria era se sentar e adorar Gracie. — Os olhos brilharam — Bem, está certo, se você quer se livrar de mim, vá em frente. Como se eu quisesse viver com um homem que não consegue me tocar porque deseja a própria irmã de criação!

— Cuidado com o que diz. — O tom de voz era baixo e perigoso.

— Ah, que seja! Vou pegar minhas coisas, e chame um táxi para me levar para o aeroporto. E compre uma passagem para Nova York para mim. — Havia um brilho de despeito nos olhos dela.

— Você tem uma sorte danada por eu não dar queixa à polícia. — A voz vibrava de fúria. — Não tinha autoridade para destruir minha casa e demitir meus empregados.

Ela arrumou o cabelo ligeiramente.

— Dê queixa. — A atitude era altiva. — E eu contarei aos tablóides seu vergonhoso segredo de família! — A raiva a impedia de pensar.

— O que quer dizer? Que segredo de família? — Deu um passo em direção a ela, uma expressão perigosa nos olhos negros.

Ela recuou.

— Isso é o que sei, e você terá que descobrir.

Virou-se e correu para o quarto dela. Jason a observou com uma sensação de vazio no alto do estômago. Olhou em volta, para as ruínas de seu lar uma vez imaculado e de bom gosto, e se amaldiçoou por sua estupidez.

Duas horas depois, Kittie e os empregados que ela contratara estavam de saída da propriedade. Kittie estava a caminho do aeroporto, mas antes dissera a Jason que fizera muitas compras no Neiman Marcus, que lhe enviaria a conta, que não devolveria nada. Ele lhe dissera para ficar com tudo e desaparecer da frente dele. Ela se jogara na limusine que Jason chamara e foi para o aeroporto sem mais uma palavra.

Os empregados voltaram para suas casas nos próprios carros e para a fila do desemprego. Jason teve a pior dor de cabeça de sua vida. Esperou até todos terem saído para ligar para Barbara. Precisava estar calmo para lidar com Gracie, e Barbara saberia onde ela estava. Não sabia como começar a consertar o que Kittie fizera.

Havia também a necessidade de encontrar a sra. Harcourt, aquela doce e amorosa mulher que fora jogada na rua como um sapato velho, sem mencionar John e Dilly. A única coisa boa é que Kittie não tivera acesso ao rancho, senão ele teria que substituir caubóis também.

O telefone tocou muitas vezes no Barbara's Café, e estava prestes a desistir quando Barbara atendeu, a voz tensa.

— Onde está Gracie? — Nem mesmo a cumprimentou.

— Não sou a pessoa a quem deve perguntar. — A tensão cresceu na voz. — Não sei onde ela está, Jason, ninguém sabe.

— O que quer dizer? — O medo cravou suas garras nele.

— Aquela sua noiva idiota ligou e exigiu que ela devolvesse seu Thunderbird esta noite, porque você ia chegar e não queria se meter em encrenca por emprestá-lo a Gracie. Eu ia dirigir até San Antônio e lhe dar uma carona de volta. Então Gracie saiu,

mas nunca chegou aí.

O coração dele congelou.

— O quê?

Barbara suspirou arrasada.

— Há uma hora, assim que fechei o restaurante e saí para pegá-la em San Antônio, encontrei o Thunderbird na beira da estrada, e a bolsa dela e o celular ainda estavam dentro do carro. — Hesitou. — Chamei a polícia, e o xerife Hayes acha que ela foi seqüestrada.

Ele se sentou.

— Seqüestrada?

— Sim. Você esteve fora do país, então talvez não saiba o que anda acontecendo. Tem havido uma porção de seqüestros por aqui ultimamente. Há um ditador sul-americano se escondendo no México, bem na fronteira. Hayes acha que ele pode estar ligado ao pessoal de Fuentes, o traficante de drogas, mas ele mesmo não lida com drogas. Está usando seqüestros para juntar dinheiro e financiar um golpe contra os seus rivais e retomar o controle do seu país. Até agora, não matou ninguém, mas deixou uma linda e jovem socialite mexicana num... bem... num péssimo estado.

— Deus do céu! — Jason passou a mão pelo cabelo, gemendo. Soubera dos seqüestros enquanto estava no exterior, mas estava preocupado demais com os negócios para dar atenção aos acontecimentos em casa. Mesmo assim, devia ter se mantido em guarda, afinal, um dos seus vice-presidentes fora seqüestrado e levado para o México, no ano anterior, e voltara quase morto.

— Pelo menos já estão procurando por Gracie? A polícia não considera uma pessoa desaparecida enquanto não se passarem 24 horas do desaparecimento.

— Hayes Carson considerou. — O tom de Barbara foi curto. — Ele transmitiu um aviso para todos os carros. Um dos caubóis de Cy Parks viu uma caminhonete e um carro passando pela estrada a toda velocidade antes de saber o que havia acontecido. Parou quando me viu ao lado do Thunderbird.

— Graças a Deus! Talvez eles possam alcançá-los antes de cruzarem a fronteira — a respiração saiu áspera. — Mas por que não me telefonou? — A voz estava realmente zangada.

— Telefonei para a mansão, mas aquele mordomo ou o que quer que ele seja disse que você não estava lá e que não sabia como encontrá-lo. Eu não tenho o número do seu celular. Onde você está? Ainda está no exterior?

— Cheguei há pouco tempo e havia um grupo novo de empregados que não contratei, sem mencionar uma casa em ruínas. Parece que um dono de bordel o reformou para melhorar os negócios. E Gracie tinha ido embora, assim como todos os outros. Kittie disse que os mandou embora. — A voz era puro gelo. — Demiti os empregados que estavam aqui e rompi o noivado. Quero meu pessoal de volta, mas não sei onde procurar.

— Duas estão trabalhando para mim. Não sei onde John está, a sra. Harcourt não conseguiu entrar em contato com ele.

— Que confusão dos diabos!

— Sim, Jason querido, e de quem é a culpa? — A voz de Barbara era pura malícia.

— Minha. — O tom era humilde. — Arruinei tudo.

Barbara amoleceu. Ele parecia ter sido atingido pela queda de uma casa.

— Grandes desastres podem proporcionar oportunidades.

— Não por aqui, não mesmo. — Respirou fundo. — Telefonarei para algumas pessoas que conheço e vamos esperar um pedido de resgate. Acho que virá para cá, se ela foi seqüestrada por ser quem é.

— Você não sabe quem ela é, na realidade. — A voz era calma. — Você jamais quis saber.

— Kittie andou resmungando sobre um segredo familiar e ameaçou torná-lo público.

— Não me surpreende. Gracie não quis me contar o que é, mas ficou aterrorizada com a ameaça.

— O que está acontecendo, Barbara?

— É Gracie que precisa dizer, é assunto dela. — Houve uma pausa. — Hayes Carson acabou de entrar e disse que perderam a pista na fronteira.

Ele praguejou.

— Me deixe falar com ele.

Barbara entregou o telefone ao xerife, dizendo apenas com a boca: Jason Pendleton.

— Oi, Jason. — A voz do xerife Hayes era baixa. — Desculpe ser o mensageiro de más notícias. Eles pegaram Gracie, e tenho certeza de que haverá um pedido de resgate. Chamei Garon Grier e Jon Blackhawk, do escritório do FBI em San Antônio. Estão a caminho para investigar. Bem, pelo menos Garon está. Jon disse que irá à sua casa com uma equipe e instalará aparelhos de vigilância e de escuta.

— Diga a ele para vir depressa, vou abrir os portões. Deus, que choque!

— Ela nunca deveria estar naquela estrada sozinha num carro conhecido como seu, com seqüestradores à solta por aqui. — Havia censura no tom da voz de Hayes. — Ela era indefesa, nem mesmo tinha uma arma, era uma presa fácil. Por que não mandou alguém pegar o carro?

— Estava fora do país. — Não ia se justificar. — E minha ex-noiva exigiu que Gracie o trouxesse para casa antes da minha chegada, para que eu não soubesse que ela havia deixado Gracie pegá-lo emprestado.

— Uma doce garota.

Jason praguejou.

— Podia lhe torcer o pescoço! Mas a culpa é toda minha. Gracie foi embora por causa de todas as mudanças, assim como o resto do meu pessoal. Estou sentado aqui sozinho, acabei de sair de um voo internacional para encontrar uma casa arruinada, e estou morto de fome. Não sei nem onde encontrar a cafeteira ou o café.

— Jon os encontrará e sabe cozinhar. Ele o alimentará e fará café. — Fez uma pausa. — Talvez deva mandar também o meio irmão dele. Ele também é um federal, embora esteja trabalhando disfarçado como um tira de Jacobsville.

— Não vou deixar que Kilraven passe pela porta da frente, portanto economize o seu fôlego. — O tom de Jason era inegavelmente irritado. — Conheço-o bem demais, é teimoso e não sabe cumprir ordens. Não quero que cause a morte de Gracie. — À palavra o atingiu diretamente no coração. Gracie poderia ser torturada, estuprada ou assassinada,

e ele ficava sentado lá, sem poder salvá-la. Sentiu uma onda de total impotência, que o deixou vazio e furioso. — Pode conversar com Cy Parks e descobrir se ele e Eb Scott podem juntar uma equipe para mim, só por precaução? Dinheiro não é problema e não precisa contar ao FBI sobre isso.

— Certo, faça isso agora. — Hayes estava calmo, como sempre. — Tenho grande respeito pelo FBI, mas, às vezes, eles se mexem devagar demais, e não gosto disso. Gracie será levada para uma das regiões mais inóspitas do outro lado da fronteira. Uma garota protegida e gentil como ela... Não suporto nem pensar no que pode lhe acontecer.

— Eu sei. — As palavras eram como estacas cravadas em seu coração. — Temos que tirá-la de lá rapidamente.

— Conversarei com Parks e lhe darei um retorno.

— Estarei com o celular constantemente comigo, anote o número. — Esperou que o xerife o escrevesse antes de continuar. — E não importa a hora, pode me chamar sempre que necessário.

— Eu sei, ficarei em contato. — E desligou.

Jason se deixou cair na poltrona ultramoderna que era desconfortável como o inferno, mesmo sem os braços, e se amaldiçoou por sua falta de visão. Ficara tão absorvido pelos negócios e pela vingança que não pensara nem uma vez no bem-estar de Gracie. Ela era a vida dele, e a pusera em risco. Fechou os olhos. Tudo o que podia fazer agora era rezar, então rezou.

Jon Blackhawk era tão alto como seu meio irmão mais velho, Kilraven. Tinham os mesmos olhos claros, cor de prata, e cabelo negro. A diferença é que Jon usava o dele num longo rabo de cavalo, que lhe descia pelas costas. Vestia um terno cinza e parecia tão elegante quanto um duque. Comentava-se que, entre eles, os dois meios irmãos eram proprietários de metade de um condado em Oklahoma..

Ergueu uma sobrancelha negra quando o próprio Jason abriu a porta para ele.

— Uma casa deste tamanho, e è você que atende à porta?

— Acabei de demitir todo mundo. Entre.

Jon olhou em torno e se encolheu,

— Meu bom Deus!

— Foi isto que disse quando vi. Minha ex-noiva decidiu, sem me consultar, reformar todo o maldito lugar. Espero gastar uma pequena fortuna para fazer tudo voltar a ser o que era antes. — Levou Jon para a cozinha. — Aprendi a cozinhar quando estava no exército, mas apenas cobras, lagartos e besouros diversos e estou cansado demais para caçá-los. — Sorriu da própria brincadeira. — Hayes Carson diz que você sabe cozinhar. Não comi nada desde o café da manhã, e isso foi em Amsterdã, onde participei de uma conferência econômica.

Blackhawk riu, divertido, tirou-o paletó e o colete e procurou um avental. Pegou um dos que a sra. Harcourt deixara e o prendeu em torno do corpo elegante e esguio e começou a procurar por alimentos, café e equipamentos. Tirou uma frigideira do armário.

— Faço uma excelente omelete. Quer café?

— Por favor. Preferia ficar bêbado, mas isso não vai ajudar.

— Não, não ajudaria. Os problemas ficam maiores quando se tenta evitá-los. Se é um consolo, este homem, Emilio Machado, tem um grande respeito por mulheres. Um de seus homens estuprou uma refém, e Machado o matou com um tiro assim que soube.

Jason relaxou um pouco.

— Pelo menos, é alguma coisa, Gracie é... bem, não é uma garota festeira, foi protegida e é muito ingênua.

— Meu tipo de garota. — Havia gentileza na voz de Blackhawk. — Detesto essas mulheres modernas atrevidas, que não se acanham de fazer propostas a um homem pouco depois de conhecê-lo.

— Antiquado você.

— Pode ter certeza. Na verdade, sou fruto de uma cultura que tem uma moral única.

— Explique. — O interesse de Jason era evidente.

— Meu pai era um Lakota Sioux de sangue puro. Herdou uma fortuna em ações de petróleo do pai dele, que tinha terras em Oklahoma. Minha mãe, porém, era uma Cherokee misturada com irlandês. Parte de mim adoraria beber, mas a outra parte me lembra constantemente que posso me tornar um alcoólatra sem muita dificuldade.

— Uma luta interna de culturas.

— Sim, exatamente como o meu meio irmão.

— E a mãe dele?

— Era branca e já morreu. — Seu tom não aceitava mais perguntas.

— E vocês têm o mesmo pai? — Jason estava confuso.

— Sim, nosso pai era um agente do FBI que trabalhava em San Antônio. A mãe de Kilraven se casou com ele primeiro e teve Kilraven, que é dois anos mais velho do que eu. Então nosso pai se casou com minha mãe, portanto somos os dois Blackhawks. Então Kilraven adotou o nome de solteira da mãe dele quando começou a fazer trabalhos sob disfarce. Somos apenas meio irmãos, mas nos parecemos muito.

— Sim, é verdade.

A campainha da porta tocou no momento em que Jon tirava ovos da geladeira. Jason atendeu e viu três homens de terno parados na varanda. Um deles era familiar demais.

— Kilraven... — começou Jason, aborrecido.

Kilraven ergueu uma das mãos enormes.

— Seu cunhado, Ramirez, já me fez um sermão sobre não seguir ordens. — Interrompeu. — Ele joga xadrez com meu chefe e realmente não tenho condições de antagonizá-lo.

Jason gemeu.

— Rodrigo e Glory, não liguei para eles.

— Não precisa, Ramirez já sabe. Ele disse para mantê-los informados. — Ergueu a cabeça e inalou. — Omeletes? — Parecia faminto. — Não jantei, eles... — apontou para os dois agentes mais velhos, de expressão sombria — se recusaram a parar numa lanchonete de fast food a caminho daqui.

— Nos disseram para correr — o mais velho explicou com um olhar severo para

Kilraven.

Jason riu.

— Certo, entrem. — Virou-se para Kilraven. — Seu irmão está cozinhando.

— Então vai ser um banquete. Ele até fez um curso de Cordon Bleu. Já estou salivando.

— Haverá bastante comida se um de vocês puder fritar bacon.

Kilraven ergueu uma das mãos.

— Sei cozinhar numa fogueira de acampamento, mas vou improvisar. — Passou por Jason e entrou. — Quem sabe fazer torrada de canela?

Os outros dois agentes entraram e fecharam a porta e todos se dirigiram para a cozinha.

— Eu sei, se seu irmão puder encontrar pão, manteiga e canela. A casa foi arrasada enquanto eu estava fora.

Kilraven fez uma careta quando passaram pela sala de estar.

— Uma coisa feia assim pode mandá-lo para a cadeia por atentado contra o bom gosto.

— Não me diga — a expressão de Jason mostrava sua total concordância. — Vamos, entrem todos... Jon, você pode alimentar mais três?

Jon ergueu os olhos e sorriu.

— Claro, é só aumentar o número de ovos. — Lançou um olhar ao irmão e sorriu. — Ouvi você se oferecendo para fritar o bacon?

Kilraven enrolou as mangas.

— Pode apostar. Onde está?

— Também precisamos de pão, manteiga, canela e pratos.

— E garfos e facas — sugeriu um dos agentes.

— E eu que pensava que omelete era para comer com a mão — desdenhou Kilraven.

Jon se dirigiu aos dois agentes mais velhos.

— Enquanto estamos trabalhando aqui, vocês dois instalem o equipamento na sala de estar. Estamos esperando um telefonema logo.

Os dois acenaram. Um deles carregava o que parecia uma maleta cheia de equipamento eletrônico, e ambos começaram a montar tudo assim que chegaram à sala de estar.

Os outros três homens trabalharam amistosamente na cozinha e serviram uma boa refeição. Estavam terminando uma segunda xícara de café quando o telefone tocou.

Correram em direção à sala de estar. Dois dos agentes se sentaram a uma mesa coberta de equipamento de alta tecnologia. Jon fez um aceno para o agente que cuidava da segunda linha que instalara e fez um gesto para Jason atender.

— Pendleton — a voz de Jason era firme.

— Temos sua irmã. — A voz tinha um sotaque muito forte. — Ligaremos de novo em alguns dias para negociar o resgate. Não envolva o FBI, vamos vigiar e, se eles interferirem, ela morre e não ligaremos de novo. — A linha ficou muda.

Jon observava o rosto de Jason.

— Não acredite em tudo o que ouve, sabemos o que estamos fazendo.

E sabia mesmo. Sabia que, se não resgatassem Gracie no prazo de 24 horas, provavelmente não conseguiriam salvá-la. O seqüestrador dissera que chamaria de novo em alguns dias, e Jon se sentiu extremamente preocupado. Esperava que Cy Parks conseguisse reunir um grupo para procurá-la. O equipamento de alta tecnologia era muito bom, mas os seqüestradores não tinham pressa, e o que eles precisavam agora era de ação rápida, antes que Gracie se tornasse apenas um número na estatística daquele tipo de crime.

* * *

Gracie voltou a si numa cabana, ouvindo o som de uma guitarra tocando uma melodia triste nas imediações. Era lindo, como uma sinfonia de um instrumento só, cheio de harmonia e de sonhos comoventes. Perguntou-se quem a estaria tocando.

Sentou-se com dificuldade. Estava algemada com os braços para trás, mas haviam tirado a venda de seu rosto. Sentia-se muito tonta e se lembrou, vagamente, de uma agulha lhe furando o braço quando fora parada na estrada, arrancada do carro de Jason por dois homens baixos e entroncados e jogada no banco traseiro de um carro desconhecido.

Perto dela, um menino em roupas esfarrapadas estava sentado junto à porta, observando-a. Tinha grandes olhos castanhos e expressivos.

— *Como se llama?* — a voz de Gracie era suave.

Ele a olhou e piscou. Era surpreendente ver a falta de compreensão nos olhos dele, descobrir que não entendia espanhol. Imaginou se ele seria maia e, então, se perguntou onde estava. O povo maia vivia no Yucatan, estaria lá?

— *Honee bot maj?* — cumprimentou foneticamente com as poucas palavras de dialeto maia que aprendera com um dos conhecidos de Barbara. Havia muitos dialetos maia e neste a frase significava "pi", presumindo que não estava matando a pronúncia.

De repente, o menino sorriu de orelha a orelha.

— *Honee bot may* — a resposta foi tímida.

O menino disse mais alguma coisa que ela não compreendeu, então saiu correndo pela porta. Segundos depois, a guitarra silenciou, a cortina de tecido que servia de porta foi puxada para o lado e um homem alto e grande, vestido com jeans e uma camisa de seda azul, entrou e sorriu para ela.

Era muito bonito, com grandes olhos castanhos num rosto quadrado. O cabelo era negro e cacheado, tinha um nariz reto, os malares salientes, o queixo quadrado e uma boca larga e sensual. Os ombros eram largos e musculosos, mais como um lutador de luta livre do que um caubói. A pele era de um moreno claro e tinha uma postura regia. Sorriu enquanto a estudava.

— Então você acordou. E Angel diz que você fala maia.

— Apenas uma palavra. — Seu tom era hesitante. — Mas falo bem espanhol.

— Eu também. Meu nome é Machado, talvez já tenha ouvido falar de mim. — Percebeu que Gracie reconheceria o nome.

— Sim, soubemos que você estava com um dos irmãos Fuentes. E que era o ditador de um país da América do Sul e que foi deposto e enviado para o exílio.

Ele deu de ombros.

— Apenas uma aproximação da verdade, mas perto o bastante. — Entretanto. — Os olhos escuros brilharam, divertidos. — Logo minha nemesis estará lutando para manter sua posição. Preciso levantar dinheiro suficiente para contratar o tipo de talento de que preciso para recuperar meu antigo cargo.

— Você me seqüestrou.

— Sim, seqüestrei. — Havia um pedido de desculpas no tom. — Estou desesperado por dinheiro e acho essa uma forma menos... desagradável de consegui-lo do que vendendo drogas para garotos que precisam roubar para manter o vício. — A voz se tornou gelada.

— Você se aliou aos irmãos Fuentes. — A voz dela era puro gelo. — Eles matam policiais e jornalistas.

— São insetos, não são meus aliados. — A postura era orgulhosa. — Não são meus parceiros. Permito que ocupem um território aqui sem lhes cortar a garganta, é tudo.

Ela virou a cabeça de lado, curiosa.

— Aqui? Onde é aqui? — Olhou em torno. — O garoto falou em maia, estamos no Yucatan?

— Não, não, apenas no Norte de Sonora, do outro lado da fronteira do Texas, na verdade. Conveniente para apanhar os melhores alvos... americanos ricos. — O sorriso era malicioso.

Ela o encarou com raiva.

— Seqüestro é um crime federal nos Estados Unidos, e a pena é capital.

Ele ergueu uma das mãos.

— Por favor, não cite a lei para mim. É tão deprimente ficar submetido aos ideais morais dos imperialistas.

— Não somos imperialistas!

Ele fez um som de desprezo na garganta. Ela se moveu desconfortável, e a boca de Machado se ergueu num dos lados. Ajoelhou-se ao lado dela e abriu as algemas

— Bárbaros, amarrando-a assim. Peço desculpas, eu lhes disse que a tratassem com gentileza. Uma mulher de qualidade não deve ser submetida à brutalidade.

Gracie deixou escapar uma risada curta e sem humor.

— Mulher de qualidade? Cresci nos cortiços de El Paso. — Sentia uma ligação tão estranha com aquele estranho que parecia poder lhe contar coisas que preferia morrer a partilhar com Jason. — Sem dinheiro, um pai brutal que bebia e espancava minha mãe e eu e que finalmente foi morto pela bala de um atirador de elite da polícia quando encostou uma pistola contra minha cabeça e prometeu apertar o gatilho porque minha mãe tentou deixá-lo. Isso lhe parece uma criação de qualidade?

Ele ficou surpreso.

— Mas você é uma Pendleton.

— Sou uma Marsh, meu irmão de criação é que é um Pendleton. É ele que tem dinheiro, e não moro mais na casa dele. Trabalho para me sustentar e vivo frugalmente, não tenho dinheiro nenhum. Assim, se está esperando receber um resgate por mim, teria mais lucro vendendo os ovos daquelas galinhas magras — indicou as galinhas, que bicavam a terra em busca de alimento e espalhadas perto das casas de adobe.

— Ele é seu irmão de criação, certamente a ama e pagará para tê-la de volta.

Ela inspirou com força, a infelicidade clara em sua expressão.

— Provavelmente ele lhe dirá para fazer comigo o que quiser e o mandará para o inferno. — A voz era um lamento. — A noiva dele me odeia e se livrou de mim ameaçando contar a ele um segredo de família que ele não conhece. Ela me ouviu falando sobre meu passado, e Jason não tem idéia de onde realmente vim. Sabe, aquela mulher despeitada usa chantagem para conseguir o que quer. Consegui me afastar da casa onde vivi mais de doze anos, mas sei que algum dia lhe contará tudo sobre o meu passado vergonhoso apenas para se divertir. — Os olhos dela se prenderam aos dele. — Sei que alguns reféns foram mortos. — O medo estava ausente de sua expressão.

Ele a olhou com firmeza.

— Não mato mulheres. — Estava indignado. — Quanto àquela refém, um dos homens de Fuentes a quis e a forçou durante a noite e, quando soube, mandei matá-lo. Não tolero este tipo de comportamento, nem mesmo quando era *El General* em meu país.

Ela se sentiu menos ameaçada.

— Esse irmão de criação, ele não vai querê-la se descobrir a verdadeira história de sua infância? Você tem certeza?

— Toda a certeza. — Suspirou e lhe deu um sorriso triste. — Assim, *El General*, conhece a expressão comprar gato por lebre? Porque foi isso que fez, falando figurativamente!

Capítulo Sete

El general Emílio Machado, avisado de que o contato com Jason Pendleton havia sido feito, passou alguns dias decidindo como agir. Finalmente mandou o pedido de resgate para Jason através de um intermediário, um funcionário de baixo escalão do governo mexicano da província de Sonora.

Gracie o ouviu ditá-lo e se perguntou se Kittie impediria Jason de pagar resgate pela rival. Decidiu que provavelmente ela faria isso. Kittie era uma das mulheres mais malvadas que Gracie já conhecera. Mas Jason era leal às pessoas que faziam parte de sua vida, mesmo se não gostasse delas. Quase certamente ele pagaria o resgate, em honra dos velhos tempos. Ele e Gracie tinham brigado e se separado com enorme ressentimento dos dois lados, mas ele ainda a considerava um membro da família.

Esperava que não a desertasse.

Mesmo assim, havia uma chance de ele hesitar se, por exemplo, Kittie lhe contasse a verdade sobre a irmã de criação. Nesse caso, Jason podia não se sentir obrigado a fazer coisa alguma. Ela não sabia como seu seqüestrador reagiria se aquilo acontecesse. Apesar de sua atitude amistosa, precisava ter um lado impiedoso para ter conquistado um país inteiro. O homem gentil que gostava de crianças provavelmente era letal atrás de uma arma automática e não hesitaria em matar se a situação exigisse.

Preocupava-se com Barbara, a sra. Harcourt e Dilly. Elas deviam estar transtornadas e com medo por ela. Desejava ter alguma forma de garantir a elas que, pelo menos, estava segura no momento. Mas não tinha a menor idéia de por quanto tempo viveria em segurança.

Se ela esperava resultados imediatos, ficou desapontada. Um dia se passou, então dois, depois três e chegou a uma semana sem uma palavra do outro lado da fronteira. Gracie imaginou que as rodas da burocracia giravam lentamente e diversas agências deveriam estar envolvidas no trabalho por sua libertação. O FBI com certeza. Ou não? Era um seqüestro internacional, enviariam a CIA, o departamento de Defesa ou o Departamento de Segurança Nacional? Bem, pensou, podia ser perdoada por ser ignorante na questão, não fora seqüestrada antes.

Seus temores de que Machado pudesse feri-la desapareceram lentamente. Ele a tratava com respeito e uma cortesia do Velho Mundo. E, estranhamente, permitiu-lhe andar livremente pelo acampamento. O que causou discussão entre ele e a quadrilha dos Fuentes, particularmente com um homem jovem e atarracado, com uma expressão mesquinha. Era o mesmo homem que freqüentemente olhava para Gracie de uma forma que a fazia se arrepiar. Apesar da gentileza de Machado, este era um acampamento de criminosos. Aqueles homens eram assassinos e matariam à menor provocação.

No começo, pensou em fugir, mas não por muito tempo. Homens com armas automáticas patrulhavam os limites da aldeia, que era cercada por acres e mais acres de terra estéril e seca, cheia de cactus de todos os tamanhos, cobras e escorpiões. Até mesmo um veterano de guerra, com habilidades de sobrevivência, enfrentaria dificuldades imensas ali, que dirá a protegida Gracie.

Pela primeira vez na vida, se tornou consciente do casulo em que vivera, protegida dos problemas da vida, afastada dos elementos nocivos da sociedade, mantida distante do sofrimento diário dos pobres. Seu trabalho beneficente era idealista e conhecera a pobreza na infância, mas os anos seguintes lhe apagaram da mente os fatores mais cruéis e a tornaram menos consciente de como era difícil ganhar a vida sem educação e oportunidades. Decidiu que, se sobrevivesse àquela experiência, aprenderia suas lições e se envolveria mais no mundo fora de sua rede de segurança. Já tivera um pouco da visão de mundo em sua nova vida, onde se misturava com pessoas comuns e trabalhadoras.

Podia ver o resultado da pobreza e estava começando a compreender como teria sido sua vida se sua mãe não tivesse se casado com Myron Pendleton. Lamentava por ela e Jason não poderem nunca mais ser próximos, sob nenhum aspecto.

Kittie sabia o segredo, que poderia destruir Gracie e não hesitaria em usá-lo. Gracie poderia tentar explicar seu passado a Jason, mas duvidava que ele até mesmo quisesse ouvi-la. Achava que Kittie era o céu e as estrelas, e o pensamento lhe era extremamente doloroso. Kittie já havia se livrado de todos as pessoas de quem Gracie gostava e lhe roubara Jason.

Gracie tinha uma nova vida, difícil e solitária apesar da amizade e apoio de Barbara. Kittie viveria na mansão com Jason, receberia os amigos dela, iria a concertos e bales com Jason. Gracie viveria nas sombras da vida dele e nunca mais seriam amigos, nunca mais partilharia com ele as tardes em leilões em galpões ou cavalgadas matinais no rancho. Ele a odiava pela rejeição física que não conseguira impedir, nem mesmo sabia por que ela o havia empurrado. Ela, que o amava mais do que a própria vida.

Sofria pelo que havia perdido, mas sua situação imediata tinha precedência. Eles a matariam se a exigência de resgate não fosse atendida? Ou a matariam mesmo que o pagamento fosse feito? O perigo a impedia de dormir e lhe tirava o apetite. Machado percebeu e foi visitá-la na pequena casa de adobe onde Gracie vivia com uma mulher e uma criança que aparentemente pertenciam à organização dos Fuentes.

— Você acha que pretendemos matá-la se recebermos ou não o resgate. — Era uma adivinhação precisa. — Posso lhe garantir que isso não acontecerá.

— Meu irmão de criação ajudou na operação em que os Fuentes perderam um enorme carregamento de cocaína e foi um dos grandes responsáveis pela morte de um dos irmãos e a prisão de outro. Eles querem vingança.

Os olhos escuros brilharam.

— Sei que é assim, mas o poder aqui está nas minhas mãos, não nas deles. Está vendo aqueles homens, *senorita*? — Fez um gesto em direção a um grupo de soldados em uniformes de camuflagem do deserto e que portavam armas automáticas poderosas. — Não pertencem aos Fuentes e os matariam, ou matariam qualquer um de seus homens, se eu ordenasse.

Ela relaxou um pouco.

— Compreendo.

— Não, não compreende. — Havia um pouco de humor na voz. — Eles têm suas prioridades, e eu tenho as minhas. Foi conveniente para mim fazer uma aliança aqui na fronteira. Mas eles têm menos homens do que eu, e os meus são soldados treinados de carreira. Isso torna as coisas mais claras?

Ela respirou fundo e sorriu.

— Sim, obrigada. Ele deu de ombros.

— Eles a querem viva e sem ferimentos, e é assim que será devolvida a eles. Dou-lhe minha palavra de que será assim, como um cavalheiro e um oficial — falava sinceramente, e ela percebeu. — Em meu país, isso tem valor.

— No meu também.

Ele acenou e olhou em volta, enquanto uma mulher pequena, com o cabelo negro trançado até a cintura se aproximou com o menino, Angel. Fez uma reverência com a cabeça, sorrindo timidamente.

— *Con permiso*? — Hesitou antes de entrar.

— *A su servicio, senora*. — Ele lhe fez uma reverência, e o rosto dela ruborizou.

O general piscou para Gracie e saiu.

Gracie ficou amiga da mãe do pequeno Angel e logo estava conversando com a mulher, que falava espanhol, além de maia. Aquelas pessoas que estavam com Machado

não eram descendentes dos aztecas que haviam vivido nas imediações do que mais tarde se tornou a Cidade do México, mas imigrantes da América Central. Seus ancestrais eram maias, o que foi uma surpresa agradável para Gracie, que era fascinada pela cultura deles. A vida no acampamento, para essas mulheres, consistia em moer o milho, fazer tortillas e cozinhar; e, é claro cuidar das crianças. Gracie ajudava com o moedor de milho, trabalhando alegremente enquanto ela e Josita, a mãe de Angel, conversavam sobre crianças, os tempos difíceis no México e os perigos da fronteira.

As crianças se reuniam em torno dela, fascinadas por seu cabelo louro. Gracie ria e lhes contava histórias sobre Kukulcân, a famosa serpente com penas da lenda, além de histórias sobre a conquista dos maias e de sua cultura, na qual a astronomia era muito avançada e os astrônomos faziam calendários muito precisos. Dia a dia, enquanto ela se tornava mais confortável com as mulheres e crianças de seus seqüestradores, atraía mais jovens, também ansiosos para ouvir suas histórias. Mesmo assim, não desapareciam suas saudades de Jason e de Jacobsville.

Uma noite, enquanto estavam reunidos em torno da fogueira, no centro da casa de adobe, o próprio general se deitou num poncho colorido, dobrou o cotovelo, apoiou a cabeça na mão e ficou ouvindo-a falar sobre os famosos jogos de bola que significavam vida ou morte para um dos times. O que ganhava, vivia, e os perdedores do outro time eram todos mortos.

Quando as crianças finalmente foram mandadas para suas redes para dormir, penduradas todas as noites nas casas de adobe e piso de terra, o general ficou.

— Essas suas histórias são realmente fascinantes — disse ele.

— Seu espanhol é elegante, apesar do sotaque forte. Ela riu.

— Apreendi espanhol com um professor francês, assim a culpa não é minha.

Ele acenou.

— Concordo. — A cabeça leonina se dobrou para o lado, e ele a estudou. — Você não tem medo de mim.

Ela balançou a cabeça enquanto alisava a areia onde desenhara hieróglifos para as crianças, os poucos que decorara.

— Vejo como trata as crianças — não elaborou a declaração. — Elas o amam e é difícil enganar uma criança.

Ele sorriu.

— Gostaria de ter tido uma família, uma família grande com muitos filhos e filhas. Infelizmente, passei minha vida lutando e não houve tempo para uma mulher. Não uma mulher permanente, quero dizer.

Ela compreendeu a insinuação. Ele realmente parecia um homem que conhecia mulheres intimamente. Tinha uma forma de olhar para ela que era mais lisonjeira do que amedrontadora, uma diferença que conhecia apesar de sua falta de experiência. Ele parecia sentir como era ingênua e parecia satisfeito com isso.

— Você tem uma aparência muito jovem, mas acho que está na metade da casa dos vinte anos. — Ela se sentiu surpreendida. — Não teve a oportunidade de se casar?

— Na verdade não, não me sinto... bem em companhia de homens.

— Por causa do seu pai.

— Por causa da maneira como tratava minha mãe. Ela me disse que todos os homens são animais quando ficam sozinhos com uma mulher.

— Posso entender por que acreditou nisso. — A voz era profunda e suave como veludo. — Não é verdade, alguns homens são animais sim, mas nem todos.

— Ela pensou que meu pai não era, foi enganada.

— Uma traição que teve conseqüências tristes não só para ela, mas também para a filha dela. Sua mãe ainda está viva?

— Não, pouco depois de se casar com o pai de Jason, ela bateu o carro numa árvore e morreu instantaneamente. Todos acharam que foi um acidente, que ela perdeu o controle do carro. Mas eu sabia a verdade; embora jamais tenha falado disso. — Os olhos cinzentos se encontraram com os escuros através da fogueira. — É tão estranho eu conseguir falar disso com você, quando jamais deixei escapar uma só palavra para Jason.

— Minha opinião não é tão importante para a sua felicidade como a dele seria.

Ela riu suavemente.

— Você é muito perceptivo.

— Você o ama. — O tom era gentil. — E não como um irmão de criação.

O rosto dela perdeu toda a expressão.

— Por todo o bem que isso me faz. Ele não se sente assim sobre mim.

— Um homem completamente cego, o que é triste para ele. Você tem qualidades admiráveis e não é a menor delas sua tolerância por diferentes formas de viver. Não a ouvi dizer nem uma vez que é uma pena que as pessoas precisem viver assim, nessa sujeira.

— Não é sujeira! — Seu protesto foi veemente. — São felizes aqui. Podem não ter muita coisa material, mas amam seus filhos e valorizam suas famílias. Não tem obsessão pela posse de coisas, vivem com a natureza e não tentam controlá-la, domá-la. Um dia — tornou-se filosófica — se nosso sistema tecnológico desaparecer, serão pessoas como estas que nos liderarão para fora da escuridão e nos ensinarão a sobreviver num mundo não mais governado por computadores.

Ele riu deliciado.

— Você fala da lenda do guerreiro do arco-íris. Ela se alegrou.

— Sim! Você a conhece?

— Cada cultura indígena tem uma lenda sobre isso. — Virou a cabeça de lado. — Você ama história.

— Com certeza — o sorriso de concordância foi tímido. — Tenho um diploma de História e espero ensiná-la um dia.

— Você certamente tem um dom para isso. — Sorriu. — Fico impressionado com a fascinação com que as crianças a ouvem. Você os faz se sentirem orgulhosos do que são... alguma coisa que tristemente falta nas sociedades dominantes nas quais vivem agora.

— Orgulho e autoestima são as chaves para o sucesso na vida. Tantas culturas foram degradadas e, então, destruídas por conquistadores...

— Ah, agora está falando da sua própria cultura imperialista. — O tom era de provocação.

Ela fez uma careta para ele.

— Você chama de imperialismo... nós chamamos de proteção a outras

democracias. A verdade é subjetiva.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Sim, é verdade.

Nas imediações, o guitarrista começou a tocar uma terna canção de amor mexicana. Para a surpresa de Gracie, Machado a cantou, a voz profunda sedutora e atraente na escuridão. Gracie ficou imóvel, ouvindo, o prazer com o talento dele evidente. A canção era sobre um homem que idolatrava de longe uma garota, mas não tinha dinheiro para conquistá-la. Perdeu-a para um rancheiro rico e se lamentava pela perda todas as vezes que a chuva, como lágrimas, caía em seu telhado.

— Você canta lindamente. — O comentário só foi feito depois que a canção terminou. — Se não fosse um ditador, poderia ter sido um cantor famoso.

Ele riu.

— Canto para o meu próprio prazer. Mas, comparado a dominar um país, *nina*, vem num distante segundo lugar. Sou viciado em poder.

— Um defeito comum aos homens, percebi. — Suspirou, os pensamentos voltando à situação que vivia. Hesitou e, então, criou coragem. — Já recebeu alguma notícia de Jason?

Estava preocupada. Fizera-lhe a mesma pergunta todos os dias daquela semana, e ele lhe dera respostas incompletas. Os nervos dela estavam começando a ceder.

— Prometeram uma resposta para esta noite, e meu homem já deve ter feito contato. Espero ouvir seu irmão de criação em breve. Você deve estar ansiosa para voltar para casa.

— Um pouco. — O sorriso foi breve e triste. — A noiva de Jason deve estar reclamando com toda a fúria de ele gastar dinheiro para me resgatar, se é que pretende fazer isso, e não sei como ele vai reagir a ela. Além das minhas amigas mais próximas, imagino que as únicas pessoas que ficarão contentes de me ver serão os agentes federais que cuidam do pagamento do resgate. Será uma vitória para eles se me salvarem viva e inteira.

— É verdade. Esta noiva... Ele a ama? Gracie suspirou.

— Não sei, parece que sim. Ele certamente ficou do lado dela contra mim e todos os empregados da casa. E isso não se parece com Jason, especialmente no que se refere à sra. Harcourt. Ela cuidou da casa e dele desde que Jason nasceu.

O general balançou a cabeça.

— Uma mulher sedutora pode transformar um homem num tolo, mesmo um homem mais velho. Mas a paixão queima com força e, então, se extingue sozinha. — Percebeu que tentava confortá-la. — Dê tempo a ele, e ele verá a luz.

Ela riu um som oco.

— Não vou segurar a respiração.

— Pessimista. — Era uma acusação. — Precisa acreditar em milagres, *nina*, ou jamais verá um.

— Eu os vejo o tempo todo. E apenas meu relacionamento com Jason que não está funcionando.

— As coisas mudam, vai ver.

— *El General!* — A voz profunda vinha de fora da casa. — Um homem quer falar

com você ao telefone!

— Você não tem um celular? — Gracie estava surpreendida.

— Cinco. — Ele sorriu. — Para que não me encontrem, mas é demais para carregar por aí. Tenho pessoas que fazem isso por mim. — Levantou-se. — *Con permiso*. — Havia respeito na voz e então ele se foi.

Talvez fosse Jason, Gracie pensou, cheia de esperança. Não estava sendo maltratada, mas se sentia ansiosa sobre as intenções de seus seqüestradores.

Um deles, o homem atarracado que pertencia à quadrilha dos Fuentes, observava-a constantemente. Tinha os braços cobertos por tatuagens, era musculoso e brutal. Tinha medo dele e queria desesperadamente ir para casa.

Esfregou os braços com as mãos, estava sentindo um pouco do frio do ar noturno. Estava sentada na ponta da varanda, numa cadeira frágil e artesanal, e a luz da casa onde era mantida não chegava até lá. As crianças que haviam se juntado para ouvir suas histórias tinham ido para suas casas, e estava sozinha enquanto Machado conversava ao telefone na casa principal.

— Então está sozinha, hum? — A voz era fria e lenta e vinda de trás dela. — Esperei muito tempo por este momento.

Ela se virou, o rosto empalidecendo quando viu o homem em quem estava pensando saindo dos fundos da casa e se aproximando dela.

O FBI negociava o pagamento do resgate com toda a intenção de pagar, mas o seqüestrador continuava a insistir que precisava de mais dinheiro do que o FBI estava pronto a gastar. Também temia uma armadilha e queria garantias de salvo conduto e sem vigilância.

Jon Blackhawk, enfurecido, jogou o celular para longe, depois de uma rodada tensa de negociações. Também praguejou em voz bem alta.

— Não pode jogar um equipamento do governo desse jeito, não quando estamos operando em déficit. — Kilraven balançou um dedo para ele.

— É tão malditamente frustrante. — Jon parecia fora de si.

— Eu mesmo gostaria de sair por aí esmurando algumas pessoas. — Jason se sentia frustrado também. Levantou-se e andou pela sala. — Que diabos eles querem, quando mudam o valor a cada telefonema?

— É uma guerra de nervos, e eu também odeio isso. — Embora estivesse furioso, com ele, tentou acalmar Jason. — Não gosto do tempo que está levando, mas é o único caminho que temos agora.

Kilraven lançou um olhar para Jason com uma expressão estranha.

— É mesmo?

Jon parou diante do meio irmão e o olhou desconfiado.

— O que há, está acontecendo alguma coisa sobre a qual não me contou?

Kilraven conseguiu parecer inocente.

— Está perguntando a mim? Estou aqui porque minha agência me emprestou a vocês, não tenho permissão para interferir. — O sorriso era angelical.

— Como não interferiu quando Rodrigo foi seqüestrado pela quadrilha dos Fuentes?

— Aquela foi uma situação especial — protestou Kilraven.

— Eles queriam matá-lo por vingança. Esse grupo não tem nada contra Gracie.

Jon relaxou um pouco.

— É verdade. Hammock, veja se quebrei o telefone, sim? — Pediu a um de seus homens. — Não tinha a intenção de perder a cabeça desse jeito.

Hammock pegou o celular, apertou um botão e o levou à orelha, então riu.

— Eles deviam estar pensando em você quando fabricaram este, chefe. — Devolveu-o a Jon, não estava nem amassado. — Mas foi um belo lançamento.

Enquanto os irmãos continuavam a se insultar de brincadeira, Jason foi para o pátio e começou a andar, o rosto erguido para o ar frio da noite. Por muitos dias, agora tentara se manter otimista, acreditar que recuperariam Gracie. Mas a esperança estava desaparecendo e jamais deixaria de se culpar pelo que acontecera a ela. Jogara Gracie diretamente na linha de fogo ao dar à Kittie permissão para se colocar numa posição em que fora capaz de expulsá-la de casa. Pensou que aquilo não combinava com Gracie, que normalmente ela não aceitaria o que acontecera. Perguntou-se como Kittie conseguira expulsar Gracie, que armas usara. Mas certamente Gracie lhe teria telefonado, perguntado o que ele queria. Então se lembrou da discussão sobre o gato e a certeza desapareceu.

Sua pequena vingança se voltara contra ele da maneira mais trágica, e Gracie pagaria o preço por seu orgulho ferido. E se os seqüestradores estivessem apenas tentando enganá-lo, esperando pegar o dinheiro e mantê-la com eles? E ainda pior, se já a tivessem matado? Diziam que, se as pessoas não fossem resgatadas nas primeiras 24 horas do seqüestro, praticamente desapareciam as chances de tê-las de volta vivas. Sentiu o pânico lhe apertar o peito. Se Gracie morresse, não queria mais viver, não tinha mais nada, mais ninguém. Ele fizera aquilo com ela.

Uma grande mão lhe desceu com força sobre o ombro.

— Pare com isso. — A voz de Kilraven era firme. — Torturar-se não vai ajudar.

— De qualquer maneira, nada parece ajudar. — Jason parecia ter perdido toda a esperança. — Maldição.

Kilraven se aproximou ainda mais e lhe sussurrou algumas palavras no ouvido enquanto Jon discutia planos com seus dois colegas dentro de casa.

— Estão se preparando para sair neste momento. — A voz era baixa. — Mas eles não podem saber. — Fez um gesto de cabeça em direção à casa. — Não é uma ação permitida pelo governo, mas da maneira como estão adiando as coisas, Gracie pode estar morta quando chegarem a um acordo sobre a quantia a ser paga. Tivemos que agir.

Os olhos de Jason se encheram de angústia.

— Me diga que não permitirão que ela fique na linha de fogo, prometa!

— Eb Scott mandou os melhores que tem, trabalhei com eles quando Rodrigo foi capturado. Ela não ficará na linha de fogo, e eles a trarão para casa.

Jason relaxou, apenas um pouco.

— Odeio a burocracia.

— Jon também, mas ele trabalha de acordo com o manual, exatamente como o

nosso pai. Minha madrasta fica louca, tentando fazer Jon se interessar por mulheres. Mas ele é um puritano da pior espécie.

Jason se virou e encarou o homem nos olhos.

— Você não bebe, não dorme por aí com mulheres nem joga e acha que seu irmão é um puritano?

Kilraven fechou a cara.

— Não sou puritano. — A voz foi alta o bastante para os homens dentro da casa ouvirem.

— Sim, ele é. — Jon chegou à porta.

— Fumo charutos! — Kilraven estava ficando aborrecido.

— Um charuto por ano não é fumar, e você é um puritano. — Jon riu, contente com o desconforto do irmão. — Vamos tirar uma folga. — Voltou-se para Jason. — Talvez ele ligue de volta em uma hora ou duas e podemos conversar mais um pouco. Sinto muito por isso, negociações são um inferno. A maioria de nós prefere invadir o esconderijo atirando. — Lançou um olhar significativo para o irmão. — Mas dessa forma é mais seguro para o refém.

— É claro que é. — A concordância de Kilraven foi imediata. — Veja que estou aqui e não em alguma aldeia perdida do outro lado da fronteira, vestido em uniforme de camuflagem do deserto e carregando uma arma automática.

— Eu percebi. — Jon estava claramente irritado. — Mas isso não significa que você não está assessorando alguém que está fazendo exatamente isto.

Kilraven apenas sorriu.

* * *

O homem atarracado subiu na varanda pelo lado da casa, rindo friamente enquanto Gracie se levantava e tentava decidir se conseguiria chegar à porta antes que ele a alcançasse.

Aquela esperança desapareceu de imediato quando ele estendeu uma das mãos gordas e pesadas e lhe agarrou o braço. Era musculoso, como se fizesse exercícios de levantamento de peso o tempo todo.

Gracie não tinha como saber que seus músculos e tatuagens eram provas visíveis de seu tempo de prisão. Sabia apenas que era muito mais forte do que ela e que aquilo terminaria muito mal. Não tinha treinamento em artes marciais, exceto pelo que aprendera com Marquez quando ele ia para a casa de sua mãe, Barbara, nos fins de semana. O que não era muito.

Entretanto, ela se lembrou, pelo menos, de um movimento. Quando o homem atarracado a puxou contra ele, ela fechou as mãos em punhos, o polegar para fora, e o atingiu com toda a força que tinha nas laterais das costelas. Ele a soltou, praguejando e se dobrando. Funcionara! O alívio a tomou e então percebeu que apenas tornara péssima uma situação ruim quando ele a agarrou de novo.

— Grande erro — grunhiu o homem, uma das mãos sujas lhe segurando os seios enquanto a outra lhe apertava as nádegas e a boca se aproximava da dela.

— Socorro! — gritou, lutando. A mãe de Angel a ouviu, chegou à porta e olhou

amedrontada.

— Vaya! — ordenou o homem, e a cabeça da mulher desapareceu imediatamente.

Gracie ouviu a porta se fechar e soube que estava perdida.

Enquanto o bandido tentava segurá-la melhor, ela tentou se lembrar de outros movimentos que Marquez lhe ensinara. Se apenas pudesse...livrar... as mãos! Sim! Fechou-as e bateu-as com toda a força nas orelhas do homem. Ele explodiu de raiva e dor. Ela conseguiu se libertar e correr, suas pernas longas carregando-a para fora da varanda e levando-a em direção ao meio do pequeno pueblo.

— Socorro! — gritava — Socorro!

Provavelmente a quadrilha dos Fuentes apenas olhasse e risse enquanto ele a estuprava, pensou em pânico, mas talvez aqueles homens armados, em uniforme de camuflagem, tivessem pena dela e viessem em sua ajuda. Ou não. Seu coração estava batendo com força e rapidez, a respiração irregular e dolorosa enquanto tentava encher os pulmões.

Nunca sentira tanto medo enquanto estava presa. Se apenas Jason estivesse ali para protegê-la, pensou transtornada, se apenas ela tivesse aceitado aquele beijo, se não tivesse lutado contra ele... Não estaria nesta situação pavorosa. Agora sua vida estava em risco, e seu corpo seria violado com brutalidade e violência por aquele brutamontes!

Preferia literalmente morrer e tentou correr mais depressa, mas ouviu os passos pesados se aproximando. Não pararia de correr, mas sabia que perdera a luta. Não havia outro ser humano à vista, não havia ajuda.

O homem atarracado recuperara os sentidos, embora continuasse surdo, e a pegou quando ela chegou perto de uma pequena mercearia, que estava com as portas fechadas. Ele a segurou, virou-a com brutalidade, jogou-a no chão e se deitou sobre ela, prendendo-a.

— Agora vai pagar por lutar contra mim! — A voz era um grunhido animal.

Capítulo Oito

Gracie tentou chutá-lo, mas ele era poderoso demais. Ela estava sem fôlego e fraca de medo, completamente presa, sem esperança. Mas, enquanto estava deitada lá, impotente, à mercê de mais um homem brutal e violento que a manipulava como se fosse uma boneca de pano, alguma coisa se ergueu dentro dela como uma fúria. Estava tão cansada de ser uma vítima. Bem, este criminoso poderia matá-la, mas morreria lutando. Sua mãe tivera razão, alguns homens eram definitivamente animais. Mas este pagaria um preço pelo que estava tentando fazer com ela.

Cheia de fúria e indignação, virou a cabeça de repente e o mordeu na maçã do rosto com toda a força. Sentiu o gosto de sangue na boca enquanto ele tentava erguer a cabeça. O homem gritou, pressionando os dedos no rosto. Sentiu o sangue, praguejou, fechou o punho e o ergueu.

— Vá em frente, covarde, espanque uma mulher! Mostre ao mundo que homem corajoso você é!

A provocação não causou efeito nenhum. O homem, ainda fora de si de ódio, ergueu o punho para lhe bater de novo. Ela trincou os dentes, esperando pelo golpe, mas não fechou os olhos, desafiando-o a espancá-la de novo. Se ele aproximasse o rosto do dela, ela lhe arrancaria o nariz com uma dentada!

Antes que o homem tivesse a oportunidade de lhe bater de novo, houve um brilho estranho vindo de algum lugar perto, seguido por um estalo, como se fosse um fogo de artifício. O homem deitado sobre ela enrijeceu. Seus olhos a fixaram por um momento antes de ficarem vazios, e ele caiu sobre ela, cobrindo-a totalmente.

Gracie sentiu alguma coisa molhada no peito, alguma coisa com um cheiro metálico. Sentiu-se atônita demais para se mexer, então viu, além do corpo do homem sobre ela, outro homem alto se aproximar. Segurava uma pistola de onde ainda saía fumaça. Era o próprio general, com o rosto severo, se movendo rapidamente em direção a eles.

Gracie estremeceu de alívio enquanto revivia o passado, quando outro homem tinha sido morto por um tiro ao lado dela. As lembranças pavorosas a tomaram. Empurrou o corpo do homem pesado em cima dela, mas não tinha força para afastá-lo. O general o agarrou pelo colarinho e o jogou longe, com tanto desprezo como se ele fosse um trapo sujo. Ajoelhou-se ao lado de Gracie.

— *Nina*, você está bem? — A voz era suave. — Lamento muito.

Ela fora tão corajosa enquanto tudo acontecia, mas agora, de repente, não conseguia parar de chorar. O homem grande a tomou nos braços e apertou-a contra o peito e embalou-a.

— *No llores*. — Era apenas um sussurro. — Não chore, você está segura. Nunca deixarei nada ou ninguém feri-la. Nunca, enquanto houver vida em meu corpo.

Ela passou os braços em torno do pescoço dele e se segurou como se sua vida dependesse disso. Sentiu-se segura, não estava mais com medo. O homem grande estremeceu à imediata aceitação dela de sua proteção. Tivera muitas mulheres, mas nenhuma delas jamais o fizera se sentir tão másculo, tão necessário. Quase fora estuprada por aquele rato morto ao lado. Devia ter se sentido apavorada, uma mulher delicada e gentil como ela.

Mas aceitara os braços confortadores de Machado sem hesitação, como se soubesse que neles estava segura, que neles encontrara um abrigo. Fechou os olhos com a onda de posse que o tomou. Se apenas pudesse mantê-la junto dele, pensou loucamente, recusar o resgate e levá-la para casa com ele, mantê-la junto dele para sempre.

Mas isso era loucura, ela jamais se adaptaria à violência do seu mundo, mesmo se conseguisse fazê-la amá-lo. Isso seria cruel, ela não fora feita para uma vida de revolução e assassinatos. Ele sorriu triste, enquanto lhe acariciava o cabelo desarrumado. Mas sonhos eram doces, e tinha aqueles preciosos momentos com ela, até ser devolvida para casa. E poderia saboreá-los por enquanto.

Jason atirou o próprio celular para o outro da sala e praguejou com tanta fúria que o agente Hammock se assustou e recuou um passo.

— Agora veja o que você fez. — Kilraven advertiu o irmão — Você o corrompeu.

— Fiz negócios com o maldito banco a metade da minha vida, e agora eles se

recusam a me fazer um empréstimo no valor de um terço do que tenho preso em certificados de depósito em seu maldito cofre! — A raiva de Jason quase o impedia de falar. — Quando tudo isso acabar, vou fechar a maldita conta que tenho com eles!

— Não posso culpá-lo. — O tom de Jon era solidário. — Mas não se aborreça tanto. Podemos conseguir com dinheiro falso, vou mandar buscá-lo imediatamente. Tudo o que precisamos são os poucos minutos que os seqüestradores levarão para pegar o dinheiro do resgate, então poderemos encontrar a pista do esconderijo deles e atacar. Nem terão tempo para saber que é dinheiro falso. — Pegou o próprio celular e começou a apertar números.

Jason relaxou, mas só um pouco. A informação de Kilraven de que a incursão para salvar Gracie encontrara obstáculos imprevistos não ajudara a melhorar seu humor. No meio tempo, os seqüestradores haviam finalmente lhes dado um valor definitivo e prometeram que Gracie seria devolvida.

Estava tentando reunir o dinheiro, mas encontrara a recusa do banco. Foi pegar o celular, verificou se ainda estava funcionando e estava prestes a guardá-lo no bolso quando ele tocou. Jason atendeu imediatamente.

— O quê? — Não tinha, disposição para conversas polidas.

— Ahm, sr. Pendleton? — a voz era hesitante. — Aqui é Mark Peters, o funcionário encarregado dos empréstimos em seu banco...

— Que diabos você quer agora? — A fúria ainda era evidente.

— Por favor, senhor, não percebi logo quem o senhor é. — Estava frenético e gaguejando. — O presidente do banco, o sr. Lammers, me mandou ligar para o senhor imediatamente para lhe dizer que o banco lhe emprestará tudo o que precisar para pagar o resgate da srta. Marsh.

Jason inspirou com força para se acalmar.

— Já era hora.

— Desculpe por tudo isso, senhor, se me disser quanto precisa, terei o dinheiro pronto quando chegar aqui. Sou novo no banco, senhor, não sabia quem era o senhor.

Você terá uma certeza danada na próxima vez, não é? Jason pensou, com raiva, mas não disse nada.

— O FBI tem a situação sob controle. — A voz de Jason se tornou gelada. — Agradeço seu oferecimento, mas agora é desnecessário. Adeus.

— Mas, senhor...!

Jason desligou o celular com força. Não se sentira apaziguado e, sob as circunstâncias, John Lammers iria ter um trabalho infernal tentando manter sua conta.

Jon Blackhawk voltou à sala.

— O dinheiro está a caminho, estará aqui em dez minutos.

— Eles disseram que telefonarão às seis horas para dizer onde deixá-lo — lembrou Jason, passando a mão trêmula de raiva pelo cabelo. — Você certamente descobre quem são seus amigos quando está numa situação como esta. — Ainda estava furioso pela recusa inicial do banco. — Ajudei John Lammers a conseguir clientes para o banco quando ele se instalou aqui, cheguei a transferir dinheiro meu de outro banco para ajudá-lo. — Suspirou e se acalmou um pouco. — Mas é com Gracie que estou preocupado. Pelo menos teremos alguma coisa para mostrar aos seqüestradores.

— Vai funcionar, prometo que vai. — A certeza de Jon era um consolo.

Uma explosão de rock pesado assustou todo mundo na sala, e Kilraven abriu seu celular, pedindo desculpas e se dirigindo para fora para atender.

— Eu jamais pensaria que ele gosta de rock pesado. — O comentário de Jason foi recebido com o silêncio. Jon apenas riu.

O dinheiro falso, obtido por ordem judicial no departamento de polícia, chegou na hora prevista. Enquanto Jon o recebia, Kilraven conseguiu a atenção de Jason e fez um gesto com a cabeça em direção à cozinha.

Quando Jason se encontrou com ele lá, Kilraven fechou a porta, o rosto sério.

— Estão entrando na aldeia neste momento. Levou tempo para conseguir a cooperação das autoridades mexicanas, mas seu cunhado, Ramirez, parece ser parente do presidente de lá e conseguiu ajeitar as coisas. Devemos ter alguma notícia em menos tempo do que levará para chegar o telefonema sobre o resgate.

Jason não disse nada, mas sua expressão falou por ele. Parecia cinco anos mais velho e se sentia como se tivesse cinquenta anos. Por favor, Deus, rezou em silêncio, permita que ela sobreviva. Permita que ela viva.

Não havia gelo no pueblo, e Gracie limpou seus ferimentos com um tecido úmido que a preocupada mãe de Angel levava para ela. A mulher se mostrou tão solidária que fez Gracie se sentir como se fosse parte da família dela. Machado também estava preocupado. Mandara que alguns de seus homens devolvessem o corpo do homem que atacara Gracie aos Fuentes com uma mensagem, mas não revelou seu teor. E Gracie não perguntou, sentia apenas alívio por ter sido salva. Aquela tinha sido uma noite muito traumática.

— Gostaria de tê-lo mordido com mais força — falou para si mesma, embora lamentasse a morte do homem por tê-la atacado. Preferia que ele tivesse sido preso. Mas talvez ele a tivesse matado se Machado não tivesse atirado nele. Só mais tarde ficou sabendo que o homem cumprira pena numa prisão por assassinato. E não fora o único que praticara, lhe disseram. Matara, pelo menos, duas mulheres, sendo uma delas a própria irmã. Arrepios gelados lhe percorriam a espinha ao pensamento em como estivera perto da morte ou de alguma coisa ainda pior.

De repente, Machado riu.

— Você tem coragem. Josita viu o que você fez enquanto esperava que Angel me buscasse. E disse que você mordeu o *pendejo* com muita força. — Havia divertimento na voz dele. Ela fez uma careta ao se lembrar.

— Provavelmente vou morrer de envenenamento do sangue. Ele riu de novo.

— Não, acho que não. Você foi muito corajosa, lutou com ele mesmo sabendo que isso podia lhe custar a vida.

— No momento, me pareceu a coisa certa a fazer. — E então pensou que, no espaço de alguns dias, vivendo uma situação terrível, sua vida virará de cabeça para baixo.

A Gracie delicada e vazia que seus amigos conheciam tinha se tornado alguém muito diferente. Não tinha certeza se reconhecia a si mesma nesta mulher forte e corajosa que flertava com a morte certa.

— Farão canções sobre você e as cantarão em torno da fogueira esta noite. — Machado sorria ao lhe fazer a revelação.

— Foi quase uma canção da morte.

— Sim, talvez, mas mesmo assim...

Foi interrompido por uma súbita explosão bem nas imediações do pueblo. Machado se levantou com um pulo e tirou a pistola do coldre. Gritou para seus homens e lhes lançou uma rajada de ordens em espanhol.

— Fiquem aqui e se abaixem — ordenou à Gracie e Josita. — Talvez sejam alguns dos homens dos Fuentes buscando vingança pela morte do homem deles.

Virou-se e correu em direção às chamas provocadas pela explosão.

— Onde está Angel? — Gracie estava frenética.

— Lá dentro. — Josita apontou para os fundos da casa de adobe. — Não se preocupe. — Tentou sorrir enquanto falava em seu inglês quebrado.

Gracie deixou escapar um suspiro de alívio, mas estava mais nervosa agora. E se os homens estivessem atrás dela, culpando-a pela morte do homem? Era responsável por ela, mesmo se não tivesse atirado nele. O que fariam se a pegassem? Seria executada?

Enquanto a mente percorria cenários de pesadelo, ouviu um som bem atrás dela. Virou a cabeça, apenas uma fração, em tempo de ver um homem alto, de corpo poderoso, todo vestido de preto com uma máscara que lhe cobria todo o rosto e uma arma automática na mão, pular em direção a ela.

— Por que ele não telefona? — Jason olhava para os telefones, como se os ameaçasse. — Devia ter ligado há dez minutos!

— Algumas vezes agem assim com as famílias das vítimas. — O tom de Jon Blackhawk era calmo. — É cruel, mas pode ser parte do plano do jogo.

— Conheço um jogo que gostaria de jogar com eles.

Jason estava no limite. A cada dia que se passava, enfrentava a perspectiva de perder Gracie para sempre. Os últimos dias tinham sido um inferno na terra e, se pensasse demais naquilo, enlouqueceria.

Kilraven olhou as horas.

— Volto num minuto, tenho que ligar para um dos caras do escritório que está me dando cobertura.

— E que escritório seria esse?

Jon o provocava, porque sabia que o irmão mais velho estava apenas desempenhando o papel de um tira de Jacobsville. Era um federal de carreira e trabalhava quase sempre sob disfarce.

— Não é da sua conta. — Kilraven saiu da sala.

Jason olhava para o telefone, exigindo que ele tocasse, mas o tempo se arrastava e nada acontecia.

— Está tudo bem. — A voz do homem de preto era familiar, e ele lhe segurou o

ombro. Não podia ver o rosto dele, mas conhecia aquela voz profunda. Era Grange, o capataz de Jason!

— O que está fazendo aqui? — A voz tremia.

— Não estou aqui e precisa se lembrar disso.

— Você não está aqui. — Gracie tentava recuperar o fôlego depois do susto que levava.

— Isso mesmo. — Fez um gesto para outro homem, também de preto e também de máscara. — Fique com ela até termos certeza de que todos estão ocupados do outro lado do acampamento e não faça barulho.

— Ficarei quieto como um rato de igreja.

— Espere. — Havia urgência na voz dela enquanto lhe segurava o braço. — Há um homem aqui que me salvou de ser... atacada. Ele me protegeu, e você precisa impedir que ele seja ferido.

Ele respirou fundo, com raiva.

— Gracie...

— Por favor!

— Como ele é? — A irritação na voz era clara.

— Não pode deixar de reparar nele... E o homem mais alto no acampamento. Parece um pouco com o astro da ópera, Plácido Domingo, mas muito mais jovem.

— Será fácil vê-lo na escuridão. — A ironia era pesada na voz de Grange.

Gracie o encarou zangada.

— Apenas faça o que puder.

— Certo.

Grange fez um gesto em direção ao outro homem, que acenou e correu em direção a uma súbita explosão de tiros.

Gracie prendeu a respiração. Tanta violência... Perguntou-se se algum dia se esqueceria de tudo aquilo e daquele homem gentil, o general, que a salvara. E se eles o matassem tentando resgatá-la? Porque sabia, sem nenhuma dúvida, que Jason enviara aqueles homens para buscá-la. Não podia estar mais tão zangado com ela...

Olhou para o homem taciturno ao lado dela, também com o rosto coberto.

— Jason mandou vocês?

— Sim.

Ela franziu a testa.

— Eu o conheço? Ele riu.

— Não, mas isso não tem importância, já que não estou aqui. Ela sufocou uma risada.

— Já entendi, você e os outros caras estão aqui em segredo enquanto alguém de uma agência do governo está sentado ao lado do telefone esperando por um pedido de resgate.

— Você entendeu, é isso mesmo. E dizem que Jason está incendiando tudo ao redor com suas pragas.

— Ele é bem capaz disso. — Uma onda calorosa a invadiu.

E então se lembrou de Kittie e de como a defendera, e as lágrimas lhe arderam nos olhos. Kittie estaria lá na casa, esperando, com todos os jovens e agradáveis novos empregados de Jason, fazendo todas as vontades dela. Não podia entrar de novo na mansão, não depois da forma como saíra. Que bom que podia voltar para a casa de Barbara e que tinha seu emprego esperando por ela. Não precisaria depender mais da caridade de Jason. E, de alguma forma, pagaria por seu resgate. Mesmo que levasse uma eternidade.

A sombra de uma figura se moveu da escuridão e correu em direção a eles, erguendo uma arma automática. O homem alto ao lado dela se virou e jogou uma faca, uma arma típica dos fuzileiros navais, que atingiu o homem bem no meio do peito. Ele soltou a arma, caiu no chão, com um grito estranho e rouco, e não se moveu mais.

— Lamento por você ter sido obrigada a ver isso. — O tom era calmo. — Obviamente, um dos Fuentes o mandou aqui para garantir que você não saísse viva desta situação.

— Sim, obrigada.

Podia ter dito a ele que já vira dois homens serem mortos por causa dela e que seus nervos estavam, no mínimo, entorpecidos, mas preferiu ficar calada.

Ele saiu para recuperar a faca e ergueu a cabeça para ouvir. Havia gritos frenéticos a distância, mas nada perto deles. Gracie esperava que Machado não fosse ferido, devia tanto a ele.

Esperaram num silêncio tenso até Grange voltar, movendo-se como uma sombra e acompanhado por dois homens em camuflagem e empunhando armas automáticas. Havia um quarto homem com eles. Machado!

— Este cara sabe um caminho para sair. — O tom de voz de Grange era quase um sussuro enquanto apontava o quarto homem.

— *Si.* — O general não deu tempo para Gracie denunciá-lo — trabalho para *El General*. — Seu olhar prendeu o dela. — Não gosto muito dele e ajudarei vocês a levarem *senorita*.

— Não conseguimos encontrar seu benfeitor, mas achamos que não é um dos homens que derrubamos.

— Obrigada. — Tentou não trair o amigo e evitou olhar para ele.

Machado claramente não queria que a cavalaria soubesse sua identidade. Só então ela percebeu que ele usava um boné de beisebol e se curvava um pouco para disfarçar a altura.

— Estão procurando a fonte dos fogos de artifício lá. — Grange indicou uma chama que subia contra a escuridão da noite. — E nem mesmo nos viram e agora não podem. Precisamos tirá-la daqui imediatamente.

— Estou pronta se vocês estiverem. — A voz tremia com a apreensão.

Machado lhe lançou um olhar calmo e acenou. Ela acenou de volta. Então ele os liderou para fora, para a escuridão. Minutos depois, ela e os homens estavam empilhados numa picape e partindo. Machado ficou em pé no pára-lama lateral do velho veículo e lhes deu indicações do caminho. Chegaram a uma ponte flutuante, onde Machado desceu.

— *Buena suerte, senorita.* — Os dentes brancos brilharam na escuridão quando

sorriu. — Eu me lembrarei de você. — O tom baixo da voz era suave e profundo.

— E eu de você. Obrigada.

— Nós nos encontraremos de novo algum dia. Vão depressa! *Amigos, adios!* — E então desapareceu na escuridão.

— Pise no acelerador! — A ordem partiu de Grange.

Eles voaram pela ponte, atravessando o rio em direção ao lado texano da fronteira. Não havia ninguém à vista em lugar nenhum quando entraram na estrada principal, em direção a San Antônio. A menos de dois quilômetros, pararam ao lado de um grande SUV cor de vinho. Grange e seus companheiros mascarados e Gracie desceram do carro velho.

Os homens tiraram as máscaras e saíram da estrada. Dois minutos depois, voltaram, vestidos em jeans, camisetas, botas e chapéus de caubóis, sem a camuflagem e as armas.

— Podem ir, eu os verei mais tarde. Obrigado! — Despediu-se Grange.

Eles acenaram com as mãos e se afastaram sem mostrar os rostos a Gracie.

— Estou livre. — Parecia que só então ela percebera. — Estou livre!

— Malditamente certa! — Grange sorriu. — Vamos levá-la para o hospital em San Antônio, é mais perto do que Jacobsville.

— O hospital — protestou. — Mas...

— Você precisa ser examinada. — A voz de Grange era serena. — Quem a machucou?

— Um dos membros da quadrilha dos Fuentes. O homem que me ajudou o matou enquanto ele tentava me estuprar.

— Sujeito direito. — A voz de Grange saiu entre os dentes cerrados. — Pena não termos encontrado seu protetor.

Ela riu suavemente.

— Mas vocês encontraram.

— Encontramos?

— Claro. Era o homem que lhes mostrou por onde me tirar do acampamento!

Houve algumas pragas em voz baixa, e ela fingiu que não ouviu.

— Alguém precisa ligar para Jason — Gracie lembrou depois de um minuto.

Grange parou o carro e lhe entregou seu celular.

— Escute, precisa saber como é a história antes de ligar para ele. — A voz era firme. — Os traficantes de drogas a deixaram à beira da estrada, e você não sabe o motivo. Um estranho gentil a pegou e a está levando para o Hal Marshal Medical Center em San Antônio, entendeu? O estranho gentil tombem não vai ficar por perto para receber agradecimentos. Você estará lá em... — olhou as horas — ...dez minutos, mas diga-lhe que são quinze, para ele não se matar correndo para o hospital.

— Certo. E obrigada, Grange, e a você também — dirigiu-se ao outro homem, um desconhecido alto e de cabelo escuro. — Jamais serei capaz de agradecer o suficiente.

— Agradeça a Eb Scott — esclareceu Grange. — A operação foi planejada por ele, nós apenas obedecemos ordens.

— Sim, mas vocês, rapazes, correram os riscos. Grange riu.

— Ligue para Jason, ele deve estar roendo as unhas.

Uma voz grave atendeu.

— Pendleton. — Havia impaciência na voz.

— Jason?

— Gracie! Onde você está? Eles a feriram...?

Ele parecia frenético, e Gracie segurou o telefone com força.

— Estou bem, eles apenas me deixaram na beira da estrada. Este homem gentil me pegou em sua caminhonete e está me levando para o Marshall Medical Center. Devemos chegar em quinze minutos.

— Estarei lá. Ele desligou.

— Você se importa se eu ligar para minha irmã de criação também?

— Vá em frente, o celular está à sua disposição.

— Obrigada.

Depois de sua emocionada conversa ao telefone com Glory, entregou o celular a Grange.

— Melhor ir mais depressa, Glory e Rodrigo estão no bale, praticamente ao lado do hospital, e já estão a caminho. E, embora Jason tenha um caminho mais longo a fazer, tem um novo Jaguar e precisa de licença de piloto para voar nele.

— Sim, eu sei. — E Grange abaixou o acelerador até o limite. Gracie entrelaçou os dedos, nervosa, e se perguntou se Jason levaria Kittie com ele até o hospital.

— Eles a soltaram! — exclamou Jason para Jon e Kilraven. — Ela está a caminho do Marshall Memorial, e estou saindo para lá!

— Você não vai dirigir. — Kilraven parou diante de Jason. — Vai arrebentar o carro. Eu dirijo.

— Não pediram resgate? — Jon Blackhawk estava atônito.

— Ela explicará quando chegarmos lá. Você vem?

— Claro. Hammock, embale o equipamento e tranque tudo quando sair. Vou pegar uma carona com meu irmão, e você irá com Hammock — dirigiu-se ao segundo agente. — Telefone mais tarde.

Os três homens correram pela varanda e não pararam até chegar ao carro de Kilraven. Entraram depressa, Jason na frente e Jon no banco de trás. Kilraven ligou o motor e acelerou, espalhando cascalho por todo o caminho. Entrou no meio do trânsito sem frear e, de repente, luzes azuis surgiram atrás deles.

— Ah, inferno! — Jason não aceitava nenhuma demora.

— Não se preocupe.

Kilraven riu, pegou o microfone do rádio e chamou a central para descobrir quem estava atrás dele. Depois de receber o número do distintivo, trocou as frequências do rádio e falou com o perseguidor.

— Estou com uma senhora grávida aqui e estamos tentando chegar ao Marshall

Memorial. — A expressão era de total inocência. — Sou policial de Jacobsville e estou de folga. Pode nos ajudar a chegar lá mais depressa?

— Só se derem meu nome ao garoto. Certo, vou passar por vocês, sigam-me!

— Pode apostar! Obrigado!

O carro patrulha acelerou e passou à frente, as luzes ainda piscando. O trânsito era leve àquela hora da noite, assim não houve problemas.

Jason olhou para Kilraven.

— Quero ver como vai explicar as coisas se ele nos vir sair do carro.

— Pensarei em alguma coisa. Segurem-se!

Jason ligou para Glory e Rodrigo, que já estavam a caminho do hospital. Glory disse que Gracie havia ligado para ela e haviam prometido encontrá-lo no hospital. Jason também telefonou para Barbara e lhe pediu para transmitir a notícia para a sra. Harcourt e Dilly. Queria saber onde John estava, mas provavelmente ele nem mesmo soubera do seqüestro.

Kilraven entrou a toda velocidade no estacionamento da sala de emergência, fazendo um aceno para o policial que os escoltara enquanto estacionava. Três homens deixaram o carro e subiram a rampa correndo.

— Que diabos! — o policial gritou atrás deles.

— Venha para cá e explico tudo! — gritou Kilraven de volta.

— Somos federais num caso de seqüestro! A vítima está aqui! Uma porta de carro se abriu e fechou, mas os três continuaram a correr.

A burocracia assumiu o comando no balcão da sala de emergência, ocupado por uma matrona de expressão aborrecida e sem humor. Jason imaginou que acabaria na cadeia por provocar uma confusão, mas passaria por cima daquela mulher, se precisasse, para chegar até Gracie.

Mas não foi necessário, Jon e Kilraven tiraram suas identidades antes mesmo de chegarem ao balcão. Tudo o que precisaram fazer foi mostrá-las e dar uma explicação rápida para serem admitidos, com Jason, na área fechada. A funcionária verificou onde Gracie estava e informou que o médico da família já estava lá.

Jason andou rapidamente pelo corredor até as salas de tratamento. O dr. Harrison estava mesmo lá, esperando por eles. Glory e Rodrigo estavam em pé dentro do cubículo.

— Gracie está aqui. — Bob Harrison apertou a mão de Jason.

— Está um pouco machucada, mas...

Jason já havia passado por ele. Gracie estava sentada sobre a mesa de exames, a pele arranhada e manchada, as roupas rasgadas, o sedoso cabelo louro sujo e desarrumado. Parecia linda para o homem atormentado que a olhava. Ele se moveu, de repente, e a tomou nos braços, enterrando o rosto no pescoço dela. Segurava-a como se temesse perdê-la de novo. Seu corpo poderoso estremecia, e seus dentes batiam. Estava sufocado demais com o alívio para conseguir falar.

Atrás de Gracie, Glory e Rodrigo viram sua expressão e trocaram olhares indagadores. Aquela não era a expressão de um homem agradecido por sua irmã de criação estar bem. Era a de um homem apaixonadamente envolvido com uma mulher que significava o mundo para ele. Sentiram-se quase como *voyeurs*, observando-o.

Gracie se agarrou a Jason trêmula. Estava salva e este era o único lugar no mundo

em que se sentia realmente segura: nos braços fortes de Jason. Se apenas fosse uma mulher completa, se apenas pudesse lhe oferecer a paixão de uma mulher e ser abraçada assim para sempre. Mas ele estava noivo, e sua noiva a odiava. Expulsara-a de sua casa e jamais poderia voltar.

Quando a lembrança das últimas semanas voltou com toda a força, quando Kittie estava por perto, ela começou a se afastar de Jason, os olhos baixos para que ele não visse o que havia neles.

Ele precisou se esforçar para deixá-la se afastar. E, então, percebeu o que não havia registrado antes. Alguém a atacara. Deixou escapar uma palavra que fez as mulheres na sala ruborizarem.

Capítulo Nove

— Jason! — Gracie se sentiu chocada.

— Quem fez isso com você? — A fúria era total. — Vou caçá-lo e matá-lo, mesmo que seja a última coisa que faça na vida!

Ela nunca o vira tão cheio de raiva.

— Ele está morto, um dos homens do acampamento me protegeu, Jason. — Tentou tranquilizá-lo com a voz calma. — Ele impediu que os homens de Fuentes me ferissem e atirou no homem que... que tentou me estuprar.

— O bastardo a atacou! — A fúria não diminuía.

— Sim, mas eu lhe arranquei uma parte do rosto com uma mordida. — Sorriu à lembrança.

Os olhos dele brilharam.

— Você o quê?

— Eu lhe dei uma dentada. — Riu suavemente.

— Meu Deus! — Jason estava impressionado. Gracie jamais lutara com ninguém nos doze anos em que a conhecia.

— Quando ele me agarrou, usei alguns movimentos de autodefesa que Marquez me ensinou. Mergulhei os polegares com força em suas costelas e depois fechei as mãos em punhos e bati com toda a força em suas orelhas. Ele me soltou, gritando de dor, e corri. Pensei que conseguiria escapar, mas ele me pegou de novo e me jogou no chão. Pensei que era o meu fim e, então, o mordi. Mas a mulher com quem eu ficava enviou o filho para chamar o general, que matou o homem com um tiro. — Fez uma pausa, abalada. — Devo muito a ele, e espero que a quadrilha dos Fuentes não o mate por me ajudar a escapar sem resgate.

— Que general? — Jon Blackhawk franziu a testa.

— Emilio Machado, ele...

— Machado? Meu Deus! — Jon pegou o celular. — Não saia daqui até eu voltar.
— Saiu do quarto apertando alguns números.

— Machado! — Kilraven exclamou. — Então é lá que ele está!

— Você o conhece? — Gracie estava confusa.

— Conhecê-lo? Inferno, todo mundo do governo o conhece! Era o melhor amigo que tínhamos na América do Sul até que aquele horrível grupo de anarquistas derrubou o seu governo. Temíamos que tivesse sido assassinado, ninguém sabia onde estava.

Gracie se sentiu meio tonta.

— Então ele não é um dos bandidos?

— Pelo contrário, é um cara sensacional. Queremos ajudá-lo a reconquistar o poder, mas o clima político atual não é favorável a uma intervenção internacional. O que ele está fazendo com a quadrilha dos Fuentes? Ele odeia traficantes de drogas!

— Está tentando juntar dinheiro para recuperar o poder.

— E ele a ajudou a fugir?

Ela acenou, movendo-se para uma posição mais confortável.

— Cara, isso dói.

Jason se aproximou e, abaixando a cabeça, roçou os lábios suavemente no ombro machucado.

— Ajudou? — Os olhos negros sorriam para os dela.

Gracie segurou a respiração diante daquela expressão e da alegria que estar perto dele sempre despertava. Olhou, impotente, para a boca sensual de Jason.

— Vocês quatro podem sair por um momento enquanto eu examino minha paciente? — Bob Harrison riu depois da pergunta. — Vocês não deviam estar aqui, vocês sabem.

— Nós, os federais, enganamos os funcionários do hospital. — Kilraven sorriu. — Foi a única maneira de entrarmos, estávamos preocupados com Gracie.

— Sim, compreendo, mas preciso... — O celular do médico tocou. Ele atendeu e, ao mesmo tempo, conseguiu fazer com que Glory, Rodrigo e Kilraven saíssem na frente dele.

Jason ficou.

— Pensei que enlouqueceria. — Era apenas um sussurro. Então debruçou a cabeça e roçou a boca suavemente sobre a de Gracie. — Deus, estava apavorado. — Beijou-a com mais intensidade e gemeu quando ela enrijeceu e arquejou. Afastou-se, os olhos brilhando, o rosto vermelho de paixão frustrada. — Desculpe. — Desviou o olhar. — Fiquei fora de mim com o medo e não pude evitar.

— Está... está tudo bem — gaguejou.

Olhou-a dentro dos olhos, a testa franzida. Não parecia que a havia amedrontado ou repugnado. Lembrou-se do sofrimento pelo qual passara e se sentiu culpado por tocá-la daquele jeito, mesmo com gentileza. Seus dedos passaram sobre os ferimentos na pele do rosto dela, e Jason se encolheu, como se o machucasse vê-los.

Fascinada, ela ergueu a mão e cobriu-lhe os dedos. Olhou dentro dos olhos negros e sentiu que uma parte dela se desmanchava.

— Pensei que eles poderiam matá-la. — A voz era rouca, indecisa. — E me

lembrei da briga sobre Mumbles e de como tomei o partido de Kittie contra você. — Fechou os olhos. — Foi o inferno na terra, Gracie.

Os dedos dela apertaram os dele.

— Estou bem, apenas pareço mal.

Ele levou os dedos dela à boca e beijou-os, faminto.

— Você parece linda para mim.

Todo o corpo dela respondeu ao contato. Estudou-o com uma expressão de tímida adoração, o rosto tomado por um rubor revelador e lisonjeiro.

Jason ergueu a cabeça e mergulhou os olhos nos dela, então seu olhar desceu para a boca de Gracie. Lentamente, para não amedrontá-la, debruçou-se e lhe tocou os lábios delicadamente com os dele, roçando-os ternamente. Ela não se afastou, e ele lhe tomou o lábio superior nos dele e passou a língua sob a pele sedosa, provocando-a. A respiração dela parou, e Gracie deixou escapar um pequeno e arquejante som.

Jason se afastou de novo, analisando-a. Não estava tentando se afastar dele. Na verdade, parecia que queria que ele fizesse a carícia de novo.

Emoldurou-lhe o rosto nas mãos grandes e quentes e se debruçou de novo. Sua boca tomou a dela suavemente, e seus lábios abriram os dela, a língua se movendo entre eles, provando-a de uma forma lenta, delicada e sensual que a fez enrijecer, mas não de medo. Quando ergueu a boca, a dela a seguiu. Esquecera Kittie, a briga, tudo. Sabia apenas que beijar Jason era maravilhoso. Os braços dela subiram, hesitantes, e lhe abraçaram o pescoço, puxando-o de volta para ela.

Dessa vez, o beijo não foi nem terno nem breve. Foi uma conflagração, como jogar fósforos acesos em madeira seca. Era tão sensual que ela até se esqueceu das dores e dos ferimentos. Mas, depois de um minuto, ele se afastou, respirando pesadamente. Os olhos brilhavam, acesos, e havia uma pergunta neles.

— Da última vez, quando você jogou o carro na vala, você me empurrou e fugiu! — sussurrou confuso.

— Você me amedrontou — sussurrou de volta. — Você colocou sua boca no meu... no meu... — Limpou a garganta. — E me lembrei de minha mãe. Ele... meu pai... mordida-a lá. Ela saía do quarto todas as noites com a camisola ensopada de sangue!

— O quê? — A expressão era de puro choque.

— Ela tinha cicatrizes horríveis. Disse, muitas vezes... que os homens só eram gentis até conseguirem levar uma mulher para trás de portas fechadas e, então, se transformavam em animais. Ela me advertiu, disse que os homens gostam de ferir as mulheres, que só assim conseguem ter prazer.

Os olhos dele ficaram ainda mais escuros.

— Não eu, nunca!

Os olhos de Gracie suavizaram enquanto estudavam os dele.

— De verdade?

O coração dele quase parou. Aqueles olhos estavam lhe dizendo alguma coisa inacreditável. Mas, de repente, abaixaram quando a realidade a atingiu com força total.

— Kittie veio com você? — A voz se tornara fria.

— Kittie? — Segurou a respiração. — Kittie... Não! Inferno, não! Ela foi para Nova York. Rompi o noivado e a expulsei de casa no minuto em que soube o que ela fez com

você e os outros!

— Não está mais noivo dela? — A respiração ficou suspensa.

— Não.

— Mas você a amava — começou.

— Nunca!

— Não compreendo. — Os olhos estavam abertos, indecisos.

Ele se debruçou e lhe roçou a boca de novo com a dele, demorando-se dessa vez.

— Conversaremos em casa. Depois que for examinada, eu a levarei para casa.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Mas não moro mais lá, moro com Barbara em Jacobsville. Tenho um emprego agora e um carro...

— O quê?

Ela queria explicar, mas o dr. Harrison entrou e obrigou um Jason que protestava e praguejava a sair do cubículo. Depois que a examinou e lhe deu alguma coisa para a dor, os federais voltaram, e ela estava tonta demais com o analgésico para continuar a conversar. Disse a Jason que iria para Jacobsville com Glory e Rodrigo.

— Eu vou lá amanhã para vê-la.

Ela sabia que não podia vencer a teimosia dele e acenou.

— Também vou — informou Jon Blackhawk. — Precisa me falar sobre Machado. Há planos em andamento, e você se tornou importante para eles. Fica bem assim?

— Sim.

Glory e Rodrigo a ampararam quando ela saiu do cubículo. Jason observou-a se afastar dele com uma raiva que mal podia controlar. Sentia como se o mundo inteiro estivesse conspirando para mantê-lo longe de Gracie.

Jason passou pelo policial que os escoltara até o hospital. Tinha conversado com Kilraven e havia uma expressão divertida em seu rosto quando perguntou a Jason;

— Foi menino ou menina?

Jason se virou para ele com a frustração daqueles dias horríveis nos olhos negros. O policial ergueu as mãos e se afastou, rindo sozinho.

Gracie dormiu até tarde no dia seguinte no quarto de hóspedes de Barbara, onde vivia desde que deixara a mansão de San Antônio. Quando acordou, Jason estava sentado na beira da cama, usando roupas de trabalho.

Saíra para trabalhar com seus homens, como ela percebeu. Seu jeans estava empoeirado, e a camisa quadriculada e o Stetson estavam manchados de suor.

— Como se sente? — O tom era gentil.

Ela conseguiu sorrir, mas se encolheu com a dor.

— Machucada e dolorida. — O olhar lhe mostrou que sabia o que estivera fazendo. — Exatamente como você. Não pode ter trabalhado para juntar o gado, isso foi feito dois meses atrás.

— Estamos nos desfazendo de mais animais. Tivemos uma boa colheita de feno e milho, apesar das enchentes, assim podemos alimentar nossos bezerros, mas estamos nos livrando de fêmeas mais velhas que não estão prênes.

Ela fez uma careta.

— Não é bom comer vacas que não têm filhotes.

Ele riu suavemente, tirou o chapéu e jogou-o sobre uma cadeira próxima.

— Não crio gado para abate, você sabe.

— Então para onde está mandando as vacas?

— Para rancheiros que criam gado para abate. — O tom era malicioso.

Ela riu.

Os olhos negros passavam por ela, como mãos ousadas sobre seu corpo, vestido com uma suave camisola de flanela que lhe abraçava amorosamente os seios. Ela ruborizou e puxou o cobertor. Ele desviou o olhar para o chão.

— Nunca conversamos sobre nossas coisas mais íntimas, e eu não sabia que sua mãe tinha sido tratada daquela maneira. Estranho ela ter se casado com meu pai. — Olhou para Gracie. — Ele só se casava com mulheres que se recusavam a dormir com ele.

Ela brincou com a ponta do cobertor. Esse era um território doloroso. Não queria contar a ele muita coisa.

— Ela sofreu abusos por tantos anos que provavelmente se sentiu encantada por seu pai ser gentil com ela. Talvez ela acreditasse que poderia dormir com ele, se tentasse, então, no fim, não pôde... — Parou quando viu a expressão no rosto dele.

Ele franziu a testa perplexo.

— Gracie, o que você sabe que não me contou?

Sentiu-se furiosa consigo mesma por revelar tanto, mas talvez não fosse tão ruim. Podia lhe contar aquilo. Mordeu o lábio inferior enquanto tomava coragem.

— Ela disse que ele havia sido gentil com ela e que realmente queria agradá-lo, dar-lhe prazer, mas não conseguiu... apenas não conseguiu. Seu pai ficou furioso e queria se divorciar. E ela teve medo por mim. Não tínhamos família, éramos apenas nós duas. — Fechou os olhos. — Todos pensaram que foi um acidente, mas eu sabia. Ela dirigiu diretamente para aquela árvore, Jason, não conseguia viver com o que era.

Ele soltou a respiração que estivera prendendo.

— Ele sabia sobre o primeiro casamento dela?

— Ela não queria que ninguém soubesse, principalmente ele. Abaixou os olhos.

— Que maneira infernal de começar um casamento.

— Com mentiras — concordou triste. — Mas você não sabe como era. — A voz era hesitante. — Mesmo quando eu era pequena, podia ouvi-la chorar tarde da noite. Ela não me deixava ver o que ele fazia com ela até eu ter quase quatorze anos. Fiquei acordada até tarde uma noite, vendo um filme na televisão, quando ela saiu do quarto. Fiquei apavorada, a camisola dela estava empapada de sangue. — Estremeceu. — Obriguei-a a me deixar tratar dos cortes. Ele os fazia com os dentes, e ela me disse que ele precisava feri-la para... sentir prazer. Era assim desde que haviam se casado, mas piorou muito depois que ele começou... bem, começou a beber.

Ele não sabia o que dizer. Estava chocado, sem fala. Ela lhe evitou os olhos.

— Minha mãe tinha cicatrizes profundas em todo o peito. Disse que todos os homens eram assim, que não conseguiam ter nenhuma satisfação a menos que ferissem as mulheres. Disse que eu jamais poderia confiar em qualquer homem, não importava o quanto parecessem gentis, que meu pai tinha sido gentil também, no começo. Mas, depois que se casaram e ela ficou grávida, já era tarde demais. Ele a manteve do lado dele, ameaçando me tirar dela. Ela não tinha instrução, não tinha nada a não ser um rosto bonito. E acreditou que ele poderia me tirar dela, então ficou por mim. — Estremeceu. — Tive pavor de sexo toda a minha vida, Jason. Foi por isso que fiquei solteira. Cada vez que penso em sexo, eu a vejo... — A voz desapareceu.

Ele não esperava o que estava ouvindo. Jamais lhe ocorrera que qualquer homem pudesse ser tão brutal com uma mulher. Ouvira histórias sobre outros homens, mas aquilo ultrapassava tudo o que sabia. Não era de admirar que ela tivesse fugido dele, também não fora particularmente gentil com ela aquela noite.

Sua paixão explodira, saíra de controle e devia ter parecido ameaçador e brutal.

— Deus, lamento muito, não tinha a menor idéia. — A voz saiu trêmula.

Ela apertou os dedos no cobertor.

— Não conversávamos sobre coisas como essa, não conseguia lhe contar. Então você trouxe Kittie...

— Sim, eu trouxe Kittie. — Sentiu-se um verme. Usara Kittie para feri-la e se sentiu doente ao pensamento de que agravara suas cicatrizes emocionais.

Um miado baixo lhe chamou a atenção. O velho Mumbles pulou para cima da cama e se aproximou dele, roçando-se em seu braço. Ele passou a mão de leve sobre a grande cabeça do velho gato.

— Oi, Mumbles. — Olhou para Gracie. — Disse à sra. Harcourt para lhe informar que o manteríamos conosco mesmo se eu tivesse que construir uma casa só para ele. Ela lhe contou?

Gracie balançou a cabeça.

— Na ocasião, tínhamos outras coisas com que nos preocupar.

— O quê? — Havia suspeita no tom de voz. — Como Kittie conseguiu expulsar todos vocês da casa sem reação? Não pode ter pensado que eu permitiria.

Ela abaixou os olhos para Mumbles, que se aninhou no peito dela.

— Não sabia como você se sentia. Você ficou do lado dela contra todos nós. Ela disse que você sentia que eu estava tirando vantagem de você ao permitir que me sustentasse, que eu nem era da família. Nunca tinha pensado na situação sob seu ponto de vista, mas depois disso precisei pensar. Ela estava certa, Jason, você não me deve nada.

Ele soltou uma saraivada de palavrões que a fez se calar. Levantou-se, passando com raiva uma das mãos pelo cabelo, então enfiou-as nos bolsos do jeans e olhou sem ver pela janela.

— Não. — Havia preocupação na voz de Gracie. — Posso me sustentar, tenho um emprego e, pela primeira vez na minha vida, me sinto capaz de ficar sobre os meus próprios pés. Não é um castigo, Jason. Estou... aprendendo que tenho habilidades que jamais pensei que tivesse. Posso fazer mais do que ser apenas uma anfitriã de festas e oferecer chás. — As últimas palavras foram amargas.

Ele se encolheu.

— Eu disse isso, não disse? Isso e muito mais. — Sua estrutura alta pareceu se encolher. — Parece que já se passou um século desde que fomos àquele leilão de gado.

— Sim — concordou. Parece que fora numa outra vida, considerando o que havia acontecido entre eles desde então.

Houve uma pausa.

— Você me empurrou, me feriu o orgulho, me fez ter vergonha de mim mesmo. Fui para Nova York e fiquei bêbado numa festa. No dia seguinte, acordei na cama com Kittie.

Ela fechou os olhos com uma onda de náusea e dor. Ele dormira com aquela cobra ruiva, dormira com ela!

— Maldito! — Soluçou com raiva.

Ele se virou. Se aquilo não fosse ciúme, não sabia nada sobre mulheres. Voltou para a cama e olhou para ela, fascinado.

— Você dormiu com ela!

Ele respirou fundo. Podia ser vantajoso para ele deixá-la pensar aquilo, mas ela já passara por tanta coisa. Não podia feri-la, não depois que a magoara tanto.

— Não tinha certeza se havia ou não dormido com ela. — A confissão foi feita com gentileza. — Sabia que tinha bebido demais para pensar em proteção. Assim, se tivesse acontecido, poderia haver um bebê.— Desviou o olhar. Era mortificante admitir aquilo. — Tinha que mantê-la por perto até ter certeza. E ela usou isso, sugeriu que poderíamos ficar noivos, só por precaução. Eu estava magoado e envergonhado pelo que havia feito com você, não tinha mais esperança. — Deu de ombros.

— Concordei e, mais tarde, descobri que ela havia dormido corri uma dúzia de homens no mesmo período em que supostamente dormira comigo. Pressionei-a, e ela confessou que nada havia acontecido entre nós, Gracie relaxou visivelmente. — Mas, então, todos já sabiam que estávamos noivos, e eu estava com tanto mau humor e tão sobrecarregado com preocupações de negócios que apenas deixei as coisas como estavam. Não me importava mais com coisa alguma. — Encontrou-lhe o olhar ferido. — Estive com ela em Londres, e ela me pediu para ficar na mansão e fazer algumas mudanças pequenas, apenas alguns ajustes na decoração. — Riu sem humor. — Não sabia do que ela era capaz até chegar inesperadamente e descobrir qual era a sua idéia de pequenas reformas. — Encolheu-se. — Seu quarto parecia um bordel, todas as suas coisas haviam desaparecido, até o vestido que eu lhe trouxe de Paris... — Parecia que aquilo fora o pior de tudo, o que ferira mais.

— John e eu escondemos minhas peças de mobília, algumas roupas e as decorações de Natal no sótão — confessou. — Duvidava que Kittie fosse capaz de enfrentar a poeira e as baratas procurando por tudo lá.

Ele sorriu.

— Viva John, pelo menos, nem tudo foi destruído.

Ela lhe estudou os olhos negros.

— Você ficou comprometido com ela por meses.

Ele sabia o que ela estava insinuando. Sentou-se de novo ao lado dela, debruçando-se sobre o corpo esguio, uma grande mão ao lado da cabeça de Gracie no travesseiro coberto por uma fronha.

— Não conseguia.

— Perdão? — Não conseguia fazer sexo com ela. — A franqueza foi chocante para Gracie.

— E essa foi a principal fonte de brigas entre nós. Ela viu um talão de cheques capaz de lhe comprar tudo o que queria. Tudo o que precisava fazer era me levar para a cama de novo e alegar que estava grávida. Mas não conseguiu e, então, eu já a conhecia bem demais. Ela nem mesmo me queria, queria o meu dinheiro.

— Podia ter me contado isso assim que a vi. — A voz de Gracie era amarga.

Jason lhe estudou a expressão fechada.

— Ela a odiava, odiava cada um dos empregados. Queria impedir a proximidade de qualquer um que pudesse se transformar numa ameaça. — Deu uma risada amarga. — Exagerou quando quis expulsar Mumbles... E isso foi a gota final... E aborrecer a sra. Harcourt no jantar do aniversário dela também não ajudou.

— Pobre sra. Harcourt, passou por tanta coisa.

— Não compreendo por que ela foi embora. Sabia que eu jamais deixaria Kittie demiti-la.

Gracie moveu a cabeça no travesseiro.

— Ela conversou com Kittie a sós. Até então, afirmara que ficaria até que você a mandasse embora. Estava com o rosto branco e morta de medo depois da conversa. — Hesitou. — Acha que tem algum segredo do passado que Kittie descobriu?

A mão dele mergulhou no cabelo sedoso e o espalhou sobre o travesseiro. Parecia um fraco raio do sol de inverno.

— Acho que não. Ela foi viver com meus pais pouco antes de eu nascer. Foi mais maternal comigo do que minha própria mãe, que morreu quando eu era pequeno. Foi a sra. Harcourt que cuidou de mim, que beijou meus ferimentos para fazer a dor passar e me abraçou quando tinha medo da escuridão. — O rosto endureceu. — Fiquei indignado quando soube que Kittie a demitira.

— Barbara lhe deu um emprego e um para Dilly também.

— Bem, as duas foram readmitidas na minha casa — disse sombrio. — Já estão em San Antônio supervisionando a recuperação da mansão. Contratei uma firma para fazer tudo voltar a ser o que era, inclusive o seu quarto. — Olhou para ela esperançoso.

Ela respirou suavemente.

— Não vou voltar, Jason.

Ele começou a discutir, mas ela ergueu uma das mãos e colocou os dedos gentilmente sobre os lábios firmes. Incrivelmente, aquele toque leve pareceu fasciná-lo.

— Tenho uma oportunidade de cuidar de mim mesma, de provar que sou capaz de ganhar a vida, pagar aluguel, ser independente. Tive tudo o que quis desde os catorze anos, agora preciso saber o que posso fazer sozinha.

Ele lhe segurou os dedos e lhes beijou as pontas ternamente.

— Uma coisa que nunca fiz. — A voz era baixa. — Meu pai era rico, herdou muita coisa, e a família de minha mãe também tinha dinheiro. Nunca precisei abrir meu caminho na vida sozinho. — Havia amargura agora.

— Mas você abriu — protestou. — Jason, quando comprou o rancho em Comanche Wells, era um pedaço de terra estéril, um rancho falido com algumas cabeças

de gado sarnento! Você o tornou um dos mais conhecidos ranchos de criação de touros reprodutores do estado! Você não herdou isso, você o conquistou.

Ele se surpreendeu com a veemência dela.

— Não tinha pensado nisso dessa maneira.

— Se seu pai não tivesse lhe deixado nada, você ainda seria rico. Tem uma boa cabeça para negócios sobre os ombros!

— Cortesia de uma educação universitária cara.

— Que não adiantaria se você não tivesse talento.

Ele sorriu. Então os olhos negros se demoraram sobre os ferimentos, e ele fez uma pequena careta.

— Eu podia ter lhe poupado isso. — O tom era de remorso. — Se não estivesse tão envolvido na salvação de um negócio, estaria em casa, e você jamais teria sido seqüestrada.

— Minha mãe sempre dizia que as coisas acontecem por um motivo. — Tentou acalmá-lo, parecia tão atormentado. — Tive uma vida protegida demais. Você cobriu Glory e eu de mimos, especialmente eu. E nunca precisei trabalhar para conseguir nada.

— Você trabalhou muito para conquistar aquele diploma de História. — Franziu a testa. — Precisou de tutores para cada disciplina e não teve uma vida social, a não ser por seu amigo... que era gay, tinha me esquecido disso.

Ela hesitou. Realmente queria lhe contar tudo, mas ainda estava com um pouco de medo de sua reação.

— Você não confia em mim, Gracie. Está mantendo coisas em segredo.

Ela se moveu inquieta.

— Você mesmo disse, nós nunca conversamos realmente um com outro, falávamos apenas de coisas corriqueiras.

Os dedos dele lhe tocaram o rosto num carinho leve.

— Barbara disse que eu não a conheço, que nunca quis conhecê-la. Ela está enganada, quero saber tudo sobre você. — Os olhos dele brilhavam.

O coração dela disparou. A expressão dele não era exatamente ameaçadora, mas havia nela elementos de uma paixão intensa. Já a havia sentido mais de uma vez, especialmente no dia anterior, quando ele atropelou pessoas para chegar até ela no hospital.

Os dedos dela se curvaram em torno dos dele.

— Pode não gostar do que descobrir.

Então havia mais. Os olhos dele entrecerraram-se.

— Conte-me.

Ela hesitou. Talvez não tivesse importância, mas talvez tivesse. Como ele reagiria diante de toda a verdade? No fundo da mente, lembrou-se da ameaça de Kittie, de tornar tudo público. Mas Kittie, já estava descartada, não teria motivo nenhum para atirar Gracie aos lobos da imprensa. Ou teria? Se Jason descobrisse daquela maneira, ele a perdoaria por ter escondido tudo por todos aqueles anos?

— Está adiando — acusou. — Pelo menos, me conte por que precisou de tutores, quando sua mente é tão ágil.

Aquilo não devia ferir tanto.

— Tive um... um ferimento na cabeça pouco antes de minha mãe e eu virmos morar com vocês.

Ele prendeu a respiração.

— Um ferimento na cabeça? Ela acenou.

— Como você se feriu?

Ela respirou fundo e revelou.

— Cheguei tarde da biblioteca porque o carro da mãe do meu colega teve um problema no motor. Tivemos que andar até uma oficina, e consegui uma carona com um dos mecânicos. — Fechou os olhos, a lembrança era horrível. — Meu pai estava esperando! porta e disse que todas as mulheres eram vadias, exatamente como a minha mãe, sempre pedindo coisas a homens. E me disse que eu lamentaria ter me comportado daquela maneira.

Jason não disse uma palavra, apenas esperou, tenso, segurando os dedos dela com força.

— Ele me pegou e me jogou de cabeça na parede, Jason.

Capítulo Dez

Jason praguejou com violência. Naquele momento, uma porção de coisas se tornou clara em sua mente, acima de tudo, o motivo pelo qual Gracie não gostava de ser carregada por um homem.

Acariciou-lhe o cabelo macio, os olhos refletindo a dor que sentia à revelação.

— Gostaria de tê-la conhecido na ocasião. — A voz era suave. — Teria varrido o chão com o corpo do seu pai!

Sabia que ele falava a sério. Sempre fora protetor com ela, sempre gentil. Perguntou-se. por que jamais pensara que poderia feri-la, mesmo na intimidade.

— Acho que carregamos nossa infância conosco por toda a vida. — O tom era reflexivo. — Minha mãe disse repetidamente que eu jamais poderia confiar num homem intimamente. Sei que estava apenas me protegendo, tentando evitar que eu sofresse o que ela sofreu. Mas ela deformou minha mente. E acho que a falha no meu cérebro também não ajudou muito.

— E por isso que você caía tanto. Ela acenou.

— A pancada abalou meu sistema motor. Não a ponto de me aleijar. Houve melhoras ao longo dos anos. Mas nunca serei completamente normal, tenho que trabalhar mais do que as outras pessoas para aprender coisas.

— Isso não tem importância. — A voz estava rouca, e sua mão lhe acariciou o rosto, o polegar lhe roçando a boca. — Você é perfeita para mim exatamente como é.

Ela hesitou.

— Pensei que tudo mudaria se você soubesse. Os olhos negros encontraram os claros.

— Faria diferença para você se descobrisse um segredo sombrio do meu passado?

Ela riu.

— Você não tem nenhum segredo sombrio, Jason.

— Isso é o que você pensa. Responda à pergunta.

— Não, nada mudaria.

— Exatamente. — Esperou até ela entender. Gracie ainda estava indecisa.

— Talvez haja coisas piores — começou.

— Talvez você deva me contar tudo. Eu lhe disse que nada mudaria e não vai mudar.

Ela suspirou.

— Está bem, mas me dê um pouco de tempo, Jason. Estou muito atordoada agora.

— Sim, e por minha culpa.

Gracie odiou a angústia que viu no rosto magro e bonito. Estendeu a mão e lhe puxou a cabeça para a dela.

— Pare com isso, você não sabia que eu seria seqüestrada. Não teve nada a ver com isso.

Ele tentou ouvir, mas seus olhos estavam presos à boca suave de Gracie. Parecia um homem perto de morrer de fome, e ela gostou daquilo, gostou da intensidade do olhar em sua boca. Puxou-lhe a cabeça e entreabriu os lábios no momento em que a boca de Jason se abriu sobre eles. Era como voar, pensou maravilhada. Ele não estava tentando se afastar dela, pelo contrário, parecia se esforçar para se controlar. Ele não sabia, mas isso não era necessário, nem um pouco. Passou os braços em torno dele e o puxou com força. O corpo magro esmagou o dela antes que ele pudesse se segurar.

— Gracie... — A voz era um gemido.

Mas ela não estava ouvindo, nem ele lutando seriamente. Ela se ergueu e apertou a boca na dele, aumentando a pressão e a intimidade do beijo leve e quente. Tentou fazê-lo perder o controle. Gemeu porque as sensações que experimentava eram novas, quentes e deliciosas.

— Pelo amor de Deus...!

Abriu a boca sobre a dela e mergulhou a língua naquela caverna suave e quente. Ela arquejou, mas o calor já a tomara também. Sentiu a mão firme lhe tomando o seio, reclamando-o, faminto, acariciando-o com a palma. Jason se moveu sobre a cama e se deitou ao lado dela. Então passou os braços em torno do corpo de Gracie, esmagando os seios suaves contra o peito largo. Mesmo através de duas camadas de tecido, o contato foi elétrico, excitante.

— Sua tolinha — o sussurro era contra a boca de Gracie, enquanto a mão dele se ocupou abrindo os botões. — E se eu não conseguir parar...?

Mas então a mão dele já lhe tomara um dos seios sob a camisola, e ela se ergueu completamente da cama, estremecendo com o prazer do contato.

— É tão bom...

— Conheço uma coisa melhor.

As palavras foram ditas contra os lábios dela, e enquanto Gracie tentava pensar o que era, a boca de Jason escorregou por seu pescoço, sob a camisola e parou sobre o seio suave e nu. Ela ficou tensa a princípio, mas ele não a estava machucando. Os lábios dele roçavam a pele sedosa e quente, explorando, saboreando. A língua fez um círculo em torno do mamilo, que, de repente, ficou rijo e sensível.

Ela arquejou, arqueando para aumentar a pressão. Ouviu uma risada suave e profunda, e então, a boca de Jason tomou-lhe todo o seio na boca. Puxou-o para o calor escuro e sensual com uma sucção lenta, sedutora, que a fez explodir como um foguete.

Tonta de prazer, mergulhou as unhas nos ombros dele e gemeu, um som alto e doloroso que o excitou ainda mais. Quando o corpo dela começou a estremecer num orgasmo, ele perdeu todo o controle e sugou-a com força bastante para deixar na pele fina uma mancha vermelha, uma marca de amor que não desapareceria por dias. Quando ergueu a cabeça, ela estava atônita, em pânico, com lágrimas lhe descendo pelo rosto.

Era difícil não se sentir envaidecido. Sabia, sem perguntar, que ela jamais sentira uma coisa como aquela em toda a sua vida. Era um pequeno orgasmo, um alívio da tensão que ele construía nela apenas com a boca. Ela estremeceu e ruborizou enquanto ele lhe enxugava o rosto com beijos, os lábios quentes e ternos e pacientes.

— Ninguém nunca me disse... que seria assim. — A voz era trêmula e baixa.

— Não se pode descrever isso com palavras. — O sussurro era sensual, e ele lhe roçou a boca de leve com a dele. — Fiz você ter um orgasmo. Seus seios são incrivelmente sensíveis.

Ela não tinha palavras, não sabia o que dizer, como se sentir. Seus olhos tímidos e preocupados se encontraram com os dele. Estava sorrindo, mas não era um sorriso presunçoso, era cheio de afeição e orgulho. Olhou para o pequeno e firme seio e traçou-lhe as linhas com um longo dedo indicador.

— Desculpe, deixei marcas. Perdi um pouco a cabeça.

Ela olhou para onde ele tocava, havia uma marca vermelha lá, feita por sua boca.

— Não doeu.

— Não é para doer — explicou sereno. — É para fazer você explodir. — Ela ruborizou, e ele sorriu. — Agora você sabe.

Ela ergueu uma das mãos e lhe tocou a boca com os dedos. Estava fascinada por ele, que lhe observava os seios e ela deixava, gostando de ter os olhos dele nela, as mãos nela.

— Jason — sussurrou. — Sexo é assim?

A respiração dele acelerou enquanto lhe encontrava os olhos grandes, curiosos. A tensão no quarto de repente ficou tão densa que oprimia. Olhou o corpo dela e engoliu com força. Podia tirar o resto das roupas dela. Podia se despir e penetrá-la com força, profunda e rijamente, e empurrá-la contra o colchão com o peso de seu corpo enquanto a tomava. Ela permitiria, seus olhos estavam revelando todos os tipos de segredos. Gritaria quando ele a sugara, emitia sons altos e gemeria infinitamente quando ele lhe desse prazer... Mas a casa estava vazia, ninguém os ouviria.

Seu corpo doía para tê-la, uma dor que nunca diminuía. Seria gentil com ela, lhe daria uma lembrança que jamais esqueceria, que a faria dele completamente. Era errado,

sabia. Ela era religiosa e se arrependeria. Mas já estava tão perdido que não conseguia pensar em mais nada a não ser no prazer inenarrável de fazê-la dele. Mesmo enquanto dizia a si mesmo que precisava parar, as mãos dele lhe seguravam a camisola para tirá-la...

O toque insistente da campainha da porta da frente explodiu como uma bomba no calor que tomava todo o quarto. As mãos de Jason ficaram imóveis na camisola, que já estava nas curvas macias dos quadris de Gracie. Encararam-se sem acreditar no que estava acontecendo.

A campainha soou de novo.

Jason gemeu. O seu corpo estava rígido de agonia. Forçou-se a afastar os olhos dos seios firmes e brancos de Gracie e se levantou da cama. Virou-se e lutou para recuperar o controle, para fazer seu corpo se livrar da tensão agonizante que o percorria.

Gracie arrumou a camisola, o corpo tremendo. Quase haviam ido longe demais, atraíra Jason e agora aquilo os assombraria. Levantou-se e vestiu um roupão, estremeando quando seus músculos doloridos e seus seios sensíveis protestaram.

— Vou atender. — Evitou olhar para ele.

Desceu descalça e verificou quem era pelo olho mágico da porta da frente. Era o agente especial do FBI, Jon Blackhawk, num terno com colete, o rabo de cavalo tão elegante quanto seu rosto magro e bonito. Abriu a porta.

— Agente Blackhawk — cumprimentou.

Ele franziu a testa. Ela estava muito vermelha.

— Você está bem? — A voz demonstrava sua preocupação. — Preciso lhe fazer algumas perguntas sobre Machado, mas você não parece bem, posso voltar outra hora...

— Não há necessidade, sinceramente. — Abriu a porta e o levou para a sala de estar. — Gostaria de beber alguma coisa?

— Farei café. — Jason Pendleton estava na soleira da porta, também com o rosto vermelho. Vestia roupas de trabalho, e Blackhawk, que só o havia visto em roupas citadinas, achou divertido, parecia outro homem.

Blackhawk percebeu que interrompera alguma coisa entre aqueles dois, mas aprendera a disfarçar, ajudava-o em seu trabalho.

— Adoraria uma xícara de café, hoje não tive tempo de tomar nada.

— Estará logo aqui. Gracie? — A voz de Jason ficou diferente quando se dirigiu à ela.

Gracie sorriu para ele.

— Sim, por favor.

Ele sorriu de volta e se dirigiu para a cozinha.

Jon Blackhawk fez um interrogatório completo. Queria saber tudo o que Gracie havia visto no acampamento, desde o número de homens até a maneira como se vestiam.

— Havia muitos militares, todos de uniforme de camuflagem — Gracie lhe contou. — O general não gostava da quadrilha dos Fuentes, disse que permitia que ficassem na

vizinhança, mas que odiava os traficantes de drogas. Foram os homens de Fuentes que me seqüestraram.

— Algum dia aquela quadrilha será desmantelada, exatamente como aconteceu com a organização de Manuel Lopez — garantiu Jon.

— Sim. E alguém tomará o lugar deles — acrescentou Jason.

Estava sentado em frente a eles numa poltrona, parecendo muito à vontade. Olhava para Gracie quando ela estava distraída, enchendo os olhos com sua beleza ruborizada.

— A vida continua — concordou Jon. Olhou para suas anotações. — O general mencionou seus planos para recuperar o poder em seu país?

Ela balançou a cabeça.

— Disse apenas que pretendia recuperá-lo, e que esse era o motivo pelo qual seqüestrava pessoas, para juntar o dinheiro necessário. Acho que deve estar furioso agora por perder o resgate por mim.

— Meu irmão ajudou a preparar a ação. — Jon estava claramente irritado. — Envolveu-se com o planejamento da invasão do acampamento e da sua recuperação, ajudado por pessoas de Jacobsville que aparentemente pretendem manter o anonimato.

— Kilraven temia que Gracie pudesse ser assassinada enquanto estávamos negociando. — A voz de Jason era calma. — E eu também, para falar a verdade. Se quer culpar alguém, sou o responsável, não arriscaria a vida dela por nada. — Olhou para Gracie com tanto calor que poderia começar um incêndio.

Ela sorriu.

— Sabia que você tinha de estar por trás de tudo quando eles chegaram.

— Eles? — Jon ficou curioso.

— Ah... droga, já é tão tarde assim? — exclamou, mudando de assunto antes de revelar o nome de seu salvador. Quase o traía. — Preciso encontrar Barbara para o almoço!

— Nas suas condições? Está louca? — Jason estava indignado. Enquanto ele falava, um carro parou diante da casa: o de Barbara.

— Ah, inferno. — O resmungo de Jason foi quase inaudível.

Gracie ruborizou, e Jon sufocou uma risada.. Tinha uma boa idéia do que estava acontecendo. Não disse nada, é claro, era um cavalheiro.

Conseguiu fazer mais duas perguntas antes de Barbara entrar carregando sacolas de comida do restaurante. Ela parou à porta e observou a cena. Lá estava Gracie, de camisola e roupão, o cabelo despenteado, o rosto ruborizado. Lá estava Jason, parecendo de mau humor e frustrado. E lá estava Blackhawk, agente especial do FBI, claramente divertido por tudo aquilo. Levantou-se quando ela entrou, e Jason, também. Maneiras do Velho Mundo, pensou Barbara com divertida indulgência.

— Trouxe o almoço. — Desviou o olhar de Gracie para os dois homens. — Talvez deva voltar e pegar mais.

— Talvez não deva, tenho que cuidar do gado. Só passei para ver como está Gracie. — O humor de Jason não parecia ter melhorado.

— E eu vim buscar informações com Gracie — explicou Jon. — Acho que tenho o bastante por enquanto, mas lhe telefonarei, se puder, se pensar em mais alguma coisa.

— É claro — Gracie concordou.

— Obrigado. — Virou-se para Jason. — Vejo você por aí. Barbara levou o alimento para a cozinha, e Jason ajudou

Gracie a se levantar do sofá, os olhos amorosos e possessivos.

— Vejo você depois. — A voz era suave. Afastou o cabelo despenteado do rosto dela. — Gostaria de ir ao rancho e supervisionar dentro de uns dois dias?

— Supervisionar o quê?

— A próxima quinta-feira é dia de Ação de Graças. Precisamos montar árvores de Natal e fazer as decorações. — Olhava para os lábios dela. — Mandarei os homens ajudarem, traremos Dilly e a sra. Harcourt de San Antônio, e elas podem começar a decoração.

Ela sentiu a alegria desaparecer.

— Este ano não quero. — Não olhou para ele. — Talvez Kittie estivesse certa. Você jamais gostou de ver o lugar tomado por decorações, e eu apenas fazia uma confusão. A sra. Harcourt pode montar uma árvore para você no rancho.

O coração dele apertou, sabia o motivo pelo qual ela perdera o entusiasmo pelos feriados, e se sentiu culpado de novo. — Gracie, você adora, fazer as decorações para os feriados. Ela lhe encontrou os olhos e se encolheu.

— Não posso, não este ano. Não posso, Jason. Ele respirou fundo.

— Certo, não vou insistir, mas você irá ao jantar de Ação de Graças, certo?

Ela hesitou.

O rosto dele enrijeceu. Perguntou-se se o que acontecera no quarto dela causara aquela indecisão. Estaria se sentindo culpada? Ele a teria feito se sentir envergonhada pelo que haviam feito? Ela o quisera, sabia que quisera. O que estava errado?

— Gracie, sobre o que aconteceu... — começou.

Ruborizando, ela lhe deu as costas. Era embaraçoso, o modo como praticamente se jogara para ele. Aquele abandono selvagem não se parecia em nada com ela, e estava confusa e um pouco temerosa do que quase acontecera. Precisava de tempo para compreender seus sentimentos.

— Preciso ajudar Barbara na cozinha. Adeus, Jason.

E, com isso, ela saiu da sala.

Ele segurou os palavrões até estar de volta à picape, afastando-se da casa em alta velocidade. Nunca se sentira tão frustrado em toda a sua vida. Alguma coisa no passado de Gracie os mantinha separados, tornando-a hesitante, estragando tudo. Não sabia que segredo terrível estaria escondendo dele, nunca lhe fizera perguntas. Mas o que já descobrira lhe mostrava que havia mais, muito mais. Queria respostas e, por Deus, as conseguiria!

— Jason está zangado. Barbara comentou, quando Jason deixou marcas de pneu no cimento da entrada da casa enquanto se dirigia para a estrada.

— Só está com pressa, não está acostumado a dirigir as picapes do rancho.

— Está frustrado.

— Barbara!

— Você dois estavam ruborizados e desarrumados — ela sorriu. — O que estava acontecendo aqui enquanto eu trabalhava?

— Barbara!

— Já era hora, é tudo o que tenho a dizer.

— O que quer dizer? — Gracie se juntou à amiga à mesa, onde Barbara enchia dois copos com chá gelado.

— Quero dizer que Jason pega fogo cada vez que olha para você. Não me diga que não percebeu...

O coração de Gracie pulou.

— Mesmo?

— Não a estava convidando para decorar a casa? Gracie pegou um sanduíche.

— Sim, e Kittie debochou de mim. Disse que ninguém mais fazia decorações e que eu exagerava. E Jason diz a mesma coisa há anos.

— E você vai deixar que isso a impeça de fazer o que gosta? — Barbara parecia horrorizada — Gracie, você sempre teve seu próprio estilo, deve fazer o que quer, sem se perguntar o que as pessoas pensam. Sempre adorei suas decorações, e os vizinhos costumavam passar de carro pela casa todos os anos... Eles gostavam de tentar adivinhar que esquema de cores você usaria a cada ano. — Os olhos dela brilharam. — Era como um presente que você dava a toda a comunidade. Acho que era a mesma coisa na mansão de San Antônio.

Gracie sabia que era, mas a lembrança de Kittie ainda a feria, ainda mais agora que sabia que Jason quase cometera um erro que o forçaria a se casar com aquela mulher horrível. E Gracie o teria perdido para sempre.

— Kittie é história acabada. — A voz de Barbara era firme. — Ela apenas queria o que Jason tem, nunca o amou.

— Ele se sentiu atraído por ela. — A voz de Gracie era calma, mas Barbara percebeu a dor.

— É mesmo? Ou ela foi apenas um prêmio de consolação pelo que ele realmente queria?

— Não sei.

— Você devia ir ao rancho para o dia de Ação de Graças — havia firmeza na voz de Barbara.

Mas Gracie não tinha certeza se queria. Amava Jason de todo o coração e o quisera desesperadamente quando estavam sozinhos no quarto dela. Mas mesmo carinhos mais intensos não eram sexo. Não sabia se podia dar-lhe o que ele queria e tinha medo de descobrir. Se o recusasse outra vez, poderia desistir dela completamente, talvez voltasse para Kittie em desespero. E, então, seria o fim de todos os seus sonhos. Precisava de tempo para pensar no que faria.

Preocupou-se por Jason não lhe telefonar nem visitá-la de novo. Gracie se levantou no dia seguinte. A escola estava fechada para o dia de Ação de Graças, mas ajudou Barbara no café, contra a vontade da amiga.

Jason não entrou em contato. Pensou em lhe telefonar, mas ainda estava constrangida demais com a forma como haviam se separado.

A sra. Harcourt lhe telefonou na noite do dia de Ação de Graças, às duas horas da madrugada, e Gracie atendeu meio dormindo.

— Alô?

— Srta. Gracie? É Eve Harcourt.

— Sim, sra. Harcourt. Feliz dia de Ação de Graças. Desculpe não ter ligado...

— Oh, está tudo bem, todos sabemos o que você passou. — Hesitou. — Srta. Gracie, acha que pode ir ao Shea's Roadhouse se eu mandar um dos meninos buscá-la de carro?

Gracie se sentou na cama e piscou.

— Sra. Harcourt, por que eu iria ao Roadhouse às duas da madrugada? — Ainda estava meio adormecida.

— Sabe, o sr. Jason recebeu este pacote ontem, por entrega especial. Levou-o para o escritório a noite passada e fechou a porta. Não sei o que há no pacote, mas o sr. Jason passou todo o dia fora hoje, nem mesmo veio para o jantar de Ação de Graças. Pensei que poderia estar com você, até que o telefone tocou e era aquele leão de chácara do Roadhouse, Tiny.

Gracie acordou completamente e se sentou na cama.

— Tiny? Por que ele lhe telefonou?

— Ele disse que o sr. Jason arrebentou o bar, srta. Gracie. — A voz era cheia de preocupação. — Jogou Tiny sobre uma mesa quando ele tentou fazê-lo sair. Agora fez um dos garotos do rancho de Hart se esconder num banheiro e está ameaçando derrubar a porta se ele não sair. Juro que não me lembro da última vez que o sr. Jason se embebedou!

— Eu me lembro — Gracie pensou no que ele lhe contara sobre como terminara na cama com Kittie. Perguntou-se o que o fizera beber desta vez. — Vou me vestir, mande um dos rapazes e levarei Jason para casa.

— Você sempre foi a única pessoa capaz de lidar com ele quando bebe. Detesto ter que lhe telefonar, mas ele não deixa mais ninguém se aproximar.

— Eu sei, está tudo bem.

— Obrigada, srta. Gracie. — E desligou.

Gracie tinha medo de homens bêbados, mas esta era apenas a segunda vez que Jason bebia demais. A outra tinha sido quando o pai dele morrera e não a ameaçara de nenhuma forma quando interferira. Na verdade, tinha sido incrivelmente fácil lidar com ele quando lhe tirara a garrafa de bebida. Fizera tudo o que ela mandara e a seguira como um cordeirinho. Era mais um dos motivos pelos quais nunca tivera medo. Tendo vivido com um pai que bebia demais e era violento, seria devastador descobrir que Jason era parecido com ele. Mas ele não era.

Tim, um dos caubóis do rancho, levou Gracie de carro até o bar.

— Quer que entre com você?

— Fique na varanda, Tim. Vou precisar de você para me ajudar a colocá-lo na picape, mas talvez seja melhor se você não entrar.

Ele pareceu aliviado.

— O chefe é perigoso quando está com raiva.

Ela sorriu.

— Sim, mas não para mim.

Ela entrou no bar e viu Jason. Ele não estava cambaleando, mas parecia uma cascavel procurando alguma coisa para morder. Estava praguejando em frente a uma porta fechada, nos fundos do bar. A maioria dos fregueses já havia ido para casa havia muito tempo, e estavam lá apenas Jason e a pobre alma que prendera no banheiro.

Tiny se aproximou dela mancando.

— Desculpe por ter precisado pedir ajuda, srta. Gracie, mas ainda estou me recuperando de uma cirurgia. O sr. Pendleton ali fica irracional quando bebe e já me jogou longe uma vez. Não quero chamar a polícia a menos que seja obrigado, ele é um bom homem.

— Vou cuidar dele e obrigado por me chamar, Tiny. Sabe que pagaremos qualquer prejuízo.

— É claro que sei.

Ela passou por ele e se aproximou de Jason, ainda praguejando.

— Jason. — A voz era suave e baixa.

A mudança nele foi imediata e impressionante. Ele se virou, piscou e pareceu relaxar totalmente.

— Oi, Gracie. — A voz era baixa e o sorriso fraco. — Estou um pouco bêbado.

— Percebi. — Tomou-lhe a mão. — Está na hora de ir para casa.

— Está bem.

Ela o levou para fora do bar enquanto Tiny observava, atônito, mas divertido. Nem mesmo oferecia resistência. Atrás dela, ouviu uma porta se abrir.

— Ele já foi embora? — A voz do caubói era apavorada. Jason parou e se virou.

— Você...!

— Para casa, Jason! — Havia firmeza na voz de Gracie, que o puxou pela mão.

Jason olhou furioso para o caubói, que ficara congelado. Então suspirou e se virou, permitindo que Gracie o levasse até a picafe, onde Tim esperava com a porta do passageiro aberta.

— Ele zombou do meu maldito chapéu — Jason resmungou enquanto se sentava. — Eu ia obrigá-lo a comê-lo, mas ele correu para o banheiro e trancou a porta. Maldito covarde!

Gracie se sentou ao lado dele e fez um gesto para Tim ligar o motor e sair.

— Não quero ir para casa — exclamou Jason de repente.

— Bem, você vai de qualquer jeito. — A voz de Gracie era firme.

Fechou o cinto de segurança, mas não conseguiu encontrar o dele, então viu que Jason se sentara sobre ele. Recostou-se e esperou que a polícia não percebesse. Era contra a lei andar de carro sem cinto.

— A sra. Harcourt estava muito transtornada, disse que você nem mesmo estava lá

para o jantar de Ação de Graças.

— Não havia motivo, você não estava lá. Não é dia de Ação de Graças sem você.

O coração dela doeu com o comentário e se sentiu culpada:

— Odeio uísque — murmurou Jason enquanto se aproximavam do rancho.

— Vai odiar muito mais a ressaca que terá pela manhã — garantiu Gracie. — Chegue bem perto da varanda, Tim, então volte para a cama. E obrigada.

— Não tem do quê, srta. Gracie.

Os dois conseguiram tirar Jason, fazê-lo ficar em pé e andar até dentro de casa. A sra. Harcourt estava esperando, os olhos cheios de preocupação.

— Ele está bem? Jason olhou para ela.

— Só estou bêbado, sra. Harcourt, mas não o bastante.

— Vamos. — Gracie o puxou pelo corredor em direção ao quarto dele. — Sra. Harcourt, volte para a cama, eu o levarei para o quarto.

— Obrigada, srta. Gracie. — Hesitou. — Mas preciso providenciar sua volta para a casa de Barbara.

— Não vou voltar, posso dormir no quarto de hóspedes. Não é necessário fazer mais confusão na casa.

— Vou lhe preparar um ótimo café da manhã. — A sra. Harcourt agora estava sorridente. — Obrigada por salvá-lo.

— Nada vai salvá-lo de mim. — Estava realmente irritada.

Puxou-o em direção ao quarto dele e o ajudou a entrar. Então fechou a porta. Queria saber, mais do que qualquer outra coisa, o que o fizera beber.

Deitou-o na cama *king size* e se debruçou para lhe tirar as botas. Ele se espalhou sobre o cobertor e jogou o chapéu longe. Ela o pegou, colocou-o sobre a cômoda grande e se sentou ao lado dele. Jason usava jeans e uma camisa de cambraia, roupas confortáveis, mas não elegantes.

— O que diabos tem de errado com você, Jason? Quase nunca bebe.

Ele abriu os olhos e a fitou.

— Contratei um detetive particular. O coração dela perdeu uma batida.

— Por que, Jason?

Ele passou a mão pelo cabelo despenteado.

— Para me dizer o que você recusa. Para me falar sobre a sua infância e revelar a verdade sobre a sua família.

Capítulo Onze

O coração de Gracie perdeu outra batida. Sabia que todo o sangue lhe fugira do rosto àquela declaração.

— Ah. — A voz era fraca. Ele fez uma careta.

— Sabia que reagiria assim. Mas tinha que saber, tinha que saber, Gracie!

Ela virou o rosto e combateu as lágrimas.

— Pensei que podia manter isso em segredo para sempre, que você jamais descobriria. — Fechou os olhos com força. — Estou com tanta vergonha!

— Vergonha de que, querida? — A voz era suave. — Venha cá, venha para mim! — Puxou-a para seus braços e abraçou-a com força, lutando contra os efeitos da bebida e tentando organizar seus pensamentos. O que descobrira fora um choque pavoroso. — Por que tinha medo de me contar?

— Nós éramos tão pobres, não tínhamos nada. Mamãe não queria que seu pai descobrisse. Ele era tão esnobe, Jason, nunca chegaria perto dela se soubesse. Ela fingiu que tínhamos uma família rica e inventou histórias para que ele não tentasse descobrir nada sobre nós.

— Seu pai segurou uma arma contra a sua cabeça e ameaçou matá-la. Um policial da SWAT que estava lá disse que ele a teria matado, que não estava blefando. O atirador de elite teve que atirar nele. Mas o trauma... Ter seu pai morto quando estava em pé atrás de você... — gemeu arrasado. — Se soubesse, teria providenciado terapia para você! E não só por isso, também por sua pobre mãe!

— Acho que estávamos muito confusas — concordou, tremendo. — Pensei... pensei que as coisas entre nós mudariam se você soubesse a verdade sobre o meu passado. É tão sórdido! Kittie me ouviu conversando sobre ele com a sra. Harcourt e ameaçou lhe contar se eu não saísse de sua vida. — Sentiu o corpo alto tremer. — Estava com tanto medo...

— Não teria feito a menor diferença, não faz diferença agora. — Os braços dele a apertaram. — Está segura, Gracie. Ninguém mais vai feri-la, não enquanto eu tiver um sopro de vida no corpo!

Ela relaxou com um pequeno estremecimento e o deixou tirar o peso que carregava havia tantos anos. Aninhou-se no corpo dele e o abraçou, como se sua vida dependesse disso.

De repente, ele deu uma risada estranha.

— O que foi?

— Tenho você na minha cama, no meio da noite, vulnerável e macia, e não consigo ficar rijo para fazer nada a respeito.

— O q... quê? Ele riu sem fôlego.

— Homens bêbados não conseguem.

Ela ergueu a cabeça e olhou para os olhos negros cheios de diversão.

— Não conseguem?

— Foi o que me salvou de Kittie. — Puxou um cacho do claro cabelo louros. — Mas não quero ser salvo de você.

Ela descansou as mãos no travesseiro atrás da cabeça dele e lhe estudou o rosto relaxado.

— Não quer?

Ele puxou o cacho com mais força.

— Você podia tirar minhas roupas — sugeriu. — Quem sabe isso ajuda.

Ela ruborizou.

— Não.

— Desmancha-prazeres. — Inspirou com força. — Então durma comigo, é uma cama grande. E está congelando aqui, posso ficar gripado.

— Não está tão frio assim.

— Está sim. — Ele se moveu e puxou um afegã colorido que a sra. Harcourt fizera para ele. A única luz no quarto era a de segurança do lado de fora e mal permitia que se vissem. Puxou Gracie para junto dele e cobriu os dois com o afegã.

— A sra. Harcourt vai ficar indignada.

— Não, não vai, ela conhece homens bêbados, eu garanto.

— Você não estará bêbado pela manhã. — O protesto foi fraco.

— Pela manhã, talvez você não se importe.

Ela enrijeceu, apenas um pouco, mas ele a conhecia bem o bastante para compreender o motivo. Ergueu a cabeça e olhou dentro dos olhos.

— Você acha que sexo fora casamento é um pecado. — A voz era apenas um sussurro. — Eu sei disso e a amedrontei na casa de Barbara porque perdi o controle. Prometo que isso não acontecerá de novo, nunca a forçarei ou a coagirei.

O corpo dela relaxou.

— Não queria ser assim.

Ele a puxou para mais perto ainda e a abraçou com força.

— Não há nada de errado na maneira como você é. Vá dormir, anjo, mantereí você segura.

Era muito tarde e a sra. Harcourt não julgava as pessoas. Além disso, ambos estavam vestidos, racionalizou Gracie. Aproximou-se ainda mais de Jason, fechou os olhos e finalmente dormiu.

* * *

Jason observou-a dormir. A luz do dia entrava pelas janelas e Gracie havia dormido em seus braços a noite inteira, não tentara sair. Era um sonho tornado realidade ver o rosto dela no travesseiro, o cabelo espalhado como uma cortina de ouro pálido. Olhou para baixo, para os seios firmes sob a camiseta que ela vestia, e sentiu uma ansiedade tão grande que doía para tirá-la, para lhe tirar o sutiã e se banquetear com aquela carne suave e quente.

Mas agora sabia coisas sobre ela que não soubera antes. Precisava lhe dar tempo, se mover devagar, atraí-la para a intimidade. Pela primeira vez, teve um pouco de esperança no futuro. Gracie o queria. Podia não saber disso ainda, ou compreender, mas sentia. Ele sorriu contente.

Ouviu passos do lado de fora, no corredor. A porta se abriu, apenas uma fresta, e a sra. Harcourt olhou para dentro. Ele colocou um dedo nos lábios, indicando o pequeno e suave corpo ao lado do dele na cama. E sorriu.

Ela sorriu de volta.

— Café da manhã em dez minutos. — A sra. Harcourt apenas sussurrou.

Ele acenou e a sra. Harcourt fechou a porta, radiante. Gracie o ouviu rir e abriu os olhos. Olhou para ele à luz suave do começo da manhã, fascinada pelo jogo de emoções no rosto dele. Seus olhos foram dele para a cama e de volta.

Os dedos dela traçaram um padrão sobre os seios dela.

— A sra. Harcourt acabou de dizer que o café da manhã estará pronto em dez minutos. — A mão dele passou lentamente sob a bainha da camiseta. — Acha que podemos encontrar alguma coisa para fazer em oito minutos? — A voz era maliciosa.

Ela lhe segurou o pulso e, então, lentamente o soltou. Ele sorriu. Seus dedos passaram por trás dela, para o fecho que mantinha o sutiã no lugar. Então estava no seio nu e suave, e ele abaixou a cabeça para a boca de Gracie.

— Adoro tocá-la assim — murmurou contra os lábios dela, antes de beijá-la muito suavemente.

As unhas dela mergulharam nele, mas Gracie não protestou. Quando ele a olhou nos olhos, viu-os cheio de prazer e curiosidade.

— Tudo mudou. — A voz dela era também um sussurro.

— Sim. — Os olhos dele escureceram. Ele se mexeu e tirou o tecido da frente, para ver o que estava tocando. — Tudo.

Enquanto falava, ele abaixava a cabeça, e ela sentiu sua boca quente nos seios, explorando, provocando, possuindo-a. Gracie arqueou o corpo com o puro prazer daquela carícia. Ele a ouviu arquejar e intensificou a pressão e a insistência dos lábios. Uma das mãos escorregou sob o corpo dela e a outra desabotoou a camisa, deixando o peito másculo nu. Ele lhe apertou os quadris com os seus e esmagou-lhe os seios nus no peito peludo.

Precisou cobrir-lhe a boca com a dele para abafar o pequeno grito excitado que escapou dos lábios dela quando a paixão dominou o corpo inocente. Rolou para cima dela e lhe abriu as pernas com as dele e se deitou sobre seu corpo, deixando-a sentir sua ereção sobre a junção do corpo de Gracie. Estremeceu quando seus quadris se moveram ritmicamente contra os dela.

Gracie abriu as pernas para ele, agarrando-lhe as costas enquanto o prazer crescia para patamares que jamais esperara.

— Café da manhã! — A voz da sra. Harcourt chamou do corredor.

Jason ergueu o lado superior do corpo.

— Já vamos! — Esperava que sua voz não parecesse tão abalada para a sra. Harcourt como pareceu a ele mesmo.

— Certo! — Os passos dela se afastaram pelo corredor. Gracie olhou para ele

atônita.

Os olhos de Jason caíram para os seios firmes e mais abaixo, para onde seus corpos ainda estavam pressionados com força nos quadris, e precisou se esforçar para respirar.

— Quero penetrá-la, com força e profundamente — sussurrou rouco. — Quero que me sinta contra você, dentro do seu corpo.

Ela estremeceu, mal respirando. Nunca sonhara que os homens falassem assim com as mulheres. O rosto ficou ruborizado, mas não de constrangimento. Estava imaginando aquele corpo magro, bonito penetrando-a e gemeu.

— E você me deixaria. Ela engoliu.

— Sim.

Ele hesitou, doente de desejo.

— Não esperem esfriar! — A sra. Harcourt advertiu de novo.

Os olhos de Jason se fecharam, e ele sufocou uma praga. O corpo poderoso vibrava de necessidade frustrada. Gracie sentiu sua angústia nos ossos. Afastou-se um pouco dele, e os lábios dela lhe tocaram o rosto, as pálpebras, o nariz e as faces.

— Está tudo bem — sussurrou. — Está tudo bem.

Ele adorou aquela ternura. Deixou-se cair na cama e permitiu que ela fizesse o que quisesse com ele, deixou-a beijá-lo e acalmá-lo. Os olhos negros se abriram e invadiram os dela, suaves e calmos.

— Você está bem? — A voz era gentil. — Li que os homens sentem dor quando ficam assim. Não sabia o que mais poderia fazer.

— Bons instintos, funcionou. — Ele ainda estava sem fôlego.

Ela sorriu, os olhos maravilhados enquanto estudavam os dele.

— Nunca havia compreendido como é, quero dizer, até agora.

— Fica pior. — Olhava deliberadamente para os seios nus. — Muito pior...

— Oh! — Ela se sentou, abalada, e consertou as roupas — Desculpe, não percebi...

Ele se sentou também.

— Não foi uma reclamação. — Ele se levantou, impressionado com a mudança nela, e lhe acariciou o cabelo.

— Vai ficar evidente. — Gracie parecia preocupada.

— Não me importo. — Tomou a mão dela na dele. — Vamos comer alguma coisa.

Eles se olharam enquanto comiam, e a sra. Harcourt riu para si mesma. Eram tão transparentes. Sentiu-se bem ao ver a crescente afeição entre eles e pensou que já era a hora.

Depois do café da manhã, andaram até o curral para ver um dos caubóis trabalhar com uma potranca.

— Podíamos ter o jantar de Ação de Graças hoje. — Sorriu para ela. — A sra.

Harcourt o guardou.

O coração dela disparou.

— Gostaria muito.

Ele se virou e puxou-a com gentileza contra o corpo.

— Então poderíamos decorar uma árvore de Natal. — Ela mordeu o lábio inferior, insegura. Ele lhe segurou a cintura com as duas mãos. — Sei o quanto significa para você. O detetive que contratei trabalhou bem. Sei que seu pai era ateu e não deixava que você tivesse uma árvore, nem decorações, nem mesmo freqüentar a igreja.

Ela acenou.

— Era solitário nos feriados.

— A partir de agora — prometeu — vamos celebrar juntos, mesmo se eu tiver que levá-la para o exterior, eu prometo.

Os olhos dela se ergueram, sorridentes, para os dele. Estava falando sobre um futuro juntos.

— E vamos fazer tudo devagar. Estou apressando as coisas, mas não é isso que realmente quero. Estou faminto por você, mas posso controlar isso, preciso controlar. Quero conhecer você, Gracie.

— Vivemos juntos por doze anos. — Riu.

— Não assim. — A voz mostrava a profundidade de seus sentimentos. — Nunca assim. — Debruçou-se e tocou-lhe a boca com a dele.

— Jason, alguém pode nos ver — o protesto foi fraco.

O rosto dele se tornou sombrio.

— Terão que se acostumar com isso algum dia.

Jason fazia promessas sem dizer uma só palavra, e ela ergueu os olhos para ele, mostrando-lhe o que ia em seu coração. — Sim, terão que se acostumar.

O pulso dele disparou. Debruçou-se e a beijou ternamente, segurando-lhe o corpo de leve nos braços. Quando ela tentou se aproximar ainda mais, ele deu um passo para trás.

— Não. — A voz era suave. — Isso confunde tudo. Quero você e sabe disso, mas teremos que dar um passo de cada vez. Está bem?

Ela sorriu.

— Está bem.

As duas semanas seguintes foram de pura magia. Gracie e Jason cavalgaram juntos pelo rancho, foram a um leilão, assistiram a uma reapresentação do bale *O quebra-nozes*, em San Antônio. No meio tempo, Gracie deu uma aula para uma turma do terceiro ano e até a professora regular ouviu, encantada, sua versão facilitada dos eventos do Alamo.

Então a faculdade a chamou, desesperada para encontrar alguém para substituir o professor adjunto de História que dava aulas à noite... Ele sofrera um acidente de carro e não poderia voltar a tempo de terminar o curso. Ela teria apenas que dar quatro aulas até

o fim do semestre, na primeira semana de dezembro. Ele já havia preparado as aulas e tinha todas as anotações necessárias.

Gracie entrou na sala de aula nervosa e insegura. Mas, quando percebeu como os alunos adultos eram maduros, como estavam interessados no assunto, relaxou e se sentiu conectada a eles. Seguiu os planos de aula do professor de licença, que se referiam à história do Texas, mas acrescentou detalhes e fatos sobre a revolução mexicana que afetaram os Estados Unidos e o conflito de Alamo. A aula tinha a duração de duas horas, mas se prolongou por mais meia hora. Gracie se sentia no paraíso quando voltou em seu velho carro para a casa de Barbara.

Tivera que discutir com Jason, que queria substituí-lo por um novo Jaguar conversível, de última geração, e ela teimava que só queria o que podia pagar. Ele ficou irritado por ela ser tão independente, mas, apesar de tudo, respeitou-a e não insistiu.

Era difícil para eles ficarem distantes um do outro, dada a crescente paixão que ameaçava explodir e ultrapassar os limites que haviam imposto a si mesmos. Jason a queria de forma tão evidente que Gracie se sentiu impressionada por não ter percebido antes.

Barbara insinuara que notara a paixão dele nos últimos dois anos. E dois anos antes, ele começara a se recusar a dançar com ela nas festas. Talvez, pensou, ele não confiasse em si mesmo e em seu controle se ficasse tão perto dela e não quisesse que ela soubesse como sua afeição por ela havia se tornado física.

A idéia de fazer decorações para o Natal ainda lhe causava um gosto amargo na boca, mas foi convencida pelos argumentos da sra. Harcourt e de Jason e passou a tarde anterior à aula que daria trabalhando nisso. Enquanto dava os últimos toques na grande árvore da sala de estar da casa do rancho, com Jason sentado em sua grande poltrona, tomando café e observando-a, o celular dele tocou. Tirou-o do bolso, verificou na tela quem ligava e abruptamente o desligou e o jogou sobre a mesa ao lado da poltrona.

Gracie olhou para ele curiosa.

— Não estou com vontade de conversar. — Não deu outra explicação.

Ela apenas sorriu e voltou para as suas decorações. Um minuto depois, o telefone fixo no corredor tocou e continuou tocando. Gracie franziu a testa para Jason com curiosidade evidente.

— Não vai atender?

Jason suspirou, irritado, e começou a se levantar.

— Eu atendo! — Veio a voz da sra. Harcourt.

Ele voltou a se recostar, mas Gracie percebeu que ele parecia desconfortável e se perguntou o motivo.

Um minuto depois, a sra. Harcourt entrou na sala. Lançou à Gracie um olhar cauteloso antes de entregar a Jason o telefone sem fio.

— É a srta. Sartain de novo. — A voz não tinha expressão.

Jason resmungou alguma coisa, olhou inquieto para Gracie e atendeu.

— Sim, eu sei, eu o desliguei — disse depois de um minuto. Seu queixo estava tenso, a expressão ressentida. — Não, não mudei de idéia. — Hesitou por um momento,

enquanto a expressão do rosto endurecia. — Sei tudo sobre o passado dela. — A voz era abrupta enquanto lançava um olhar para uma Gracie perplexa. Houve outra pausa. — Sé quiser procurar os tablóides, procure, não tenho nenhum segredo que queira esconder. Isso mesmo, não quero voltar para você, Kittie. Pode telefonar todos os dias, mas ouvirá a mesma resposta. Ótimo, faço o pior que puder.

Ele desligou e fez um gesto para a sra. Harcourt, que demonstrava grande preocupação.

— Se ela ligar de novo, desligue. Não quero nem falar com ela.

A sra. Harcourt acenou, mas seu rosto estava muito pálido. Era evidente que ouvira o lado de Jason da conversa. Ele olhou para Gracie, que estava observando abertamente com uma expressão de incerteza.

— Ela lhe ligou antes de hoje? — A voz de Gracie era tão incerta como a expressão do seu rosto.

Ele hesitou, e ela se aproximou.

— Ligou?

— Algumas vezes — confessou relutante. — Mas você precisa compreender como a mente dela funciona. Achava que podia me ter de volta se fosse bem persistente, mas não funcionou. Agora está tentando me chantagear, mas esvaziei sua ameaça quando lhe disse que sabia tudo sobre o seu passado. Agora está insinuando que sabe de outro segredo que eu pagaria bem para não ver revelado. — Riu com frieza. — Não podia estar mais enganada.

Gracie não tinha certeza se Kittie estava blefando. A sra. Harcourt estava escondendo alguma coisa, mas não sabia o que era.

— Por que está atendendo aos telefonemas dela? — Gracie estava realmente curiosa.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Perdão? — O tom era arrogante. Ela mordeu o lábio inferior.

— Bem, ela é muito bonita, e vocês ficaram noivos por muitos meses, Jason...

— Noivado não é casamento — interrompeu áspero. — Meu pai tentou três vezes com pouco sucesso. Mesmo com minha mãe não foi tão feliz. E você sabe quanto tempo sua mãe e a de Glory duraram. Nunca vi um casamento feliz.

Agora Gracie se sentiu ainda mais desconfortável. Ele não se dava ao trabalho de esconder o desprezo que sentia pelo casamento. E se ele apenas a quisesse e pensasse que poderia convencê-la a ir para a cama com ele e mantê-la assim sem se casar com ela? Não era a primeira vez que esse pensamento horrível lhe ocorria e não conseguia se desvencilhar dele.

Jason era afetuoso e parecia gostar da companhia dela, mas não havia nem sugerido que eles poderiam ter um futuro juntos nos últimos dias. Pior, sentia-se frustrada pelas novas sensações que ele despertava nela e irritada por causa da tensão entre eles, que quase atingira o ponto da explosão nos últimos dias. Agora, nem mesmo a tocava, parecia que estava brincando com ela, fazendo algum tipo de jogo sensual. Mesmo naquele momento, a expressão dele era de divertimento. Estaria se vingando pelo tempo em que não o quisera e terminaria ficando com Kittie?

Ele percebeu sua expressão e seus olhos escureceram.

— Agora o que há de errado? — Havia um toque de agressão na voz profunda.

— Tem certeza de que realmente queria romper o noivado? — persistiu. — Ou apenas se sentiu culpado por que fui seqüestrada?

Os olhos negros brilharam. Ela não era a única a se sentir frustrada, exceto que a frustração dele era muito mais antiga. Queimava para tê-la e, cada vez que dava um passo para perto, ela encontrava um motivo para se afastar dois passos. Seu temperamento, sempre perto da superfície, estava ameaçando explodir.

Jason se levantou.

— Talvez eu realmente me sinta culpado. — Os olhos entrefecharam. — Você não estaria na estrada sozinha, à noite, se não tivesse se mudado da mansão quando pareceu que Kittie se instalaria lá. Você jamais gostou de Kittie.

Ela ficou chocada com aquelas palavras e a leve agressão sob elas. Afastou-se da árvore com a última decoração, uma peça nova de vidro, na mão e olhou para ele com irritação.

— Como você dá a uma cascavel uma chance, oferece-lhe a primeira mordida? Ela fez com que a sra. Harcourt e Dilly se sentissem idiotas. Reclamou sem parar da idade de John e me queria fora do caminho dela porque eu poderia interferir nos planos dela sobre o seu dinheiro.

Ele dobrou a cabeça para o lado e abaixou o olhar para ela. Estava ficando cada vez mais furioso a cada minuto.

— E essa é minha única atração para uma mulher, Gracie, meu dinheiro?

Ela ficou totalmente imóvel. Estavam entrando em território perigoso. O dia começara tão promissor e agora parecia que terminaria em tragédia.

— Jason, nunca disse isso.

— Sabe o que Kittie disse sobre você? — A voz era lenta e gelada. — Disse que nunca se casou porque sabia que eu não a sustentaria com outro homem. Disse que ficou solteira deliberadamente para ter uma vida boa e luxuosa.

O rosto dela ficou branco. Então tinha sido assim que Kittie o afastara, plantando dúvidas terríveis sobre Gracie na mente dele.

— Você sabe por que sou solteira,

— Sei mesmo? Conheço a razão que você me deu. Mas não tem tanto medo de mim, Gracie. — Havia uma insinuação em seu tom. — Na verdade, fui eu que me afastei todas as vezes.

O rubor lhe cobriu o rosto. Era verdade, mas ele estava distorcendo as coisas. Ela o amava e, por isso, não tinha inibições com ele. Agora ele parecia pensar que ela fazia joguinhos com ele.

— Ainda sou rico, Gracie. — Seu tom era brutal. — E você é uma moça trabalhadora, não é?

Aquilo foi o bastante. Ela jogou a decoração no chão e a ouviu se quebrar com uma forte sensação de irresponsabilidade.

— Sim, eu sou. — A voz era áspera. — Sou uma moça trabalhadora, com minha própria vida, e pode agradecer às suas estrelas por eu ser independente, não pode? Agora nunca mais precisará perguntar a si mesmo se fico com você porque é rico, já que esta é a última vez que venho a esta casa!

Agarrou a bolsa e a jaqueta e se dirigiu para a porta da frente.

— Onde diabos pensa que vai? — Estava bem atrás dela.

— Vou trabalhar! — A voz era cheia de fúria. — Minha aula na universidade comunitária começa em duas horas, mas posso esperar na cantina e tomar um café! Qualquer coisa é melhor do que ficar aqui e ouvir você conversar com a sua noiva!

Jason teve vontade de roer as unhas. As mãos se fecharam em punhos nas laterais do corpo.

— Já lhe disse, rompi o noivado!

— E contou a Kittie? — desafiou com sarcasmo.

— Maldição!

— Isso mesmo, comece a praguejar, isso certamente vai ajudar muito!

Abriu porta do seu velho carro com um forte puxão e se sentou atrás do volante. Jason ficou parado lá, furioso, o queixo tão rígido que era visível mesmo de dentro do carro. Ela girou a chave na ignição e uma fumaça preta saiu do cano de escapamento. Gracie teve vontade de gemer. Aquilo apenas enfatizava a diferença em suas situações financeiras agora.

— Está bem, vá ensinar no seu maldito curso e veja se me importo! — gritou para ela.

— É o que pretendo fazer!

Passou a ré e gemeu de novo quando o motor fez barulho enquanto ela saía da entrada de carros. A velha ruína provavelmente morreria na estrada, e ela teria que voltar a pé, engolir o orgulho e pedir uma carona para a cidade. Mas começaria a dirigir para Jacobsville, mesmo se nunca chegasse lá.

Teve vontade de chorar, mas não se permitiu. Estava convencida de que Jason não tinha a menor intenção de pedi-la em casamento, agora ou nunca. Queria alguém na cama, mas não para sempre. Sua opinião sobre o casamento era muito clara.

Ele ainda queria Kittie? Se não queria, por que atendia a seus telefonemas? E tentara não atender, mesmo quando a sra. Harcourt finalmente pegara o telefone que tocava no corredor e quase o forçou a pegá-lo. Estaria tentando esconder dela que Kittie lhe telefonava?

Estava confusa demais para pensar direito. Sua vida, nos últimos dias, havia corrido maravilhosamente. Jason tinha sido atencioso e afetuoso, e tudo parecia como nos velhos tempos, saindo com ele, freqüentando lugares. Bem, não exatamente como nos velhos tempos, não quando ele a beijava com tanta fome e a olhava como se estivesse louco para possuí-la.

Mas aquela paixão não era a base sobre a qual construir um casamento. Era uma espécie de fome intensa que logo seria satisfeita, não duraria. Gracie queria um lar e filhos e apenas começara a pensar que os teria com Jason, e ele a encorajara.

Mas o telefonema de Kittie destruíra aquela ilusão e agora aqui estava Jason praguejando, e Gracie correndo de volta para Jacobsville com o seu orgulho preso na garganta. Seus sonhos de um futuro róseo haviam acabado de explodir e queimar.

Tomou o desvio de terra que levava de volta para Jacobsville e estava cruzando a ponte de madeira quando o carro estúpido parou, estremeceu e morreu, bem na pista direita da ponte estreita.

Ela bateu no volante com as mãos e usou alguns dos piores palavrões de Jason. Aquele realmente não era o seu dia!

Capítulo Doze

Gracie estava resignada a voltar a pé para o rancho e pedir ajuda quando uma picape vermelha se aproximou em alta velocidade. Ela ficou em frente ao carro quebrado e acenou. O motorista parou bem ao lado dela.

— Srta. Gracie, é você? — Era Bobby Hawkins, um dos voluntários do corpo de bombeiros de Jacobsville. — O que diabos está fazendo com esse lixo? — Indicou o carro.

— Pode não parecer grande coisa, Bobby, mas é meu. Pode me dar uma carona até a universidade comunitária? Não quero chegar tarde para dar minha aula, e levará horas para Turkey Sanders chegar aqui e rebocar meu carro para ser consertado. Nem mesmo o chamei ainda, esqueci meu celular esta manhã.

Bobby acenou.

— Acho que posso fazer isso, mas tenho que passar no banco antes que feche, para fazer um depósito, e depois no armazém, para pegar uma coisa. Tenho uma aula de treinamento, mas se não se importar de esperar enquanto cuido dos meus negócios, terei prazer em deixá-la antes de ir para a estação de bombeiros.

— Não me importo nem um pouco, Bobby.

— Então suba. — Ele sorriu.

— Você é um salva-vidas!

Ela entrou no carro, sentou-se ao lado dele e partiram. O negócio no banco demorou mais do que esperava, e então, o chefe dos bombeiros ligou para lhe pedir que passasse pela empresa que fornecia os equipamentos e pegasse algumas mangueiras.

Finalmente, com tudo feito, estava a caminho para deixar Gracie quando um chegou um pedido de resgate. Ele franziu a testa para Gracie.

— Há alguém na água abaixo da River Bridge. Tenho que ir, sou o único mergulhador que puderam encontrar. Vou fazer o seguinte, mandarei um dos rapazes no local levar você de volta à cidade. A vida de alguém pode estar em risco...

— Não diga mais nada, apenas vá!

Ele já estava fora da cidade, na rua comercial. Deu a volta na picape, forçou o motor e entrou na estrada a toda velocidade. Gracie percebeu apenas um minuto depois que estavam de volta à mesma ponte onde seu carro quebrara.

Havia diversos homens reunidos na ponte. A polícia estava lá, junto com diversas pessoas dos serviços de emergência, um caminhão dos bombeiros e dois carros particulares. Um deles era o jaguar conversível vermelho de Jason. Gracie cerrou os dentes. O que diabos Jason estava fazendo lá?

— Viu alguém na ponte quando o seu carro parou? — Bobby perguntou a Gracie.

— Não, ninguém. Quem será que caiu no rio?

— Vamos saber logo, espero.

Parou o mais próximo que conseguiu do carro de Gracie, e os dois saíram. Gracie olhou para o rio através da multidão.

— Pelo amor de Deus, podem ser mais rápidos? — Havia uma urgência agoniada na voz de Jason.

Jason? Ela atravessou a multidão para ficar ao lado dele e olhar para o rio abaixo.

— Quem caiu? — Havia preocupação na voz. Ele parou e abaixou o olhar para ela.

— Gracie? — Ele a puxou contra seu corpo e a abraçou com força, trêmulo. — Pensei que você estivesse no rio!

Ela ainda estava tentando compreender o que acontecera.

— No rio?

— Seu carro estava parado aqui, abandonado.

Como ele soubera que o carro dela estava ali? Teria seguido-a, esperando fazer as pazes?

— Você disse que ela havia pulado no rio! — O chefe-assistente Palmer acusou, parando ao lado deles. — Você tinha certeza!

Jason soltou Gracie com relutância e se encolheu.

— Bem, tivemos uma espécie de briga. Fiquei preocupado, saí atrás dela e encontrei o carro dela aqui, abandonado! — Tentava se defender.

— Abandonado e sem as chaves! — Gracie tirou-as do bolso e sacudiu-as sob o nariz dele. — Quem tira as chaves do carro antes de pular no rio? — Agora havia enorme indignação na voz.

Os lábios de Jason se fecharam numa linha fina. Estava constrangido e detestando aquilo.

Palmer fez uma pequena careta. Havia sido um policial até trocar de emprego e se tornar bombeiro. Com o treinamento do antigo emprego, conseguiu ter uma boa idéia do que estava acontecendo.

— Escute, ninguém está ferido. E sempre melhor estar seguro do que sofrendo.

— E claro que é, e obrigada — Gracie sorriu para ele. Ele sorriu de volta.

— Certo, rapazes, vamos colocar tudo no caminhão e voltar para a estação.

Bobby Hawkins assobiou.

— Ainda bem, não estava ansioso para mergulhar nessa água gelada, mas teria feito isso. Podemos ir agora, srta. Gracie, eu a deixarei na universidade.

— Eu a levarei. — Havia firmeza na voz de Jason. — Podemos chamar Turkey Sanders a caminho e pedir a ele para rebocar o carro.

Bobby ficou parado, indeciso.

— Obrigada, Bobby, mas irei com Jason, já criei muitos problemas.

— Problema nenhum, pode ter certeza, foi um prazer. Jason segurou o braço de Gracie, abriu a porta do Jaguar e ajudou-a a se sentar.

— Belos pneus. — Bobby assobiou. Jason riu.

— Pertencem a mim e ao banco, Bobby. Não conheço ninguém que possa pagar à vista um desses.

— Mesmo assim, deve ser bom. — Bobby suspirou, mas logo estava sorrindo enquanto se dirigia para a sua picape.

— Sim, deve mesmo. — Gracie também suspirou, olhando para o triste carro velho parado lá, como uma pilha de lixo na ponte.

— Você pode vir para casa e ter um novo Jaguar no momento que quiser.

Ela olhou para ele.

— Jason, não estou brincando de ser independente. É importante para mim descobrir se posso me sustentar sozinha.

— É claro que pode. — Ele entrou na estrada e acenou para as pessoas do resgate. — Não é nenhuma idiota.

Ela ruborizou de prazer.

— Você disse que eu era.

— Nunca.

— Disse que eu era boa apenas para presidir chás.

— Você é boa em qualquer coisa que faça, especialmente em emergências.

Ela sorriu relutante.

— Está bem.

Olhou-a enquanto dirigia.

— Não quero Kittie, nunca a quis.

Ela ruborizou. Olhou para os campos, onde os arados haviam retirado os restos das colheitas mortas do verão.

— Estava com ciúme. — As palavras saíram entre os dentes cerrados.

Ele riu suavemente.

Gracie voltou a atenção de novo para ele, impressionada com a mudança que sua declaração provocara. Os olhos dele se encontraram com os dela por um instante.

Ela deu de ombros.

— Também me sinto frustrada — confessou.

— Você não é a única.

— Foi idéia sua toda essa abstinência.

— A primeira vez é difícil para uma mulher, pelo que ouvi. Se perder o controle, não vai gostar do resultado. Estou tentando esfriar um pouco as coisas, apenas um pouco.

— Com que objetivo? — Foi difícil fazer a pergunta.

Ele franziu a testa.

— O que quer dizer?

Ela se moveu inquieta.

— Quero dizer, o que você pensa sobre nós no futuro? Serei mais uma marca na cabeceira da sua cama...

— Pelo amor de Deus! — Parou na lateral da estrada e olhou para ela atônito. — É isso que realmente pensa que quero de você? Não, não minta — acrescentou, enquanto ela tentava encontrar uma resposta. — Quero saber. Acha que sou tão vazio a ponto de ter como objetivo final levar você para a cama?

Ela deu de ombros. Achara, por algum tempo. Mas aquela expressão era inegável, e ela tentou recuar.

— Eu não sabia, tudo isso é novo para mim. Você ficou noivo de Kittie por um longo tempo...

— Achei que não tinha mais nada. — A voz não tinha expressão. — Queimava por dentro toda vez que olhava para você, e tudo o que você fazia era se afastar de mim. Tinha desistido, não me importava se estava noivo ou não. Sentia-me morto por dentro.

Os olhos dela ficaram mais suaves enquanto olhava para ele e via a frustração de uma necessidade imensa nele. Ela inspirou lentamente.

— Quero filhos.

Os olhos negros brilharam.

— Eu também.

Ela começou a relaxar.

— Nós nos damos bem, pelo menos na maior parte do tempo. Conhecemos o pior e o melhor de cada um. Fisicamente, somos dinamite juntos, e filhos seriam um resultado natural.

— Vivemos juntos...

— Vamos nos casar, Gracie. — Não foi uma pergunta.

A mudança nela foi impressionante.

— Você nunca disse...

— Você nunca perguntou!

Ela começou a perceber o quanto prejudicava seu frágil relacionamento por causa de um ciúme idiota. Mexeu na bolsa, inquieta.

— Ainda temos um longo caminho pela frente, não temos?

— Parecia distraído quando levou o carro de volta para a estrada.

— O que está ensinado na universidade comunitária?

— História. O professor adjunto contratado se envolveu num acidente de carro, e estou substituindo-o. Começo a ensinar em tempo integral quando o semestre da primavera começar.

Ele franziu a testa enquanto dirigia.

— Tempo integral?

— Esse curso tem aulas três noites por semana.

— Você não tem um certificado de professora, tem?

— Para ensinar adultos, não é necessário um. Também não precisa ter um mestrado.

Ele suspirou.

— Ah.

— Nunca tive que depender de mim mesma — tentou explicar. — Até tudo isso acontecer, não pensava além do dia seguinte, da caridade seguinte, da festa seguinte. — Procurou as palavras certas. — Não quero dirigir uma corporação ou escalar o monte Everest, quero apenas fazer alguma coisa que as pessoas consideram importante. — Riu, muito consciente de si mesma. — Parece piegas, não parece?

— Na verdade, não. Todos queremos sentir que o que fazemos tem valor. — Olhou para ela e sorriu. — Até um rancheiro gosta de saber que suas políticas de trabalho ajudam o meio ambiente, preservam o habitat da vida silvestre, deixam o mundo um pouco melhor do que p que encontrou.

Ele compreendia, e isso tornava as coisas mais fáceis.

— Meu pai detestava o rancho, não podia entender por que eu queria sair e cavar buracos para a cerca e ajudar a marcar o gado. Sentia que estava abaixo da dignidade de nossa posição na vida eu fazer trabalho braçal. — Balançou a cabeça. — Ele realmente era um esnobe.

— Foi isso que a sra. Harcourt disse. Ele riu.

— Ela saberia. Jamais permitiu que ela se sentasse à mesa e comesse conosco. Dizia que o lugar dos criados era na cozinha e me lembro bem de quando isso mudou.

Ela riu, lembrando-se também. Ela e Glory haviam pegado seus pratos e ido para a cozinha para comer com a sra. Harcourt, deixando um divertido Jason e um chocado Myron Pendleton sozinhos à mesa formal de jantar. Um minuto depois, Jason as seguira para a cozinha, informando ao pai que, se ele se sentia inclinado a brincar de patrões e empregados, então Jason e as garotas comeriam com eles. Envergonhado e constrangido, Myron convidara a sra. Harcourt a comer com eles, e o costume permanecera. Então, Dilly e John também passaram a jantar à mesa com a família, além da sra. Harcourt.

De repente, ele franziu a testa.

— Não consegui encontrar John, e isso me preocupa.

— Você não pode contratar aquele detetive particular para procurá-lo?

Ele franziu a testa, lembrando-se de que investigara a vida de Gracie sem dizer a ela.

— Não tinha certeza se devia.

— John provavelmente tem medo que Kittie saiba alguma coisa sobre ele, e o ameaçou de revelar, então está se escondendo. Ela ameaçou a sra. Harcourt, não sei com o quê.

— Seu próprio passado, provavelmente. A sra. Harcourt gosta muito de você.

Gracie sorriu.

— Sim, e eu também gosto muito dela.

— Encontraremos John mais cedo ou mais tarde. Precisamos encontrá-lo. — Suspirou. — Não vou dirigir até o aeroporto e não gosto de pedir que um carro de San Antônio vá me pegar, Mas não vou deixar este... — indicou o carro veloz — em qualquer estacionamento. Eu o deixei num estacionamento coberto e seguro quando fui à Europa.

Ela riu. Ele amava seus carros, especialmente aquele.

— Sou excêntrico — defendeu-se Jason.

— Se você fosse pobre, eles o trancariam como lunático, só os ricos são

chamados de excêntricos.

— Você podia voltar para casa e ser rica também.

Ela balançou a cabeça.

— Ainda não. Ele suspirou.

— Está bem.

Agora ela o enfrentava, coisa que nunca fizera antes. Era bom., Mão só para defender sua posição, mas para vê-lo tão tranquilo sobre aquilo. Era o oposto do pai dela.

— Por que não pode viver comigo e ser independente ao mesmo tempo? — A pergunta foi repentina.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Isso é uma contradição em termos.

— Não gosto que dirija sozinha à noite. Você teve uma experiência traumática no México. Aposto que ainda tem pesadelos sobre ela.

— Tive uma porção de experiências traumáticas e certamente tenho pesadelos, mas sou uma mulher adulta, posso lidar com isso.

— Você podia fazer uma consulta com o dr. Hemmings.

O médico era um psicanalista. Gracie e Glory tinham se tratado com ele regularmente enquanto faziam o ensino médio, por insistência de Jason. Ele conhecia os antecedentes de Glory, mas não os de Gracie. Sentiu que o dr. Hemmings as ajudaria a lidar com a morte da mãe de cada uma.

Ela mexeu na bolsa enquanto entravam em Jacobsville, atravessando os trilhos da estrada de ferro que cruzava o centro da cidade.

— Gosto dele. Sempre pude conversar com ele sobre as coisas que me amedrontavam e posso voltar a fazer isso mais tarde. — Era uma resposta vaga. Não aceitaria que Jason pagasse pelas consultas e ainda não podia pagá-las sozinha.

— Você e seu orgulho. — A voz era resignada. — Não quero que fique com mais cicatrizes mentais além das que tem sobre sexo. — A palavra a assustou, e ele se sentiu arrependido. — Desculpe.

— Não sou assim tão confusa. Além disso, não tenho medo quando penso em fazer isso com v... — Interrompeu a palavra, embaraçada. Mas ele sabia qual era e sorriu para ela.

— Agora essa é minha idéia de diplomacia.

— Besteira, sua idéia de diplomacia é um canhão. — Limpou a garganta. — Mas não farei isso com você antes de nos casarmos.

Ele riu.

— Está bem, e estou falando sério — garantiu, enquanto entrava no estacionamento da universidade que estava quase cheio.

— Gosto de chuveiro frio e exercício pesado. Meus músculos estão ficando mais firmes e maiores.

Ela deu uma risada. Ele não tinha jeito mesmo.

— A que horas venho buscá-la?.

— Por volta de 21h30. Estarei no segundo pavimento, sala 106. Geralmente

deixamos as portas abertas, porque somos a única classe naquela seção, e você pode entrar, mesmo se eu ainda não tiver acabado.

— Vou chegar cedo. — Estudou-a com olhos calorosos. — Gostaria de ouvir sua conferência.

Ela ruborizou de prazer.

— Ainda estou tentando encontrar meu caminho.

— Um dos meus caubóis tem uma irmã que ensina na escola fundamental. Ela lhe disse que os alunos ainda estão falando sobre a aula que você deu sobre o Alamo. Alguns deles pediram aos pais para levá-los até lá, e as crianças impressionaram até os guias de turismo.

Ela riu.

— Adoro minha disciplina.

— E você é boa com crianças. — Havia orgulho nos olhos dele quando olhou para ela, e Gracie se sentiu lisonjeada. — Você é capaz de fazer qualquer coisa que quiser, Gracie. Tudo o que faltava era confiança em si mesma, e você está conseguindo isso também. E gosto quando me enfrenta e defende suas posições.

— Obrigada.

— Vá dar sua aula. — Lançou um olhar para fora da janela. Nuvens negras e pesadas se aproximavam. — Fez um calor muito forte hoje para a estação do ano. Espero que não caia uma tempestade. Estou aprontando um lote de vacas para viagem e será um inferno conseguir mantê-las reunidas se começar a relampejar.

— Não se deixe ser pisoteado. Ele sorriu.

— Não deixarei.

Ele saiu do carro, deu a volta e abriu a porta para ela. Era aquela cortesia do Velho Mundo que sempre a fazia se sentir bem. Sorriu para ele e saiu em direção ao prédio principal da universidade.

Eram exatamente 21h30, e ela estava terminando a aula quando percebeu que Jason entrava na sala e ficava nos fundos. Ainda usava roupas de trabalho, úmidas e manchadas, e parecia cansado. Recostou-se na parede, cruzou os braços e ouviu com atenção. O coração dela disparou de alegria ao vê-lo, mesmo cansado e desarrumado como estava.

Ela falava então sobre os modernos Texas Rangers, já tendo contado aos alunos sua história turbulenta e espetacular.

— Eles ainda precisam saber como laçar e cavalgar — disse ela. — Porque sua investigação pode levá-los ao sertão. Também trabalham em casos internacionais. Se estiverem interessados em aprender mais sobre eles, têm um site no Texas Rangers Hall of Fame que entra em detalhes mais minuciosos, que não tenho tempo para explicar, sobre sua história e métodos de investigação. — Fez uma pausa. — Alguma pergunta?

— Sim. Eles ainda são uma força unicamente masculina? — A pergunta foi de uma estudante.

Gracie riu.

— Não. Existem policiais homens e mulheres.

— Por quê? Está pensando em se juntar a eles, Jane? — A provocação foi feita por um dos estudantes.

Ela riu.

— Por que não? Acho que ficaria muito bem com um chapéu branco.

— Se isso é tudo, acabamos por hoje. Estarei com vocês depois de amanhã, à mesma hora.

— Obrigado, 'fessora — murmurou um dos jovens sentados no fundo da sala. Reuniu seus livros e lançou um longo olhar a Jason. — Cara, devia freqüentar algumas aulas e conseguir um emprego melhor. — Havia simpatia sincera em suas palavras. — Trabalhar com gado não dá muito dinheiro!

Jason cerrou os lábios.

— Pode estar certo.

— Está — informou outro estudante. — Além disso, da forma como a ciência está progredindo, em alguns anos, serão capazes de produzir um bife em laboratório.

— Que Deus proíba — Jason gemeu.

Gracie se reuniu a eles no fundo da sala com sua pasta e bolsa.

— Que Deus proíba o quê? — A pergunta foi dirigida a Jason.

— Produzir bifos no laboratório.

Ela fez uma careta e olhou para o estudante.

— Hall, não é? — Os olhos dela brilharam. — O dr. Carlson diz que você é seu melhor aluno em microbiologia. Está planejando criar gado no laboratório?

Ele riu, muito consciente de si mesmo.

— Na verdade, estava pensando mais nas células do coração. Elas não se regeneram, mas é possível criá-las, até mesmo imprimir as células com uma impressora modificada...! — O entusiasmo com o assunto aumentava cada vez mais.

— Bárbaro — resmungou outro estudante, olhando com indignação o colega. — Que tipo de mente doentia iria querer submeter uma impressora inocente a esse tipo de abuso?

Jason caiu na gargalhada.

— Precisa convencê-lo a freqüentar nosso curso — disse o estudante a Gracie. — Com um diploma, você pode arranjar um emprego com um salário muito melhor do que o que recebe trabalhando com gado na chuva!

— Ele pode ter razão — disse Gracie a Jason, muito séria. Os olhos dele brilharam enquanto partilhavam uma brincadeira particular e silenciosa.

— Talvez. Você está pronta?

Ela acenou, apagou as luzes e fechou as portas, então saiu ao lado de Jason.

— Noite difícil? Ele acenou.

— Um trovão e as vacas estouraram. Tivemos duas cercas derrubadas e gado por toda a autopista do estado. — Balançou a cabeça. — Um dos homens de Cash Grier ameaçou me multar por deixar meu gado comer a grama do estado.

Os estudantes estavam reunidos em torno do Jaguar XE conversível que Jason estava dirigindo, o novo, que tinha uma cor vermelha radiante. O carro quase brilhava na

chuva miúda sob as luzes da rua.

— E uma beleza, não é? — Entusiasmou-se um dos alunos de Gracie. — Aposto que pode voar! De quem será?

— De ninguém que trabalha aqui... Tenho certeza — disse, suspirando o jovem que provocara Jason sobre seu emprego.

— Um de nossos professores disse que, de acordo com uma lei antiga, todo o corpo de professores podia acabar na cadeia porque ela considera vagabundo qualquer um com menos de cinco dólares no bolso. — Ergueu o olhar. — Oi, srta. Marsh! Esse não é um carro sensacional?

— É — concordou Jason enquanto abria a porta e ajudava uma Gracie divertida a entrar. — O banco e eu o compramos juntos.

O rosto do rapaz ficou vermelho.

— É seu?

Jason deu de ombros.

— Trabalho no rancho — disse sorrindo. — Mas também sou dono dele. Tenho alguns dos melhores touros Santa Gertrudis no Texas.

O rapaz assobiou.

— Você os come? Jason o olhou indignado.

— Você comeria uma escultura de Rodin? O garoto riu.

— Não, é claro que não.

— Mesma coisa. Arte é arte. Até mais.

Ele entrou atrás do volante, deu a partida no motor, verificou se Gracie havia fechado o cinto e saiu do estacionamento, o motor roncando.

Assim que entrou na autopista estadual, os céus se abriram, e uma chuva pesada caiu sobre o carro, jorrando pelo pára-brisa.

— Maldição. — Olhou para Gracie, que não usava uma capa de chuva. — Nem tenho um guarda-chuva aqui, pensei que a chuva havia parado.

— Não se preocupe, não vou derreter. — Os olhos suaves brilhavam para ele.

Jason riu.

— É, acho que não. Haverá poças no pátio, mas posso carregá-la até a varanda. Você comeu alguma coisa?

Ela balançou a cabeça.

— Não tive tempo. Além disso, a cafeteria já estava fechada.

— Acho que podemos fazer uma omelete e torradas. — Suspirou. — Dilly foi ao cinema com a mãe dela, é sua noite de folga. E a sra. Harcourt precisou ir a San Antônio supervisionar alguns detalhes de última hora na reforma da mansão, assim também não voltará esta noite.

— Posso cozinhar.

— Eu também, vamos partilhar o trabalho.

Parecia tão natural estar com ele na casa do rancho. Parecia que há muito tempo

não se sentiam tão bem juntos, tão confortáveis um com o outro. Apesar da briga de antes, eram amigos de novo.

Ele estacionou perto da porta dos fundos, mas todo o pátio estava tomado de lama pela corrida frenética do gado horas antes.

— Acho que vamos ficar ensopados. — Desligou o motor e saiu do carro.

Gracie pisou numa poça de lama, tropeçou no próprio pé e caiu de rosto na lama escorregadia. Deixou escapar um palavrão pesado que aprendera com Jason, e ele deu uma gargalhada, tão assombrado com o quadro que via diante de si, com ela cheia de lama e usando palavrões dignos de marinheiros, que nem mesmo tentou demonstrar solidariedade.

Ela pegou uma bola de lama e jogou-a na camisa dele, atingindo-o em cheio.

— Pronto, agora estamos combinando!

Ele não ficou zangado, apenas balançou a cabeça.

— Certo, mas pode esquecer sobre eu carregá-la para dentro. Nenhum de nós precisa mais se preocupar em ficar molhado ou sujo de lama. — Olhou a mancha na camisa vermelha.

— Desculpe, mas você não devia ter rido.

— Não pude evitar. — Andaram até a varanda dos fundos. — Devia ter visto como foi engraçado.

— Não, obrigada. — Hesitou. — Temos cinco centímetros de lama nos meus sapatos e nas suas botas.

— Melhor tirá-los e deixá-los aqui fora — concordou, abaixando-se para tirar os sapatos dela antes de se sentar numa cadeira e tirar as próprias botas. — A sra. Harcourt nos mataria se tivesse que limpar esta lama vermelha dos tapetes e do assoalho.

— E eu não a culparia.

Entraram na casa, tomando cuidado para não pisar nos lindos tapetes de lã, e seguiram pelo corredor até os quartos.

— Ai — Gracie exclamou quando suas pernas vestidas de jeans ensopado se roçaram e ela sentiu dor. — Devo ter cortado minha perna em alguma coisa.

— Vá tomar uma chuveirada enquanto também tomo uma, então verificarei o corte.

Ela começou a dizer que poderia fazer aquilo sozinha, mas ele pareceu preocupado, e ela apenas sorriu.

— Certo.

Ele suspirou enquanto olhava para ela.

— Bem, você é linda mesmo vestida de lama vermelha. Ela riu.

Ele piscou para ela e se voltou para o próprio quarto, entrou e fechou a porta.

Capítulo Treze

Nunca tinha sido tão bom entrar sob um chuveiro quente, pensou Gracie enquanto lavava o corpo gelado e o longo cabelo e se enrolava em duas grandes e suaves toalhas turcas, que esperavam por ela penduradas ao lado do boxe do chuveiro.

Olhou a perna e fez uma careta ao ver um longo arranhão do lado interno da coxa, bem acima do joelho esquerdo. Provavelmente não precisaria de pontos, mas era bem profundo. Pegou a calça manchada e notou um corte no tecido. Devia haver um pedaço de metal ou de vidro no chão quando ela caíra.

Houve uma batida leve na porta, e Jason entrou, vestindo apenas uma calça de pijama de seda preta e mais nada. Gracie olhou, hipnotizada, a perfeição de seu peito musculoso, bronzeado e coberto de pelos. Lembrou-se da sensação dele contra seus seios nus. O pensamento a excitou, e ela ruborizou.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não comece a babar em cima de mim. Não é bonito tirar vantagem de um homem que está apenas tentando ajudá-la.

— Em que espécie de ajuda está pensando? — O sorriso era malicioso.

Ele bateu no nariz dela com o dedo.

— Pare com isso e vamos ver esse corte.

Ela descansou a perna na borda da banheira e puxou para o lado a toalha em que estava embrulhada, apenas o suficiente para mostrar o corte.

— Devo ter caído sobre alguma coisa.

— Alguma coisa afiada — concordou, a testa franzida. — Quando foi a última vez que tomou vacina contra tétano?

— Este ano.

— Boa garota. — Procurou no armário de remédios ataduras elásticas e creme antibiótico. — Acho que não precisa de pontos.

— Também acho. Não estou com vontade de fazer uma viagem para a emergência do hospital, foi um longo dia.

— Eu sei.

Jason aplicou o creme e uma atadura quadrada larga, os dedos ágeis e seguros na pele macia. Ela se arrepiou toda ao toque dele. Jason a olhou com um sorriso divertido.

— Não me deixe perceber o quanto isto a excita — advertiu. — Tudo pode acontecer.

— E mesmo? Tudo?

Ele se levantou e pegou o secador de cabelos.

— Palavras corajosas.

Ligou o secador, e seus dedos mexeram no cabelo louro enquanto ele o secava. Ela se moveu para mais perto, gostando da sensação do corpo dele próximo ao dela, com tanta pele nua exposta. Sentia-se positivamente excitada. Não estava realmente com

medo dele e se perguntou por que alguma vez o temera. Parecia perfeitamente natural estar em pé quase nos braços dele usando apenas uma toalha.

Ele terminou de lhe secar o cabelo e desligou o secador, tirando-o da tomada e colocando-o de volta na bancada.

Gracie ergueu os olhos para aqueles olhos negros com fascinação. Conhecia-o há tanto tempo, e às vezes, ele lhe parecia um estranho. Seu relacionamento havia passado por uma transformação radical nas últimas semanas.

Ele lhe tomou uma grande mecha do lindo cabelo louro na mão, e seus olhos entrecerraram enquanto o olhar descia para o monte suave dos seios dela sob a toalha que escorregava.

O queixo enrijeceu.

— Você é muito linda sem roupas.

— Sou? — Ficou sem fôlego, e a tensão no banheiro se tornou explosiva.

— Linda, desejável, irresistível...

Abaixou a cabeça e sua boca roçou lentamente sobre a dela, depois deslizou, quente, pelo pescoço e pela pele suave dos seios. Hesitou enquanto os roçava com a boca, esperando pela reação dela. Ergueu a cabeça, apenas um pouco, para ver a expressão de seus olhos. Quando ela não tentou se afastar, ele sentiu uma onda de pura sensualidade, que o percorreu como eletricidade. Abaixou-se de novo e suas mãos moveram a toalha um pouco para baixo, tirando-a do caminho, e sua boca se abriu sobre a pele suave, quente e levemente perfumada.

Não foi nem um pouco amedrontador quando os lábios dele se moveram assim tão ternamente sobre sua pele nua. Esqueceu-se de ter medo e estremeceu de prazer. Seus braços passaram em torno dele, as unhas curtas mergulhando, famintas, nas costas musculosas enquanto a boca de Jason lhe explorava os seios rijos.

Ela mal percebeu que a toalha havia descido de seus seios e não se importou. A boca de Jason se abriu sobre um dos mamilos e o puxou para dentro, explorando-o com uma sensualidade sombria que a fazia estremecer de desejo e apenas um pouco de medo. Ele a sentiu enrijecer e ergueu a cabeça, os olhos negros estudando os dela.

— Não há nada a temer, não farei nada que você não queira.

— Eu sei. — Ela traçou com um dedo um padrão sobre a clavícula de Jason. Parecia tão certo, estar em pé ali com ele daquele jeito, com tanta intimidade. Todo o corpo dela doía, as sensações que ele a fazia sentir eram intoxicantes. Sentia-se tão fraca que suas pernas mal podiam suportar o peso do seu corpo.

— Não tenho medo nenhum, eu... eu gosto disso.

A mão grande de Jason cobriu a pequena mão de Gracie, que repousava em seu peito. A respiração dele era pesada e irregular. Gracie podia sentir a tensão nele, e mergulhou os olhos nos dele com curiosidade e fascinação. Não dormira com Kittie, ele mesmo lhe contara e jamais mentira para ela. Sabia que estava sozinho há muito tempo, que nem mesmo tinha encontros com ninguém. Se sentia aquela atração por ela tão intensamente como ela sentia por ele, devia haver muito tempo que não satisfazia aquela fome que via nos olhos dele. Aquilo o tornava vulnerável, o que, estranhamente, diminuía seu medo dele. Mas seu passado, seus escrúpulos haviam erguido uma barreira que ela não conseguia ultrapassar.

— Deus, quero você!

— Eu sei, mas... Ele acenou.

— Mas. — Estudou-lhe os olhos preocupados e, então, sorriu com gentileza antes de abaixar a cabeça e beijá-la com uma ternura extrema.

Ainda poderia ter sido possível se afastarem. Mas, enquanto a abraçava com mais força, a toalha caiu, e o corpo nu de Gracie pressionou o dele numa intimidade que ainda não haviam partilhado, e ele gemeu em agonia.

Gracie sentiu o tremor lhe percorrer o corpo poderoso e ecoar no dela. A sensação do corpo dele contra o dela era como uma droga, não podia ter o bastante. O toque de carne na carne fez os joelhos dela amolecerem. Sentiu-se inchando em lugares estranhos, acendendo pequenas físgadas de prazer que cresciam a cada vez que o peito dele roçava no dela.

Impulsivamente, ele a ergueu contra ele, numa posição tão sexual que ela sentiu a reação imediata do corpo dele à proximidade do dela. Ela arquejou sob a boca insistente enquanto sentia a poderosa capacidade masculina. A fina seda da calça do pijama não era barreira e, quando caiu no chão, a intimidade se transformou num narcótico que a tornou incapaz de resistir.

Segurou-se nele com força, permitindo que a boca de Jason tomasse a dela com paixão e urgência. A troca flamejante apenas cresceu quando ela o sentiu contra seu corpo sem a barreira da seda que os separara segundos antes. Ele pulsava de desejo por ela, que ansiava para satisfazer aquela necessidade aberta.

As mãos dela percorriam os músculos das costas de Jason enquanto ele lhe segurava os quadris e puxava-a para uma intimidade ainda maior. Ela choramingou contra a quente penetração da língua em sua boca, estremeceu quando as mãos dele desceram e a tocaram de uma nova maneira. Ela começou a protestar, mas seu toque foi tão excitante que apenas gemeu e se ergueu para encorajá-lo a não parar.

Gracie não esperava a urgência que a tomou de forma avassaladora enquanto as mãos dele lhe exploravam o corpo, a necessidade dolorosa que lhe nublou a razão. Esfregou os seios contra o peito rijo com total abandono, as unhas mergulhando na carne dele enquanto implorava pelo fim da tensão que ameaçava rasgá-la.

— Gracie... — protestou, mas a palavra se transformou num gemido enquanto a deitava no chão sobre a toalha molhada na qual se enxugara.

A boca tomou o lugar das mãos, explorando, excitando, provando-a de cem formas diferentes enquanto ela permanecia deitada. Tudo o que ouvia era o suspiro áspero da respiração dele contra o seu corpo entregue, pouco audível sobre as batidas fortes do coração em disparada.

Devia fazê-lo parar, disse a si mesma com firmeza, mas a boca de Jason estava na parte interna das coxas macias, e seu polegar se movera para cima, em busca daquela área sensível que rapidamente lhe fez o corpo se erguer do piso numa amostra trêmula do alívio que lhe causava soluços na garganta apertada. As longas pernas se abriram para facilitar os movimentos dele.

Mordeu o ombro que se movia sobre ela, saboreando-o com os dentes e a língua enquanto ele abaixava o corpo poderoso entre suas pernas e lentamente, delicadamente, a penetrava. Ela soluçou, impotente, quando uma das mãos de Jason passou sob seus quadris e os ergueram enquanto se empurrava mais profundamente nela.

Jason ergueu a cabeça. Estremecia com a força dos batimentos cardíacos. Os olhos capturaram os dela enquanto se movia, o rosto rígido quando encontrou a barreira da virgindade.

— Desculpe. — As palavras eram um gemido de tormento. — Não posso parar!

— Está tudo bem. Amo você. — Estremecia debaixo dele. — Amo você... tanto, Jason.

As palavras roubaram o resto de controle de Jason. Uma alegria angustiada substituiu a culpa nos olhos negros. Ele cerrou os dentes e a penetrou de novo, com força. Sentiu a leve resistência que logo foi ultrapassada por seu ardor.

Gracie arquejou com o fogo da dor que a tomou enquanto ele lhe dominava o corpo, mas não tentou empurrá-lo. Engoliu com força quando ele hesitou.

— Está tudo bem. — Ergueu-se para ele, os olhos prendendo os dele. — Não pare.

As grandes mãos escorregaram para debaixo da cabeça dela enquanto ele se debruçava para beijar as lágrimas dos olhos dela e se mexeu lentamente, deliberadamente dentro e acima dela e ouviu o pequeno grito de prazer chocado.

— Esperava que continuasse a doer? — A voz era terna. — Sei como satisfazê-lo, Gracie, sei como lhe dar o êxtase. Não vou parar até que extraia o último sopro de prazer do meu corpo...

A boca desceu sobre a dela e a língua a provocou sob o lábio, traçando-o num ritmo lento que combinava com as estocadas delicadas e lentas do corpo dele quando encontrou o lugar e o tempo que faziam as unhas dela mergulharem em suas costas, seus quadris arquearem e empurrarem contra os dele.

— Mais devagar — exortou no silêncio tenso. — Mais devagar, doçura. Não estamos com pressa.

— Sim... estamos! — Era apenas um gemido.

Ele riu ternamente, os lábios lhe roçando o rosto vermelho, provando as lágrimas enquanto se movia sobre ela. A nova posição a fez gritar.

Jason ergueu a cabeça e a observou enquanto se movia, viu a agonia do prazer que crescia dentro dela, construindo-se como uma sinfonia. Os olhos estavam vítreos de encantamento e paixão, os lábios entreabertos enquanto ela lutava para encontrar o fim da tensão excruciante que lhe puxava os músculos, deixando-os rijos como cordas de aço.

Ele se moveu de novo, sentindo o corpo dela enrijecer e estremecer em torno dele.

— Sim. — Moveu-se uma última vez e jogou-se dentro dela, saboreando os pequenos apelos roucos, sentindo as delicadas contrações que lhe roubavam o controle numa onda de alegria que se construía. — Sim! Sinta-me, Gracie, sinta-me... dentro de você!

As palavras a excitaram além da medida. Os quadris dele arquearam nos dela vorazmente, e Gracie sentiu a tensão se romper numa onda quente de prazer, ouviu sua voz gritar num som que nem mesmo reconheceu enquanto as sensações gloriosas atingiam o ponto máximo e a levavam para cima como lava fervente. Estremeceu quando as ondas subiram- ainda mais. Estava vagamente consciente do som da voz de Jason enquanto ele pressionava a boca em seu seio por alguns segundos antes de arquear, gemer e começar a convulsionar sobre ela. Segurou-se a ele, os olhos abertos de chocada maravilha enquanto lhe observava o rosto. Era tão íntimo, pensou, tão íntimo!

Os olhos dele se abriram, negros e vítreos, e penetraram nos dela enquanto estremeciam juntos numa onda final de prazer. Ele gemeu, e a tensão desapareceu do corpo dele enquanto caía numa pilha úmida, exausta, sobre o corpo relaxado dela.

Gracie o abraçou com força, embevecida com o peso do corpo poderoso enquanto sentia os ecos suaves do prazer nos movimentos involuntários dos quadris dele. Tinha sido como uma erupção vulcânica, pensou. Jamais imaginara que sensações assim existiam e jamais amara tanto Jason.

E, então, a vergonha e a culpa começaram a substituir o intenso prazer que haviam partilhado. Devia tê-lo impedido, pensou. Mordeu o lábio e lutou contra as lágrimas, mas elas escorreram por seu rosto e molharam o dele, que estava encostado no dela.

Jason as sentiu e levantou a cabeça, apoiando-se nos cotovelos enquanto lhe estudava a expressão abalada.

— Eu lhe disse que sua primeira vez seria dolorosa. — A voz era suave. — E lamento por ter sido obrigado a machucá-la. — Enxugou-lhe as lágrimas com beijos. — Foi ruim para você.

— Não foi — argumentou calma. Passou os braços pelo pescoço dele e mergulhou o rosto na junção do ombro. — Ruim, quero dizer, foi inacreditável! Mas isso apenas me faz sentir mais culpada, nem consegui lhe pedir para parar!

Ele lhe beijou as pálpebras fechadas.

— Poderia fazer isso com outro homem?

— Céus, não!

Ele ergueu a cabeça de novo. Estava sorrindo, o mais terno e afetuoso sorriso que já lhe dirigira.

— Eu também não poderia fazer isso com outra mulher. Não somos pessoas promíscuas, apenas nos apressamos por algumas horas. Vamos dormir um pouco e depois iremos para San Antônio e, a seguir, para o gabinete do juiz de Jacobs County.

— Nós vamos? Por que? — Estava meio tonta.

— A San Antônio para as alianças e um vestido. — A voz era lenta enquanto lhe beijava a ponta do nariz. — Pegaremos a sra. Harcourt e Dilly no caminho. Vamos nos casar amanhã.

— Casar? — repetiu ainda atônita. Ele lhe lançou um olhar zangado.

— Casar. Você fez o que quis comigo, não pense que vai se afastar e fazer mexericos sobre mim com qualquer mulher que encontre. Não sou esse tipo de homem.

Ela abriu muito os olhos. Ele parecia sério.

— Ceeerto — precisava acalmá-lo.

— Afinal... — Olhou os seios macios debaixo dele. — Posso ter ficado grávida.

Ela começou a rir, mas, então, o pensamento lhe penetrou a mente enquanto olhava nos olhos dele.

— Grávida.

O sorriso desapareceu. Ele lhe tocou a boca macia com a ponta do dedo.

— Grávida. — Respirou fundo. — Gracie, você pode mesmo estar agora com o meu bebê dentro de você.

Os olhos negros brilharam com a pura sensação de posse. Ela estremeceu e pareceu radiante.

— Eu adoraria isso! Ele acenou solene.

— E eu também. — Afastou-se dela e se levantou, puxando-a para o lado dele. Sorriu com os olhares tímidos que ela lhe lançava enquanto abria a torneira do chuveiro., — E é por isso que não vamos perder tempo. Nada de arranjos modernos para nós, vamos percorrer a rota tradicional.

Gracie o seguiu para debaixo do chuveiro quente e o abraçou com um longo e emocionado suspiro.

— Isso não é tradicional.

— Na verdade é, se lembrar a história — provocou-a enquanto pegava a esponja e o sabonete. — A intenção de casar era tudo o que precisava para que os casais se unissem, mesmo no século XVI. Acredito que era chamado contrato de casamento.

Ela riu, porque ele tinha razão.

— Acho que sou eu que tenho um diploma de História nesta família — lembrou a ele.

Ele se abaixou e lhe beijou o nariz.

— Sei que tem. — Tocou-lhe o rosto de leve, os olhos cheios de sonhos. — Devia ter pedido e não ordenado. Quer se casar comigo, Gracie?

— É claro. — A voz era muito suave.

Sorrindo, ele se aproximou ainda mais e começou a lhe passar a esponja na pele macia.

Ela pensara que deveriam dormir separados, mas ele não admitiu. Aninhou-a nos braços na cama dele e abraçou-a a noite inteira. Não suportava a idéia de se separar dela nem mesmo por uma parede, informou-lhe com tanta sinceridade que o coração dela disparou.

Na manhã seguinte, ele a acordou com uma xícara de café quente. Já estava vestido. Sentou-se ao lado dela e beijou-a com ternura.

— Acorde e se vista, o café da manhã já está pronto. Vamos sair assim que terminarmos de comer.

— Preciso cuidar da confusão que fizemos no banheiro — Gracie ruborizou ao se lembrar do que havia acontecido lá.

— Já coloquei tudo na máquina de lavar roupa. — Tocou-lhe o cabelo despenteado com gentileza. — Gracie, não era minha intenção que as coisas acontecessem daquele jeito. — Havia um pedido de desculpas na voz e parecia dividido.

Ela ergueu uma das mãos e lhe acariciou o rosto.

— Eu sei, também não era a minha. — Sorriu tímida. — Mas não sabia que as coisas podiam se tornar tão... intensas.

Ele riu.

— Especialmente para um homem que se absteve por dois anos.

Ela segurou a respiração diante do que ele admitia, e Jason deu de ombros.

— Não conseguia desejar mais ninguém.

Todo aquele tempo, pensou Gracie. E, enquanto ele se mantinha afastado,

esperando que ela o visse como um homem, ela fingia que tudo estava normal e tentava não traduzir seu amor por ele em alguma coisa física por medo.

— Eu continuava a me afastar. — A voz era lenta. — Porque achava que não era capaz de lhe dar o que você queria. Estava presa ao passado, morta de medo de qualquer coisa física. Tinha medo até de experimentar. — A voz entristeceu. — Minha pobre mãe, acho que ela não tinha idéia do que devia sentir.

— Não é de admirar, com o que sofreu. Lamento muito por ela.

— Eu também — estudou-lhe os olhos negros. — Nunca sonhei que seria daquele jeito.

— Não seria daquele jeito com qualquer outro homem — garantiu Jason rapidamente. — Você ficaria cheia de manchas roxas se deixasse outro homem até mesmo beijar você. E, que Deus proíba, se fizer mais alguma coisa além de beijar, um braço extra vai crescer no meio de sua testa. — Colocou a mão sobre o coração, o rosto sem expressão — Eu juro.

Ela começou a rir e estendeu a mão para puxá-lo para seus braços, abraçando-o com total prazer. Ele também riu.

— Apenas se lembre disso.

— Eu me lembrarei. — Estudou-lhe os olhos. — Como, se algum dia fosse permitir que outro homem me tocasse!

Ele se afastou, piscou para ela e se levantou.

— Vamos, mexa-se. Quero correr para o altar antes que apareça um rival.

— Não há um rival, nunca houve, desde o primeiro dia em que o vi.

O rosto dele ficou um pouco vermelho, e ele riu. Ela o olhou, adorando-o.

— Jamais o deixarei, Jason. O queixo dele endureceu.

— E eu jamais a deixarei. A luz desapareceu do mundo quando soube que você tinha sido seqüestrada. Se a tivesse perdido... — Os lábios se fecharam numa linha fina. Ele lhe deu as costas, ainda relutante em admitir os sentimentos que o abalavam. — É melhor nos apressarmos.

— Certo. — Sorriu, mas ele não se virou para ela de novo.

Observou-o enquanto se afastava. Ele a queria, mas era mais do que físico. Sabia disso com todo o coração, embora ele não tivesse traduzido seus sentimentos em palavras. Tinha certeza e se casaria com ele. Pela primeira vez em sua vida, Gracie se sentiu uma mulher completa.

Foram para a mansão de San Antônio. A sra. Harcourt os recebeu à porta e ficou tão contente com as notícias que começou a chorar e abraçou cada um deles, o tempo todo murmurando coisas inaudíveis.

Jason as deixou no hall e foi para seu escritório na mansão, dizendo que precisava pegar alguma coisa no cofre.

A sra. Harcourt enxugou os olhos e sorriu, mas parecia preocupada e puxou Gracie para a cozinha e fechou a porta.

— Preciso lhe contar antes que ele volte. — As palavras lhe saíam depressa da

boca. — Kittie ligou e disse que revelaria a história aos tabloides porque Jason não quer voltar para ela. Disse que fará dele o motivo de risos do país todo.

— Está tudo bem — garantiu Gracie. — Jason sabe sobre meu passado, e ela jamais conseguirá...

— Não o seu passado — interrompeu a sra. Harcourt. — O meu!

— O seu? — Gracie hesitou, a testa franzida. — Mas você não tem um passado.

A sra. Harcourt fechou os olhos.

— Se apenas você soubesse! Jamais contei a ninguém. Assinamos papéis e jurei levar o segredo para o túmulo.

— Que segredo?

A sra. Harcourt respirou fundo.

— A sra. Pendleton era estéril, não podia ter filhos. Meu marido era um bom homem, mas me casei com ele para fazer a vontade dos meus pais, não porque o amava. Mas amei Myron de todo o coração. Ele me contratou para trabalhar com ele depois a morte do meu marido e tivemos um caso enquanto a mulher ele passava um verão nas Bermudas. Odiava aquela situação, escondendo-me para me encontrar com ele. Sentia-me tão culpada, tinha certeza que ela sabia...

Gracie sentiu o sangue lhe fugir do rosto. A sra. Harcourt tinha olhos negros, como Jason... A sra. Harcourt enxugou os olhos.

— Fiquei grávida, e Myron teve que contar à esposa. Ela nem ficou aborrecida, disse que o bebê ainda era um Pendleton. Fez os arranjos para irmos juntas para a Europa, apenas ela e eu. Disse a todo mundo que estava grávida e que eu iria para cuidar dela, porque tinha que fazer repouso completo por causa de seu estado delicado de saúde. Quando Jason nasceu, voltamos para casa e eles anunciaram o nascimento em todos os jornais, e ninguém sabia a verdade. Quando ela morreu, pensei que Myron se casaria comigo. — Balançou a cabeça e continuou a contar a triste história. — Ele disse que não podia se casar com alguém como eu, que não era igual a ele socialmente. A partir daquele dia, nunca mais dormi com ele, embora ele continuasse a tentar me atrair de volta. Então se casou com sua mãe e, quando ela morreu, como a mãe de Glory. E me advertiu que, se algum dia contasse a verdade a Jason, me mandaria para a cadeia com alguma acusação que inventaria. Acreditei, sabia que faria isso.

— Jason nunca soube?

— Não, mas descobrirá agora. — A infelicidade na expressão dela era evidente. — E isso o magoará, mas não apenas porque o pai escondeu a verdade dele. Os tabloides vão adorar. Milionário exige que sua mãe finja ser sua governante porque tem vergonha dela. Que manchete!

Atônita, Gracie ouviu os passos de Jason no corredor.

— Não lhe conte. — A voz era firme. — Vamos pensar em alguma coisa.

— No quê? — Estava profundamente abalada.

— Conversaremos depois. — Gracie foi rápida com as palavras.

— O que estão fazendo na cozinha? Temos que ir ao Neiman Marcus para comprar roupas para o casamento. Esqueci de passar pelo rancho e pegar Dilly. — Sorriu para Gracie. — Devia estar com a mente em outra coisa. Bem, mas liguei para Grange, e ele vai levar Dilly para nos encontrar na loja de departamentos, então todas voltarão para casa comigo.

— Roupas para o casamento? — gaguejou a sra. Harcourt.

— Sim, você e Dilly e Grange são nossas testemunhas. Queria saber onde está John, ele é tão parte da família quanto nós.

A sra. Harcourt pareceu dividida e hesitou.

— Sei onde ele está — confessou. — Mas ele me fez prometer não contar.

— Por que? — Havia indignação na voz de Jason. Ela fez uma pequena careta.

— John foi para a prisão por ser o motorista num roubo de banco, em Dallas, há trinta anos. Seu pai não investigou o passado dele, assim ninguém sabia. A srta. Kittie descobriu e jurou que contaria se ele não partisse. Ela descobrira alguma coisa sobre todos nós e só Deus sabe como conseguiu.

— Um dos amigos dela tem uma agência de investigação. — A voz era fria. — Então foi por isso que ele partiu. Ele realmente pensou que teria importância para mim? John é da família!

A sra. Harcourt observou-o em silêncio e havia um profundo orgulho na expressão dela, que tentou disfarçar. Gracie já a havia visto antes e não compreendera, mas agora sim.

— Onde ele está? — A pergunta era uma ordem.

— Está vivendo na missão para homens no Centro da cidade.

— Vamos.

Ele saiu rapidamente e deixou que as duas o seguissem.

Quando chegaram à missão, Jason deixou as mulheres no carro e entrou sozinho para encontrar John. Na portaria, lhe disseram para ir a um quarto no segundo pavimento. John estava sentado na cama, lendo a Bíblia. Assustou-se quando viu Jason entrar e se levantou rapidamente.

— Sr. Jason, não devia estar aqui! Jason olhou em torno.

— Nem você. — Parecia zangado.

O velho homem parecia magoado, cansado e totalmente sem esperança.

— A sra. Harcourt jurou que não lhe diria. O que está fazendo aqui?

Jason colocou uma das mãos com firmeza no ombro do velho motorista.

— Recuperando minha família. Seu passado não tem importância para mim, você pertence a nós. Venha para casa.

John combateu a umidade que se formou em seus olhos. Jason tinha sido como o filho que ele nunca tivera e ter que deixá-lo quase o matou, mas ficara com medo demais das ameaças de Kittie.

— Oh, pare com isso. — Jason não gostou do brilho nos olhos de John. — Vai me fazer chorar também e o que as pessoas vão pensar?

John engoliu com força.

— Não me importo com o que fez no passado, já pagou por isso. Não posso viver sem você, é o melhor motorista do Texas.

— Obrigado. — John ainda estava engasgado.

— Faça sua mala. — Jason sorriu. — Estamos a caminho de um casamento.

— Você e eu? — Foi uma fraca tentativa de fazer humor. Jason olhou para ele.

— Gracie e eu — corrigiu.

O rosto de John se iluminou.

— Vai se casar com a srta. Gracie?

— Sim, quando tiver minha família toda reunida. Quer fazer a mala, por favor? Estamos com pressa.

— Fazer a mala... sim, senhor, sim senhor! — Era a melhor notícia que tinha em meses!

Jason ficou em pé junto à porta, engolindo um nó na garganta enquanto observava o velho amigo colocar seus poucos e pobres pertences numa velha mala. Estava envergonhado com todas as coisas que Kittie fizera às suas costas, coisas que estava ocupado demais consigo mesmo para perceber. Mas, pelo menos, estava finalmente consertando tudo, e as coisas voltavam ao normal.

John foi recebido com entusiasmo pelas duas mulheres, que ficaram estranhamente quietas quando Jason pegou o volante e deu a partida para a rua.

— Por que esses rostos tão solenes? — provocou. — Casamentos são ocasiões felizes.

— A mais feliz da minha vida — concordou Gracie, e seus olhos se aqueceram quando encontraram os de Jason. Ela carregava outro segredo agora, um muito mais perigoso do que o dela e que escondera por tanto tempo. Esse tinha o poder de destruir seu frágil relacionamento com Jason. A pergunta era, ousaria manter o segredo da sra. Harcourt diante das ameaças de Kittie?

Capítulo Catorze

As compras foram tão agradáveis que Gracie conseguiu se esquecer de suas preocupações enquanto procurava vestidos adequados para ela mesma, para a sra. Harcourt e Dilly e um terno para John.

— Não sei se é certo para nós testemunharmos seu casamento, sr. Jason — preocupou-se Dilly enquanto recebia diversos vestidos para experimentar. — A srta. Kittie disse que sou uma caipira...

— Não estou me casando com a srta. Kittie. — A voz de Jason era firme. — Você, a sra. Harcourt e o John são parte da nossa família e não vamos nos casar sem vocês.

— Exatamente — Gracie cruzou os braços, teimosa. Dilly engoliu as lágrimas.

— Então, está certo.

Ela saiu para experimentar os vestidos, e a sra. Harcourt saiu do provador com um

lindo conjunto azul marinho e uma blusa rosa suave.

— O que vocês acham deste? — Estava preocupada e sem graça.

Jason colocou os braços em torno dela.

— Acho que você parece uma substituta maravilhosa para a mãe do noivo. — A voz era terna, e ele se abaixou para lhe beijar o rosto.

A sra. Harcourt chorou, e Gracie tirou um lenço de papel da bolsa para lhe entregar.

— Precisa esperar e chorar apenas no casamento. A sra. Harcourt riu.

— Eu sei, desculpe, estava apenas ensaiando. — E voltou para o provador.

Jason puxou Gracie para um canto vazio do setor de roupas femininas da loja de departamentos e lhe entregou uma caixa de jóias de veludo cinzento. Ela a abriu e segurou a respiração. Quando tivera aulas de arte na faculdade, desenhara um conjunto de alianças de casamento que sonhara em usar algum dia se fosse capaz de criar coragem para se casar. Havia um anel de esmeralda solitária quadrada e uma aliança combinando. Havia também uma aliança para homem, sem pedra, mas com o mesmo motivo gravado que havia na feminina.

— Eu desenhei estas jóias — Gracie mal conseguia falar.

Jason pegou o anel de noivado e o colocou no dedo dela, então beijou-o com ternura.

— Mandei fazê-los anos atrás, sabia que seria você ou ninguém.

Se não tivesse corrido dele naquela noite chuvosa, pensou, toda a angústia daqueles meses teriam sido evitadas. Sua expressão mostrou em que pensava.

— Não. — Jason se debruçou para beijá-la enquanto sussurrava ternamente. — Não podemos olhar para trás, apenas para a frente.

Ela inspirou com força.

— Apenas para a frente — concordou e sorriu para ele. — Vai usar uma aliança?

Ele riu.

— Ah, sim. Ela sorriu.

— Certo.

Grange surgiu de uma sala ao lado com uma sacola e olhou com raiva para Jason.

— Acabei de comprar alguns jeans e camisas e consegui entradas para o bale. E odeio bale, mas teria ido por ela. — Apontou para Gracie. — Então você tinha que ficar noivo dela e estragar todos os meus planos. Até mesmo lavei minha picape!

Jason e Gracie caíram na risada, e Grange também. Gostava de Gracie, mas não a amava, e ela sabia disso, embora Jason parecesse não acreditar.

— Dureza, mas chegou tarde demais.

Grange balançou a cabeça.

— Pelo menos, consegui vir ao casamento. — Balançou a sacola. — E comprei um terno.

— Boa idéia. Se algum dia você se casar, não precisará fazer compras.

Grange apenas sorriu.

Houve uma cerimônia breve, mas comovente, no escritório da juíza, em meio a uma biblioteca de livros sobre leis e arquivos do condado. A juíza, Alexandra Mills, era irmã de um dos caubóis de Jason.

— Gostaria de dizer que estou surpreendida por ver vocês dois aqui, mas não vou mentir — confessou — os mexericos foram cada vez mais intensos ultimamente. — Olhou de Gracie, em seu bonito conjunto branco com chapéu com véu, para as testemunhas e, então, para Jason em seu elegante terno azul risca de giz. — Bom que vocês trouxeram testemunhas.

— Não são apenas testemunhas. — A voz era complacente. — São a nossa família.

Alexandra olhou para cada um dos acompanhantes e percebeu lágrimas nos olhos de quase todos.

— É claro — concordou calorosa. Jason Pendleton podia ser um milionário, mas ninguém poderia considerá-lo um esnobe.

Ela leu a cerimônia de casamento da Bíblia e observou-os trocarem anéis e votos, depois Jason teve permissão para beijar a noiva chorosa. Ele ergueu o pequeno véu e sorriu para Gracie com o coração nos olhos. Beijou-a suavemente e então a abraçou com força.

Parabéns foram dados e recebidos, os papéis foram assinados e todos saíram do escritório para encontrar câmeras tirando suas fotos.

— Está tudo bem — Jason tranquilizou seus companheiros, que procuravam lugares para se esconder. — É apenas Billy Thornton, do jornal local, e Jack Harrison, o fotógrafo da cidade. Pedi a eles para virem. — Reuniu todos num grupo com firmeza e colocou o braço em torno de Gracie, que segurava um buquê de crisântemos cor de bronze. — Pode tirar — disse aos fotógrafos, então sorriu.

Jason alugou um Learjet para partir com Gracie para Cancún, para uma lua de mel de três dias, completo com guarda-costas, caso o general Machado tentasse seqüestrar um deles ou ambos. Instalaram-se num hotel luxuoso diante da faixa de praia onde ficavam os hotéis mais caros ao Sul da fronteira. O quarto deles se debruçava sobre o golfo do México. Era tarde da noite, e uma lua cheia prateava as ondas que batiam na areia branca da praia.

— Cansada? — perguntou Jason enquanto a tomava nos braços. Ela balançou a cabeça.

— Feliz.

— Eu também.

Debruçou-se e a beijou suavemente.

— Dolorida? — a pergunta era significativa.

Ela lhe encontrou o olhar e balançou a cabeça bem lentamente.

— Neste caso... — E a beijou profundamente.

Foi como ele sempre quisera que fosse, a primeira exploração que faziam um do outro. Tratou-a como a virgem que ela fora, cada carícia cheia de ternura e desejo até ela gemer e pedir mais.

Beijou-a da cabeça aos pés, os lábios despertando-lhe o corpo com uma habilidade e maestria que lhe tiraram o fôlego. Ela saltou de uma camada à seguinte de prazer, estremecendo com a novidade da sensação, deliciando-se com a maravilha do contato de pele contra pele e com o calor da boca de Jason em seus seios, enquanto ele lhe enrijecia os mamilos e os tornava ainda mais sensíveis com a língua.

Ela pensara que sua primeira vez juntos lhe dera o maior dos prazeres, mas descobriu, naquela longa noite, que havia apenas roçado a superfície do êxtase. Jason estava sobre ela, sob ela, ao lado dela enquanto suas mãos exploravam-lhe o corpo entregue. A tensão mútua se construiu até o ponto de explosão, e Gracie finalmente o puxou para ela e quase o obrigou a tomá-la, a unir seus corpos numa tempestade de deleite físico que a fez soluçar com o prazer em escalada. Cada estocada longa e lenta era uma agonia de paciência que a levou à beira de um precipício de angústia que mal podia suportar.

— Você está me torturando — queixou-se, enquanto erguia os quadris para encontrar os dele.

— Estou deixando-a pronta — corrigiu, sem fôlego, enquanto a imobilizava e a penetrava com estocadas longas e medidas.

— Pronta! — implorou,

— Pronta — concordou. — Segure-se firme, doçura, vamos cair no fundo de um despenhadeiro.

Jason aumentou o ritmo tão subitamente que ela se viu solta, no ar. Sentiu-o crescer dentro dela enquanto a penetrava com mais força, mais profundamente, o corpo dele batendo no dela contra os lençóis brancos iluminados pelo luar.

Ela gritou e enterrou as unhas nos quadris dele.

— É isto — ele gemeu. — Segure-se em mim, abrace-me, sinta-me penetrando-a, sinta-me... explodindo... dentro de você!

— Jason! — Ela estremeceu e arqueou, o prazer crescendo e se tornando tão intenso, tão insuportável que Gracie soluçou e soluçou, rígida como uma tábua sob o ritmo feroz dos quadris dele. — Mais forte, Jason, mais forte, mais forte...! Ah... Meu Deus!

Ele arqueou e enrijeceu e, de repente, convulsionou com um gemido tão áspero, tão profundo como se tivesse sido ferido.

Gracie se segurou nele como se nada mais no mundo existisse e morreria se o soltasse, o corpo tão harmonioso com o dele que se ergueu, arqueando na curva do dele de modo que não pareciam mais duas pessoas, apenas uma, misturadas como ferro fundido.

Finalmente ela abriu os olhos e viu o rosto tenso, os olhos fechados, a boca uma linha fina enquanto ele se entregava à agonia do clímax. Seu próprio corpo acabara de passar por aquela maravilhosa explosão da tensão, ecoando com pequenas contrações de prazer enquanto ele se movia, vulnerável, dentro dela.

Um último estremecimento, e ele abriu os olhos, exatamente dentro dos dela. Inacreditavelmente, a visão dela observando-o desencadeou outra explosão de prazer que o fez estremecer sobre ela. Olhou para os seios inchados, o ventre plano pressionado

com tanta força ao dele e estremeceu, fechando os olhos para sentir com mais intensidade a pressão quente e forte dela em torno dele, enquanto se derramava dentro dela.

Finalmente o corpo dele perdeu a rigidez, e ele relaxou, caindo sobre ela.

— Vamos acabar nos matando. — O sussurro era trêmulo.

— Percebi.

Ela se mexeu para descobrir se podia, apreciando os pequenos ecos do prazer que ainda a abalavam.

— Deus! Continua e continua — gritou.

— Sim. — Jason moveu os quadris e ergueu a cabeça para observá-la, sorrindo quando viu o rosto de Gracie expressar o prazer que ele lhe dava.

— Vaidoso — observou sem fôlego.

Ele balançou a cabeça.

— Incrivelmente talentoso.

Ela riu.

— Sim.

Ele rolou de costas e puxou-a para cima dele, os olhos escuros e calorosos.

— E imagine, isso vai ficar ainda melhor com a prática.

— Vou morrer — lamentou-se e se aproximou ainda mais.

— Sim, doçura, mas que maneira maravilhosa de partir. — E então riu junto com ela.

— Mas você precisa ter um casamento adequado — reclamou Glory quando Jason e Gracie voltaram para casa. Ainda estava aborrecida porque eles demoraram dois dias para lhe ligar e lhe contar sobre o casamento.

— Nós tivemos. — Jason estava tentando ser razoável. — Uma cerimônia sem fanfarras e câmeras.

— Vocês podiam, pelo menos, fazer uma festa em San Antônio — continuou Glory, teimosa.

Gracie e Jason trocaram um olhar resignado.

— Acho que podemos — Gracie abraçou a irmã de criação.

— Tínhamos a intenção de telefonar, de verdade. Mas apenas esquecemos de tudo.

Jason sorriu presunçoso.

— Foi uma lua de mel muito intensa. Glory desistiu e riu.

— Não posso dizer que estou surpreendida, vocês dois eram muito óbvios há meses.

— Éramos? — repetiram ao mesmo tempo.

Glory apenas balançou a cabeça.

— Vou encontrar Rodrigo para almoçar, mas vocês precisam ir conosco ao jantar beneficente em San Antônio na noite de sexta-feira. Todo o pessoal estará lá e mal podem esperar para lhes dar os parabéns.

Jason sorriu para Gracie.

— Teremos mesmo que ir — concordou Jason. — Temos muitos amigos.

Gracie acenou. Esquecera-se de se socializar desde que se mudara para jacobsville.

— Estava tentando voltar às minhas raízes — explicou. — E provar que posso cuidar de mim mesma.

— O que você fez. Pode manter seu emprego na universidade, não vou dizer uma palavra contra isso. Pode também continuar com as aulas na escola fundamental. Mas já provamos que você pode ter uma noite ocasional de folga sem manchar sua imagem de garota trabalhadora.

Ela suspirou.

— Acho que posso. — Sorriu para ele tímida. — Se você não se importar se eu cair da escada de vez em quando ou tropeçar nos meus próprios pés.

Ele a puxou para junto do próprio corpo, a expressão solene.

— Estarei sempre lá para pegá-la, e isso não tem importância, nunca teve.

Foram para casa com relutância. Rodrigo e Glory foram visitá-los na mansão de San Antônio com uma linda tigela de cristal como um presente de casamento e algumas recriminações.

Mas muito antes de chegarem a elas, Glory apenas abraçou Gracie com toda a força. Precisou segurar as lágrimas. Aquele era um casamento por amor e se perguntou por que aquelas duas pessoas teimosas haviam levado tanto tempo para aceitar.

— Vocês serão muito felizes juntos. Eles sorriram para ela.

— E claro que vamos. — Havia sonhos nos olhos de Gracie.

O jantar beneficente provou à Gracie que seus amigos não se aproximavam dela por causa do dinheiro de Jason. As pessoas estavam sinceramente felizes ao vê-la, e ela recebeu mais convites do que poderia aceitar.

Foi convidada a participar de diversos comitês e prometeu incluir alguns deles em sua agenda ocupada. Quando contou aos amigos sobre seu novo emprego, eles ficaram felizes por ver que ela estava usando todos os seus talentos, não apenas os que tinha para ser anfitriã e planejar festas. Ela percebeu finalmente que aquelas pessoas a valorizavam por sua própria personalidade, por ela mesma. Sempre presumira que era por sua posição e pelo dinheiro de Jason. Nada poderia estar mais distante da verdade.

Houve apenas um momento desagradável. Um dos associados de negócios de Jason, um pouco bêbado, perguntou o que havia acontecido com a linda ruiva com quem ele ia se casar.

— Gracie aconteceu. — Jason nem piscou e puxou Gracie para junto do corpo e lhe beijou a ponta do nariz. O homem sorriu, consciente de que havia cometido uma gafe e que as pessoas o olhavam com ressentimento, e se afastou.

Glory e Rodrigo os levaram para uma última bebida numa boate latina.

— Seu amigo, o general, está tentando juntar dinheiro para dar um golpe — Rodrigo informou a Gracie. — Não podemos ajudá-lo, por mais que isso nos agradasse. Os rumores dizem que ele desistiu dos sequestros porque não gosta da forma como a quadrilha dos Fuentes faz negócios. Mas não pode deixar o México até ter dinheiro suficiente para contratar bons mercenários para ajudá-lo a expulsar seu adversário.

— Ele foi bom para mim e gostaria de ajudá-lo.

— Eu também — concordou Rodrigo. — Ele é uma espécie de pirata, mas é progressista e democrático em suas políticas e tem um carinho especial por pessoas carentes. Seu substituto está prendendo pessoas em lugares secretos e está começando a nacionalizar as empresas. Tem amigos em alguns lugares bem perigosos e gostaríamos de vê-lo derrubado.

— É uma época ruim para a intromissão em assuntos externos — observou Jason. Rodrigo acenou.

— É mesmo muito ruim, mas, bem, nem sempre podemos ter o que queremos. Jason olhou para Gracie com ternura.

— Algumas vezes podemos.

— Ah, sim — concordou Gracie sem fôlego.

Glory e Rodrigo riram e ergueram as taças num brinde aos recém-casados.

Jason e Gracie haviam planejado passar a noite na mansão de San Antônio, mas quando chegaram perto do portão descobriram uma caminhonete com satélite e, pelo menos, um grupo de jornalistas locais em pé perto dos portões fechados e tentando entrar.

— Vou descer do carro e ver o que está acontecendo — começou Jason.

Gracie lhe segurou o braço.

— Vire o carro e vamos embora daqui antes que alguém nos reconheça. — Havia urgência na voz dela. — Por favor, Jason.

Ele lhe lançou um olhar estranho, mas fez o que ela pedira. Felizmente, estavam longe o bastante para não serem reconhecidos e ninguém tentou segui-los.

— Eles souberam do casamento, é tudo — brincou. — Devíamos lhes conceder uma entrevista.

Gracie cerrou os dentes. Isso seria difícil.

— Jason, há coisas acontecendo que você desconhece e temo que haja mais jornalistas no rancho.

Ele parou num estacionamento de uma lanchonete que funcionava a noite inteira e desligou o motor.

— Por que?

Ela se sentiu doente, aquilo iria magoá-lo. Mas sabia que os jornalistas não estariam lá se Kittie não tivesse cumprido sua ameaça. Algumas pessoas que Kittie conhecia em San Antônio certamente lhe teriam contado que Jason se casara com Gracie, e agora ela queria vingança, não dinheiro, e estava usando o segredo da sra. Harcourt para conseguí-la. Gracie não podia deixá-lo ser apanhado de surpresa,

precisava lhe contar a verdade.

— Kittie sabe uma coisa sobre a sra. Harcourt. Jason franziu a testa.

— E daí?

Ela segurou a bolsa com tanta força que suas unhas fizeram marcas no couro.

— Jason, nunca se perguntou por que não se parece com sua mãe?

A expressão dele ficou séria.

— Também não me pareço com meu pai, ele disse que puxei meu avô.

— Seus olhos são negros como carvão — começou lentamente, encontrando-lhe o olhar.

E, de repente, ele ficou rígido. Estava se lembrando de coisas de sua infância. O carinho da sra. Harcourt por ele. A frieza do pai com ela, discussões que ouvira e não compreendera. Mas a referência aos olhos foi como um golpe físico. Ele também se sentira intrigado com aquilo e pensara que a sra. Harcourt poderia ser uma prima ou uma parente distante que seu pai esnobe não quisera reconhecer. Agora, porém, estava compreendendo a atitude elitista do pai sob uma luz totalmente diferente.

— A sra. Harcourt não é apenas minha governanta, ela é minha mãe! — Mesmo enquanto dizia, sabia que era verdade, uma verdade que estivera diante dele por todos aqueles anos e jamais percebera.

— Sim. — A voz de Gracie era tensa. — Ela estava apavorada por você não dar ouvidos às ameaças de Kittie. Disse que seria uma desgraça para você se algum dia seu segredo fosse conhecido. Sem mencionar o que fará com ela. É uma mulher religiosa, você sabe, e teve um filho de um homem casado com outra. Como acha que ela vai reagir quando todos souberem? Você não é o único a sofrer com isso.

Ele olhou para ela gelado.

— Você sabia.

— Sim...

— Sabia e não me contou?

— Ela me fez prometer, Jason.

Ele pensava que ela jamais confiara a ele segredo nenhum, a começar pelo próprio passado. E se sentia profundamente ferido por ela ainda se sentir daquela maneira, independentemente de como haviam se tornado próximos.

— Os jornalistas a prenderam na casa — adivinhou, dando partida no carro.

— Acho que não. — Gracie pegou o celular. — Comanche Wells é uma cidade muito pequena, alguém teria visto os carros chegando, mesmo se não soubessem o motivo, e lhe contariam. Ela teria uma boa idéia de por que eles estavam aparecendo.

— O que está fazendo?

— Ligando para o celular dela. — O telefone tocou diversas vezes e, então, uma voz tímida atendeu.

— Sra. Harcourt, sou eu.

— Srta. Gracie? Graças a Deus! A srta. Kittie ligou e disse que estava se preparando para revelar a história para o mundo inteiro — ela soluçava. — Disse que os jornalistas estavam vindo para cá, mas estou na casa de Barbara. Ela está entrando em contato com todo mundo em Jacobsville e Comanche Wells, e ninguém vai conversar com

os jornalistas. Mas não sei por quanto tempo ela poderá me esconder. Ele já sabe e está furioso? Ele me odeia, não odeia?

— É claro que não a odeia. — Gracie olhou para Jason, desafiando-o a discutir.

— O que vamos fazer? — chorou a sra. Harcourt.

— Pensaremos em alguma coisa, conversaremos quando chegarmos aí. Estamos a caminho.

— Está bem, tenham cuidado.

— Teremos. — Desligou e se virou para Jason. — Ela está na casa de Barbara.

Ele não respondeu. Estava furioso e ficando mais furioso a cada minuto. Sentiu-se traído por todo mundo. Toda a sua vida estava de cabeça para baixo. E a mulher que achara que jamais o trairia estava sentada bem ao lado dele, usando sua aliança de casamento.

Gracie sentiu aquela raiva profunda, embora ele não tivesse dito nada. Poderia esganar Kittie por fazer a sra. Harcourt e Jason passarem por aquilo. Aquela mulher sem coração, cheia de cobiça, não podia escapar impune daquilo.

— Foi muito cruel o que ela fez agindo assim. — A voz de Gracie mostrava a raiva que sentia.

Jason lançou-lhe um olhar frio.

— Segredos são perigosos. — A voz era áspera.

Ela ruborizou, sabia o que ele queria dizer.

— Está bem, concordo que não devia ter escondido coisas de você. Não lhe contei sobre meu passado porque tinha vergonha demais dele. Mas não lhe contei sobre a sra. Harcourt porque dei minha palavra.

Ele virou o carro para a estrada de Jacobsville.

— Ela está trabalhando como a minha maldita governanta. Como isso vai parecer para a imprensa?

— Muito mal, se não encontrarmos uma estratégia antes de chegarmos em casa. E a sra. Harcourt sofrerá mais do que você.

Ele se mexeu no banco.

— Eu sei. Ela sempre esteve lá para mim quando ninguém mais estava. Minha mãe era uma socialite e passava pouco tempo comigo. Mas a sra. Harcourt estava sempre lá para beijar meus machucados e me abraçar quando tinha pesadelos. — Fechou os olhos por um instante. — E esteve vivendo às margens da minha vida desde que nasci, desempenhando o papel de governanta, jamais pedindo nada.

— É assim que ela é. Quando Kittie a ameaçou, foi com você que se preocupou. Disse que a imprensa o fará parecer sem coração e chorou.

O rosto dele se tornou pensativo e severo.

— Tenho uma casa que alugo em Jacobsville, na rua da casa de Barbara. Está vazia agora e mobiliada, podemos levá-la para lá. Ligaremos para a Neiman Marcus para enviar o tipo certo de roupas do tamanho dela. Tenho uma loja de artesanato em Jacobsville também e vou ligar para a gerente na casa dela. Podemos colocar o nome da sra. Harcourt como proprietária e mandar para lá alguns daqueles lindos afegãs que ela fez como mercadoria produzida por ela.

— Agora você está pensando certo. — Gracie sorriu. Ele respirou fundo.

— Vai ser difícil.

— Mas vamos conseguir.

— Não podemos transformar minha nova mãe numa socialite da noite para o dia — gemeu. — Ela ainda é ela mesma. Não quero transformá-la em alguma coisa desconfortável, mas ela não pode continuar a ser minha governanta, sob as circunstâncias.

— Ela está morta de medo.

— Eu sei, vamos cuidar disso.

Gracie relaxou. Quantas vezes o ouvira dizer aquilo, em sua voz profunda e confiante, quando seu mundo parecia estar se desmanchando? Ele parecia nunca perder o controle de si mesmo.

— Precisaremos da ajuda de Barbara.

— Ela ajudará — garantiu Gracie. Fizeram o resto do caminho em silêncio.

Jason estacionou diante da casa de Barbara e entrou com Gracie. A sra. Harcourt estava em pé no meio da sala de estar, com um lenço molhado na mão e os olhos vermelhos e olhou para Jason com angústia.

— Sinto muito, jamais quis que você soubesse!

Jason parou na soleira da porta e ficou imóvel, o rosto uma máscara. Não sabia o que dizer, a notícia lhe chegara como um choque horrível.

Gracie segurou a manga do vestido de Barbara e a puxou para fora da sala. Só duas pessoas precisavam participar daquela conversa e não seria fácil para nenhum dos dois.

— Por que não me contou anos atrás? — A voz de Jason era áspera.

Ela tentou secar os olhos com o lenço ensopado.

— Myron me fez assinar um documento legal. — Estava engasgada. — Jurou que, se eu lhe contasse, ele me enquadraria num crime horrível e mandaria me prender para sempre. Sabia que não estava blefando. Então, depois que ele morreu... Não soube como lhe contar. Tinha medo que ele tivesse deixado papéis secretos ou qualquer coisa assim para me incriminar. — Mordeu o lábio. — Ele era impiedoso.

Jason sabia disso, seu pai não havia amealhado milhões sem atropelar pessoas no processo. Tinha um coração duro e calculista, e seus inimigos nunca tinham sucesso. Jason jamais gostara dessa característica do pai, o que erguera uma barreira entre eles.

— Nossos olhos são parecidos — disse ele, observando-a com as mãos nos bolsos. — Engraçado, nunca tinha reparado. — Franziu a testa — De quem os herdamos?

Ela sorriu nervosa.

— Do meu pai. Meu avô era um duque espanhol, que veio para este país depois da Primeira Guerra Mundial para tomar posse de um rancho que pertencia a alguém da família dele. Casou-se com minha avó, que era filha da cozinheira dele.

— O rancho... O meu rancho? — Estava fascinado.

— Sim.

Ele franziu a testa.

— Eu o comprei de você.

— Não sobrara muito dele, estava prestes a falir. Fiquei tão orgulhosa ao ver como o recuperou. Sabia que podia se erguer sozinho, não precisava do nome ou da riqueza ou da posição do seu pai para fazer sucesso. — Os olhos dela brilharam. — Ele tinha certeza que você fracassaria, mas eu sabia que não!

Pela primeira vez, o rosto dele relaxou. Deu um passo para mais perto dela.

— Como você terminou nesta situação?

Ela se sentou pesadamente no sofá, e seus olhos cansados encontraram os dele.

— Meu marido tinha morrido, e eu precisava desesperadamente de um emprego. A governanta do sr. Pendleton tinha acabado de pedir demissão... Nenhuma delas se demorava no emprego por causa do temperamento dele, mas eu lhe respondia em vez de me acovardar. — Consegui sorrir. — Era um homem muito bonito e, quando queria, podia ser encantador, absolutamente encantador. Sua mulher viajou para passar o verão com a irmã nas Bermudas. — Evitou-lhe o olhar. — Eu estava muito solitária. Ele me comprava presentes, me dava flores, me fazia sentir como se eu fosse uma princesa. Fiquei grávida e parecia que ele esperava isso. Sorrii quando lhe contei e me disse para não me preocupar, que cuidaria de tudo. — Balançou a cabeça. — Contou à esposa, que recebeu a notícia com muita calma. Disse que seria fácil para nós viajarmos juntas, que diria às pessoas que estava grávida e que sua saúde era frágil. A história era que eu iria para cuidar dela até o bebê nascer. Garantiram que cuidariam do bebê, que nunca lhe faltaria nada e que eu podia ficar e ajudar a criá-lo.

— Deus do céu! — explodiu perplexo.

— Eu sei, parece loucura. Mas eu estava abalada demais para lutar, não queria que as pessoas soubessem como tinha sido estúpida. — Balançou a cabeça. — Aparentemente, sua mãe sabia o que ele pretendia fazer. Seu pai... Bem, ele não era um modelo de virtudes.

— Sim, eu sei — A voz era fria. — Minha mãe sabia?

— Ela era estéril, e ambos odiavam a idéia de que a mansão e todo o dinheiro deles fosse para um parente distante. Queriam um filho, mas não queriam que fosse adotado, e eu era tão ingênua. — A voz mostrava sua infelicidade. — Tivemos uma estada maravilhosa no exterior, adorava estar grávida. Myron voou para lá quando o parto começou e, quando você nasceu, eles se encheram de alegria. Você era pelo menos metade Pendleton, compreende, eu fui apenas a incubadora.

— Foi cruel. — Jason se sentou pesadamente numa poltrona diante dela. — Foi ainda pior quando ele morreu. Ele a deixou totalmente fora do testamento. Não lhe contarei o que ele disse. Se apenas eu tivesse sabido — gemeu, e seus olhos angustiados se encontraram com os dela.

— Não me importei com o testamento, jamais esperei nada. Sentia-me feliz apenas por poder ficar perto de você enquanto crescia. Lamento que tivesse descoberto, sei que amava sua mãe.

Os olhos negros ficaram ainda mais escuros.

— Nunca a amei. — A resposta foi imediata. — Ela era fria como gelo. Lembro-me de estar doente e vomitando com a gripe quando tinha perto de cinco anos de idade, e ela ficou horrorizada com a possibilidade de eu sujar o vestido dela.

— Sim, e você também teve sarampo e passei duas noites sentada junto à sua cama, dando-lhe lascas de gelo para você não ficar desidratado.

— Foi você que sempre cuidou de mim, minha mãe não tinha tempo. Era ocupada demais sendo uma socialite. E meu pai não era muito melhor, estava interessado apenas em ficar mais rico. Nenhum dos dois sabia como cuidar de um filho.

— Fiz o melhor que pude para compensá-lo.

— E compensou. — Os olhos ficaram suaves ao encontrarem os dela. — Tive uma infância maravilhosa graças a você. E devia ter me contado!

Ela enxugou os olhos.

— Eu sei. — Olhou para ele preocupada. — Aqueles jornalistas vão fazer tudo parecer tão ruim — gemeu.

Jason ergueu uma sobrancelha.

— Isso é o que você pensa, Gracie e eu já temos um plano.

— Um plano? O que é? Ele sorriu gentilmente.

— Vamos virar a mesa contra Kittie.

— Vamos? — Pareceu fascinada. Ele riu.

— Ah, sim, o plano dela vai ricochetear espetacularmente!

Capítulo Quinze

— Vai me transformar numa mulher de negócios? — A sra. Harcourt ficou perplexa. — Mas sou apenas uma simples mulher da roça, jamais conseguirei convencer ninguém de que sou capaz de lidar com negócios. Você ficará com vergonha de mim, Jason. Todos rirão de você.

Ele se levantou da poltrona e puxou-a para ele, olhando dentro dos olhos que eram tão parecidos com os dele.

— Você é minha mãe. — Havia espanto e encantamento na voz. — Minha própria mãe. Jamais teria vergonha de você!

Mais lágrimas lhe desceram pelo rosto pálido.

— Todos esses anos, eu o observei crescer. Vi a maneira como trata as pessoas, como faz todos se sentirem importantes e nunca desprezou ninguém por ser pobre. Tem tantas qualidades, Jason. E tão diferente do seu pai. — Olhou para ele, o amor evidente nos olhos negros. — Sempre tive tanto orgulho de você e queria, mais do que qualquer outra coisa, lhe contar a verdade. Mas não foram as ameaças de Myron que me impediram, foi o medo de que você, bem, se sentisse humilhado ao saber que sua mãe era uma mulher ignorante, comum....

— Pode parar com isso. — A voz era firme e autoritária. — Você é a pessoa mais gentil e bondosa que conheço. Nunca faz mexericos, está sempre sorrindo, dá o pouco que tem a qualquer um que esteja em situação pior e cozinha como um anjo. Tem qualidades maravilhosas, e estou orgulhoso por ser seu filho. — A voz falhou na última

palavra. — Mais orgulhoso do que consigo demonstrar.

— Ah, meu querido — sussurrou chorosa e, de repente, tomou-o nos braços, acalentando-o como quando ele era pequeno e ficava amedrontado e machucado. Tantas vezes quisera fazer aquilo, abraçá-lo e dizer-lhe que era carne de sua carne, sangue do seu sangue. Amava-o mais do que a própria vida e agora, finalmente, podia lhe dizer o que sentia. — Meu filho! — Soluçou.

Jason não conseguiu responder, sua voz o trairia. Abraçou-a com força e embalou-a no silêncio da sala de estar. Lutaria contra o mundo para mantê-la segura. Era sua mãe, sua própria mãe!

Um longo tempo depois, soltou-a e passou a mão sobre os olhos antes de se voltar para ela.

— Precisamos começar a nos mexer e depressa, não temos muito tempo.

A sra. Harcourt sorriu entre as lágrimas.

— Certo! Farei o que você quiser.

Primeiro, eles a levaram de mudança para a casa de aluguel de Jason, com a ajuda de amigos. Grange foi mandado para a casa do rancho para guardar alguns dos afegãs numa caixa e levá-los para a pequena loja de artesanato perto da praça de Jacobsville. Ele lhes disse que não vira um único jornalista ou uma picape de satélite, o que foi um alívio. Isso lhes dava tempo para colocar o plano em ação.

Jason tinha a chave da loja e a abriu, e ele e Gracie desdobraram as lindas peças de crochê na vitrine da frente. Jason chamou a gerente da loja pelo celular enquanto trabalhavam e lhe deu instruções. Era uma boa mulher e gostava da sra. Harcourt, que comprava na loja todas as suas linhas e lãs para trabalhar. Ela concordou em dizer a qualquer jornalista que aparecesse o que Jason lhe havia dito.

Toda a mudança feita, voltaram para a casa de Barbara e esperaram que Grange lhes telefonasse. Ele estava entrando em contato com algumas pessoas que conhecia para tentar descobrir para onde as picapes de satélite haviam ido.

Jason e Gracie se sentaram à mesa da cozinha de Barbara para tomar café e discutir o que fazer a seguir.

— É uma desgraça, aquela mulher horrível fazer uma coisa dessas por causa do orgulho ferido! — Barbara estava indignada.

— Carteira ferida, mais provavelmente — Gracie tentou forçar um pouco de humor na conversa.

Jason olhou para ela. Mal tinham trocado dez palavras desde que o pesadelo começara. Os olhos dele prometiam problemas depois que as coisas se ajeitassem. Gracie não sabia o que mais podia dizer em sua defesa. Ele estava zangado e não a ouvia de verdade, todas as suas energias agora estavam concentradas em salvar a mãe da imprensa.

Finalmente, o celular de Jason tocou e era Grange. Jason ouviu por alguns momentos e, então, riu.

— Certo, obrigado, fico lhe devendo uma. — Desligou e olhou para as duas mulheres. — Vocês não vão acreditar nisso. Eles não sabem nada sobre a sra. Harcourt. Aquele software de jogo de computador que comprei na Califórnia chegou às lojas e é um

best seller, está atingindo novos recordes de venda. A imprensa está atrás de mim para uma declaração, disseram que minha decisão de financiar os criadores foi um golpe de gênio.

— Bem! — exclamou Gracie aliviada — Tivemos tanto trabalho por nada.

Jason enrijeceu os lábios.

— Você acha? Eu não. — Pegou o celular e ligou para o detetive que lhe fazia serviços especiais. Forneceu uma idéia geral do que pensava serem os planos de Kittie e lhe pediu para verificar se ela estava fazendo confidencias sobre seus esquemas futuros.

Também lhe deu informações sobre a sra. Harcourt, o que deixou Gracie atônita, e lhe disse que queria que o assunto vazasse para os tabloides. Então lhe pediu para verificar os antecedentes de Kittie e descobrir tudo o que poderia haver. Estava sorrindo com frieza quando desligou.

— Isso leva a luta para o campo inimigo. Vamos tirar-lhe a munição ao revelarmos nós mesmos a história antes que ela tenha tempo. Deus a ajude se tiver segredos sombrios, esta é uma via de mão dupla.

— Eu faria a mesma coisa. — A voz de Barbara era gelada. — Ela é boa em começar problemas, vamos ver como lida com eles.

— Descobriremos bem depressa. — A voz de Jason era implacável. — Pela manhã, os tabloides divulgarão para o mundo que minha governanta acabou de confessar que é minha mãe. Acrescentaremos que ela é dona da loja de artesanato e não me contou que trabalhava na minha casa apenas para ficar perto de mim.

— E o resto? — Gracie pareceu muito preocupada.

— O resto jamais será revelado, já tomei providências para garantir que seja assim. E nem se dê ao trabalho de perguntar, não lhe contarei. Agora que tal irmos para casa e dormir um pouco? Não sei sobre você, mas estou muito cansado.

— Vai visitar a sra. Harcourt? — Gracie perguntou.

— Vamos pegá-la e levá-la para casa conosco, não há necessidade de deixá-la sofrendo sozinha.

Gracie sorriu.

— Boa idéia.

— Obrigado, Barbara. — Jason lhe beijou o rosto. — Você é a melhor.

Gracie também a abraçou.

— Concordo plenamente.

Barbara observou-os se afastarem antes de apagar a luz da varanda.

* * *

Não conversaram a caminho da nova casa da sra. Harcourt nem quando chegaram à casa do rancho. Jason deixou as duas mulheres na sala de estar e foi verificar com Grange se havia algum problema no rancho.

— Pensei que ele ficaria furioso, mas recebeu tudo muito bem — confessou a sra. Harcourt a Gracie.

— Será? — Gracie percebera que ele estava calmo demais, conhecia-o muito bem. Estava remoendo as coisas e ainda zangado com ela, tinha certeza.

Ele voltou à sala de estar em tempo de desejar boa-noite à sra. Harcourt com um sorriso e um beijo no rosto dela.

— Talvez nós todos possamos dormir bem — concordou ela. — E amanhã lhe farei um belo café da manhã.

Ele riu.

— Vou esperar ansioso.

— Durma bem... filho — ela dizia a palavra com um tom de encantamento na voz.

Ele sorriu para ela e para a sra. Harcourt. Os olhos negros de Jason brilharam.

— Você também, mãe. — A palavra saiu com facilidade.

Ela ergueu o rosto para ele beijar, abraçou-o e então riu, muito consciente de si mesma enquanto lhes desejava boa-noite. Então saiu e foi para o quarto.

Jason se virou para Gracie e não estava mais sorrindo.

— Vou dormir no quarto de hóspedes. — O tom era frio e, curto. — Conversaremos amanhã.

— Jason...

Ele a ignorou. Saiu para o corredor, entrou no quarto de hóspedes e fechou a porta. Gracie ficou olhando para o espaço vazio em total e silenciosa infelicidade.

Na manhã seguinte, tomaram o café da manhã em silêncio e, logo depois, Jason anunciou que iria de carro para a mansão em San Antônio para verificar se ainda havia picapes de satélite guardando a entrada. Se houvesse, disse ele, tinha uma história para lhes contar.

— Eu poderia ir também — começou Gracie.

— Você já faltou no emprego diversos dias. — Jason não lhe encontrou o olhar. — E, se quiser mantê-lo, é melhor voltar para ele.

Ela fez uma pequena careta. Ele tinha razão. Seu cargo de professora na universidade não sobreviveria a mais três dias pedindo substitutos para suas aulas. Além disso, havia apenas mais duas aulas até o fim do semestre.

— Tem razão.

Ele terminou o café e se levantou.

— Tudo estava delicioso. — Sorriu para a mãe e abaixou a cabeça para lhe beijar o rosto. — Estarei em casa para o jantar.

— Tenha cuidado. — A voz da sra. Harcourt era preocupada. — Aqueles seqüestradores ainda estão soltos por aí.

— Você podia levar Grange. — Gracie também se mostrava preocupada.

Ele olhou, furioso, na direção dela, mas não lhe encontrou o olhar.

— Levamos guarda-costas conosco para Cancún e não houve nem um indício de problema. Eles têm outras coisas em mente agora.

Ela suspirou.

— Mas tenha cuidado, mesmo assim.

Ele fez um som no fundo da garganta e, então, olhou-a diretamente nos olhos por um longo minuto, antes de conseguir desviá-los. Ainda estava zangado e magoado por ela não ter lhe contado sobre a sra. Harcourt.

— Não vou me demorar.

Saiu para a varanda, e as duas mulheres trocaram olhares preocupados. Era cabeça-dura e teimoso. Mas talvez estivessem temerosas sem motivo.

* * *

E talvez não. A hora do jantar chegou e passou e nada de Jason. Gracie ligou para a mansão, enquanto a sra. Harcourt, ao lado dela, torcia as mãos.

A governanta interina atendeu o telefone.

— Não, srta. Gracie, não vi o sr. Jason hoje. Tem certeza que ele disse que viria aqui?

— Sim. E quanto às picapes de satélite?

— Ah, eles partiram ontem, e ninguém veio aqui hoje ou telefonou. Bem, exceto aquele homem estranho.

O coração de Gracie perdeu uma batida.

— Que homem estranho?

— Um homem com um sotaque espanhol forte. Telefonou e disse que estava com o sr. Jason, que ficaria com ele por alguns dias e entraria em contato para dizer o que queria em troca. Pensei que era algum tipo de brincadeira, assim não...

— Quando ele ligou? Há quanto tempo? — Gracie interrompeu a governanta, a voz urgente.

— Apenas alguns minutos antes de você...

— Se ele ligar de novo, me chame no meu celular. Anote o número, para não precisar procurar por ele. — Deu o número à mulher e esperou, impaciente, enquanto ela procurava uma caneta para escrever. — Me chame se ele ligar, entendido?

— Sim, senhora. Vou ligar.

— Obrigada. — Gracie desligou, o rosto pálido. — Eu sabia, sabia que eles tentariam até pegá-lo! E aquela maldita quadrilha. Fuentes. Eles o queriam por ter ajudado Rodrigo a prender um deles, por pagar ao grupo de Eb Scott para encontrá-lo!

— O que vamos fazer? — A sra. Harcourt estava apavorada. — Eles vão matá-lo! Mesmo se pagarmos o resgate, eles vão matá-lo!

Gracie lhe segurou os ombros.

— Eles não vão matar Jason, não enquanto houver um sopro de vida no meu corpo!

— Mas o que poderemos fazer?

Obrigando-se a ficar calma, Gracie pensou freneticamente em como agiria. Jason

estava com seu celular. Se tivesse sido seqüestrado, os seqüestradores teriam lhe tirado o telefone. Tinha uma linha direta com eles se o celular estivesse ligado. Não envolveria o governo ou Eb Scott, tinha o dinheiro que herdara, embora nunca o tivesse tocado.

Tinha 250 mil dólares em certificados de depósito que o pai de Jason lhe deixara... Uma quantia igual à que deixara para Glory. Podia usar aquele dinheiro para pagar o resgate de Jason, se o general ainda estivesse no controle do acampamento do outro lado da fronteira. Precisava de dinheiro para financiar sua contrarrevolução, e ela o tinha. Agora tudo o que precisava fazer era entrar em contato com ele pelo telefone e pedir que tirasse Jason das mãos da quadrilha Fuentes. Mas primeiro teria que, fazer contato com Machado.

Pegou o celular e ligou o número de Jason. Cruzou os dedos, os dentes cerrados, enquanto ele tocava, tocava e tocava. Quase desistira quando uma voz profunda atendeu.

— *Digame!*

Quase chorou de alívio. Conhecía aquela voz, teria reconhecido-a em qualquer lugar.

— General Machado!

Houve uma pausa.

— Gracie? *Eres tu?*

Ela sorriu em meio às lágrimas.

— Sim, sou eu. Vocês estão com Jason? Houve outra pausa e uma risada abafada.

— *Si*, Fuentes mandou seqüestrá-lo, mas eu o tomei deles. Sim, estou com ele, e você quer seu irmão de criação de volta, hum?

— Meu marido. — A voz se tornou suave. — Ele agora é meu marido.

— Você se casou com ele? *Nina*, a homem é um tigre — gemeu. — Arrancou os dentes de dois dos homens de Fuentes e, então, aleijou um dos meus. É um *hombre* corajoso e forte!

Gracie riu suavemente.

— Sim, ele é. Posso tê-lo de volta? Posso levar-lhe mais dinheiro do que precisa para retomar seu governo.

— Você pode? Mas é ele que tem o dinheiro, não?

— Tenho meu próprio dinheiro depositado num banco, rendendo juros. Você pode fazer coisas boas com ele, um quarto de milhão de dólares.

— *Caramba*, posso conquistar o mundo com isso tudo!

— Não duvido.

— Não entrou em contato com o seu governo?

— Não preciso, sabia que, se Jason estivesse com você, poderíamos entrar num acordo bom para nós dois. — Então riu aliviada.

Ele riu.

— E como podemos! O banco precisará estar aberto para você pegar o dinheiro, *no?* Que tal nos encontrarmos em Mala Suerte, às onze horas da manhã de amanhã, no estacionamento do restaurante chinês?

— O restaurante chinês?

— Gosto de comida chinesa. — O general riu. — Além disso, atrairemos menos atenção lá. Deve dirigir alguma coisa menos chamativa do que o grande Jaguar, *sí*?

— Vou dirigir uma das picapes do rancho. E não o machuque, está bem?

— Não é com ele que deve se preocupar. — A voz era seca.. — E sim com meus pobres homens. Mas, não, não vou machucá-lo. Vejo você amanhã, e, *nina*, se eu vir mais do que uma picape, volto para o México, *entiendes*?

— Compreendo, mas você não verá nada mais além da minha picape. Boa noite.

Ela desligou com um longo suspiro.

— Ele está bem, arrebentou alguns dos seqüestradores, mas parece ótimo. — E riu.

A sra. Harcourt também riu.

— Este é o meu garoto. — Então fez uma careta. — Gostaria de poder lhe dar o dinheiro, odeio ver você abrir mão de sua herança.

— Eu amo Jason e daria qualquer coisa para tê-lo de volta. É apenas dinheiro e, além disso, nunca conseguiria ter acesso aos bens de Jason. Você se lembra do que aconteceu quando tentou fazer um empréstimo com p amigo dele, que era presidente daquele banco de San Antônio, quando fui seqüestrada.

— Sim, eu me lembro. E, na semana seguinte, ele tirou cada centavo que tinha naquele banco, abriu uma conta com um de seus concorrentes, e dizem que o presidente ainda esta chorando.

— Ele mereceu, mas o sr. Reeves não me tratará assim, garanto.

Ela estava certa. Quando ligou para o sr. Reeves, o presidente do Jacobsville Municipal Bank, e lhe contou o motivo por que ela precisava transformar seus certificados de depósito em dinheiro, ele foi diretamente para o banco ajudá-la.

— Tem certeza de que é assim que quer fazer isso? — perguntou o sr. Reeves enquanto a chefe dos caixas contava notas de mil dólares e as colocava na maleta que Gracie levava de casa. — Sem chamar o FBI?

— Sr. Reeves, conheço um dos seqüestradores, e ele é um homem honrado. Se ele diz que me entregará Jason quando receber o dinheiro, aposto minha vida que ele fará exatamente isso.

— Se é tão honrado, por que seqüestrou seu marido? — A chefe dos caixas, Marge, estava preocupada.

— É complicado, e ele não foi o responsável pelo seqüestro de Jason. Na verdade, ele o tomou dos homens que o seqüestraram. Mas não é para financiar drogas ou qualquer coisa assim. Ele perdeu o poder em seu país para um homem que está torturando e matando pessoas inocentes á quer dar um fim ao terror. Pode fazer isso com o dinheiro do resgate.

Marge sorriu, seu cabelo vermelho brilhando à luz da sala.

— Realmente não parece um seqüestrador comum. Gracie sorriu cansada.

— Não é. — Tomou um gole do café que o sr. Reeves lhe oferecera. Não tinha conseguido dormir a noite inteira.

Marge terminou de contar o dinheiro e o próprio sr. Reeves confirmou a contagem. Papéis foram assinados e a penalidade por retirada antes do tempo perdoada, dadas as circunstâncias.

— Não precisa fazer isso — Gracie protestou porque sabia que o presidente do banco pretendia pagar a multa do próprio bolso.

— Jason é o nosso melhor cliente. — A voz era firme. — E o seqüestrador pode ser honrado, mas certamente espera que a quantia seja a que você combinou.

Ela se levantou e abraçou o velho amigo.

— Você é a melhor pessoa que eu conheço. Ele a abraçou também e riu.

— Somos primos, você sabe, e um membro da família cuida dos outros.

— Então pode dar um aumento à prima Marge? — A pergunta de Marge foi acompanhada de um sorriso.

Ele fez uma careta para ela, e ambos riram. Gracie pegou a maleta e viu que estava pesada.

— Vou lhe dar notícias do que acontecer — garantiu ao sr. Reeves.

Ele acenou.

— Vamos rezar por vocês dois.

— Obrigada, do fundo do coração.

Ela saiu do banco, nervosa por estar carregando tanto dinheiro, e quase esbarrou em Kilraven. Ele usava um terno e não o uniforme de policial com o qual ela se acostumara a vê-lo. Sabia que o irmão dele, Jon, era agente do FBI em San Antônio e que ambos estiveram envolvidos no resgate dela. Parou com uma expressão estranha e cômica no rosto.

— Nem se dê ao trabalho de inventar uma história, eu sei de tudo. — Os olhos negros brilhavam. — Estou com um carro comum e vou atrás de você até Mala Suerte, no caso de alguém ter ouvido a conversa que teve com o general e decida pegar o resgate antes que possa entregá-lo. Gracie ficou perplexa.

— Como...?

Ele ergueu uma das mãos grandes.

— Alguns segredos devem ficar assim, em segredo. Não vamos interferir — acrescentou depressa quando viu a preocupação dela. — Vamos apenas ficar de olho em você, a distância. Nem vou entrar atrás de você em Mala Suerte.

— Mas você já tem alguém em Mala Suerte — adivinhou Gracie.

O rosto dele ficou sem expressão.

— Por que iríamos querer fazer isso?

— Deus nos ajude se for um federal tentando se misturar com as pessoas numa cidade de duzentos habitantes!

Ele a olhou zangado.

— Ele mora lá.

Ela relaxou.

— Está bem.

— Então vamos.

Ela se sentou atrás do volante da mais velha picape do rancho de Jason, com um paralama amassado por um dos caubóis, que bateu numa cerca tentando escapar de um touro jovem e irritado. Ela achou que pareceria menos suspeito do que um veículo mais novo.

Kilraven estava em algum lugar atrás dela, e Gracie se sentiu mais segura. Ficava desesperada só de pensar que aquela quantia enorme podia ser tomada dela antes que pudesse chegar ao encontro com Machado. Jamais seria capaz de substituí-lo a tempo de salvar Jason, especialmente se a quadrilha Fuentes esperasse receber uma parte do dinheiro do seqüestro. O general poderia precisar enfrentá-los para levar Jason para Gracie.

Ela tivera um grande temor de percorrer uma distância tão grande sozinha, com o resgate de um rei na picape. Não tinha a menor idéia de como Kilraven descobrira o que estava acontecendo, mas estava feliz por ele estar por perto. Torcia para que o general não o percebesse e anulasse o acordo!

Suas mãos estavam suadas no volante, a boca seca, como se tivesse mastigado algodão. Jason podia estar zangado com ela, mas não tinha importância, ela o amava mais do que a própria vida. Faria qualquer coisa para tê-lo de volta, sacrificaria tudo.

Sua mente se voltou para os acontecimentos dos últimos meses, para aquele primeiro e angustiado beijo na chuva, para o noivado dele com Kittie, para seu próprio seqüestro e o horror nos olhos de Jason quando ele corra para o lado dela e a tomara nos braços com tanta força, apertando-a tanto que ela sentira o coração dele bater bem dentro do dela. As semanas sem fim entre o surgimento de Kittie na sua vida deles e a longa e maravilhosa noite com Jason no rancho, quando percebera que as palavras de sua mãe não eram verdadeiras, que o sexo não era um pesadelo de dor e ferimentos, mas uma partilha linda de almas e corpos que se aproximava do paraíso. A alegria daquela primeira intimidade ficaria com ela para sempre.

Enquanto dirigia, lembrou-se de outra coisa, uma coisa que a fazia se sentir toda quente e prestes a explodir de felicidade: nunca tinham usado nenhum tipo de proteção e podia estar, naquele momento, grávida do bebê de Jason. Seu coração se elevou com a perspectiva. Que presente glorioso seria, com a sra. Harcourt para mimar seu primeiro neto e os braços fortes de Jason carregando um bebê pela casa. Seria um pai sensacional.

Ouviu um som forte de freios e olhou pelo espelho retrovisor a tempo de ver um veículo que a seguia ser subitamente cortado por outro carro. Enquanto devaneava sobre o futuro, alguém a estivera perseguindo, e quase certamente, não era um motorista apressado. Viu Kilraven saltar do segundo carro e correr para o primeiro, abrir a porta com um safanão e tirar um homem e jogá-lo contra o próprio carro.

Ela apertou o acelerador com força, faltava pouco mais de um quilômetro para chegar a Mala Suerte. Então soube que conseguiria, graças à vigilância de Kilraven. Não queria nem pensar no que poderia ter acontecido se tivesse tentado fazer aquilo sozinha.

Atravessou a pequena cidade, procurando o restaurante chinês e finalmente o encontrou, numa rua lateral um pouco além do único sinal amarelo no centro da pequena e modorrenta cidade fronteira.

Parou a picape no estacionamento, o medo e a esperança se misturando em doses iguais, e procurou o general. Mas havia apenas dois outros carros velhos no estacionamento. Um deles estava parado num lugar reservado, provavelmente pertencia ao dono do restaurante... e o outro estava ao lado dele, mas não havia ninguém no carro.

O coração dela quase parou. Teria o motorista do veículo que a perseguia na estrada percebido que havia algum problema e telefonara para alertar o general? Ou o veículo perseguidor teria sido uma espécie de tentativa de lhe tomar o dinheiro sem devolver Jason? E se Jason estivesse morto?

As lágrimas lhe encheram os olhos enquanto desligava o motor. Se Jason estivesse morto, sua vida não valia mais nada. Seu novo emprego, sua independência, nada a compensaria pela perda dele. O mundo acabaria para ela.

Mas, enquanto sofria diante da possibilidade de um futuro sem Jason, uma velha e batida picape entrava no estacionamento e parava ao lado dela. Virou a cabeça e olhou diretamente nos olhos negros de Jason no banco do passageiro.

— Jason! — Desceu do carro às pressas, sem se preocupar com mais coisa alguma. — Ah, Jason! — Abriu com força a porta do lado dele e pulou no paralama lateral. Atirou os braços em torno dele, beijou-lhe a boca, o rosto, os olhos, todos os lugares que conseguiu alcançar, murmurando palavras de carinho enquanto as lágrimas lhe desciam pelo rosto ruborizado.

E, de repente, percebeu que ele estava com as mãos amarradas e que a beijava de volta.

— Hum, vocês dois se conhecem, é? — Veio uma voz lenta e divertida do banco do motorista.

Gracie ergueu a cabeça, e seus olhos encontraram os do general.

— General Machado! — Estava sem fôlego. — Desculpe, fiquei tão feliz em vê-lo vivo e bem... — Os olhos dela percorreram Jason como se fossem mãos e viram um olho escuro e arranhões no rosto e, quando se abaixaram e olharam além da camisa rasgada e suja, viu que os nós dos dedos estavam machucados, então consertou. — Pelo menos, vivo.

— Tive uma pequena diferença de opinião com alguns dos homens de Fuentes — Jason conseguiu sorrir.

— Para o descrédito deles. — Havia desprezo na voz do general. Então seus olhos escuros entrefecharam enquanto olhava para Gracie com enorme e impotente alegria. — Fuentes, o rato, mandou um de seus homens se apropriar do dinheiro antes que você chegasse até mim e não consegui avisá-la.

— Ele está numa vala a pouco mais de um quilômetro da cidade usando algemas. — O tom de voz de Gracie era jovial.

— Kilraven? — Jason riu. Ela sorriu.

— Kilraven. Ele prometeu não interferir. Acho que pensou que eu teria problemas, mas não com você — acrescentou para o general.

Ele riu.

— Não comigo, quero demais recuperar meu país. Lamento ter que fazer isso desta maneira. — A voz era solene. — Mas, com toda a sinceridade, este seqüestro não foi idéia minha, foi de Fuentes. Apenas tirei vantagem dele interferindo antes que ele pudesse agir.

— Espero que você lhe arrebente a cabeça — desejou Gracie de todo o coração.

— Garota sanguinária — provocou o general.

— Fuentes merece tudo o que receber! Talvez seu capanga abra o bico e conte tudo.

— Se Kilraven me interrogasse, abriria o meu bico — Jason admitiu.

Gracie riu.

— Eu também. — Afastou-se com relutância de Jason, mergulhou na picape e tirou do banco do passageiro a maleta, olhando em torno para ter certeza que o estacionamento estava seguro. Colocou a maleta nas mãos do general.

— O próprio sr. Reeves, presidente do banco, contou as notas enquanto eu observava. Posso garantir que as notas não estão marcadas e que não há nenhuma armadilha aí dentro,

O general olhou as pilhas arrumadas de notas.

— Armadilha?

— Os bancos algumas vezes colocam dispositivos para explodir tinta em pilhas de dinheiro para enganar ladrões.

— Ah, compreendo. — Ergueu uma das pilhas de notas e olhou-as por algum tempo. — Amigo... — Virou-se para Jason. — Mandarei erguer uma estátua sua quando recuperar meu cargo e darei o nome de sua adorável esposa a uma das ruas da capital.

Tirou uma faca do cinto e cortou as cordas ásperas que amarravam os pulsos de Jason.

— Lamento sua condição, mas sabe que não queria que fosse ferido.

— Eu sei — garantiu Jason. — E espero que tenha sucesso.

— Alguns membros do seu governo também. — Riu o general. — Vamos esperar para ver. — Virou-se para Gracie com um sorriso: — Gracie, foi necessário muita coragem para fazer o que você fez, vindo aqui sozinha. Não vou esquecer sua participação no meu sucesso quando o alcançar. E prometo, de todo o coração, lhe pagar cada centavo deste dinheiro quando estiver de volta ao poder.

Ela enrubesceu. Não havia esperado aquilo.

— Não lhe pedi para fazer isso — lembrou-lhe.

— É um ponto de honra. — Olhou para Jason. — Vá para casa, um banho lhe fará bem, *senor*, e tenho certeza que Gracie gostará de lhe fazer uns curativos nesses cortes. — O sorriso era malicioso.

— Eu também gostarei. — Jason sorriu. — *Buena suerte*.

— E boa sorte para vocês dois também. *Vayan con Dios*.

— *Y tu*. — Gracie usou o tratamento familiar, porque parecia que o homem também era de sua família agora.

Ele piscou para ela.

Jason saiu da picape dele, passou para o outro lado do carro que Gracie dirigia e se sentou no banco do passageiro com um suspiro profundo.

— Vai me deixar dirigir? — Gracie parecia chocada. — Você nunca me deixou dirigir.

— Doçura, você me salvou sozinha — lembrou-lhe com olhos amorosos. — Fez um plano, pegou toda a sua herança, veio para cá dirigindo praticamente sozinha e me tirou do México sem dar um único tiro. Inferno, o FBI devia contratá-la, você é uma mulher admirável!

— E eu poderia dizer alguma coisa a favor dela para o meu irmão — veio um

murmúrio profundo de dentro da cabine da picape.

— Kilraven? — Gracie olhou em torno. — Onde você está?

— Não na picape, na sua bolsa, por assim dizer.

— Você me grampeou!

— Tive que grampear. Soubemos que Fuentes foi enganado neste seqüestro pelo general e que mandaria homens atrás de você para interceptar o resgate. Tivemos que mantê-la sob vigilância, e a maneira mais segura era grampear sua bolsa. E funcionou, prendi os dois homens de Fuentes, e eles estão dizendo tudo o que sabem em troca de imunidade. — Riu e acrescentou: — Feliz Natal.

Gracie e Jason trocaram olhares divertidos.

— Feliz Natal para você também e obrigada! Ele riu de novo.

— Sem problema. E aviso que estou cortando a transmissão, no caso de vocês dois quererem estacionar no caminho e voltarem a se conhecer. Mas não aconselharia, Fuentes pode tentar de novo.

— Vamos ficar de olho.

— Não precisam, vocês não nos verão, mas estaremos vigiando-os. Se alguém tentar parar vocês, vão se arrepender. Até mais.

A linha ficou silenciosa e houve estática por um minuto, depois, silêncio.

Gracie se virou para Jason com fome nos olhos.

— Estava morta de medo, e sua mãe também.

— Estou bem, graças a você. — Ele sorriu desajeitado. — Desculpe por ter sido um idiota. Foi um choque descobrir que minha mãe era minha governanta. Você deu sua palavra a ela e a cumpriu. Não tinha o direito de esperar que a violasse nem mesmo por mim. Esta lealdade é uma de suas melhores qualidades.

— Obrigada. — Ficou emocionada. — Não devemos passar pelo hospital para eles o examinarem?

— Só estou sujo e com alguns arranhões e hematomas. — Sorriu para Gracie. — Quero um banho, uma cama enorme... e você no meio dela. — O tom profundo fez os dedos dos pés de Gracie se curvarem dentro dos sapatos.

— Eu também. — Sorriu e apertou o pedal do acelerador. — Eu, ahm... lavarei as suas costas para você. — E ruborizou.

Ele atirou a cabeça para trás e riu de pura alegria.

Capítulo Dezesseis

A sra. Harcourt estava chorando quando chegaram à casa do rancho. Gracie havia lhe telefonado e contara que Jason fora resgatado e que estava bem. Ela ligara para

todos, inclusive Glory e Rodrigo, que ficaram chocados e aliviados ao mesmo tempo, porque não tinham idéia do que estava acontecendo. Glory pensara em correr para o rancho, mas apenas rira quando a sra. Harcourt, com muito tato, dissera que Gracie e Jason poderiam querer ficar alguns minutos a sós depois do horror da noite anterior. Glory então adiar a ida ao rancho para a hora do jantar, e a sra. Harcourt dissera que seria bom porque tinha uma notícia para dar. E desligou sem revelar o que era, o que deixou Glory ainda mais curiosa.

Assim que entraram, a sra. Harcourt se jogou nos braços de Jason e o abraçou com força.

— Estávamos mortas de medo! — Soluçou.

Ele correspondeu ao abraço, puxando-a para bem perto dele e sorriu para Gracie sobre o cabelo grisalho.

— Todos nós estávamos, mas estou bem. Apenas alguns arranhões, a pele arrancada dos nós dos dedos e um hematoma ou dois, mas é tudo.

Ela se afastou.

— A pele arrancada dos nós dos dedos? Ele os mostrou a ela.

— Alguns dos homens de Fuentes foram desrespeitosos e tive que fazê-los mudar de atitude. — O tom era seco.

Ela riu e o abraçou de novo.

— Preciso de um banho — disse meio constrangido.

— Sim, precisa. E eu tenho que ir à cidade para comprar leite, ovos, batatas e bifes ou não haverá almoço. — Tirou o avental. — Vocês dois devem estar famintos, sei que a srta. Gracie... sei que Gracie... — corrigiu-se quando Gracie lhe lançou um olhar de reprovação. — Deve estar com fome, ela não comeu nada antes de ir ao banco.

— Lembre-me de depositar mais dinheiro no banco de Reeves — Jason pediu à Gracie.

— Com certeza o lembrarei.

— Não vou demorar demais — a sra. Harcourt avisou enquanto saía com as chaves do carro.

Jason abaixou o olhar para Gracie e sorriu.

— Neste caso, não é melhor começarmos logo? — O tom era baixo e sugestivo.

Foi o mais tempestuoso sexo que fizeram. Ele tentou chegar ao banheiro para tomar uma chuveirada primeiro, mas Gracie não parava de beijá-lo. Acabaram sobre a colcha da cama, arrancando as roupas entre beijos frenéticos e famintos.

Ele se deitou sobre ela e a possuiu ferozmente, os olhos negros como diamantes enquanto se erguia sobre ela em um arco, observando-lhe o rosto enquanto a penetrava.

— Passe as pernas em torno das minhas — pediu rouco. Ela obedeceu, gemendo quando a mudança das posições provocou uma onda de prazer intenso.

— Sim, exatamente assim. — Ergueu os quadris e empurrou. Gracie arquejou.

— Se você pudesse ver seus olhos — suspirou Jason, o rosto vermelho com o prazer que o fazia estremecer.

— Se você pudesse... ver... os seus — gemeu Gracie e, então, gemeu de novo quando ele encontrou o lugar que deu origem à construção da mais doce e quase

dolorosa tensão. — Sim, assim, assim... assim... Jason!

As unhas de Gracie mergulharam nos quadris estreitos enquanto ele mudava a posição e a invadia repetidamente com uma urgência apaixonada. Descansou o corpo nos cotovelos, beijou-lhe o rosto extasiado e penetrou mais profundamente, então ainda mais profundamente no corpo arqueado e ansioso.

— Vou morrer — gemeu alto enquanto o prazer se erguia em direção a um objetivo ainda mais alto, mais angustiado.

— Os dois vamos morrer. — A voz se tornou ainda mais áspera enquanto ele aumentava o ritmo.

Foi tão rápido, tão rápido. Num minuto ela estava buscando, quase tocando o próprio centro do prazer, no outro, ela convulsionava, queimando com o prazer pulsante que era quase dor.

Um grito inumano escapou da garganta de Gracie enquanto subia como um foguete e explodia em milhões de pedaços de chamas de pura alegria.

Ela o sentiu enrijecer e o ouviu gritar enquanto estremecia nos últimos espasmos, reagindo a cada movimento do corpo poderoso dentro dela. Ecos de prazer pulsavam em todo o seu corpo. Ela gemeu de novo quando o orgasmo de Jason originou outra onda de êxtase no corpo dela. Agarrou-se a ele, mergulhada em prazer. Foi tão intenso que achou que desmaiaria.

Frenéticos minutos depois, ela ergueu os olhos para o rosto voltado para o dela com imensa ternura e relaxamento e lutou para recuperar o fôlego.

— Pensei que nunca mais o veria.

— Sim, eu também. — Jason se debruçou e fechou-lhe as pálpebras com beijos, o corpo ainda preso ao dela, dentro dela.

Moveu-se preguiçosamente, intensificando os pequenos espasmos de prazer. — Desculpe por ter sido tão frio com você.

— Você acabou de me compensar por qualquer coisa que já me magoou. — Os olhos suaves procuraram os dele. — Sabe, nós nunca conversamos sobre tomar precauções contra a gravidez.

Ele sorriu.

— Podemos falar disso em alguns meses. Ela sorriu de volta.

— Por mim, podemos esquecê-las completamente.

Ele traçou-lhe as sobrancelhas com um dedo indicador longo.

— E seu emprego?

— Posso ficar grávida e trabalhar. — Não demonstrou a menor preocupação.

Ele sorriu.

— Está bem.

Ela ergueu a cabeça e o beijou ternamente.

— Acho que devemos tomar um bom banho, sua mãe logo estará de volta com as compras.

— Minha mãe. — Ele respirou profundamente. — Eu me sinto tão culpado e tão estúpido por nunca ter adivinhado. Sabia que a mulher que chamava de mãe não era um modelo da mãe ideal. Ela nunca pareceu ter uma ligação comigo e não entendi o motivo

pelo qual não senti quase nada quando ela morreu. Minha pobre mãe. Meu pai era tão malditamente esnobe que nem se casou com ela quando a mulher dele morreu. Ele a considerava inferior a ele socialmente.

— Você vai compensá-la por tudo isso — garantiu. — E lhe daremos netos para ela mimar.

Ele olhou para baixo, para onde seus corpos ainda estavam unidos.

— E será logo, se continuarmos a fazer isso.

— Não tenho planos de parar. — Os olhos buscaram os dele. — E agora é minha vez de dizer "minha pobre mãe". Em toda a sua vida, jamais soube como pode ser o amor. Acreditava nela, sabe, e isso arruinou minha vida. Bem, até alguns meses atrás — admitiu com um sorriso tímido.

— Gostaria que tivesse me contado tudo há muito tempo. Mas antes tarde do que nunca.

— Amo você tanto, mais do que a minha própria vida.

Ele inspirou profundamente e lhe tocou o rosto com ternura.

— É difícil para mim dizer essas palavras — confessou. — Nunca as ouvi do meu pai ou da mulher que pensava que era minha mãe. Eram as duas pessoas mais frias do mundo. Meu pai tinha mulheres, mas as usava, não tinha respeito por elas.

— E eu tive, pelo menos, o amor da minha mãe. E ela me dizia que me amava, o tempo todo. Eu também direi a nossos filhos que os amo, sempre saberão que são amados.

— Como eu amo você. — O tom era profundo, e ela ergueu os olhos chocados para ele. — Com tudo o que sou. Amei você quando era adolescente e parti para me impedir de demonstrar meu amor por meio de atos. Você era tão jovem. Mais tarde, quando descobri como era profundo o meu amor por você, ainda me reprimi, esperando que você me visse com olhos diferentes. Naquela noite da chuva, quando seu carro caiu na vala, tinha esperado por tanto tempo que fiquei desesperado. Perdi o controle e quase arruinei tudo, você pareceu tão chocada...

Ela colocou os dedos sobre os lábios dele.

— Chocada, mas cheia de uma alegria avassaladora. Era do sexo que tinha medo, não de você, e não tinha a coragem de lhe dizer. Amo você há tanto tempo. — As palavras quase ficaram presas na garganta com a emoção que a tomava. — Pela maior parte da minha vida! Amava você, mas temia nunca ser capaz de lhe dar um amor de mulher, o amor físico. Pretendia lhe dizer tudo na manhã seguinte, mas você já havia partido quando me levantei. — Sombras lhe encheram os olhos. — E então, lá estava Kittie.

Ele mergulhou o rosto no pescoço dela.

— Minha culpa, tudo minha culpa. O orgulho ferido me transformou num homem que nunca fui. Lamento tanto, doçura. Lamento por tudo.

— Espero que não lamente pelo que acabamos de fazer — sussurrou e se moveu debaixo dele até sentir-lhe o corpo enrijecer o começar a crescer. — Porque quero fazer tudo de novo. — Ergueu os quadris e lhe abraçou o corpo com as pernas e, então, riu quando ele arquejou. Depois gemeu e, então, começou a se mover dentro dela. — Sim, é isto — soluçou, abraçando-o com força com os braços e as pernas. — Me ame, me ame, me ame!

— Eu... amo — conseguiu dizer, então ficou ocupado demais para dizer mais uma palavra.

Entraram na sala de jantar de mãos dadas, onde uma divertida sra. Harcourt servia o alimento que já aquecera duas vezes. Mas ela não disse nada, eles estavam tão apaixonados, eram já tão parte um do outro que o coração dela palpitou de alegria.

Quando arrumara a mesa, colocara uma peça central de Natal e o aparelho de jantar dos feriados.

— O Natal já está muito próximo — lembrou a eles. — Jason riu.

— Quase a hora dos presentes! — Olhou para Gracie provocante. — Eu lhe comprei uma coisa adorável.

— Eu também lhe comprei uma coisa. — Os olhos dela responderam à provocação.

— Me diga o que é. Vamos, me diga.

— E arruinar a surpresa? Nunca!

Ele se debruçou e lhe beijou a ponta do nariz.

— Está bem, gosto de surpresas. — Olhou para a mãe e sorriu caloroso. — Uma boa coisa, já que estou tendo tantas ultimamente!

Os três caíram na risada.

* * *

Glory e Rodrigo chegaram para o jantar bem mais tarde e ouviram Gracie contar como havia resgatado Jason do general. Os dois ficaram atônitos por tudo ter acontecido sem que eles soubessem.

— Escutem, vocês dois precisam parar de permitir que sejam apanhados por seqüestradores. — Parecia zangada. — Jason, você precisa de um guarda-costas. Não estou brincando — acrescentou quando ele riu. — Os tempos são perigosos. John é um ótimo motorista, mas não pode lidar com bandidos jovens e quero que pense sobre isso.

— Tenho Grange — lembrou Jason. — Ele faz uma porção de coisas, além de ter sido um oficial do exército.

— Então deixe que ele vá aos lugares com você — insistiu Glory. — Estou falando sério. Você e Gracie correm muitos riscos. Jason lançou um olhar para a esposa e sorriu complacente.

— Acho que agora é seguro deixá-los nos seguir, já que estamos casados.

— Tenho uma grande amizade por ele, coração ciumento — provocou, debruçando-se para beijá-lo. — Mas nunca foi nada além de amizade, certo?

Ele sorriu.

— Certo.

A sra. Harcourt ficou em pé atrás da cadeira de Jason e calmamente lhes contou a verdade sobre quem era a mãe de Jason. Houve um silêncio prolongado e, então, Glory

se levantou e a abraçou, enquanto a sra. Harcourt chorava. Glory lhe sussurrou no ouvido que aquela era uma das melhores surpresas que já tivera, porque sabia o quanto a sra. Harcourt amava Jason.

O sentimento era claramente recíproco, o que podia ser percebido pelos escuros olhos sorridentes de Jason. Glory não acreditava que Jason pudesse alguma vez se sentir envergonhado de uma mulher tão boa, tão gentil e amorosa. Disse isso à sra. Harcourt, e todos à mesa concordaram com ela.

* * *

No dia seguinte, a história da mãe de Jason foi o principal assunto dos tablóides. Jornalistas surgiram para fazer perguntas, e Jason lhes mostrou sua mãe radiante e a abraçou para o benefício dos fotógrafos.

Era, na realidade, uma história de Cinderela, observou alguém. Mas Jason lembrou a todos que sua mãe era uma mulher de negócios por conta própria e que suas habilidades no artesanato eram formidáveis. Exibiu um afegã que ela criara e que também foi fotografado. Pela primeira vez, os holofotes da imprensa tinham um gosto bom. O furor morreu quando ocorreu um assassinato bem em Jacobsville e que, segundo os rumores, tinha relação com outro assassinato cometido sete anos antes em San Antônio, que envolvia Kilraven e poderia estar ligado a outro em Oklahoma.

Dias depois, outro tabloide publicou uma reportagem sobre uma modelo que tentara chantagear um milionário, ameaçando revelar segredos do passado dele. Nenhum nome foi mencionado, mas a reportagem garantia que o milionário já fizera acusações criminais contra a mulher e que seriam divulgados em pouco tempo.

Um dos amigos de Jason em San Antônio telefonou depois de ler a reportagem e perguntou se Jason sabia que sua ex-noiva, Kittie Sartain, rompera todos os seus contratos nos Estados Unidos e estava de mudança para Londres, onde continuaria sua carreira. Os amigos dela estavam perplexos com sua decisão e não conseguiam imaginar seus motivos, mas que ele tinha uma sensação muito clara de que poderia responder àquela pergunta. Jason respondeu que ele também.

A semana de Natal foi cheia de alegrias na casa do rancho. A universidade ficaria fechada até janeiro, quando o semestre da primavera começaria, e as escolas públicas também suspenderam as aulas nos feriados, assim Gracie teve tempo para espalhar decorações por todo o rancho. A governanta da mansão de San Antônio estava fazendo a mesma coisa lá, porque Gracie e Jason sempre davam uma festa na véspera do Ano Novo, e este ano não seria diferente.

Mas passaram os feriados no rancho. Abriram os presentes na véspera do Natal, uma tradição familiar para a sra. Harcourt, que não parava de sorrir, cheia de alegria, sentada no sofá ao lado de Glory e Rodrigo enquanto Gracie, Jason, John e Dilly entregavam os embrulhos.

Mas Gracie e Jason trocaram seus próprios presentes.

— Comprei seu presente com o meu dinheiro, que ganhei com o meu trabalho, por isso, não é uma coisa cara. Mas acho que você vai gostar.

Ele se debruçou para beijá-la.

— Gostaria até de um guardanapo se você o tivesse comprado para mim, doçura.

O que importa mesmo é a. intenção, não o custo.

Ela o beijou de volta.

— Abra-o.

Ele abriu e encontrou uma faca, com um cabo de osso, com o logotipo do Texas Ranger. Jason sempre fora fascinado pela organização de aplicação da lei e sempre carregava uma faca de bolso. Observou-lhe os belos detalhes e sorriu.

— Vou usá-la o tempo todo. Obrigado — beijou-a. — Agora, abra o seu.

Ela abriu. Era uma corrente de anéis de ouro com uma pedra de um verde muito claro como pendente. Era elegante e delicado. Ela olhou para Jason e franziu a testa.

— Parece peridoto, mas não é realmente...

— Moldavite — interrompeu e sorriu com a surpresa dela. — É moldavite, Gracie. Alguma coisa que veio das estrelas para acrescentar à sua coleção de meteoritos. Mas pode ser usada num colar.

— Moldavite! — Ela virou a pedra nas mãos, erguendo-a para observá-la à luz. Era uma pedra rara, originada de um meteorito, e custava uma pequena fortuna. Não que Jason não pudesse pagar por ela, mas procurara alguma coisa que sabia que lhe daria prazer e tivera muito trabalho para encontrá-la. Encantada, abraçou-o com força.

— Obrigada! É a primeira peça de moldavite que tenho!

— O que é moldavite? — A sra. Harcourt olhou a pedra sobre o ombro de Gracie.

— Vem de meteoros — Gracie estava realmente entusiasmada.

— Prefiro meu presente — provocou a sra. Harcourt, mostrando um lindo roupão num rosa suave, com chinelos combinando, que Jason comprara para ela. — Parece uma nuvem.

Jason se curvou para lhe beijar o rosto.

— Parece maternal — provocou. A sra. Harcourt o abraçou.

— Espero que goste do seu. Não parece maternal, mas foi feito por uma mãe que o ama.

— Adorei. — Riu Jason.

Ela lhe tricotara uma colcha para a cama nas cores terrenas de que ele gostava. Dera uma para Gracie também e foi recompensada por um abraço entusiasmado.

Ambos sabiam quanto trabalho e amor a sra. Harcourt colocava em suas peças de tricô. Glory e Rodrigo também ganharam afegãs, além de John, que quase chorou de alegria quando Jason e Gracie lhe deram uma televisão em cores para o seu quarto. Dilly também ganhou uma e abraçou todo mundo.

— Este está sendo um Natal maravilhoso. — Glory suspirou quando ela e Gracie ficaram sozinhas por alguns momentos. — Consegue acreditar no quanto nos distanciamos de nossa vida da infância?

— Nunca pensei que teríamos uma vida assim — concordou Gracie, com o olhar radiante dirigido para Jason. — Especialmente eu.

— Vi a maneira como ele olhava para você anos atrás e queria lhe contar, mas não tinha certeza se devia. Agora estou contente por ter esperado.

— Eu também. — Abraçou Glory. — Temos uma família, uma família grande e maravilhosa.

— Sim. — Glory abraçou-a de volta e suspirou. — Gostaria que Rodrigo e eu pudéssemos ter um bebê. Nunca superei a perda do meu primeiro.

Gracie olhou-a nos olhos.

— Milagres acontecem o tempo todo, Glory. Lembre-se de como consegui trazer Jason de volta, como ele me trouxe de volta, me tirando dos seqüestradores. Quais eram as chances de que isso acontecesse conosco?

— Milagres cotidianos — pensou Glory em voz alta.

— Sim, milagres cotidianos. Incluindo o que tenho quase certeza de estar carregando. — A mão se dirigiu para o ventre liso.

Glory prendeu a respiração, e Jason, que olhava para elas, também prendeu a dele, quando viu a expressão no rosto de Gracie e onde a mão dela descansava. Deixou cair o embrulho que começara a abrir e foi até ela, puxando-a para seus braços.

— Me conte. — Havia uma expressão faminta nos olhos dele.

— Não tenho certeza, ainda é cedo demais para saber. Mas acho...

Ele a abraçou com força e embalou-a no súbito silêncio da sala.

— Feliz Natal.

— Feliz Natal para você também, minha querida.

— Este é um segredo pessoal ou nós também podemos saber? — Grange estava atrás deles sorrindo.

Eles olharam para Grange. Os olhos de Gracie estavam úmidos de lágrimas e Jason sorria feliz.

— Podemos estar grávidos — confessou Gracie tímida.

Houve um pandemônio na sala de estar. A sra. Harcourt chorou e os abraçou, e John seguiu seu exemplo, para a surpresa de todos os presentes. Por um longo tempo, houve uma alegria palpável e expectativa em torno da enorme e brilhante árvore de Natal.

Muito, muito mais tarde, quando os convidados já haviam partido e a sra. Harcourt já havia levado seus presentes para seu quarto, Jason se sentou em sua grande poltrona diante da lareira, com Gracie enroscada nos braços dele perto da árvore de Natal.

Jason lhe entregou uma pequena caixa.

— Guardei isto para o fim. — Ele sorriu, indulgente, quando ela desembulhou, abriu a caixa e olhou para seu conteúdo até as lágrimas começarem a lhe correr pelo rosto. Eram os itens que ela havia empenhado, as jóias de sua mãe. Olhou para ele através da nevoa das lágrimas.

— Obrigada. — A voz estava rouca de emoção. Ele a beijou com ternura.

— Não fique zangada, ainda pode ser independente. Mas estas jóias são herança de família, que entregaremos a nossos filhos, e eles entregarão aos filhos deles. Pertencem a família e queria garantir que não fossem parar acidentalmente nas mãos de outra pessoa.

Ela suspirou e se aninhou mais perto do corpo dele.

— Também estava com medo disso e não estou zangada. Você fez uma coisa

muito doce.

Ele sorriu.

— Sou uma pessoa muito doce — informou. — Tenho ótimas qualidades. Minha mãe me disse.

— Sim, ótimas qualidades.

— É possível morrer de felicidade? — Beijou-lhe o cabelo.

— Acho que vamos descobrir juntos. Os braços dele a apertaram ainda mais.

— Quando saberemos com certeza sobre o bebê?

Gracie roçou os lábios no pescoço dele, sonolenta depois do longo dia e das emoções intensas.

— Em algumas semanas, eu acho. O teste caseiro de gravidez que fiz foi positivo, minha menstruação está atrasada alguns dias e sou muito regular.

Ele suspirou.

— Vamos fazer lindos bebês. — A voz era profunda e ressonante. — Espero que alguns deles sejam loiros.

— E eu espero que alguns deles tenham olhos negros, como você e sua mãe.

Ele riu.

— Vamos esperar para ver. Apenas quero que sejam saudáveis.

— Eu também.

Gracie mergulhou o rosto no pescoço dele e fechou os olhos.

— Jason?

— Hum?

— Feliz Natal. Espero que tenha gostado do seu presente. Ele ergueu a cabeça, observou-lhe o rosto suave e sorriu com ternura.

— Feliz Natal, doçura, e realmente gostei dele. Mas o que prefiro é o presente do amor.

Ela o abraçou.

— O presente que damos um ao outro — concordou. Então ergueu o olhar para ele com uma expressão maliciosa. — Acabei de pensar numa coisa.

— O quê?

— Você é o presente de Natal mais caro que já comprei! Ele não entendeu por um minuto, então percebeu que ela se

referia ao resgate que pagara por ele e riu.

— E acha que vali todo aquele dinheiro? Ela se esticou e o beijou suavemente.

— Valeu cada centavo, cada lágrima, cada minuto solitário.

— A vida é doce, minha preciosa. — Olhou-a dentro dos olhos.

Ela encostou o rosto no dele.

— Sim, mais doce do que o mel.

Ele a puxou de volta para seus braços, suspirou e fechou os olhos, enquanto as

chamas da lareira dançavam. Gracie, o corpo apoiado no peito largo, observou-as, sentindo a felicidade como uma chama em seu coração. De algum lugar, ouviu um coro cantando canções de Natal e o latido de um cachorro a distância. Mais perto, ouvia a batida forte e regular do coração de Jason. O Natal não estava apenas em seu coração, estava em seus braços.

Lançamento

Rainhas do Romance

Autoras e histórias consagradas nas principais listas de bestsellers internacionais.

Edição 09

CANDACE CAMP

Autora best seller da lista do The New York Times

A Mansão dos Segredos

TRILOGIA DOS AINCOURT

Livro I

Devin Aincourt, conde de Ravenscar, era um verdadeiro libertino. Ele se comprazia em gastar todo o dinheiro herdado e ignorar a administração de suas terras. Até o dia em que sua mãe implorou para que ele recuperasse a fortuna e o nome da família se casando com Miranda, uma rica herdeira americana. No entanto, Devin não imaginava que esta estrangeira decidida e autêntica tivesse os próprios planos: tornar suas terras rentáveis outra vez, arrancar o conde das garras da amante e conquistar seu coração — mesmo que ela tivesse de enfrentar a maldição rogada sobre os Aincourt há várias gerações...